

EZEKIEL BOONE

A EXPANSÃO





EZEKIEL BOONE



A EXPANSÃO

TRADUÇÃO
Leonardo Alves



Para a família Rhéaume

Sumário

[Prólogo](#)

[A expansão](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

PRÓLOGO

Lander, Wyoming

Era uma aranha grande pra burro. Foi só por isso que ele gritou. Não tinha medo de aranhas. Sério. Mas aquele troço era maior do que uma moeda. Bem na bochecha. Fazia quinze dias que estava acampando sozinho, e não tinha sentido medo em nenhum momento. Até o último dia, agora, quando ele acordou com uma aranha bizarra, peluda e feia na bochecha. Bom, aquilo não era exatamente verdade. Quinze dias sozinho no Wind River Range em Wyoming, sem ver uma única pessoa esse tempo todo? Quinze dias perambulando por terrenos pedregosos, atravessando desfiladeiros, até fazendo algumas escaladas sem usar o equipamento de segurança apesar da promessa que tinha feito ao pai? Só sendo um completo idiota para não sentir uma pontada de preocupação aqui e ali. E Winthrop Wentworth Jr. — dezanove anos, uma vida cheia de privilégios — não era um completo idiota.

Win estava na estrada havia dez meses. Passeios de bicicleta pela Europa, surfe em Maui, mergulho em Bonaire, esqui nos Alpes, festas na Tailândia. Seu pai tinha um fundo multimercado e uma participação considerável em três times diferentes, por isso as férias da família costumavam incluir mordomos e jatinhos particulares e água que podia ser bebida sem medo de disenteria. Mas o pai de Win tinha dado duro e gostava da ideia de que seu filho tirasse um ano para viajar antes de começar

o semestre em Yale. Ele queria que Win tivesse o ano de folga que ele nunca pôde tirar quando era jovem. Então Win saiu com um par de cartões de crédito sem limite e a instrução de dar notícias toda semana. Tinha começado logo depois da formatura do ensino médio, com cinco colegas da escola particular, atravessando a Itália de bicicleta e dirigindo pelos países do antigo Bloco Oriental. Mais ou menos a cada uma ou duas semanas, alguns amigos saíam do grupo e outros entravam. Isso durou até meados de agosto, quando todos os seus amigos voltaram para casa para se preparar para a faculdade. Desde então, Win tinha viajado sozinho. Ele não se incomodava. Nunca teve dificuldade para fazer amizade.

Win não era um cara particularmente bonito. Alto, o que era bom, mas meio magrelo, o que não era tão bom. Mas era confiante, falava francês, italiano e um pouco de mandarim e se interessava de verdade pelas pessoas. E era rico. A possibilidade de botar no balcão um American Express Centurion Card preto ou um igualmente imponente JPMorgan Chase Palladium Visa dourado para pagar uma ou três rodadas de cerveja, alugar um barco para passar o dia com os outros sete mochileiros que ele tinha acabado de conhecer em Phuket ou comprar um terno novo e pagar a mais para ajustarem na hora para que ele pudesse levar uma mulher com o dobro da sua idade a um restaurante muito pequeno e exclusivo de Paris garantia que ele fizesse amigos aonde quer que fosse. E também garantia que ele transasse bastante. Uma ótima maneira de passar um ano entre o ensino médio e a faculdade.

Mas, em meados de abril, toda essa aventura estava começando a deixá-lo um pouco esgotado. Apesar do estoque aparentemente infinito de dinheiro do pai, Win sempre trabalhara duro. Todas as boas notas no ensino médio tinham sido merecidas. Não era o jogador mais talentoso do time de basquete, mas corria até passar mal e era o primeiro a se levantar do banco. Então ele ligou para o pai de um hotel na Suíça e disse que já estava pronto para fechar a conta. Ia voltar para casa e estagiar em um banco até o começo das aulas, no outono. Mas, antes, queria acampar sozinho pelo Wind River Range. Quinze dias acompanhado apenas da mochila, para clarear as ideias.

E tinha funcionado. Durante as caminhadas, ele foi sentindo os resíduos de álcool e maconha evaporarem pelos poros. No terceiro dia, já estava se sentindo limpo e esperto de novo, e, no quinto, já estava fazendo escaladas leves. Seu pai o fizera prometer que não escalaria sozinho, mas Win não achou que seria muito perigoso. Escaladas de quinze, vinte metros com saliências e suportes que pareciam escadas. Só o bastante para acelerar um pouco o coração.

No último dia, ele acordou com o nascer do sol. Esse era o lado ruim de dormir em uma barraca. Ele ficou deitado por um tempo, com os olhos fechados, na esperança de dormir um pouco mais, respirando fundo algumas vezes, e foi aí que sentiu a coceira. Ele abriu os olhos, e lá estava. Não conseguiu se segurar. Deu um berro e estapeou a aranha de cima do rosto. Ela correu rápido, fugindo dele, até o

canto da barraca. Win pegou uma das botas e esmigalhou a maldita.

Mesmo agora, após quinze quilômetros de trilha e faltando apenas uns cinco minutos para chegar ao Land Cruiser, Win sentiu um calafrio involuntário. Ele queria muito acreditar que não tinha medo de aranhas. Mas aquela tinha chegado muito perto. Na cara dele. *Eca*.

A princípio, Win tinha pensado em fretar um jatinho para voar até perto de Lander, mas no fim das contas acabou sendo mais fácil ir até Denver, mesmo com a viagem de quase seis horas de carro depois. Tudo o que ele tinha precisado fazer fora ligar para o serviço *conciierge* da American Express. Como era titular de um cartão Black, ele, do alto de seus dezenove anos, havia providenciado para que alguém o recebesse no desembarque e o levasse direto até um Toyota Land Cruiser. Quando chegou ao fim da trilha e viu o carro alugado, Win largou a mochila no chão. Estava muito mais leve depois de quinze dias acampando. Em parte, porque Win havia acabado com toda a comida, mas também porque já estava acostumado com o peso. Ainda assim, era bom tirar aquilo das costas. Ele pegou a chave do bolso interno do casaco e abriu o porta-malas. Pegou o celular e ligou. Enquanto esperava o telefone terminar de acender, ele vasculhou o resto das coisas para tentar achar alguma guloseima. Estava morrendo de fome. Não deu sorte com as guloseimas, e não deu sorte com o celular: ainda tinha bateria, mas ali no estacionamento não havia sinal. Ele suspirou, jogou o celular de volta na mochila e então a colocou no porta-malas. Dane-se.

Pouco mais de uma hora depois, às duas e pouco da tarde, ele entrou no centro de Lander, Wyoming. A ideia de chamar aquilo de “centro” era quase piada. A cidade devia ter seis, sete mil habitantes. Mas tinha algo que Win queria muito: hambúrgueres e anéis de cebola. Ele passou pelo Lander Bar and Gannett Grill procurando lugar para estacionar e achou uma vaga a uma quadra de distância. Era um daqueles ritos de passagem para quem acampava pelo Wind River Range. Voltar para a cidade e se encher de fritura. Talvez até tomasse um sorvete depois. Ele chegou a pensar em ficar em um hotel, mas gostou mais da ideia de chegar em Denver naquela mesma noite, pegar uma suíte no Four Seasons e ligar para uma ruiva que ele tinha conhecido na Tailândia quando ela estava tirando umas férias do primeiro ano da faculdade. Ele podia comer umas duas mil calorias, pegar a estrada às três, sair do chuveiro às dez e transar à meia-noite. Parecia muito melhor do que ficar em algum motel chinfrim de Lander.

Ele saiu do carro e hesitou por um instante. Sabia que devia pegar o celular da mochila agora que tinha sinal, mas decidiu esperar. Seu pai achava que ele ia passar mais alguns dias acampando. Ele podia ligar da estrada. E ligaria para a ruiva também. E mandaria a recepção do Four Seasons reservar um quarto, deixar um champanhe no capricho para o caso de ela querer — Win estava gostando daquela sensação de cabeça limpa e ia passar algum tempo sem beber —, e algumas frutas frescas, além de uma caixa de camisinhas na gaveta da mesinha de cabeceira. Se a

ruiva não estivesse tão animada quanto estava na Tailândia, não tinha problema. Ela era esperta e divertida, e não seria ruim ficarem aconchegados na cama e verem algum filme bobo.

Win começou a andar na direção do bar, mas parou. Que merda era aquela? A loja do outro lado da rua era uma carcaça incendiada. O letreiro estava preto, e mal dava para distinguir as letras: THE GOOD PLACE. CAÇA. PESCA. CAMPING. ARMAS. Ele tinha comprado a maior parte do equipamento ali antes de pegar a trilha. Quinze dias antes, tinha sido uma ótima loja, mas agora estava vazia. Em ruínas. Nenhuma tábua nas janelas, nenhuma fita de contenção na porta para impedir que as pessoas entrassem. Ele observou o restante da rua e viu que não era só o The Good Place que estava naquele estado.

Não tinha prestado atenção ao chegar à cidade, já que estava concentrado demais na ideia de estufar a barriga com um bom e velho hambúrguer americano, mas Lander parecia ter sido arrasada. Win sabia que a loja não estava daquele jeito quando ele tinha saído para acampar, mas não lembrava se o resto da cidade também estava tão dilapidado. Era difícil imaginar Lander como uma comunidade próspera, mas, ainda assim, aquilo era esquisito. Vitrines vazias eram uma coisa, mas aqueles lugares foram definitivamente destruídos. Pouco além da vaga onde ele tinha estacionado, uma picape havia destruído a vitrine de uma loja de bebidas. Era uma bagunça. Sério, Lander toda parecia um desastre. Parecia uma cidade universitária depois de o time da casa vencer — ou perder — algum campeonato. Baderna de gente branca. Mas aquela não era uma cidade universitária, então talvez...

Ele deu uma risada. Vai ver o apocalipse zumbi finalmente tinha acontecido enquanto ele estava no meio do mato. Ele *havia* passado pouco mais de duas semanas fora. Tempo suficiente. Tinha ficado nas montanhas sozinho, sem celular nem meios de se comunicar com o mundo moderno. Sabe-se lá o que havia acontecido, mas zumbis seriam o máximo. Ainda assim, estava silencioso demais ali. Win viu uma picape atravessar lentamente um cruzamento a algumas quadras de distância, mas ele era a única pessoa na rua. O cheiro de fumaça no ar estava forte. Plástico derretido e madeira queimada. Ele tentou se lembrar da última vez em que viu o rastro de vapor de um avião no céu e se deu conta de que não viu nenhum enquanto estava acampando. O Onze de Setembro não fazia parte da memória dele, mas tinha ouvido o pai comentar como tinha sido estranho não ver nenhum avião cruzar o céu. Ele olhou para cima. Céu azul com poucas nuvens. Mais um lindo dia em Wyoming.

Ah, dane-se. Estava bonito demais para ele se preocupar. Com ou sem apocalipse zumbi, precisava de fritura depois de quinze dias vivendo à base de trilha e macarrão com chili congelado. Estava pronto para um banquete cheio de gordura e sal.

Win apertou o botão da trava na chave e foi até o bar e churrascaria. Qualquer apreensão que ele tinha sumiu ao chegar perto da porta. Dava para sentir o cheiro de alguma coisa assando e o aroma familiar de uma fritadeira. Ah, cara. Um

cheeseburger com anéis de cebola, asas de frango com muito molho picante e uma porção de molho de gorgonzola. Algumas Cocas tão cheias de gelo que fariam o dente doer a cada gole. Estava tocando música, e o bar parecia movimentado. Só depois que ele passou pela porta foi que lhe ocorreu que um bar não devia estar tão cheio às duas da tarde no meio da semana.

O falatório parou assim que ele entrou, e Win ficou quieto. Seus olhos levaram um instante para se ajustar à iluminação fraca do bar. E, quando se ajustaram, Win percebeu que um homem extremamente grande e gordo de cabelão grisalho e barba comprida que batia no meio do peito estava apontando uma escopeta para ele. Qualquer impulso de fazer algum comentário engraçadinho morreu na hora quando ele ouviu o barulho da escopeta sendo engatilhada. Aquele som. Que barulho no mundo era mais assustador do que uma escopeta sendo engatilhada?

— De onde você veio? — perguntou o homem gordo.

Win hesitou. Ele havia aparecido no meio de um assalto? Mas aí o cara da escopeta não teria trancado a porta ou alguma coisa do tipo? Ou preferido roubar um banco?

Enquanto ele pensava, o homem gordo andou alguns passos e deu uma topada na bochecha de Win com a escopeta. A sensação não foi de topada. A sensação foi de que talvez tivesse fraturado o osso do rosto, mas Win pensou em termos de topada, porque era assim que teria parecido em um filme. Ele pôs a mão na bochecha e sentiu um corte na pele. Sangue viscoso e grudento. Não conseguiu deixar de pensar que tinha acabado de levar uma porrada no mesmo lugar onde viu aquela aranha maldita quando acordou.

— Porra, qual é a sua? — Win tinha levado um golpe parecido uma vez, no segundo ano, durante um jogo de basquete, mas havia sido uma cotovelada aleatória, que o deixara de nariz quebrado e olho roxo. Foi obviamente accidental. Agitação e vigor e disputa atlética e tal, mas, apesar de o cirurgião plástico consertar seu nariz sem dificuldades, o sr. Winthrop Wentworth tinha ficado furioso. O pai de Win chegara até a usar o fundo multimercado para comprar participação majoritária no banco onde o pai do garoto trabalhava só para demitir o pobre coitado. Seu pai gostava de dizer: “Ninguém mexe com os Wentworth. Se alguém bate em você, você revida com tanta força que a pessoa nem levanta. Se começar a fazer isso, as pessoas vão parar de bater”.

O pai de Win dizia várias bobagens como essa, mas, por outro lado, o pai de Win tinha crescido no Brooklyn na época em que o Brooklyn não tinha hipsters, nem regiões com sobrados de doze milhões de dólares. Ele havia se metido em várias brigas quando era jovem e talvez uma ou duas já adulto. Em uma história que talvez fosse lenda, ou talvez fosse verdade, o pai dele fechou seu primeiro acordo bilionário depois de botar a cabeça de outro homem para fora da janela de um carro. Mas Win não era como o pai. Então ele ficou ali com a mão na bochecha.

O homem tinha se afastado, mas a escopeta estava apontada diretamente para o

peito dele.

— Vou perguntar outra vez, e talvez você prefira responder agora. De onde você veio?

— Calma, calma — disse Win. — Wind River Range. Eu estava acampando. Peguei o carro para voltar há uma hora, mais ou menos.

Ele queria soar corajoso, mas sabia que não soou. E também não se *sentia* corajoso. Estar na mira de uma escopeta sugou toda coragem que ele poderia ter.

— Quanto tempo você passou lá?

— Quinze dias. — Win deu uma olhada rápida pelo salão. Ninguém se mexia para ajudá-lo. Na verdade, ele achou ter visto outras armas. — Só vim para cá para comer um hambúrguer e um refrigerante antes de ir para Denver.

— Você passou quinze dias acampando?

— Sozinho. Peguei o carro uma hora atrás. Estou sonhando com um hambúrguer grande e uns anéis de cebola.

Win apalpou de leve a bochecha. Fez uma careta. Era o osso? Aquele cara tinha quebrado o osso? Denver e a transa já eram. Ele iria direto para o hospital. Pontos, no mínimo, e talvez uma pequena cirurgia plástica.

— Olha, desculpa se interrompi alguma coisa aqui, mas se você puder...

— Aranha?

— O quê? — Win ainda estava com a mão no rosto, mas não conseguiu conter uma careta ao lembrar-se da aranha que tinha esmagado dentro da barraca.

O homem pressionou o cano da escopeta contra o peito dele. Win não gostou do jeito que o cara apoiou o dedo no gatilho nem do fato de que ele tinha começado a olhar por cima do cano.

— Eu perguntei se você viu alguma aranha.

— Aranha?

— Você é surdo? — quis saber o sujeito. — Quer outra bordoadada na cara? Você viu alguma aranha quando estava acampando?

— Vi. Uma. Tinha uma aranha na minha bochecha quando acordei hoje de manhã. Bem onde você me acertou com a sua...

Mas Win nunca chegou a dizer a palavra *escopeta*.

A arma disparou antes que ele tivesse chance de terminar a frase.

National Institutes of Health, Bethesda, Maryland

O bode não queria passar pela porta. O coitadinho estava apavorado e não parava de balir, escoicear e urinar no chão do laboratório. Os dois soldados estavam penando para colocar o animal dentro da câmara de pressurização da unidade de biocontenção do Centro Clínico do NIH. A professora Melanie Guyer entendia. Ela havia passado a carreira toda estudando aranhas, era referência na área, mas nunca tinha visto aranhas como aquelas. Na opinião dela, não havia nenhum motivo para as pessoas terem medo de aranhas. Ou melhor, essa *tinha sido* sua opinião. Melanie havia mudado de ideia. Já vira o que aquelas aranhas faziam com ratos. Jesus. O mundo inteiro tinha visto o que elas faziam com *pessoas*.

Uma semana já havia se passado desde Los Angeles. Fazia mais tempo ainda desde a última vez que ela dormiu de verdade. O quê? Dez dias desde que ela havia recebido por entrega expressa na American University uma bolsa de ovos encontrada no Peru? Ela acreditava que a FedEx nunca enviara um pacote tão perigoso.

Dez mil anos. Era essa a idade daquela bolsa de ovos. Ela tinha sido encontrada durante uma escavação perto das Linhas de Nazca — desenhos enormes traçados no meio do deserto peruano — por um doutorando de arqueologia amigo de Julie Yoo, uma das bolsistas de pós-graduação de Melanie. A bolsa de ovos estava enterrada

perto da figura de uma aranha. O restante das Linhas de Nazca, desenhos de aves, animais e formas geométricas, tinha por volta de dois mil anos de idade. Mas não a aranha. A aranha era diferente. Mais antiga. Muito mais antiga. Segundo o amigo de Julie, a caixa e outros objetos retirados da escavação perto da aranha tinham dez mil anos.

Talvez as teorias dos malucos sobre Nazca não estivessem tão erradas assim. Como uma civilização antiga poderia ter construído imagens tão bonitas e precisas? Por um lado, o *como* era simples: pedras removidas para que a terra branca que havia embaixo formasse linhas na superfície vermelha. Os platôs ficavam protegidos das intempéries, então as Linhas de Nazca podiam sobreviver milhares de anos. Dois mil anos. Ou quem sabe dez mil. Antigo o bastante para que o *como* também fosse impossível de responder, porque não eram exatamente desenhos convencionais. Ao nível do solo, eram meras linhas e formas. Nenhum significado. Mas, de cima, elas pareciam tão vivas que dava para sentir a pulsação das pessoas rezando para deuses antigos. Não existiam aviões naquela época, ninguém podia voar, então como é que as linhas foram traçadas? *Quem vai saber?*, pensou Melanie. Os arqueólogos concordavam que a resposta mais simples era bom planejamento. O povo de Nazca havia elaborado os desenhos, marcado as linhas e retirado as pedras. A bolsa de ovos fora encontrada dentro de uma caixa de madeira enterrada junto com algumas das estacas que os nazcas usavam.

Medição cuidadosa e boa engenharia. Raciocínio humano. Matemática. Ciência. Era nisso que ela acreditava. Pelo menos, era no que costumava acreditar. Agora? Estava começando a considerar a ideia de que as Linhas de Nazca poderiam ter sido feitas de algum outro jeito, e também para algum outro propósito.

Antigamente, ela achava que os desenhos ancestrais de Nazca eram uma forma de oração. A própria Melanie havia rezado para as figuras uma vez, anos antes. Na época em que ela e Manny ainda estavam juntos, quando os médicos lhe disseram que seria preciso intervenção divina para ela ter um bebê. Não que ver as Linhas de Nazca ou proferir uma oração fervorosa enquanto o avião voava em círculos por cima delas tivesse ajudado. Ela e Manny se separaram, e Melanie ficou com o laboratório e as aranhas. Mas a questão era esta: talvez o traçado mais antigo, o da aranha, fosse algo diferente das outras linhas. Não uma oração.

Talvez a aranha fosse um alerta.

Dez mil anos eram bastante tempo na história da humanidade. Um piscar de olhos na escala da Terra, mas um período superior a toda a história documentada da humanidade. Era um período em que qualquer significado se perdia.

Se eles tivessem conseguido entender o alerta, talvez seu mundo não tivesse virado um inferno.

Melanie esfregou os olhos. Estava muito cansada, mas não havia tempo para descansar. Ela não queria descansar. Tinha medo de dormir. Sabia o que veria se dormisse: Tronco, seu bolsista de pós-graduação e ex-amante, com o peito aberto na

mesa de cirurgia, cheio de teias e bolsas de ovos. Patrick atrás do cirurgião e das enfermeiras, tirando fotos com a câmera do laboratório. Melanie parada do outro lado do vidro. Julie Yoo vindo a toda pelo corredor, trazendo a informação tarde demais. E então, muito rápido: as aranhas eclodindo de dentro do corpo de Tronco.

Melanie esfregou os olhos com mais força. Ela não queria lembrar a cena. O sangue e as tripas já eram ruins, mas pior ainda eram as próprias aranhas. Uma onda preta. Uma massa única formada por mil organismos individuais.

Ela nunca tivera medo de aranhas ou de qualquer inseto. Nunca havia sentido nojo de nada na vida. Enquanto crianças e adultos fugiam dos bichinhos rastejantes, Melanie chegava mais perto, fascinada. Como é que eles funcionavam?

Mas aqueles bichos eram diferentes.

Melanie foi pegar o café e parou. A mão estava tremendo. Ela estava tremendo. Cafeína demais. Pouco sono. Nervosismo demais. Quanto tempo fazia? Dez dias? Onze? Doze desde que tinha recebido a bolsa de ovos? O tempo era elástico.

O bode gritou de novo. Era o único jeito de descrever. Não um balido, mas um grito. Ele deu um coice e acertou um dos soldados na coxa, mas o homem só soltou um palavrão e abraçou o bode com mais força. Por fim, a dupla — Melanie havia desistido alguns dias antes de tentar aprender o nome deles — empurrou o bode para dentro da câmara de pressurização e fechou a porta mais que depressa. O coitado do bode ficou lá dentro, desolado. Abandonado. Havia parado de balir e agora apenas tremia.

Os soldados pararam um instante para recuperar o fôlego. Eles pareciam deslocados naquele laboratório impecável, criando um forte contraste entre seus uniformes e os jalecos e calças jeans e camisetas de Melanie e dos outros cientistas, que entravam e saíam com tanta frequência que Melanie acabou tendo que exigir guardas armados para isolar o piso inteiro.

Guardas armados. Essa era sua nova realidade. Guardas armados, um quarto de hospital adaptado para servir de alojamento para que ela pudesse ficar perto do laboratório e aranhas capazes de consumir um bode em menos de um minuto.

O primeiro soldado executou o protocolo da câmara de pressurização, seguindo cada item da lista. Quando terminou, o outro soldado verificou de novo cada um dos passos. E então os dois se viraram para Melanie. Todo mundo estava olhando para Melanie. Parecia que tudo dependia dela.

Duas semanas antes, seu maior problema era dar um jeito de romper o relacionamento ridículo que tinha com Tronco. Mas agora, do nada, ela estava no comando de um andar inteiro do National Institutes of Health. Podia mandar guardas armados tomarem providências para que ela, Julie Yoo e os outros três cientistas autorizados naquele andar não fossem incomodados. Graças a seu ex-marido, Manny, e a chefe dele, a presidente dos Estados Unidos, parecia que todos os seus desejos se tornavam realidade.

Quando Melanie disse que precisava de seu equipamento, de um dia para o outro,

abracadabra, toda a instalação dela na American University foi duplicada no NIH. Duplicada. Havia até uma caneca da Grinnell College, quase idêntica à que estava em sua mesa na universidade, mas sem a lasquinha na borda. Para falar a verdade, sua instalação não foi duplicada: foi melhorada e ampliada. Havia equipamentos de laboratório novos que ela não saberia usar nem se quisesse. E, se saísse do laboratório por qualquer motivo, era acompanhada por cinco agentes do Serviço Secreto. Não que ela tivesse feito mais do que sair uma ou duas vezes para tomar sol e se maravilhar diante das centenas de soldados em volta do National Institutes of Health. Segundo Manny e a presidente Stephanie Pilgrim, ela era a mulher mais importante do mundo, atualmente. Outros cientistas também estavam trabalhando na questão de como lidar com aquelas aranhas, claro, mas Manny e Steph confiavam nela. Estavam contando com ela. Melanie era, na opinião dos dois, a única esperança da raça humana.

Sem pressão.

O que ela precisava fazer era descobrir o que em nome de Deus aquelas aranhas eram, porque com certeza absoluta eram diferentes de tudo que ela já havia visto. Quando a bolsa de ovos tinha chegado do Peru, Melanie ficara empolgada ao vê-la eclodir. Por algumas horas, parecia que estava prestes a realizar uma grande descoberta, e as quase duas dúzias de aranhas no insetário despertaram uma curiosidade intensa. Elas não se comportavam como aranhas, pelo menos não as que Melanie conhecia, e estavam com *fome*. Depois ela constatou que aquelas aranhas não estavam apenas dentro de seu laboratório, e que com certeza havia mais que duas dúzias. Muito mais. Centenas de milhares. Milhões. Ondas na China, na Índia, na Europa, na África, na América do Sul. E nos Estados Unidos. Quantas pessoas já haviam morrido?

Ela não podia pensar nisso. Agora não. Agora, precisava se concentrar nas aranhas, porque fora encarregada de descobrir como impedi-las.

— Certo — disse ela. — Julie, estamos gravando?

Julie Yoo fez sinal de positivo. Ela estava de frente para um conjunto de monitores, observando três técnicos que operavam seis câmeras Phantom capazes de registrar dez mil quadros por segundo. O que quer que acontecesse com o bode seria gravado com riqueza de detalhes, e Melanie poderia reproduzir o vídeo a uma velocidade que fazia uma bala parecer estar em câmera lenta.

Uma pequena multidão se reuniu atrás do vidro. Antes de Melanie expulsar todo o pessoal não essencial do laboratório, havia grandes multidões. Agora, eram apenas o dr. Will Dichtel, o dr. Michael Haaf, a dra. Laura Nieder e mais ou menos uma dúzia de bolsistas de pós-graduação e assistentes de laboratório. Dichtel era um químico que havia se especializado em toxicologia entomológica. Ele fizera uma pequena fortuna ao sintetizar uma versão modificada do veneno da aranha-marrom que agora era usado na fabricação de microchips. Haaf era do MIT, especialista em aracnídeos como ela, e Nieder estava lá porque trabalhava para o Pentágono e estava tentando

dar um jeito de adaptar o comportamento de enxame dos insetos para o campo de batalha.

Melanie foi até a câmara de pressurização e repassou os itens da mesma lista que os dois soldados tinham conferido. Todo cuidado era pouco. Ela sabia o que estava por vir. Olhou para Julie, que fez sinal de positivo de novo, e em seguida para os cientistas agrupados no vidro. Sua mão pairou por cima do teclado.

O bode a encarava.

O coitado estava tremendo muito.

Melanie apertou a tecla que abria a porta interna da câmara de pressurização.

E elas vieram comer.

Staples Center, Zona de Quarentena de Los Angeles, Califórnia

Como era aquela antiga piada? Entre para o exército para poder viajar pelo mundo, conhecer gente nova e explodir todos eles? Ele havia entrado para o exército porque, bom, o que mais poderia fazer? Era inteligente o bastante para ir para a faculdade, mas não havia levado o ensino médio a sério, e, mesmo se tivesse levado, dinheiro era um problema. Talvez Detroit fosse interessante para artistas e hipsters que podiam comprar casas a preço de banana, mas o pai de Quincy insistira para que ele desse o fora. O pai de Quincy tinha idade para se lembrar dos tempos em que Detroit oferecia bons empregos a homens sindicalizados, mas não para ter um desses empregos, então, uma semana após a formatura do filho no ensino médio, ele o levou ao centro de alistamento.

Quincy não se opunha à ideia de entrar para o exército, e não tinha nada melhor para fazer, então, enquanto seus amigos estavam começando as aulas na faculdade comunitária, ele já havia concluído o treinamento básico. E agora, dentro do Staples Center, estava prestes a completar uma década nas forças armadas. Olhou para as bolsas de ovos coladas nos assentos e corredores e se deu conta de que não sabia se teria chance de comemorar os dez anos de uniforme.

A pior parte era saber que houve bate-boca antes de sua unidade receber a missão.

Alguém tinha mexido alguns pauzinhos para garantir que o trabalho de queimar o Staples Center e a quantidade infinita de aranhas lá dentro ficasse para o exército, em vez da marinha, dos fuzileiros ou da força aérea. Sempre havia politicagem antes de toda missão, e, se ele fizesse merda, haveria politicagem depois para atribuir a culpa. Mas ele não estava nem aí, porque, se de fato fizesse merda, provavelmente estaria morto mesmo. Não estava muito preocupado com o risco de cometer qualquer erro propriamente dito. A questão era que alguma coisa poderia dar errado enquanto eles preparavam o estádio. Como, tipo, uma daquelas bolsas de ovos se abrir e uma torrente de aranhas devorá-lo ou encher seu corpo de ovos para que, em algum momento indeterminado no futuro, ele fosse arrebitado de repente para que as aranhas pudessem sair e comer mais gente.

Se não fosse pelas aranhas, o trabalho seria bem simples. A ideia não era explodir o edifício, mas sim implodi-lo. Eles provocariam um belo de um incêndio e então, quando ficasse tão quente que nada poderia sobreviver, derrubariam o Staples Center para conter as chamas. As brasas continuariam ardendo durante dias, ou até semanas, debaixo da massa de aço retorcido e concreto que antes havia sido um estádio de basquete. Como carvão em uma boa churrasqueira. Nenhuma aranha sairia daquele inferno.

Mas, primeiro, ele precisava terminar de instalar os explosivos e dar o fora antes de ser devorado.

As bolsas de ovos estavam aglomeradas nas cadeiras do estádio, com maior concentração nas galerias superiores, onde era menos iluminado. As bolsas eram brancas e de formato irregular, desde esferas do tamanho de uma bola de vôlei e ovais que lembravam bolas de futebol americano a massas disformes que podiam ser qualquer coisa. Pareciam quase feitas de giz. Quincy havia encostado em uma sem querer enquanto estava passando o fio por uma curva, e a bolsa era fria e surpreendentemente sólida. Tinha deixado uma mancha branca e poeirenta em sua manga, e ele havia conseguido se limpar. Era mais fácil evitar as bolsas nos níveis mais baixos, perto dos lugares da beira da quadra, onde Quincy sempre via celebridades fingindo gostar de basquete. Também havia bolsas de ovos ali, mas estavam em menor quantidade e mais dispersas. Na quadra com piso de madeira, as bolsas estavam concentradas em amontoados e pequenos grupos. Ainda dava para ver a logo do Los Angeles Lakers no meio da quadra, e, se alguém tivesse lhe dado uma bola de basquete — e ele tivesse tendências suicidas —, Quincy poderia atravessar a quadra de um lado a outro driblando, com alguma dificuldade.

Ele terminou de armar o explosivo e secou o suor da testa. Olhou para cima para conferir de novo se havia armado o último e, com grande alívio, saiu do edifício.

Do lado de fora, debaixo do sol forte da Califórnia, Quincy se sentiu quase alegre. Alguém lhe passou uma cerveja, e ele a levou até a barraca montada para servir como centro de comando temporário. Havia um monte de câmeras instaladas. Ele tinha ouvido falar que o pessoal graúdo de Washington ia assistir a tudo ao vivo.

O trabalho de demolição não era aquilo que os desenhos animados mostravam. Não havia nenhuma caixa com alavanca nem contagem regressiva em alto-falantes. Só um botão. Estimava-se que a temperatura chegaria a mais de mil graus. Os vidros e metais derreteriam, o concreto se retorceria e cederia. O Staples Center se tornaria um forno de aranhas. *Não*, pensou Quincy, *não há nada com que se preocupar*.

Quer dizer, não havia com que se preocupar se ignorasse os mais de quatrocentos e noventa locais espalhados por Los Angeles com infestações de bolsas de ovos confirmadas. Que sorte a dele. Ia poder viajar por toda Los Angeles queimando todas elas.

Pelo menos nenhuma das infestações era tão ruim quanto a do Staples Center, mas Quincy tinha ouvido boatos de que as bolsas de ovos não eram todas iguais. As do Staples Center eram poeirentas e frias, mas nem todas seriam assim. Ele tinha ouvido pelo menos um outro soldado dizer que as bolsas eram grudentas e quentes, que dava para *escutar* as aranhas se mexendo lá dentro, sabe-se lá quantas, só esperando para sair. Outro soldado falou que tinha visto uma bolsa de ovos gigante. Do tamanho de uma pessoa.

Sem contar as pessoas que talvez estivessem infestadas — Quincy havia visto todos os vídeos —, as bolsas de ovos em si já eram assustadoras. Milhares daquelas pequenas bombas-relógio espalhadas pela cidade toda. Cada uma daquelas mil bombas continha milhares de aranhas, e todas estavam prontas para explodir.

Tique-taque, tique-taque.

Universidade do Sul da Califórnia, Zona de Quarentena de Los Angeles, Califórnia

Parecia que metade da cidade estava pegando fogo. As chamas alaranjadas do Staples Center iluminaram a noite. Vista do ar, teria sido uma imagem bonita. Luzes em meio à escuridão dos blecautes e do desastre. Mas, no dia seguinte, o céu estava coberto por nuvens de fumaça e fuligem. Estava nítido que nenhuma ajuda chegaria. Fazia uma semana desde que Los Angeles se tornou um pesadelo, e tiroteios não eram nada incomuns.

Dois homens arrastaram uma mulher idosa pelo concreto do túnel do estádio como se ela fosse uma mala.

O profeta Bobby Higgs não ficou satisfeito.

— Quantas vezes preciso explicar para vocês, idiotas — disse ele para os dois —, que não importa se alguém fica falando merda da gente? Não vai ajudar nada se vocês agirem feito brutamontes de botina pisando nas pessoas.

Ele olhou para os pés dos homens. Hum. Eles *estavam* de botina. Ou algo parecido. Bobby não tinha certeza de como era uma botina, mas os dois homens estavam com o tipo de sapato reforçado com bico de aço que ele imaginava quando pensava em botinas e neonazistas.

O maior dos dois homens grunhiu e soltou o casaco da mulher. O corpo dela se

mexeu, e o braço caiu no chão com um baque. Mas decidir qual dos homens era o maior era difícil para Bobby. Eles estavam no túnel embaixo do estádio de futebol americano da Universidade do Sul da Califórnia, e os dois pareciam jogadores da defesa tanto do time universitário quanto da NFL. Gigantes. Dois metros de altura e pelo menos cento e trinta quilos cada um. Mas, naquele momento, ele achou que Gill, o que havia soltado a senhora, era o maior. Ou talvez Gill só parecesse um pouco mais bruto do que Kevin. Não que Kevin fosse especialmente cuidadoso, mas Gill tinha inteligência suficiente para ser criativo com suas crueldades.

— Ela estava falando que queria ir até a cerca.

— É claro que ela estava falando sobre chegar até a cerca. O exército explodiu o Staples Center ontem, e estão queimando prédios e casas pela cidade toda e fazendo de tudo, menos ajudar as pessoas — disse Bobby.

Ele se aproximou, pegou o cabelo da mulher e levantou sua cabeça para ver o rosto. Os olhos dela estavam fechados. Devia ter sessenta e muitos anos, talvez setenta e poucos. Não tinha a aparência de plástico das senhoras hollywoodianas determinadas a gastar uma grana para não envelhecer, mas sim o estilo vovó do interior, do tipo que não tinha vergonha das rugas nem do cabelo branco.

— Ela está apavorada. Teve um momento curto em que a quarentena furou e dava para deixar a cidade, mas, desde que o exército se organizou e começou a aplicar de verdade a quarentena, todo mundo que não conseguiu sair ficou puto. Incluindo a gente. Ninguém quer estar aqui. Todo mundo quer sair. Então, é, ela está com fome e com medo e acredita nas mentiras patéticas que o governo está contando. — Bobby se levantou e limpou as mãos nas calças do terno. Balançou a cabeça e deu um passo para trás. — Ela acha que, se conseguir chegar até a cerca, vai encontrar um soldado amigável e convencer ele de que uma velhinha simpática como ela jamais poderia portar ovos. De que sempre foi uma cidadã exemplar. Por que não ajudariam ela? Como é que uma senhora como ela poderia acreditar que seu governo a abandonaria?

Kevin mexeu um pouco os pés tamanho quarenta e sete e olhou para Gill. Pareceu acabar de perceber que Gill tinha soltado a mulher, então também soltou. Ela estava completamente inconsciente e não teve como apagar a queda. Bateu no concreto com um baque sólido ligeiramente desconcertante. Estava morta? Não. Ainda estava respirando. Só nocauteada. *Um murro de um daqueles dois pode fazer isso*, pensou Bobby. Ele suspirou. De qualquer forma, precisavam se livrar da mulher.

Gill encarou Bobby com uma expressão vazia e, depois do que pareceu uma eternidade, percebeu que ele havia respondido a uma pergunta diferente da que queria fazer.

— O que é que a gente faz com ela, chefe?

Bobby teve vontade de bater naquele idiota. Dava para ouvir o burburinho no fim do túnel. Devia ser aquilo que os atletas profissionais ou os astros do rock sentiam antes de um jogo ou um show. Estava todo mundo lá, esperando. Ele olhou o relógio

de novo. Mais cinco minutos. Seu discurso estava mercado para as cinco e meia da tarde, mas às oito da manhã uma multidão já começou a se aglomerar no estádio da USC. Os homens dele tinham percorrido a zona de quarentena com alto-falantes e panfletos. Em vez de bandeiras e faixas, foi prometido que as primeiras dez mil pessoas que chegassem ao estádio receberiam comida e água e teriam a chance de ouvir o profeta Bobby Higgs revelar como exatamente o governo estava maquinando para transformá-los em mártires. Ao meio-dia, já havia mais de três mil pessoas no estádio. Ele devia estar se preparando para subir no palco improvisado, não lidando com aqueles dois. Mas aqueles dois idiotas eram parte do motivo por que ele tinha uma multidão, por que tinha comida e água para distribuir. Seu exército era o motivo por que as pessoas estavam dispostas a ouvir suas palavras. Suas palavras tinham um peso muito maior quando eram acompanhadas de músculos.

— O que vocês acham que deviam fazer?

Gill olhou para Kevin e Kevin olhou para Gill. Os dois ficaram claramente confusos com a pergunta.

Bobby deu um suspiro.

— Deem um sumiço nela. Espancar velhinhas não vai conquistar o coração e a mente do bom povo de Los Angeles. — Claro, se pelo menos eles tivessem trazido um homem jovem, talvez desse para pendurá-lo em um poste com uma placa de SAQUEADOR presa no corpo, mas uma senhorinha? Pegava mal. Bobby balançou a cabeça. Era hora de bancar o pai sério. — E, por favor, parem de espancar as pessoas só porque elas tiveram a audácia de me criticar ou pedir ajuda do governo. A ideia é justamente parecer que nós somos benevolentes.

Os dois homens continuaram com cara de perdidos.

— Pelo amor de Deus — disse Bobby. — O trabalho de vocês é distribuir comida, manter a paz e falar para as pessoas que o governo abandonou elas para morrer e que o profeta Bobby Higgs vai proteger todo mundo. Entenderam? — Os dois homens fizeram que sim com a cabeça. — E parem de espancar velhinhas. Se precisarem de mais explicação, falem com o Macer.

Gill pareceu ter um estalo.

— Isso. Macer. Macer falou para levarmos para ele qualquer um que tivesse a mordida. Ela tem a marca que a gente tem que procurar.

Ele puxou a gola da blusa da senhora com uma das mãos do tamanho de uma caixa de sapato. Ali. Bobby viu. O corte sangrento por onde a aranha tinha entrado.

Ela estava infestada.

Bobby precisou conter o impulso de gritar. Havia muitos de seus homens por perto, e, embora todos fossem leais, não caía bem demonstrar medo. Mas aqueles idiotas inacreditáveis. Levá-la até ele assim?

— E o que mais Macer falou sobre isso? Ele falou que, se vocês encontrassem alguém com a marca, era para colocar dentro da caixa. Rápido. Para dentro do cubo.

Os dois homens fizeram que sim com a cabeça, então pegaram a idosa e a

arrastaram para o fim do túnel. Bobby estremeceu. A velhinha não era só alguém que pretendia sair da zona de quarentena, alguém com medo do perigo. Ela *era* o perigo.

— Não podia ser em melhor hora, Bobby — disse uma voz masculina. — É como dizem: uma imagem vale mais do que mil palavras. Eu estava começando a achar que nós íamos ter que contar só com o seu carisma. Mas, puxa, colocar ela na frente da multidão vai ser ótimo. Mostre o que essa infestação significa de verdade.

Bobby se virou e franziu a testa para Macer Dickson, que vinha do campo na direção dele. Macer não era grande como Gill e Kevin, mas dava mais medo. Sólido, como se fosse esculpido em madeira. E esperto. Nada a ver com o exército de homens que trabalhavam para eles. Bobby sabia que, se desse a ordem, seus homens matariam Macer. Ele podia fazer isso. Podia dar ordem para que Macer fosse enforcado em um poste, só mais um traidor morto por colaborar com o governo. Ou ele mesmo podia atirar em Macer. Sua mão tocou a coronha da Desert Eagle .45 presa em sua cintura. *Bum*. Bem na cara. Será que Macer continuaria esperto se levasse uma bala bem no meio da testa?

Mas o problema era esse. Macer era muito esperto. Quanto tempo havia se passado desde o momento em que as aranhas morreram até quando Bobby virou, na prática, o rei do que tinha restado de Los Angeles? Nem quatro dias. E, a cada dia que passava, o controle de Macer ficava mais e mais forte. Macer era o motivo por que ele agora era o profeta Bobby Higgs, quando, antes da vinda das aranhas, ele tinha sido só mais um vigarista que aplicava golpes em West Hollywood e pagava Macer pelo privilégio.

Macer era um daqueles homens que todo mundo sabia que existiam nas frestas de Los Angeles, mesmo que ninguém o conhecesse pessoalmente. Um dedo em cada bolso e caixa registradora. Cem homens na folha de pagamento. Tráfico de drogas do México, armas da Europa, garotas da Tailândia. Bobby nunca havia conhecido o cara pessoalmente, mas trabalhara no território de Macer. Bobby tinha uma vida boa, se oferecendo para donas de casa ricas, solitárias e casadas. Ir para o quarto nunca era difícil. Para Bobby, entrar no clima era fácil como apertar um botão. O importante era que, depois de levá-las para o quarto, ele conseguia fazer as mulheres abrirem a bolsa e pagarem por aquela honra. Claro, ele tinha que repassar vinte por cento de comissão para um dos caras de Macer, mas era o custo do empreendimento. Bobby nunca chegara a pensar muito no próprio Macer. E por que pensaria? Macer era só um sussurro. E então as aranhas chegaram, e Macer brotou de onde quer que estivesse mexendo os pauzinhos. Criou-se o tal “vazio de poder”, ou algo do tipo, e Macer aproveitou a oportunidade.

Na verdade, foi incrível. Quase como se Macer soubesse o que estava para acontecer. No mesmo instante em que a presidente Pilgrim — Bobby nem acreditava que tinha votado nela — instituiu a quarentena, Los Angeles foi isolada. Nas primeiras horas da infestação, milhares de pessoas tinham conseguido sair, tinham

furado a quarentena, mas desde então o exército ou a marinha ou os fuzileiros, ou talvez todos eles, saíram com tanques e veículos blindados e cercaram a porra toda. Diziam que a uns oitenta quilômetros da cidade, perto de Nevada, tinha um posto de verificação por onde dava para passar: os soldados examinavam as pessoas para garantir que não tinham nenhum bicho, e aí elas eram liberadas para dar o fora da Califórnia. Mas também diziam que, em vez de examinar, os soldados só metiam um tiro na cabeça de todo mundo, jogavam os corpos em uma caçamba de lixo e, quando ficava cheia, botavam fogo em tudo.

Então, para todos os fins, Los Angeles era uma ilha. Cidade fechada. Era pavoroso o que o governo podia fazer. Eram incapazes de realizar uma simples restituição de impostos, mas sabiam como transformar Los Angeles em uma prisão direitinho. E essa prisão parecia o mesmo que uma pena de morte. Havia bolsas de ovos espalhadas pela cidade inteira. Todo mundo sabia que isso significava que as aranhas iam voltar, mas o governo parecia esperar que todo mundo acreditasse que não, que as aranhas tinham sumido mesmo e não voltariam mais. Será que o governo achava mesmo que as pessoas iam obedecer numa boa? Bom, sim, provavelmente. Era o que a maioria das pessoas estava fazendo. Mas não Macer. Macer tinha um plano.

Bobby duvidava que o plano fosse funcionar se Macer fosse um bandidinho qualquer. A polícia ainda era a polícia, e, embora já tivesse visto muita coisa para contradizer essa opinião, Bobby achava que os americanos, no fundo, tinham bom coração. O povo se unia em tempos de crise. Se Macer tivesse mandado seus homens saquearem a cidade, não teria dado em nada. Mas Macer era organizado, e parecia que ele também contava com a natureza bondosa do ser humano. Ele mandou seus homens para os mercados e lojas de atacado, para a Target, o Walmart, o Home Depot. Para todos os lugares onde ele sabia que as pessoas correriam depois do desastre. E mandou os homens para manterem a paz. Eles organizaram filas e distribuíram comida e água. Dividiram tudo de forma que todo mundo recebesse uma quantidade justa. Se as pessoas brigassem, eles apartavam. Sempre que encontravam algum homem de bom tamanho, ele era recrutado, e todo mundo espalhava a notícia: o profeta Bobby Higgs ia cuidar de todos.

Macer era o cérebro e Bobby se tornara o porta-voz da nova realidade de Los Angeles.

E essa era outra coisa que assustava Bobby. Ele só havia conhecido Macer depois que a merda toda aconteceu, mas, quando se encontraram pela primeira vez, ele já sabia qual seria o papel de Bobby, já sabia que Bobby daria conta. Como se Macer tivesse sondado de antemão alguém para bancar o profeta caso o apocalipse algum dia caísse em Los Angeles.

— Tire a mão da arma — disse Macer. — Nós dois sabemos que você não vai atirar em mim.

Macer não estava nem olhando para Bobby. Estava olhando para a faixa brilhante

de luz do sol que havia aparecido no estádio a seis metros deles. Havia um punhado de guarda-costas de Bobby na entrada, mas no túnel eram só ele e Macer. Hora de conversar.

— Está querendo dar para trás? — perguntou Macer.

Bobby pensou. Ele não estava com medo. Não exatamente.

— Acho que o que estamos fazendo é errado.

Macer deu de ombros.

— Nada disso é certo. O governo tranca Los Angeles e fala: “Boa sorte”. Isso parece certo para você?

— Ela é só uma velhinha.

— Não mais. Está contaminada. Se você fizer sua parte e atizar o povo, a gente vai poder usar ela como exemplo. Tem milhares de pessoas lá fora, esperando você. Cada uma delas está prestes a ceder. Se mostrarmos o que foi preso aqui junto conosco, elas vão acreditar em tudo que você falar. Quer sair da zona de quarentena? É só fazer o que eu digo.

Bobby ficou em silêncio por um instante. Dava para ouvir o barulho da multidão aumentando. Estava quase na hora de ele sair e falar para todo mundo.

— E se o governo não estiver mentindo? E se for verdade que tudo está acabado?

Macer chegou a dar risada.

— Você está brincando? É sério que você acredita nisso? — Ele esperou até Bobby balançar a cabeça e, então, chegou perto e o segurou pelo ombro. — Então está tudo bem. Nós temos um belo público. Pedi para Lita fazer uma contagem por alto, e ela disse que tem quase quarenta mil pessoas. Quarenta mil! É muita gente lá fora esperando para ouvir o que você vai falar. Agora vá lá fazer sua mágica.

Bobby assentiu. Ele relaxou os ombros e andou até o fim do túnel. Precisava confiar que Macer estava certo. Ele sabia que a habilidade de trabalhar uma multidão daquelas *era* mesmo mágica. Nunca teve nenhuma grande chance como ator, e os trambiques tinham sido a alternativa natural. Ele também não era o melhor golpista — a melhor que ele já havia visto era uma garota loura de uns dezessete anos que conseguia deixar alguém falido em apenas uma semana e grato pela honra —, mas era razoável. Tinha descoberto um nicho, tirando a mesada que as donas de casa entediadas de Hollywood recebiam dos maridos. Pelo menos esse era o seu nicho, até o dia em que Macer falou que era hora de ele se tornar o profeta Bobby Higgs.

Ele havia previsto tudo aquilo. As aranhas. E era esta história que os homens de Macer contavam para todo mundo que quisesse escutar: que o profeta Bobby Higgs havia avisado o governo que as aranhas estavam vindo. O profeta Bobby Higgs tinha tentado salvar as pessoas.

Mas o governo deu ouvidos? Claro que não.

E por que o governo não deu ouvidos? Porque o governo não dava a mínima para os homens e as mulheres comuns de Los Angeles.

E nós podíamos confiar no governo agora que eles estavam falando que tudo tinha

acabado? Podíamos confiar que ficaríamos em segurança?

De jeito nenhum.

E, os homens de Macer perguntavam, em quem podíamos confiar?

No profeta Bobby Higgs.

Ele tentou salvar todo mundo, diziam os homens de Macer para toda pessoa que vinha atrás de comida ou abrigo. Mas ninguém lhe deu ouvidos. Não é melhor você dar ouvidos ao profeta Bobby Higgs agora?

Bobby chegou perto o bastante do fim do túnel para que os olhos pudessem se acostumar à luz e, então, saiu. O pequeno exército de Macer tinha formado um corredor para ele. Homens musculosos, como Gill e Kevin, abriram caminho através de milhares de peregrinos. Mais do que milhares. Quando Bobby subiu os degraus até o palco, viu que o campo estava cheio de gente, e as arquibancadas também. Quando subiu, quarenta mil vozes se tornaram uma só, entoando seu nome, entoando Bobby, Bobby, Bobby.

Ele saiu para o pódio e ergueu os braços. O canto se transformou em uma onda de gritos, mas aos poucos a multidão foi se acalmando. Para os ouvidos de Bobby, nenhum som era mais alto ou delicioso do que o silêncio de quarenta mil peregrinos.

— Irmãos e irmãs — disse ele.

Sua voz ecoou pelo estádio. Isso era outra ideia de Macer. Ele pensava em tudo. A multidão não era atraída só pela oferta de comida e água de graça e pela promessa de uma resposta. Era o palco e o espetáculo. Eram os geradores para o sistema de som. Era a câmera e a imagem no telão gigantesco. Bobby deu uma olhada em si mesmo. Estava ótimo.

— Irmãos e irmãs — disse ele de novo. — Vocês estão aqui porque sabem a verdade. O governo diz para ninguém se preocupar. O governo quer que todo mundo acredite que a quarentena foi concebida para nos proteger. A presidente Stephanie Pilgrim...

Ele precisou parar por um instante quando vaias e assovios se espalharam pelo estádio. Foi difícil disfarçar um sorriso. Tinha as aranhas, claro, e ninguém jamais imaginara nada tão assustador, mas com Pilgrim parecia pessoal. As aranhas eram monstros, mas Pilgrim havia traído a confiança de todos. Ele ergueu as mãos, e a multidão se calou.

— A presidente Pilgrim quer que vocês confiem nela. Ela diz que as aranhas se foram. Que não há nada a temer. Mas nós acreditamos? — Ele deu um pouco de tempo até o coro de “Não” acabar e então esperou mais alguns segundos para que pudesse falar mais baixo. As pessoas precisaram se calar completamente para escutá-lo, e a voz baixa acrescentou um clima de intimidade. — Claro que não. Se não houvesse nada a temer, vocês acham que o exército dos Estados Unidos teria incendiado o Staples Center? Vocês acham que o céu estaria coberto por uma nuvem de fumaça? Se não houvesse nada a temer, vocês acham que, neste mesmo instante, tanques e veículos militares estariam correndo pelas ruas de Los Angeles, nossas

ruas, bem aqui, dentro da zona de quarentena, em busca de infestações e queimando aranhas? Vocês sabem o que estão falando no resto do país? Estão falando: “É só Los Angeles. Podia ser pior”.

Ele olhou para o cubo de vidro do outro lado do palco. Estava vazio, exceto pela velhinha. Essa era a parte de que ele tinha medo. Aquela velhinha. E se eles estivessem enganados? E se ela fosse só mais uma pessoa apavorada? Não. Ela tinha a marca. Tinha sido infestada. Já não era mais uma velhinha. Ia se tornar o exemplo. Ia convencer aquela multidão de que todo mundo precisava fazer o que Bobby dissesse, que todo mundo precisava fazer de tudo para sair da quarentena. Porque, se as pessoas estavam com medo antes, depois daquilo ficariam apavoradas.

Era o que ele esperava. Pois que Deus o ajudasse se eles estivessem errados quanto àquilo. E quanto ao que ele estava prestes a fazer com aquela velhinha.

Tomara que Macer esteja certo.

— O governo basicamente está dizendo: “Ei, um monte de vocês morreu, que diferença faz mais algumas pessoas?”. Mais dois milhões? Três milhões? Tem alguém aqui que não perdeu algum ente querido na invasão? — Ele aumentou a voz. — E isso foi *sacrifício* suficiente para o governo? Eles vão vir salvar o dia? — A pergunta ficou pairando no ar, ecoando em sua voz. — Salvar o dia? De jeito nenhum. A presidente Stephanie Pilgrim apareceu na televisão para falar que, se tentarmos sair de Los Angeles, se tentarmos deixar a quarentena, nós vamos levar tiros. Se vocês querem salvar suas esposas, seus filhos, se vocês querem se salvar, o governo não está nem aí. Existem soldados suficientes para explodir o Staples Center, para procurar aqueles monstros, mas não existem soldados suficientes para nos ajudar? A vida inteira nós fomos bons cidadãos. Pagamos nossos impostos. Seguimos a lei. O exército não devia estar aqui para nos ajudar?

Bobby fez uma pausa.

— Mas que ajuda o governo está oferecendo? Nosso governo fala que, se tentarmos pular a cerca, vamos levar uma bala na cabeça e nosso corpo vai ser jogado em um incinerador. Ah, não há nada a temer, não é, presidente Pilgrim? Ela manda soldados queimarem estádios de basquete e nos promete uma morte rápida se tentarmos sair de Los Angeles. Será que a presidente Pilgrim acredita mesmo que estamos protegidos aqui, presos na zona de quarentena? Será que o governo está nos protegendo, ou será que eles estão nos mantendo presos? Será que o governo acredita mesmo que acabou? Pensem bem. Quem escapar da quarentena vai ser morto. — Ele fez uma pausa dramática. — *Nosso corpo vai ser incinerado.*

Bobby se empertigou e olhou diretamente para a câmera.

— Um incinerador? Não basta nos matar? Eles vão queimar nossos corpos. Mas por que fariam isso? Por que o governo diz que nós precisamos ficar parados e avisa que vai atirar na gente e queimar nossos corpos se tentarmos fugir? Por que eles acharam necessário queimar o Staples Center, queimar casas e prédios comerciais? Não parece que estamos tão protegidos assim.

Ele se inclinou na direção do microfone e ficou quieto de novo. Dava para sentir que a multidão também estava se inclinando para a frente. Ela estava na palma de sua mão.

— Agora, irmãos e irmãs, preciso pedir que vocês façam algo difícil. Preciso pedir que vocês vejam isto. Porque esta é a verdade. É disto que o governo tem medo.

Ele apontou para o cubo. Um homem — Bobby não o conhecia — subiu a escada apoiada atrás do cubo. Na verdade, era feito de plástico ou acrílico grosso, não vidro, mas o importante era que era transparente. Os homens de Macer haviam feito centenas de furinhos no teto e nos quatro lados. A câmera se aproximou, e Bobby deu uma olhada no telão gigantesco, onde viu a velhinha em alta definição. Felizmente, ela estava imóvel e inconsciente. Ele observou enquanto o homem na escada erguia um galão de combustível de vinte litros e começava a entornar.

Não era gasolina. Macer dissera que não dava para saber se a gasolina queimaria direito. Não. Aquilo era fluido de isqueiro.

O líquido se acumulou por um instante no topo do cubo e então começou a vazar pelos furos, como água em um corredor de macarrão.

— Eu sei que é difícil — continuou ele no microfone. — Mas o governo está falando que a gente está em segurança aqui dentro. O governo está dizendo: “Acreditem, Los Angeles é segura”.

O homem na escada entregou o galão vazio para outro guarda, enfiou a mão no bolso e puxou um isqueiro.

— Los Angeles não é segura, irmãos e irmãs. As aranhas não foram embora. Isto... *isto* é o que o governo prendeu aqui conosco. Isto é o que eles estão tentando queimar em segredo. Lamento profundamente ter que fazer isto, mas preciso que vocês saibam a verdade. Preciso que vocês vejam o que está oculto no fogo. A presidente Pilgrim diz que não precisamos temer, mas acreditem em mim: vocês não podem confiar nela. Acreditem em mim quando eu digo: *temam. Fiquem apavorados.*

Foi quase bonito. A fagulha amarela do isqueiro iniciou um jato azul de fogo. As chamas caíram do teto do cubo e desceram até onde a mulher continuava deitada e inconsciente.

Bobby se deu conta de que estava prendendo a respiração. Dava para ouvir gritos, soluços, exclamações, mas, apesar desses barulhos, a sensação era de que o estádio todo também estava prendendo a respiração. Um segundo. Dois. Tempo suficiente para ele pensar que talvez Macer estivesse errado. Bobby sentiu que o estádio inteiro estava se preparando para se voltar contra ele. A situação era horrível. Uma semana antes, a cidade havia sido convertida no cenário de um filme de terror. Homens, mulheres e crianças eram devorados vivos por aranhas. Incêndios e saques e o medo do desconhecido. Era impossível de compreender. Mas aquilo na frente deles, aquilo era diferente. Era só uma pobre velhinha dentro de uma gaiola. O público não sabia

o que ele sabia. Não sabia que ela estava infestada. Não sabia o que havia dentro dela. Se não acontecesse logo, a multidão ia se voltar contra ele. Enforcar jovens saqueadores de loja para servir de exemplo era outra história. Era manter a paz.

Três segundos. Quatro segundos. E então aconteceu. O corpo da mulher começou a tremer e se rasgar por dentro. Bobby sabia que era errado, mas, ao ver aquela cena, não conseguiu deixar de pensar em uma salsicha na grelha. E, quase na mesma hora, as aranhas saíram.

Ele ainda estava prendendo a respiração, mas o estádio, não. As pessoas gritavam. Berravam. Xingavam. Era o som da raiva. Do terror.

No telão, a câmera mostrou as aranhas se arrastando para fora do corpo da mulher e deu zoom nas patas que corriam pelas laterais do cubo. O fogo as alcançou e as incendiou enquanto tentavam fugir. Mas, mesmo queimando, algumas tentavam comer o que restava da velhinha.

Bobby olhou para a multidão à sua frente. As pessoas gritavam e sacudiam os braços com raiva e medo. No campo, perto dele, uma jovem latina, com uns vinte e cinco anos e um bebê de colo, chorava. A mulher estava apoiada em um companheiro, mas observava o cubo flamejante.

Bobby olhou para Macer, que ainda estava na entrada do túnel. Macer assentiu. Estava na hora.

— Isto é o que nos espera! — berrou Bobby. — Então eu pergunto: vocês acreditam que o governo vai te proteger? Querem ficar na zona de quarentena?

O barulho da multidão o ergueu e o embalou. Bobby já conseguia ver. Ele e Macer conseguiriam sair. Enviariam um comboio de cordeiros para o sacrifício na cerca, atrairiam a atenção dos militares para um lugar específico, e depois dirigiriam a maior parte de seu exército para outro lugar. Bobby já conseguia ver, soldados e tanques e armas tentando impedi-los, sem sucesso. Como se impedia a correnteza de um rio?

Ah, o profeta Bobby Higgs já conseguia ver, sim.

Macer tinha encontrado uma saída para eles.

Eles tinham um exército.

Zona de Infecção no Rio de Janeiro, Brasil

Era como ver peças de dominó caindo. Não os ruídos das peças na mesa quando ele jogava dominó e bebia cerveja com os amigos domingo à noite, mas a fileira de dominós que uma criança preparava. Uma caía, e a seguinte, e a seguinte. Era uma reação em cadeia.

Pessoas do mundo inteiro descreviam aquilo como um acontecimento súbito: os bichos simplesmente morreram. Mas estava chegando mais. Ele sabia. Tinha certeza. Tinha visto as imagens ao vivo nos telejornais: gente varrendo as aranhas das ruas como se fossem folhas secas. De repente bateu um vento, e ele viu, bem ali na televisão de trinta polegadas do apartamento, a camada de cima do monte de aranhas levantar voo e ir embora. Elas pareciam muito leves. Tênuas. Como alguém podia acreditar no horror que haviam causado? Que um enxame de aranhas poderia avançar por uma cidade como uma tempestade de verão, pegando todo mundo que estivesse pela frente em uma chuva inevitável de sangue e desespero? Como imaginar que aquelas coisas ocas eram um perigo? Eram apenas cascas com patas, secas e pretas, os resquícios do pesadelo de uma criança. E, como os pesadelos de uma criança, ridículas sob a claridade do dia.

Era a mesma coisa no mundo inteiro. Helsinki e Delhi, Los Angeles e Seul, os Alpes italianos, e a zona terrível, pavorosa e flamejante na China. Em um momento,

as aranhas eram uma força implacável, um bilhão de avatares da morte, piores até do que as bombas nucleares que os chineses haviam detonado, piores do que qualquer coisa que ele pudesse imaginar, pior do que tudo que já tinha sido imaginado, e logo depois elas caíram no chão, vazias e mortas, como se tivessem se consumido por dentro.

A mão de Deus. Preces atendidas. Isso era o que os religiosos falavam. As aranhas se consumiram em um frenesi de destruição, devido a uma taxa insustentável de crescimento e gasto de energia. Isso era o que os cientistas falavam. Mas os dois grupos concordavam que as aranhas tinham desaparecido.

Só que, para ele, isso não fazia o menor sentido. Ele tinha visto as aranhas se espalharem pela cidade e depois, todas ao mesmo tempo, como uma flor se fechando, elas recuarem. Havia feito isso antes de começar a morrer. Os jornais e analistas passaram por cima desse fato. A inversão das aranhas era um mero detalhe, se tanto. A maioria das pessoas estava tão concentrada na extinção aparentemente espontânea que nem percebeu que as aranhas tinham começado a recuar. Ou, se chegassem a pensar e falar disso, diziam que era um milagre. Quão pior seria se as aranhas tivessem continuado a expansão nas últimas horas da invasão, em vez de recuar para o centro da infestação? Não tinha morrido gente suficiente? Ele havia levado a questão a seus superiores na polícia, mas eles o mandaram calar a boca, cuidar da própria vida e deixar o exército e os cientistas se preocuparem com as aranhas. Não era para ele se meter.

Conferiu de novo o equipamento: um traje de proteção que havia pegado emprestado de um amigo que trabalhava em laboratório; uma lanterna pesada que também servia muito bem como porrete; e o celular para fazer fotos e vídeos. Por algum motivo, aquilo não parecia o bastante, mas ele não conseguia pensar em mais nada que pudesse levar. Tinha vestido o uniforme e apresentado o distintivo da polícia para passar pelo cordão de isolamento, e o equipamento estava dentro de uma bolsa pequena.

Ficou chocado com a facilidade com que conseguiu passar pelos soldados do exército e pelos outros policiais. Só precisou deixar a bolsa aberta para mostrar o traje de proteção, apresentar o distintivo e assumir a postura de alguém que deveria estar ali, e ninguém perguntou nada. Ele entrou. Imaginou que era porque ele estava *indo* para uma área de onde as pessoas queriam fugir. Quem em sã consciência entraria no epicentro daquele terror? Quem em sã consciência gostaria de ir para o meio daquele labirinto maluco?

Se era um labirinto, ele então era o herói? Ou será que era o Minotauro, meio homem, meio monstro? Ele tinha se enfiado em um labirinto. Ninguém lhe daria ouvidos, ninguém acreditaria quando dissesse que o movimento das aranhas não era tão simples, que elas agiam de forma coordenada. Individualmente, podiam não ser nada mais que emissários de oito patas saídos das profundezas do inferno, mas, juntas, pareciam um exército. Invasoras. Colonizadoras. Varrendo o planeta inteiro.

Ele não tinha escolha. Se ninguém queria lhe dar ouvidos, precisava provar para todo mundo. Para além dos bloqueios e dos guardas, para além das carcaças incendiadas de edifícios e carros, para o coração do Rio de Janeiro. Ele olhou o relógio. Duas da manhã. Tinha até as cinco para sair dali. Todo canal de TV e estação de rádio repetia, toda viatura com megafone berrava, toda superfície que podia ser coberta de panfletos bradava em negrito: às cinco, as bombas cairiam.

O centro da cidade estava infestado de bolsas de ovos em todos os prédios. Além da conta. O Rio era uma causa perdida. A região toda seria mandada para o inferno, um raio de sete quilômetros sacrificado em nome das aranhas, embora todas as bolsas de ovos tivessem sido encontradas a menos de mil metros umas das outras, um círculo pequeno de devastação garantida. O exército ia pegar aquele raio de sete quilômetros e transformar em fumaça e cinzas. Nenhuma aranha conseguiria sobreviver. Não sobraria nenhuma bolsa de ovos. Apenas armas convencionais, porém: as praias resistiriam, ninguém queria jogar uma bomba nuclear e transformar as areias em vidro. Mas haveria fogo e destruição. Cinco da manhã. O rádio e a televisão e os panfletos e os megafones avisaram: nem um minuto antes, nem um minuto depois. Quem estivesse dentro da área da explosão não seria poupado.

Ele apertou o passo.

Passou por dois prédios no perímetro externo que tinham sido marcados com tinta em spray para indicar infestações. Não era ali que ele precisava ir. Ele tinha que ver. Precisava provar que tinha razão, provar que os ataques das aranhas eram piores do que todo mundo imaginava. Precisava tirar fotos e gravar vídeos e juntar provas para que as autoridades não tivessem mais como ignorá-lo. Se eles queimassem tudo sem entender, nunca mais conseguiriam se salvar. Era muito mais complicado do que as autoridades imaginavam! Quem dera tivessem acreditado sem que ele precisasse recorrer àquilo. Mas ninguém acreditaria sem um vídeo. Com o vídeo? Todo mundo seria obrigado. E aí ele seria um herói. Não seria só um policial burro que tinha recebido a ordem de trabalhar e não atrapalhar. Seria o tipo de pessoa que inspirava filmes.

Era nisso que ele estava pensando enquanto caminhava às pressas pela quadra na direção do prédio comercial com fachada de vidro. O feixe da lanterna balançava à sua frente. Ele havia vasculhado as notícias e os boatos da internet, visto todas as reportagens que achou na televisão e, por fim, sabia que era *ali* onde o ataque no Rio de Janeiro tinha começado. Aquele prédio era o epicentro. Quando adaptassem aquela história para o cinema, o herói — ele imaginava alguém como Bruce Willis que nem Bruce Willis era na juventude, quando fez *Duro de Matar* — teria que se esforçar mais para atravessar o cordão de isolamento, talvez até precisasse lutar para chegar ao meio da infestação para poder servir como a última esperança da humanidade, mas, na vida real, foi fácil. O centro da cidade estava deserto. Uma cidade-fantasma. Só ele e alguns milhões de aranhas esperando para eclodir.

Tomara que eu esteja certo, pensou ele.

Parou por um instante do lado de fora do prédio para recuperar o fôlego. Era um banco. As janelas tinham cartazes com imagens de pessoas jovens, animadas e solteiras, famílias felizes, casais apaixonados e bronzeados. Toda aquela felicidade ao alcance de um simples empréstimo. Porém, onde ele estava, na rua, a imagem era mais sinistra. Um carro tombado e carbonizado pelo fogo. Amontoados de roupas em forma de seres humanos que ele tinha medo de iluminar com a lanterna. Ele estendeu a mão e puxou a porta. Estava trancada. Alguém tinha mesmo parado para trancar a porta de um banco no meio de todo o caos ou foi uma tranca automática? Não fazia diferença. Ele ergueu a lanterna, girou-a na mão e bateu no vidro à sua frente com o cabo pesado de metal.

Na mesma hora, foi coberto de uma luz branca ofuscante, e um berro ecoou pela noite. O alarme e a luz estroboscópica o obrigaram a piscar muito, e ele teve que se conter para não cobrir as orelhas. Um alarme. Afinal, era um banco. Ele devia ter imaginado. Olhou para os lados, quase esperando ver guardas correndo em sua direção, mas as ruas continuaram desertas. A sirene tocava para uma plateia de uma pessoa só. Ele entrou no prédio, andando com cuidado sobre o vidro quebrado. Os coturnos esmagavam os cacos a cada passo. E então ele parou. Merda. Tinha se esquecido de vestir o traje de proteção. Melhor prevenir do que remediar, o que, dadas as circunstâncias, era até engraçado. Ele cobriu as roupas com aquele macacão de plástico nada prático. Depois de vestir o traje, não parecia nenhuma grande proteção. Mais parecia uma capa de chuva amarela com capacete e máscara de vidro com um respirador embutido. Mas, quando ele pôs a máscara no rosto, ficou todo coberto: cada centímetro da pele exposta estava debaixo do traje. A máscara parecia amplificar a respiração; ele escutava cada inspiração, cada sopro.

O saguão do banco estava cheio de bolsas de ovos. Bolas de tênis e de futebol cheias de aranhas esperando para eclodir. Ficou surpreso por não sentir muito medo. As bolsas de ovos eram estranhas, mas não ameaçadoras. Havia mais do que ele tinha imaginado, mas ele sabia que a maior concentração ficava em outro lugar do edifício. Podia ser só um policial, mas tivera acesso aos relatórios e sabia que precisava descer até o subsolo. Ele atravessou o saguão e passou pelas cadeiras da área de espera e pelos balcões, até chegar à porta de metal que levava ao subterrâneo. A luz da lanterna abriu caminho no labirinto. As bolsas de ovos estavam espalhadas por todos os lados. Pior ainda, o chão estava cheio de corpos. Não eram nem corpos. Esqueletos. Ele tentou manter os olhos nas bolsas de ovos, para ver o que estava pela frente, mas era difícil com as luzes estroboscópicas do alarme. O banco parecia uma cena de um filme de terror. Foi com um suspiro aliviado que ele empurrou a porta de metal e apertou o passo, ansioso para descer até o subsolo, para acabar logo com aquilo.

Devia ter andado mais devagar.

Devia ter olhado para o chão.

Quando abriu a porta para o porão, ele ouviu um estalo e tropeçou. Já estava

caindo escada abaixo quando se deu conta de que tinha tropeçado em um corpo. O estalo foi o barulho de um osso se partindo, e ele caiu porque o sapato tinha se enroscado no tecido vazio que antes havia envolvido um ser humano.

As luzes do alarme também estavam piscando ali na escada, e o processo de queda foi fragmentado. Ele tropeçou. Tentou agarrar o corrimão com a mão livre. A lanterna estava na outra mão, e depois não estava mais. Por um breve instante abençoado, ele estava na segurança da luz cegante que saía da mesma caixa que berrava sem parar, e depois, na escuridão entre os lampejos, ele sentia que estava voando. Caindo.

Quando acordou, o alarme continuava berrando, e a luz estroboscópica continuava piscando.

Quanto tempo?

Por quanto tempo tinha ficado inconsciente?

Ele virou a cabeça. O gesto deu ânsia de vômito. Cuidadosamente, ele encostou a mão direita na nuca. Só sentiu borracha. Claro. O traje de proteção. O respirador. Seu braço esquerdo estava preso sob o corpo, e, quando ele o mexeu para olhar o relógio, sentiu uma onda de dor. Meu Deus. Tinha quebrado a perna. Não havia a menor dúvida. Só aquele pequeno movimento para tirar o braço de baixo do corpo tinha mexido a perna e quase o fez apagar de novo. Ele usou a mão direita para tirar a luva esquerda e então levantou o pulso na frente do rosto, mas não conseguiu enxergar os números. A máscara de vidro estava com uma rachadura irregular enorme que não deixava ver direito. Ele tirou o capacete e olhou o relógio de novo. Não. Impossível.

Ele tinha passado quase três horas inconsciente.

Eram cinco para as cinco da manhã.

Cinco minutos até as bombas caírem.

Ele levantou a cabeça e viu que a porta ao pé da escada em que ele tinha tropeçado estava aberta por um corpo que antes havia pertencido a uma mulher. Ele fez menção de pegar a lanterna antes de lembrar que a havia perdido, que a soltara durante a queda. Mas o porão estava iluminado. As luzes estroboscópicas do alarme, claro, brancas e odiosas, como os batimentos cardíacos de um alienígena, mas tinha outra coisa também. Ele quase conseguia ver.

Tentou se arrastar para a frente, mas tinha alguma coisa molhada e áspera em sua perna. Ele quase desmaiou com a onda de dor que o atravessou. Nem precisou olhar para saber que tinha um osso para fora, mas ainda assim ele quis ver. Na mesma hora desejou não ter visto: dava para enxergar o buraco rasgado e sangrento no traje, perfurado pelo fêmur. Pelo menos não dava para ver a carne. Ainda assim, a imagem o deixou enjoado, e ele precisou desviar os olhos.

A sirene continuava a uivar, mas, entre os apitos, ele teve a impressão de escutar algo. Alguma coisa farfalhando. Rastejando. E então, horrorizado, percebeu que a cabeça também estava sangrando. Dava para sentir o sangue escorrendo pelo couro

cabeludo e pelo pescoço. Ele procurou o capacete para fechar o traje de novo, mas não conseguiu achar. Será que as aranhas sentiam o cheiro do sangue da perna? Da cabeça? Será que estavam no subsolo, em busca de comida? Será que já haviam nascido ou continuavam quietinhas nas bolsas de ovos? Será que já estavam dentro dele?

Três minutos para as cinco. O segundo ponteiro do relógio parecia ainda mais fragmentado do que o normal na luz estroboscópica. Não faltava muito tempo. Ele sabia que tinha razão. Sabia que estava ali por algum motivo. O herói não ia morrer em vão. Se não podia ser o Bruce Willis de *Duro de matar*, seria o Bruce Willis de *Armageddon*, que ficou no asteroide para salvar a raça humana, um sacrifício digno. As pessoas construiriam uma estátua em sua homenagem. O mundo inteiro saberia seu nome.

Ele estendeu a mão até o batente da porta e se arrastou pelo chão, rastejando pelo concreto duro. O sangue que pingava da perna parecia preto nos lampejos estroboscópicos. À frente, ele finalmente conseguiu ver. Brilhando. Ele olhou o relógio de novo. Dois minutos. Pontos pretos dançavam em sua visão. A cabeça doía na parte que tinha batido na escada. Ele não podia desmaiar. Era o Bruce Willis. Era o herói. Ainda dava tempo para salvar o mundo. A perna doía demais. A cabeça doía. A sirene. Quem dera a sirene ficasse quieta e os lampejos estroboscópicos interrompessem aquele castigo luminoso e incessante. A pancada na cabeça tinha sido muito forte? Os pontos pretos se espalharam por seu campo de visão, e ele achou ter visto também manchas vermelhas. Cinco pontos. Dez. Dezenas. Ele fechou os olhos por um instante. *Não. Não. Seja o Bruce Willis. Concentre-se.* Dava para ver o brilho logo adiante. Ele só precisava gravar um vídeo e enviar. E aí todo mundo também veria.

Ele esticou a mão para pegar o celular no piso de concreto, mas não chegou a conseguir alcançá-lo.

Foi como se tivesse levado um tiro. A sensação foi tão forte e dolorosa que ele esqueceu completamente a perna quebrada. As bombas? Não, não podiam ser as bombas, ainda não. Ele ainda estava vivo, apesar de a dor fazê-lo desejar não estar. Faltava pelo menos mais um minuto até as bombas caírem. Ele tentou olhar para o relógio e percebeu que não conseguia se mexer. Nenhum músculo.

Não! De novo. Foi como se algum sádico estivesse em cima dele, cravando um ferro incandescente em seu corpo. Ele nunca tinha imaginado uma dor daquelas. E era pior ainda porque seu corpo estava paralisado. Não conseguia fazer uma careta, não conseguia se encolher para se defender, não conseguia nem gritar de dor. Qualquer pensamento sobre ser um herói sumiu. Só conseguia pensar na dor.

Mas não durou muito. Chegou a hora, e junto vieram as bombas e o fogo.

Minneapolis, Minnesota

Ninguém falava disso quando as pessoas entravam na agência. Havia momentos de terror absoluto, claro. O agente Mike Rich passara por vários nas últimas duas semanas. Entrar no avião caído de Henderson e ver uma aranha sair do rosto do bilionário? Assustador. Levar a tal aranha para Washington e topa com a presidente e o chefe de gabinete dela? Assustador. Tá, talvez conhecer Melanie Guyer, cientista genial e gostosa que tinha belas pernas e um sorriso lindo, não tivesse sido tão assustador, mas Melanie era especialista em aranhas, então, de novo, meio assustador. E aí teve aquela merda toda na Índia, na China e em Los Angeles, e a conclusão de que tudo estava, com certeza absoluta, relacionado àquela mesma aranha que ele tinha prendido com um copo de cristal nos destroços do avião do bilionário e levado para Washington? Assustador. Ter que levar a filha, a ex-esposa grávida e o atual marido dela para uma cabana no meio do mato porque ele achava que havia grandes chances de eles estarem ferrados? Assustador.

Mas aquilo era pior.

Era sobre aquilo que ninguém falava. Os momentos eram assustadores, mas não dava tempo de pensar muito. Era o intervalo entre os momentos, quando a pessoa *tinha* tempo de pensar e precisava tomar as decisões importantes, que era mais aterrorizante. Reagir sempre era mais fácil do que agir.

— O que a gente faz, Mike?

A agente Rosario se inclinou na direção dele. Ela falou baixo, e Leshawn, o parceiro dele, se inclinou também. Os três agentes estavam encolhidos nos fundos da garagem, perto das bolsas de ovos. Eles tinham evacuado todo mundo do prédio.

Se não fossem as bolsas de ovos de aranhas devoradoras de gente, Mike achou que aquela casa seria até bonita. Típica casa de alvenaria de bairros de classe média alta. A um quilômetro e meio de onde o avião de Henderson tinha caído depois que o magnata da tecnologia e seus pilotos foram devorados por aranhas. A casa ficava em uma rua tranquila perto de outra rua tranquila que dava em uma rua ligeiramente mais movimentada e era pintada de um tom feliz de amarelo-canário com persianas azuis. Bem conservada, com um gramado bonito e canteiros de flores cobertos com lascas de madeira. As tulipas já estavam quase florescendo. Na garagem, tudo estava limpo e organizado. O proprietário mantinha o piso de concreto sem poeira, ganchos na parede sustentavam equipamentos esportivos e a parede dos fundos estava coberta com armários de aço inoxidável do tipo de fácil instalação vendido em lojas de artigos para o lar. Na verdade, exceto pela presença dos ovos, era o tipo de casa que o próprio Mike gostaria de ter. Seu apartamento era bom, mas teria sido ótimo ter um quintal de verdade, um lugar onde ele pudesse brincar com Annie ou jogar bola. E ele provavelmente conseguiria bancar a faixa de preço daquele lugar. Se tivesse ido ali com uma imobiliária — e se não houvesse aranhas —, ligaria para o banco para ver se poderia fazer um financiamento.

Infelizmente, *havia* aranhas. Ou a promessa de aranhas. Umas dez, doze bolsas de ovos. Cada uma do tamanho de uma bola de basquete, coladas umas nas outras e agrupadas no canto escuro da garagem. Mike entendeu por que o dono da casa tinha demorado tanto para percebê-las. Sem os holofotes portáteis para iluminar tudo, elas seriam apenas uma sombra indistinta vista pelo canto do olho.

Exceto pelo fato de que, na última hora, aquelas formas tinham começado a fazer barulho. Uma espécie de zumbido.

E agora, seu parceiro e Rosario queriam saber o que Mike achava que eles deviam fazer. Ele olhou para a calçada do lado de fora da garagem. Havia um punhado de policiais de pé, um caminhão de bombeiro, uma ambulância e alguns agentes da Guarda Nacional de Minnesota, fardados e armados com fuzis. Ele teve que forçar um pouco a vista. As lâmpadas eram inclementes.

— Como assim, o que a gente faz? — perguntou ele, dando alguns passos para o lado. Ele desligou os holofotes intensos. Melhor. As lâmpadas fluorescentes do teto estavam acesas, mas a garagem parecia normal. Pequena, limpa, confortável. Era quase possível esquecer, por alguns segundos, aquele pacote apocalíptico gigantesco no canto. Quase.

— É uma pergunta bem óbvia — respondeu Rosario. — O que a gente faz com as bolsas de ovos? Elas são o que a gente estava procurando, e agora a gente achou. E aí?

— Por que está perguntando para mim?

Leshaun ergueu as sobrancelhas.

— Porque elas estão zumbindo e vibrando e me deixando assustado pra cacete. E porque você já pegou uma dessas. Gostando ou não, Mike, você é o especialista aqui.

Mike mal conseguiu se segurar para não dar uma risada de pânico. Se ele era considerado um especialista, então todo mundo estava muito ferrado. Sua experiência com aquelas aranhas podia ser classificada como limitada, no máximo. Basicamente, ele tinha pegado um copo de vidro do chão de um jatinho e colocado em cima de uma aranha. E só por isso ele devia ter a resposta para aquela pergunta? E daí que a aranha saiu dos destroços de um avião, mancando e machucada e *ainda* querendo a carne dele como se fosse uma máquina implacável? E daí que ele por acaso não percebeu que algumas outras aranhas deviam ter conseguido sair do avião de Henderson, rastejado por mais de três quadras e começado a pôr ovos? Ops! Lá se vai o bairro todo! Antes de tudo aquilo, a única coisa que ele sabia sobre aranhas era que tinha um pouco de medo delas. Mas nada disso importava. Não. Agora ele era um especialista. Jesus.

— O que você fez com as bolsas de ovos que estavam naquele armazém? — disse Rosario.

Ele balançou a cabeça.

— Só fiz o que Melanie mandou. Ela perguntou se estavam quentes. Quando falei que não estavam, ela me mandou chamar alguns cientistas da universidade. Os cientistas vieram e puseram todas dentro de uns aquários para insetos.

— Insetários — corrigiu Leshaun.

— Tanto faz — respondeu Mike. — A questão é que eu não fiz nada.

Leshaun olhou para as bolsas de ovos.

— Então por que ela perguntou se estavam quentes?

— Sei lá.

— Então as do armazém não estavam quentes?

— Não — disse Mike. Ele balançou a cabeça para reforçar. — Já falei isso. Estavam frias, até. — Ele parou por um instante e foi até o canto. Estendeu a mão e hesitou. Não estava muito disposto a encostar nelas. — Mas ela pareceu ficar mais tranquila com isso, então acho que quente é ruim.

Rosario e Leshaun se limitaram a encará-lo. À espera.

— Sério? — disse ele.

Rosario balançou a cabeça.

— Eu não vou encostar nisso, e, qual é, você já está bem aí do lado delas.

— Leshaun?

— Poxa, cara, ainda estou me recuperando de um tiro. Fique à vontade.

— Vão se foder os dois — disse ele. E estava falando sério.

Ele sentia arrepios só de pensar em levantar o braço de novo, estender a mão e

encostar nas bolsas de ovos, mas vamos lá.

Estavam mornas. Como pão recém-saído do forno. E, embora parecessem feitas de giz, estavam ligeiramente grudentas. Era como tocar o couro áspero de uma bola de basquete.

Havia um protocolo que todos deviam seguir. Mais ou menos. Na verdade, o protocolo não era lá essas coisas. Na semana seguinte ao dia em que Mike encontrou aquela primeira colônia de bolsas de ovos no armazém a algumas quadras dos destroços, parecia que a agência tinha chamado cada policial, bombeiro, paramédico, segurança, guarda de trânsito, escoteiro e escoteira de Minneapolis. Se a pessoa conseguia andar e seguir qualquer conceito de ordem, ela ia à caça. Todo mundo recebeu uma foto novinha em folha das bolsas e instruções rigorosas: avisem. Estabeleçam um perímetro e tomem cuidado para que ninguém encoste nelas. Só isso. Avisem e esperem. Os mandachuvas de Washington ainda estavam tentando definir o protocolo para lidar com a infestação.

Apesar de ter tanta gente procurando, eles só tinham encontrado quatro locais em Minneapolis: o primeiro trio de bolsas no armazém, uma única bolsa em uma árvore nos limites do terreno da escola onde o avião tinha caído, duas bolsas debaixo de uma van estacionada atrás de uma empresa de artigos para escritório, nove em um restaurante com vidraças grandes e mais ou menos uma dúzia ali na garagem daquela casa simpática.

A princípio, as buscas tinham sido feitas à moda antiga, abrindo um leque a partir do epicentro e olhando aqui e ali. Tinham feito como se fosse um caso de pessoa desaparecida, esquadrinhando a área em volta do local do acidente e aumentando a distância cada vez mais, conferindo sistematicamente cada segmento do espaço. Mas, depois da segunda ou terceira bolsa encontrada, a coisa virou um trabalho de cão. Literalmente. Os cachorros piravam completamente quando chegavam perto das bolsas de ovos. E não precisava ser nenhum cão treinado da polícia ou do esquadrão antibombas. As bolsas de ovos embaixo do chassi da van foram descobertas por uma universitária que estava passeando com seu chihuahua. O cachorro surtou de repente e começou a latir e rosar, como se aquele bicho de três quilos fosse fazer frente às aranhas.

Então passaram a usar cachorros, e os cachorros acharam os outros locais de infestação, e então... eles esperaram.

Só isso. Levar agentes para os locais e esperar sentado. Mike achava que parecia loucura. Aqueles troços eram letais, e as pessoas tinham só que ficar esperando? Mas quem era ele para decidir qualquer coisa? Não era nenhum especialista.

O problema era que esperar sentado poderia ser uma atitude aceitável em todos os outros locais, onde as bolsas de ovos estavam secas e inertes e frias como as do armazém, mas aquelas estavam mornas e *zumbindo*. De jeito nenhum aquilo era um bom sinal. Talvez ele estivesse disposto a acreditar que tudo ficaria bem se Melanie Guyer estivesse ali do seu lado, sorrindo, prometendo que sim.

Mas ela não estava.

Ele não tinha nenhum consolo. O que tinha era o parceiro Lleshaun, a agente Rosario e uns vinte e poucos sujeitos com distintivos e uniformes coçando o saco. E tinha um punhado de bolsas de ovos que estavam mornas e vibrando e fazendo barulho.

Então tinha uma escolha. Poderia esperar para ver o que aconteceria, ciente de que havia algo muito errado ali, ou poderia agir. Mas, se quisesse agir, que merda ele deveria fazer?

Pensou na primeira aranha que viu. Estava visitando Lleshaun no hospital quando o diretor da agência ligou para dizer que o jatinho de um dos homens mais ricos do mundo, o bilionário da tecnologia Bill Henderson, da Henderson Tech, tinha caído a algumas quadras dali. A massa arruinada de destroços tinha sido horrível, mas Mike imaginou que era só um bilionário com um azar do cacete. Até que viu a aranha abrir um buraco no rosto de Henderson. A cena parecia saída de um filme de terror, e piorou ainda mais quando a aranha ferida insistiu em ir na direção dele, arrastando duas patas inúteis, mas ainda implacável. Ele tinha feito um corte feio na mão, e o sangue, pingando e pingando no chão, parecia atrair o monstinho como o canto de uma sereia. Ele se lembrava disso com uma nitidez extraordinária. E, meu Deus, o som dos passos dentro daquele avião! Ele passaria o resto da vida escutando aquele som em seus pesadelos, o barulho crocante de pipoca das aranhas queimadas sob seus pés.

Não. Espere. Ele tinha tido uma ideia. Fogo.

— Vamos queimar — afirmou ele.

Talvez ele *fosse* mesmo o especialista.

Com certeza foi assim que ele se sentiu pelos quarenta e cinco minutos seguintes. Não tinham nada parecido com um lança-chamas, embora um policial tapado tivesse sugerido usarem a churrasqueira do dono da casa. Felizmente, um dos bombeiros era o responsável pelas sessões de treinamento do departamento e sabia como iniciar incêndios a um nível quase preocupante. Mike mandou os policiais montarem um cordão de isolamento e evacuar todo mundo a uma quadra de distância dali, e depois deu ordem para chamarem mais caminhões de bombeiro para molhar as casas vizinhas. Aquela casinha simpática seria sacrificada. Quanto a isso, não tinha muito jeito. Mas ele tinha bastante certeza de que era exagero queimar o bairro inteiro. Provavelmente. Talvez não.

— Acho que estamos prontos — disse o bombeiro. — Armei de um jeito que vai esquentar muito e muito rápido. Tem bastante fluxo de ar, então a garagem vai virar um inferno absurdo. Não deve dar tempo para nada escapar. Provavelmente.

— Esse provavelmente que você acrescentou aí no fim foi incrivelmente reconfortante.

— Foi mal. Vou conferir uma última vez — disse o bombeiro.

Depois de alguns minutos, o bombeiro fez sinal de positivo. Pronto para começar.

Mas Mike não tinha certeza. Ele indicou para esperarem.

Dane-se.

Ele pegou o celular e ligou para ela.

O telefone tocou três, quatro vezes, e bem quando ele estava achando que a chamada cairia na caixa postal, Melanie atendeu.

— Não é uma boa hora, Mike.

— Não estou ligando para chamar você para jantar — disse ele, e ficou contente ao ouvir uma pequena risada. — Achamos algumas bolsas de ovos preocupantes aqui.

— Quantos locais já foram? Três? Quatro?

— É o quinto.

— Olha, sinto muito, Mike, mas estou meio que morrendo aqui. — Mike não conseguiu distinguir muito bem o som no fundo da ligação. Uma espécie de zumbido. — Não estou dormindo nada, e as pessoas estão contando comigo, e eu adoraria bater papo, mas não posso. Só continuem com o que vocês já estão fazendo. Fiquem de olho e avisem se alguma coisa mudar.

— Hum, é. A questão é essa. — Mike atravessou o gramado e foi até a varanda, onde poderia falar com mais privacidade. Havia duas cadeiras de balanço brancas, e ele se sentou em uma. — Estas bolsas estão mornas e vibrando.

Mike apertou o telefone junto à orelha. O barulho de fundo ainda estava lá, mas nada de Melanie.

— Alô? Melanie?

A voz dela finalmente voltou.

— Vibrando?

— É. Sabe quando a música está alta e a gente coloca as mãos na caixa de som e dá para sentir o bum, bum, bum? Enfim, eu sei que a gente devia só ficar olhando e tal, mas preciso admitir: estou ficando nervoso.

Ele viu o bombeiro sair da garagem e começar a afastar as outras pessoas de uniforme. O bombeiro olhou para Mike, nitidamente ansioso, mas Mike levantou a mão para indicar que ele devia esperar mais um pouco.

— Merda. Merda, merda, merda — disse Melanie.

— É, eu estava com medo de que você fosse reagir assim. — Ele hesitou por um instante. — Só para deixar claro, estou entendendo certo, não é? Estas coisas estão prestes a eclodir?

— E os outros locais em Minneapolis?

Ele balançou a cabeça e então se lembrou de que estava ao celular.

— Nada. Frias e ásperas.

— E vocês só acharam cinco locais em Minneapolis? E todas são infestações relativamente pequenas? Só algumas bolsas em cada um? No máximo vinte e poucas?

— É. Espere. O que você está escondendo?

Ele ficou escutando o barulho de fundo no telefone, tentando imaginar o que Melanie estaria fazendo, tentando imaginar se lá estava pior.

Muito pior, evidentemente.

Ela hesitou, mas contou tudo. Enquanto a ouvia falar das infestações em Los Angeles, do que estava acontecendo na Coreia e na Índia, na Inglaterra e no Japão, ele teve bastante certeza de que aquelas informações eram confidenciais, mas estava nítido que ela não aguentava mais. Em suma, eles tiveram sorte em Minneapolis. Um ou outro punhado de bolsas de ovos? No geral, algumas bolsas aqui e ali que não estavam eclodindo não eram motivo de preocupação.

— Mike — disse Melanie, a voz séria. — O problema é esse. Você entendeu bem. Eu gostaria de dizer que não é grande coisa. Não seria, se vocês tivessem só alguns locais com algumas bolsas de ovos, porque, em comparação com o resto do mundo, isso não é quase nada. Mas isso é partindo do princípio de que as bolsas estão frias. O que você está descrevendo é uma bolsa de ovos prestes a eclodir. Você precisa resolver isso. Agora. Não dá para esperar.

— Eu estava torcendo muito para você não falar isso, mas tudo bem. Vou resolver. Espere só um segundo.

— Não. Você não entendeu. Não dá para esperar um segundo. Agora. *Agora mesmo.*

— Pode deixar. Literalmente, agora mesmo.

Ele abaixou o celular e olhou de novo para o bombeiro. Fez sinal de positivo e esperou até as primeiras labaredas começarem a sair da garagem.

Era uma visão bonita, de um jeito estranho. Ele se levantou da cadeira de balanço e chegou o mais perto possível. Teve que recuar por causa do calor, mas descreveu para Melanie o que havia feito e o que dava para enxergar em meio às chamas: as bolsas de ovos se incendiaram e derreteram, algumas bolas pretas se abriram e rastejaram na direção da porta da garagem e então foram alcançadas pelas labaredas. Em pouco tempo, a garagem inteira parecia uma fornalha, e em questão de minutos a casa também foi pega no incêndio.

— Bom — disse ele —, pelo menos temos essa vantagem.

— O quê? — disse Melanie.

— As malditas não são resistentes a fogo.

— É melhor vocês conferirem os outros locais na cidade, para garantir que nenhuma das bolsas está esquentando — disse Melanie. — Se uma delas eclodir...

— Eu sei. Vou cuidar disso.

Ele pensou que devia desligar, mas não desligou. Sabia que ela estava ocupada, que tinha coisa mais importante para fazer do que ficar conversando com ele, mas era reconfortante segurar o celular junto da orelha e ficar respirando junto com ela.

— Mike — disse Melanie, a voz estava baixa. Pensativa. — Como é que sua filha se chama, mesmo?

— Annie. Ela está na casa da mãe agora. Ou talvez indo para o treino de futebol.

— Ele deu risada. — As coisas não estão exatamente normais, mas nem a dominação mundial das aranhas é desculpa para o treinador dela. Duas sessões por semana, além dos jogos, com ou sem aranhas. Ela só tem nove anos. Mal posso esperar para ver como vai ser a agenda quando ela entrar no ensino médio.

— Você tem como tirar ela da cidade?

— Como é?

Mike deu as costas para a casa incendiada e se afastou.

— Você tem como tirar Annie da cidade?

— O padrasto dela tem uma cabana no lago Soot. Fica a duas horas de viagem ao norte da cidade. Bem afastada. Mandeí eles para lá na semana passada, quando deu merda. Mas trouxe todo mundo de volta quando as aranhas começaram a morrer. Imaginei...

Ele girou nos calcanhares e olhou para a casa engolida pelas chamas. Era muito óbvio. Não era só aquela infestação. Não importava que as outras bolsas encontradas em Minneapolis ainda não exibissem sinais de que eclodiriam. Como ele pôde achar que seria só aquela casa? Podiam procurar à vontade, e talvez conseguissem achar todas as bolsas de ovos de Minneapolis. E talvez tivessem sorte e as bolsas estivessem todas frias e secas, esperando para eclodir em algum momento no futuro. Mas eles nunca achariam *todas* as bolsas. Ou, se achassem todas as de Minneapolis, deixariam algumas passarem em Los Angeles. E, se não fosse em Los Angeles, seria em algum outro lugar. As aranhas já haviam se espalhado para além da possibilidade de contenção. Havia mais. Claro que havia.

Melanie não estava falando para ele tirar Annie da cidade à toa.

Eles estavam sem tempo.

Casa Branca

Pela primeira vez, Manny não estava preocupado com as pesquisas de opinião. Principalmente porque eles não tinham se dado ao trabalho de fazer pesquisas desde que o cargueiro atingiu Los Angeles e despejou um milhão daquelas filhas da puta assassinas em solo americano. O que uma pesquisa de opinião apontaria? Que os americanos não gostavam de ser devorados por aranhas? Sim. Informação muito útil. Ele podia bolar uma campanha a partir desse tipo de coisa: Steph, deixe claro que você se opõe às aranhas. Você, como candidata, e nós, como partido político, somos bastante antiaranha. Cartazes e letreiros com uma silhueta preta de aranha no meio de um círculo cortado por uma grande barra vermelha. Multidões bradando “Fora aranhas!”. Ah, era uma estratégia infalível. O único jeito de melhorar seria se o outro lado escolhesse um candidato pró-aranha. Contra um candidato pró-aranha, Steph ganharia com um pé nas costas.

Ele balançou a cabeça e tomou um gole de Coca Diet. Estava ficando um pouco mareado. Era coisa demais para assimilar. Homens e mulheres de uniforme entravam e saíam sem parar da Sala de Situação, assessores corriam com pastas e xícaras de café, e também estavam lá ministros e analistas e praticamente todo mundo que cabia. No canto, Ben Broussard, chefe do Estado-Maior Conjunto, estava com Billy Cannon, o secretário de Defesa, e uma quantidade suficiente de generais estrelados

para formar uma constelação. E, do outrolado da mesa, Alex Harris, a conselheira de segurança nacional, discutia com alguns analistas da CIA. À direita de Manny, a presidente Stephanie Pilgrim escutava enquanto dois analistas seniores explicavam sobre a assolação na China. Assolação literal, já que a China havia explodido metade do próprio território.

Manny tomou outro gole de refrigerante. Pelo menos ele tinha conseguido dormir um pouco. Não muito, mas não precisava mesmo de muito. Era engraçado como ele só precisava de um pouco. Verdade fosse dita, ele era meio atarracado. Algumas pessoas estranharam quando ele e Melanie se casaram. Ela, com um metro e oitenta e corpo atlético, ficava deslumbrante tanto com um vestido de gala quanto de calça jeans e camiseta, e ele parecia desalinhado até quando estava de smoking. Mas, se não era um espécime primoroso como alguns dos militares que circulavam para dentro e para fora da Sala de Situação, pelo menos trabalhava mais que todo mundo. Era isso que Manny Walchuck fazia. Trabalhava mais. Ele era ralador. Endireitou-se na cadeira e olhou para a tela. O incêndio no Staples Center estava passando em *looping*.

Ele já havia visto a filmagem uma dezena de vezes, mas ainda era difícil de olhar. As ruínas do estádio eram nítidas à luz do dia. *Olha só a Califórnia*, pensou Manny. A Califórnia não queria saber de aranhas que tinham chegado para comer a raça humana. A Califórnia, e Los Angeles especialmente, era sol e calor. Não o que se esperaria ver na Sala de Situação. Desde que tomou posse, Steph tinha descido ali oito vezes para acompanhar alguma operação militar. Um ataque de mísseis. Soldados invadindo um complexo. Mas todos aqueles vídeos tinham um elemento em comum: o filtro esverdeado e granuloso da visão noturna, sombras escuras e clarões. Aquela imagem, o Staples Center à luz do dia, era perturbadora.

Houve quem defendesse deixar o estádio em paz por alguns dias. A ideia era tentar catalogá-lo e contar as bolsas de ovos, mas Manny dera um basta naquilo. As ruas de Los Angeles estavam cheias de tanques e a cidade estava destruída. Melhor estimativa? Dois milhões de mortos. Três? Ninguém sabia. Era a pior tragédia que os Estados Unidos já viram. E as pessoas queriam estudar um estádio cheio de bolsas de ovos?

De jeito nenhum, dissera Manny. *Queimem tudo*. Então eles queimaram. Cordite ou termita ou alguma coisa do tipo. A força aérea tinha sugerido bombardear o edifício, mas havia o receio de que as aranhas voariam na onda de choque da explosão. Correntes de ar. Então optaram pelo bom e velho fogo. A pessoa responsável, quem quer que tivesse sido, planejou para que as chamas fluíssem de fora para dentro, conduzindo quaisquer aranhas para o meio. Segundo o relatório, a temperatura lá dentro tinha alcançado milhares de graus. Quente o bastante para até o ar pegar fogo.

Nada poderia sobreviver.

O que teria sido extremamente reconfortante se Melanie não estivesse tão certa

quanto às aranhas terem depositado ovos em vários outros lugares. Se o simples incêndio do Staples Center fosse resolver tudo, ele estaria tirando um cochilo agora, mas não resolveu. Bolsas de ovos estavam espalhadas por toda Los Angeles. Também tinham uma bela imagem da situação: um mapa marcado com locais de infestação. A cidade inteira estava tomada. Alguns eram pequenos — cinquenta, sessenta bolsas —, e outros eram mais ou menos da mesma escala do Staples Center. E ele poderia aceitar isso, só que sabia que de jeito nenhum todos os locais seriam encontrados. Não com a cidade arruinada, não com tantos mortos e tanta...

Ah. Jesus Cristo. Parte de Manny queria se levantar dali, falar “Foda-se” e dar no pé. Pegar uma suíte no Ritz, pedir serviço de quarto e ver televisão até aquilo acabar.

Mas ele não podia fazer isso. Não era de desistir. Então precisaria se contentar com o vídeo do Staples Center queimando até não sobrar nada. Ele gostava de ver a construção ceder e desabar. Era o mais perto que ele conseguia chegar de se sentir reconfortado.

Além do mais, sempre tinha torcido para o Celtics.

Sentiu um toque no cotovelo e levantou o olhar para ver Steph.

— Precisamos conversar — disse ela.

Eles saíram juntos da sala e andaram alguns passos pelo corredor. Não estavam exatamente sozinhos — a presidente nunca chegava a ficar sozinha na Casa Branca —, mas havia um perímetro de privacidade, e ela falou baixo.

— Preciso que você dê uma palavrinha com Ben Broussard — disse Steph. — Ele e o restante do alto-comando estão começando a cantar aquele refrão de sempre, de que eu sou incapaz de entender as consequências militares.

Manny deu um suspiro. Ben Broussard, o chefe do Estado-Maior Conjunto, era um babaca na melhor das hipóteses. Não que aquela fosse a melhor das hipóteses. Ele vinha fazendo pressão por mais ação militar. Dizia que, se os chineses estavam jogando bombas nucleares, os Estados Unidos não deviam se preparar para fazer o mesmo? O cara estava a um passo de virar o dr. Strangelove.

— Vou falar com ele — respondeu Manny, mesmo sabendo que não adiantaria.

Broussard não gostava muito dele. Também não gostava muito de Steph. Broussard tinha sido um dos pontos cegos de Manny, o que ele só percebeu quando era tarde demais. Manny conhecia Steph havia tanto tempo, trabalhara por tanto tempo com ela, que muitas vezes esquecia que havia homens que não suportavam a ideia de ter uma mulher no comando. Claro, quando tudo estava tranquilo, isso não era um problema. Quando os russos eram só vilões caricatos dos filmes da Era Reagan e os chineses eram mais uma ameaça econômica do que um motivo constante de preocupação militar, homens como Ben Broussard estavam dispostos a deixar Steph brincar de ser presidente. Porque era assim que eles pensavam: era algo que eles a deixavam fazer. Como se ela fosse uma menina bonitinha brincando de ser gente grande. Steph tinha aceitado o conselho dele de confirmar Broussard, o que foi um erro. Mas o erro maior foi quando eles o deixaram permanecer no cargo

depois de finalmente entenderem que tipo de homem ele era. O problema era que já era tarde demais para tomar alguma providência. Agora que importava, agora que havia uma ameaça de verdade, crucial e assustadora, agora que Broussard achava que era hora de homens como ele assumirem o comando, era tarde demais para substituí-lo. Manny teria que contorná-lo.

— Vou falar com Billy também — afirmou Manny.

Billy Cannon. O secretário de Defesa. Talvez fosse só uma questão de confiança. Cannon era militar de carreira, tinha condecorações e uma cicatriz de batalha. Inteligente o bastante para o jogo político e confiante o suficiente para não dar a mínima para a política em questões importantes de verdade. Cannon reconhecia a verdade, que era que Steph era uma baita presidente.

— Você está fazendo aquilo, não é? — perguntou Steph. Ela acenou com a cabeça para alguns fuzileiros que bateram continência ao passar. — Mexendo as peças naquele pequeno tabuleiro de xadrez da sua cabeça?

Manny deu de ombros.

— Posso falar para Broussard que você vai querer escutar o plano de contingência que ele fez para evacuar a costa oeste e isolar tudo ao leste do Mississippi. É bobagem, porque seria impossível, mas posso botar ele para conversar com Cannon. Cannon vai colaborar, e assim Broussard vai parar de pegar no seu pé por alguns dias.

Steph assentiu e se virou para a porta que dava no Salão Oval. Ela ligou para a secretária para avisar que não queria ser interrompida e então levou Manny pelo Salão Oval até seu escritório particular, menor e mais íntimo.

Assim que a porta se fechou, ela o puxou para si e o beijou.

— A gente tem uns vinte minutos, no máximo. Capriche.

Ele não devia ter ficado surpreso, mas ficou. Ele e Steph se envolveram várias vezes desde que se conheceram. Primeiro durante grande parte da faculdade, e depois nos intervalos entre os relacionamentos de cada um, e aí pararam de vez quando ele se casou com Melanie. E tinham voltado, mais ou menos, nos últimos anos. George, o Primeiro Maridão, era gente boa, mas só isso. Ela nunca amara muito George. Talvez, em um mundo diferente, Steph tivesse se divorciado e encontrado outra pessoa, mas o mundo em que ela vivia não era assim. Os eleitores não estavam preparados para um homem divorciado na Presidência, que dirá uma mulher. Os adversários políticos já faziam de tudo para pintar Steph como uma completa vadia. Ela precisava andar em uma corda muito bamba. Então era uma situação que funcionava bem tanto para ela quanto para Manny. Os dois tinham uma libido grande, ainda que o motor político de ambos rodasse a uma frequência ainda maior. Steph não ia encontrar ninguém mais discreto que Manny, e, como chefe de gabinete, não sobrava muito tempo para ele namorar. Era uma situação conveniente. Eles nunca conseguiram levar uma vida de casal — Manny desconfiava que não fazia parte da natureza dos dois —, mas eram perfeitos para trepadas ocasionais. Ele

riu quando pensou nisso. Que termo indigno. Dava mesmo para ter trepadas ocasionais com a presidente dos Estados Unidos? Se bem que não era a primeira vez que esse tipo de situação inusitada acontecia dentro e perto do Salão Oval.

Ela se aproximou para beijá-lo de novo e Manny recuou ligeiramente.

— Sêrio? Agora?

— Pelo amor de Deus, Manny, se você tentar me dar uma lição de moral agora, nós vamos ter problemas.

— Não, é só... É só que parece que estamos no meio de...

— Manny Walchuck, se você também tentar me explicar sobre a situação em que a gente está, vou mandar você ser executado por um pelotão de fuzilamento na frente da Casa Branca. Por favor, não tente me dizer o que é adequado ou inadequado. — Ela se inclinou de novo, e dessa vez ele aceitou um beijo leve nos lábios. — Há quanto tempo você me conhece? O que é que me ajuda a relaxar? Bom, estamos trabalhando sem parar há mais de dez dias, e eu preciso de uma folga. Mas não vou poder tirar folga, então é isto o que eu quero. Posso ser a presidente dos Estados Unidos, mas também sou Stephanie Pilgrim. Acho que poderia nadar um pouco ou correr na esteira ou até ver um episódio de alguma série idiota, mas não é disso que eu preciso agora.

Ela estendeu a mão e passou os dedos pela nuca e pelo cabelo dele.

— Desculpe. É só que provavelmente alguns telefonemas...

— Manny, estou pedindo para você, meu amigo, fazer isso por mim. Preciso extravasar um pouco, e acho que assim é mais rápido e saudável do que engolir um pote de sorvete durante um episódio de algum *reality show*. Então, a gente tem duas opções agora. Você é meu amigo mais antigo, meu amante de longa data, e uma das poucas pessoas em quem eu confio completamente. Pode fazer amor comigo agora porque, ao nosso modo esquisito, nós nos amamos, ou pode obedecer à ordem da presidente dos Estados Unidos. Como vai ser?

Manny sorriu.

— Uma mulher poderosa é bem sexy.

— Nesse caso — disse Stephanie —, eu, a presidente dos Estados Unidos, emitirei um decreto presidencial. Ordeno que você, Manny Walchuck, faça amor comigo.

— Sim, senhora.

— E capriche.

Ossos do ofício.

Ilha Càidh, Enseada Ròg, Ilha de Lewis, Hébridas Exteriores

Aonghas viu Thuy atravessar a água.

Era inacreditável que ela aguentasse nadar. Ele estava sentado em uma pedra, com um suéter de lã irlandês grosso, e ainda assim sentia frio. Era o tipo de suéter tricotado à mão que os turistas compravam por uma fortuna quando visitavam as ilhas Aran. Havia versões mais baratas fabricadas na China, no Camboja ou em algum lugar desses onde as pessoas importavam roupas produzidas em escala industrial, mas as peças autênticas ainda eram tricotadas à mão. Às vezes por senhorinhas, às vezes por homens que precisavam ganhar dinheiro de algum jeito quando o mar estava revolto demais para a pescaria. Aonghas já havia ouvido mais de uma vez que cada cidade tinha a própria estampa, de modo que, quando um corpo era resgatado do mar — depois de perder orelhas, olhos e o que sobrou do rosto para os peixes —, pelo menos dava para saber de onde a pessoa tinha saído. Os bons suéteres, e aquele era um bom suéter, tinham uma malha tão apertada que os borrifos de água do mar não conseguiam penetrar. Mas mesmo um bom suéter não estava conseguindo mantê-lo aquecido, e Aonghas não entendia como Thuy aguentava ficar na água.

Ela disse que aquilo a fazia se sentir viva, cheia de energia. Thuy havia nadado a

vida inteira. Era alta, especialmente para alguém de ascendência vietnamita, e, embora não competisse desde que perdeu as classificatórias dos Jogos Olímpicos por um décimo de segundo, ainda gostava de ficar na água sempre que possível. Até ali, na ilha Càidh. Todo dia de manhã, desde que eles se isolaram, Thuy vestira o maiô, a touca e os óculos de natação e entrara na água. Nunca ficava muito tempo. Cinco minutos, talvez dez. Naquele dia estava mais para dez.

Ela subiu para as pedras, batendo queixo e com a pele azulada. Aonghas se aproximou e a envolveu com a toalha grossa de algodão. Esfregou os ombros dela e a beijou. Sentiu gosto de sal. Os lábios pareciam cubos de gelo.

— Melhorou? — perguntou ele.

— Melhorou.

Aquele tinha sido o pequeno ritual dos dois durante aquela última semana. Parecia quase uma espécie de promessa.

Ela apertou a toalha em volta do corpo e estendeu a mão para que ele pudesse colocar o anel de noivado de volta. Thuy tinha medo de que pudesse cair do dedo para as profundezas do mar enquanto nadava. Ele o enfiou no dedo. Gostava de ver o anel na mão dela.

A voz retumbante do avô dele veio de trás.

— Você arrumou uma maluca, Aonghas — disse Padruig. — Gostei. Uma mulher tão maluca quanto você.

Isso também fazia parte do ritual. Thuy nadava, Aonghas perguntava se ela se sentia melhor, Thuy dizia que sim, e Padruig falava que os dois eram doidos.

Rituais eram a única coisa que lhes restava. Já eram quase sete da manhã, o que significava que Padruig havia posto a mesa e preparado uma jarra de café bem quente. Eles se sentariam para comer — granola e iogurte caseiro com frutas retirado do freezer e ainda um pouco duro, algum pão, salgado ou doce dependendo da vontade do avô de Aonghas e suco de laranja feito de concentrado congelado — e escutariam a rádio Nan Gàidheal da BBC. Depois do café da manhã, ele lavaria a louça enquanto Padruig e Thuy jogavam algumas partidas de Palavras Cruzadas. O velho ficava maluco de ver que a noiva de Aonghas ganhava todas, mas ainda assim eles jogavam. No meio da manhã, ele e Padruig fariam quaisquer reparos necessários. À tarde, os três liam ou cochilavam e, depois do jantar, tomavam xerez e jogavam baralho. Se não fosse pelo que os aguardava do lado de fora daquela pequena fortaleza, onde a ilha Càidh acabava e o resto do mundo começava, aquilo podia parecer férias.

Mas a realidade estava ali. Em respeito a isso, Padruig permitia que Thuy deixasse o celular ligado. Na verdade, ele insistia. Nunca havia ocorrido a Aonghas tentar levar um celular para a ilha. Sem contar a tendência bem documentada de seu avô de considerar qualquer objeto tecnológico uma coisa sórdida, o fato de que Thuy conseguia pegar sinal ali era uma grande surpresa. Aonghas mal conseguia sinal em sua casa em Stornoway.

Quando chegaram à ilha Càidh pela primeira vez, antes de o mundo ir para o buraco, ela conseguira sinal suficiente para receber pelo menos um e-mail. Mas agora, embora o celular mostrasse uma ou duas barras, nada chegava. O celular bem podia ser um abajur. Thuy não conseguia acessar a internet e nem as mídias sociais e não teve notícia dos pais ou do irmão. Embora o noticiário do rádio anunciasse que os sistemas de comunicação do mundo inteiro estavam sobrecarregados, cada dia sem saber da família deixava Thuy ainda mais tensa. A BBC disse que Edimburgo tinha sido poupada das aranhas, mas que houve pânico e saques, e que o pânico resultou em pelo menos duzentas pessoas mortas em incêndios e acidentes. Os dois homens tentaram consolá-la, explicar que era bem pouco provável que a família dela tivesse sofrido qualquer coisa com as loucuras causadas pelo medo, mas não adiantava. Aonghas sabia que parte da ansiedade se devia à preocupação de que seus pais estariam preocupados com *ela*. O que fazia sentido. Eles tinham visto um homem explodir com aranhas no aeroporto de Stornoway, e foi só por sorte que conseguiram sair de lá. Os pais de Thuy teriam ouvido a notícia de que todos os voos tinham sido cancelados, teriam passado aquela semana angustiados sem saber se a filha estava em Stornoway quando as aranhas chegaram, talvez estivessem até de luto.

Thuy sorriu para Padruig e deu um beijo no rosto dele antes de sair na direção do castelo. Se era um milagre o fato de que eles ainda estavam vivos, talvez fosse um milagre ainda maior o fato de o avô de Aonghas ter aprovado a decisão dos dois de se casarem. Na verdade, Aonghas desconfiava que seu avô talvez gostasse mais de Thuy do que do próprio neto. Ele fez menção de ir atrás dela, mas Padruig o segurou pelo braço.

— Espere um minuto — disse o avô. — Eu estava pensando na sua pergunta.

Aonghas olhou para o velho, confuso.

— Que pergunta?

— Aquilo que você falou quando voltou para a ilha.

Aonghas balançou a cabeça.

— Acho que não lembro direito. Só sei que estava com medo e aliviado. Com medo do que nós tínhamos visto e do que estava acontecendo, e aliviado pelo fato de que você é tão doido que nós temos nossa própria ilha.

— Bom, sim. Mas a pergunta é importante. Você me perguntou por que elas estavam vindo à tona ao mesmo tempo. Não lembra? — Padruig esperou até Aonghas balançar a cabeça de novo. — Por quê. Foi isso que você falou. Não *como* as aranhas estão aparecendo de repente pelo mundo inteiro, mas *por quê*.

— E daí?

— Acho que talvez eu tenha a resposta.

Primeiro Posto de Verificação Avançado, Zona de Quarentena de Los Angeles, Califórnia

As cercas faziam um zigue-zague e formavam um corredor de quilômetros de comprimento para conduzir as pessoas. A cabo Kim Bock não conseguia enxergar onde terminava. A fila andava a um ritmo razoável. Centenas de pessoas por hora. Mas parecia tão irrelevante que era como se não estivesse andando nada. A multidão nunca diminuía.

Mães e pais e filhos e filhas. Homens vestidos com trapos ou ternos. Famílias com malas e crianças com as mochilas da escola, tudo arrumado às pressas com tudo o que deu para salvar. Refugiados. Dezenas de milhares de refugiados americanos.

E o pior era que ela sabia que a massa de gente à sua frente era só uma fração do que tinha sido. Aquelas eram as pessoas que sobraram. Eram as sobreviventes.

O pelotão de Kim havia sido informado de que os militares estavam realizando operações dentro da zona de quarentena para encontrar possíveis locais de infestação. “Infestações”, disse Joe Branquelo, depois de falar com o pai, um figurão qualquer no Capitólio — não um político de verdade, mas melhor que isso, um daqueles caras que passavam informações aos políticos —, “infestações” era o código militar para um monte de bolsas de ovos cheias de bebês de aranha esperando para nascer por toda Los Angeles. Sem falar nas pessoas andando na frente de Kim e

de sua unidade, que também podiam estar cheias de aranhas. Segundo as informações mais recentes, as aranhas tinham se dispersado por um raio de oito quilômetros a partir do centro de Los Angeles e então começaram a cair mortas. Não, na verdade, não era bem isso. Até onde os militares conseguiam ver, os monstros pavorosos tinham avançado quase onze quilômetros e então começaram a recuar e pararam em oito, uma espécie de retirada aracnídea, e *aí* caíram mortas.

— Como se montassem fortificações — comentou o soldado Elroy Trotter.

Ele estava com o M16 aninhado nos braços e observava a fila de refugiados que se arrastava em sua direção.

O grupo dela tinha trabalhado na cerca desde as quatro da madrugada e a manhã já estava no fim. Eles ficariam de serviço até as quatro da tarde. Até que não era ruim. Nos primeiros dias, eles tinham feito turnos de dezoito, vinte horas.

Em alguns aspectos, a situação fazia Kim se lembrar das filas de segurança nos aeroportos. Como passageiros esperando para passar pelas máquinas de raios X. Não era uma metáfora perfeita, porque eles não tinham máquinas de raios X, mas dava para o gasto. Se bem que máquinas de raios X teriam sido ótimas.

— Fortificações? Como assim? — perguntou Kim.

O pelotão dela estava perto do gargalo. As cercas se estreitavam até obrigar os refugiados a andarem em fila única. No final, tinha uma espécie de baia, por onde todo mundo precisava passar, e ali realmente *lembrava* a indignidade de um aeroporto americano. Mas pior. Em um aeroporto, as pessoas tinham que tirar os sapatos e o laptop da mochila, mas ali nada podia avançar. Nenhuma bolsa, nenhuma sacola, nenhum telefone, nenhuma carteira. Nenhum pedaço de roupa sequer.

Por um lado, parecia exagero, mas, por outro, como o soldado Joe Branquelo tinha observado, já que ninguém sabia exatamente de onde diabos aquelas aranhas tinham saído, como podiam ter certeza de que elas não esconderiam ovos em maletas ou na barra de uma calça? Como percevejos, só que um pouco mais sanguinolentos. Não que roupas ou malas fossem o maior motivo de preocupação deles, claro. O maior era que uma daquelas pessoas fosse uma bomba-relógio, que algum homem ou mulher pudesse vir caminhando pela fila, largando a roupa pelo chão sem reclamar e esperando sua vez até que — *pá!* — o corpo se abrisse e viraria aranha-lã.

Elroy fez sinal para que um velho negro avançasse para a baia. O homem pareceu desconfiado. Dentro da baia, as pessoas recebiam a ordem de se despir e jogar todos os pertences em uma caçamba. Sempre que a caçamba ficava cheia — o que acontecia no mesmo ritmo do avanço da fila —, ela era substituída e levada para alguns quilômetros dali, onde seu conteúdo era despejado na fogueira. A nuvem da fumaça cobria o céu todo.

— Vocês sabem, fortificações. Que nem castelos e tal. Pensem nas guerras de antigamente, não naquelas porcarias de táticas urbanas modernas em que a gente foi treinado — disse Elroy.

— É, nosso treinamento foi muito útil agora que a gente está enfrentando uma invasão alienígena.

O soldado Duran Edwards tinha passado as primeiras horas do turno babando por qualquer mulher mais ou menos bonita que tirava a roupa, mas já estava entediado. Deixaram de ser pessoas. Eram só peças em uma linha de montagem.

Kim ficou um pouco incomodada com a ideia de pessoas sendo tratadas como coisas. Era um pouco parecido demais com a imagem que ela fazia do que devia ter sido quando os nazistas distribuíam judeus pelos campos de concentração. O que, juntando o desconforto de se despir completamente e jogar fora as poucas migalhas que a pessoa tinha conseguido preservar da própria vida enquanto fugia de uma invasão apocalíptica de aranhas comedoras de carne, ajudava a explicar por que a fila de refugiados às vezes engasgava. A maioria das pessoas, homens, mulheres e crianças, parecia exausta, com olhos pesados de cansaço ou até só de resignação. Mas nem todos, e tinha muita gritaria. O que consolava Kim era que ela havia visto o que acontecia depois que os refugiados passavam da triagem. Fileiras e mais fileiras de ônibus esperavam para levá-los embora. Garrafas d'água e rações militares distribuídas em pilhas bem organizadas, cobertores e roupas para todo mundo. Apesar das reclamações dela e de seus companheiros de unidade, as forças armadas dos Estados Unidos tinham se superado. Era um baita feito de logística as coisas estarem correndo tão bem. Ela não sabia exatamente para onde os ônibus iam — uns tinham falado de Reno, outros, de Las Vegas —, mas, onde quer que fosse, era longe do pesadelo de Los Angeles, longe dos cadáveres e dos prédios cheios de bolsas de ovos.

— Não são alienígenas, Duran. Caramba.

O soldado Capanga balançou a cabeça.

Kim pensou por um instante no que Capanga tinha dito e depois olhou para o resto da unidade e para os caras na esquadra de tiro da soldado Sue Chirp, que estava trabalhando junto com eles. Ela ficou com a sensação de que, com capacetes e coletes à prova de balas, óculos escuros espelhados, fuzis e bolsos cheios, os fuzileiros que pareciam alienígenas.

— Até parece que o governo admitiria, se fossem alienígenas — resmungou Duran, que andava resmungando bastante nos últimos tempos.

— O que vocês sabem sobre a Primeira Guerra Mundial?

Elroy olhou para cada um do grupo, mas ninguém respondeu. Um dos refugiados, um homem bronzeado de quarenta e poucos anos, ouviu a pergunta e pareceu prestes a responder, mas a fila andou e ele seguiu em frente. Até Joe Branquelo estava quieto. Isso queria dizer que o que quer que Elroy estava falando era algo que Joe Branquelo já havia entendido e decidido que era importante.

— Em algumas partes da Europa, os Aliados e o Eixo combateram...

— O Eixo foi na Segunda Guerra — interrompeu Sue Chirp.

— Tanto faz. A questão é que os Aliados e os alemães fincaram pé e lutaram sem

parar pelo mesmo território. Às vezes durante meses e anos. Então eles cavavam trincheiras e instalavam arame farpado, e ficava uma terra de ninguém no meio. Dava para atravessar, claro, mas era praticamente suicídio. O lado oposto via você correndo e abatia com metralhadoras.

— E daí? — disse Capanga.

— Daí — respondeu Joe Branquelo, afastando a cerca de arame e entregando uma garrafa d'água para uma menininha que não devia ter mais do que quatro ou cinco anos — que as aranhas não recuaram de um raio de onze quilômetros para um de oito. Acho que elas nem entendem o conceito de bater em retirada, mas, mesmo se entendessem, por que recuariam? O governo não estava arrasando com os bichos nem nada. Como a gente percebeu bem rápido, balas não são a munição mais eficaz contra aquelas merdas.

— Então por que elas voltaram para oito quilômetros antes de morrer? — perguntou Capanga. — Se não foi uma retirada, foi o quê?

Joe Branquelo olhou para Elroy e esperou. Essa era uma das coisas que Kim gostava de Joe Branquelo. Ele provavelmente já tinha sacado dias antes, mas não ia se meter na história de Elroy. Elroy esperou até todo mundo no grupo olhar para ele. Para falar a verdade, o trabalho era tedioso. Entregar garrafas d'água e barras de cereais sempre que necessário e fazer a fila andar. Mais para trás, onde a multidão estava aglomerada e as cercas iam se estreitando, as coisas ficavam um pouco mais agitadas, e mais adiante, onde as pessoas eram distribuídas, de vez em quando soava barulho de tiro, mas ali na parte deles estava tranquilo. Era bom ter assunto para conversar.

— É uma tática defensiva — explicou ele. — Elas estão se preparando para reforçar a defesa. Liberam e garantem um perímetro, que nem os Aliados e o Eixo — ele gesticulou na direção de Sue —, que nem os alemães fizeram. Assim, dá para ver os inimigos chegando enquanto elas descansam. É uma terra de ninguém. Literalmente.

Kim empurrou o capacete um pouco para trás e enxugou a testa. Estava quente ali.

— De que isso adianta contra caças e morteiros e coisas assim? — perguntou ela. — E para que preparar uma defesa, aliás? Elas estavam ganhando.

Elroy hesitou. Todo mundo ficou esperando. E então ele deu de ombros. Todos ficaram calados por alguns instantes. O fato de ninguém falar não significava silêncio — com dezenas de milhares de refugiados e militares apinhados em uma área de alguns quilômetros quadrados, o burburinho de máquinas e geradores e o som constante de alto-falantes e cachorros latindo, nunca havia silêncio —, mas a interrupção pareceu algo sólido. Depois de alguns segundos, Kim se deu conta de que estava olhando para Joe Branquelo de novo. Todo mundo estava olhando para Joe Branquelo.

Ele balançou a cabeça.

— Não dá para pensar assim. Duran talvez até tenha razão. Nós devíamos tratar

isto como uma invasão alienígena. Não adianta nada tentar pensar que as ações delas têm alguma correlação estratégica concreta com o que a gente faria. Não sabemos nem se faz sentido pensar nas aranhas em termos de “elas”, como se fossem um exército com estrutura de comando. Cada aranha pode estar agindo sozinha, e nós estamos inventando significado para tudo, enxergando lógica onde não tem.

O soldado Hamitt Frank — Punhos — tinha ficado quieto o tempo todo. Na verdade, fazia alguns dias que ele não falava muito, mas então falou.

— Você acredita nisso? Acredita mesmo que não tem lógica?

Joe Branquelo pensou.

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Não. Não acredito. Tem uma lógica, mas ainda não descobrimos qual é. O que eu sei é o seguinte: não adianta nada pensar nesses bichinhos bizarros como se fossem um inimigo convencional.

Bem na frente dele, um rapaz, um garoto, empurrou uma mulher mais velha pelas costas.

— Ei, cuidado aí, babaca — disse Joe Branquelo.

O garoto pareceu que ia responder, mas foi esperto o bastante para perceber que tinha chamado a atenção de uma dúzia de militares armados. Ele seguiu em frente. Joe Branquelo balançou a cabeça.

— Estamos abusando da paciência dessas pessoas — disse ele, e então olhou para Kim. — Quando você pergunta de que adianta o perímetro defensivo delas contra armas modernas, está partindo do princípio de que essas aranhas estão *pensando* em armas modernas. O que quer que elas sejam, nunca tiveram nenhum contato com humanos modernos.

— Como é que você tem tanta certeza? — perguntou Kim.

Punhos riu.

— Você acha que a gente não saberia se elas tivessem aparecido antes? Esses bichos não são exatamente discretos, né?

— Mas a questão — continuou Joe Branquelo — é que a retirada delas não teve nada a ver com o nosso contra-ataque. Quando é que se recua? A gente só faz isso por dois motivos. Um é quando a gente está perdendo e essa é a única forma de sobreviver.

— Bom, já que elas não estavam perdendo, provavelmente podemos descartar essa opção — disse Elroy.

Risadas fracas. Kim sorriu também. Humor sombrio fazia parte de qualquer profissão como a deles. Bombeiros e policiais, soldados e motoristas de ambulância. Todos tinham a capacidade de rir das piores situações imagináveis. Caso contrário, seria insuportável.

— Tem razão — disse Joe Branquelo. — É difícil afirmar que estávamos botando os bichos para correr. Então qual é o outro motivo para bater em retirada? — Ele não estava perguntando, mas esperou um pouco de qualquer forma para dar ênfase. — Decisão estratégica. Ou para fortificar uma posição defensiva, ou para juntar forças

para a próxima ofensiva.

— E o que vai ser? — perguntou Kim.

Joe Branquelo deu de ombros.

— Talvez as duas coisas. Quer dizer, uma posição defensiva seria o mais provável, se considerarmos que, a esta altura, elas devem ter depositado ovos em centenas de locais diferentes em Los Angeles. Recuar e proteger os recursos. Só que elas recuaram e depois, aparentemente, morreram, deixando só os ovos para trás. Então esses são os recursos delas? Os ovos? Elas estão se preparando para partir para a ofensiva? Talvez. Daria para dizer que elas só estão esperando para avançar. Pensem na rapidez com que elas avançaram só usando seres humanos como hospedeiros e se espalhando por terra. Bom, da próxima vez que elas começarem a marchar, o primeiro ataque vai parecer brincadeira de criança. Não que vá fazer qualquer diferença.

— Como assim?

Joe Branquelo deu uma risada debochada.

— Do que adianta? A gente está aplicando uma quarentena aqui que já falhou. — Ele não precisava dizer. Não precisava lembrá-los do que havia acontecido na Rodovia 10, depois da queda de Los Angeles, quando tiveram que fugir da onda de aranhas que veio para cima deles, do pânico de carros e motoristas e tiroteios e explosões. — Podemos segurar esse pessoal todo aqui à vontade, examinar todo mundo até o fim dos tempos, mas o bicho já pegou. Em algum lugar, alguém que conseguiu fugir de Los Angeles está transportando aranhas. Ou, mesmo se não tiver ninguém, também não faz diferença. Aquelas aranhas morreram, mas puseram um monte de ovos, não foi? Ou seja, elas vão voltar. Estamos protegendo um galinheiro vazio.

Kim queria que ele estivesse errado, mas sabia que não estava. Ainda assim, não conseguiu se conter.

— Então por que a gente está aqui? Se, como você diz, a triagem é inútil, então de que adianta?

Joe Branquelo deu de ombros.

— As forças armadas são assim. Nem sempre os Estados Unidos vencem, mas a gente nunca perde. O que mais podemos fazer além de passar a impressão de que sabemos o que estamos fazendo?

— Então nós só seguimos ordens? — perguntou Kim. — Mantemos tudo organizado? Fingimos saber o que estamos fazendo?

Para ela, era uma série de perguntas, mas todo mundo à sua volta as tomou como afirmativas. Seguir ordens. Manter tudo organizado. Fingir saber o que estavam fazendo.

Depois disso, ninguém falou mais nada durante um tempo. Pelo menos entre si. De vez em quando, um deles trocava algumas palavras com algum refugiado. Entregava uma garrafa d'água ou uma barra de cereal ou só incentivava as pessoas a

continuar andando. Uns vinte minutos mais tarde, Kim parou para descansar, passou pelo portão e saiu da área do corredor. Ela parou em um banheiro químico e depois foi se sentar no Veículo Tático Leve. Ligou o motor e relaxou no ar-condicionado. Tentou olhar o celular, mas não tinha sinal. A rede ainda estava sobrecarregada.

Kim reparou que Sue estava ao seu lado, subindo no Hummer dela — o pelotão tinha uma mistura de veículos velhos e novos — e olhando na direção da área de triagem. Kim saiu do carro e também subiu no Hummer de Sue.

Elas ouviram os cachorros latindo. Ganindo. Uivando.

A triagem era um processo simples. Entrar na baia e tirar a roupa. O que os refugiados não sabiam era que o motivo para todo mundo ter que ficar pelado era mais complicado do que parecia. Claro, podia ser que alguma aranha estivesse escondida na mochila ou enfiada no gorro do casaco, mas não era com isso que todo mundo estava preocupado de verdade.

Assim que estivesse nu, cada refugiado passava por um rápido exame físico pelos fuzileiros. Talvez isso fosse um problema uns vinte anos antes, mas agora eram novas forças armadas, e havia uma quantidade suficiente de fuzileiros do sexo feminino para que homens e mulheres pudessem ser examinados separadamente. Nenhuma marca no corpo? Sem problemas. A pessoa passava para a segunda avaliação — os cachorros —, e depois para a liberdade. Mas, se a pessoa tinha algum corte ou arranhão ou ferimento qualquer sem nenhuma explicação óbvia, ela era submetida a um exame mais rigoroso. Esses refugiados eram afastados para outra área de contenção. Mas era rápido, já que só pouca gente precisava passar pelo exame adicional, e, se a pessoa estava com a família, podia esperar a mãe, o tio, a filha ou quem quer que fosse terminar o exame para seguir em frente — e também passar pelos cachorros — até os ônibus e os suprimentos.

Houve alguns alarmes falsos. Um idiota brincou que tinha engolido algumas aranhas e quase acabou levando um tiro por causa disso. O mesmo tipo de pessoa que achava engraçado chegar na fila do detector de metais do aeroporto e brincar dizendo que ia embarcar com uma bomba ou com um quilo de cocaína. Os exames físicos não tinham identificado ninguém infestado.

Mas os cachorros, sim.

Mais ou menos a cada uma ou duas horas, os cachorros surtavam.

No dia anterior, elas tinham atuado na área de triagem final, onde ficavam os cachorros. Uma mulher grávida tinha passado pela baia. Era uma mulher linda. Até Kim achou. Em parte porque ela parecia muito confiante e orgulhosa. A maioria das pessoas tentava se cobrir com as mãos e se encolhia para disfarçar a nudez. Mas aquela mulher, não. Ela devia ser de origem japonesa ou coreana — Kim não conseguia distinguir — e estava com a gravidez avançada. Sete ou oito meses. O cabelo ia até o meio das costas, e os seios estavam enormes e prontos para a chegada do bebê.

Quando ela passou pelo portão, os cachorros piraram.

Sempre havia entre cinco e dez cachorros militares em ação na área de triagem final, onde as pessoas passavam por um corredor estreito, separadas dos cachorros só pela cerca de arame. Kim tinha ouvido falar que em outros lugares, onde as pessoas estavam aglomeradas e esperando para entrar no corredor, os tratadores tentavam passar com os cachorros para fazer uma pré-triagem sempre que possível, mas ali na frente era muito mais organizado: um refugiado, um cachorro, um segundo. Geralmente. Mas não dessa vez.

Os cachorros latiam e rosnavam. Um deles avançou, puxando a coleira e derrubando o tratador de joelhos. Kim viu perdigotos pulando da boca dos cachorros enquanto eles uivavam e latiam e avançavam na direção da mulher grávida. Os tratadores ficavam fora da cerca, graças a Deus, porque caso contrário Kim não sabia se teriam conseguido impedir que a mulher fosse mordida.

A reação foi assustadora de tão rápida. Um grupo de quatro homens com trajes de proteção — na verdade, podiam ser mulheres também, porque Kim não conseguia distinguir nada por trás daqueles trajes de borracha laranja — entrou na área de contenção, pegou a mulher e a levou para uma van.

Fora da área de contenção, um homem jovem tinha passado por uma das áreas de triagem paralelas. Ninguém precisou explicar para Kim que o sujeito era o marido ou namorado da mulher. Ele gritou e correu atrás dela, batendo na parte de trás da van até que uma fuzileira que Kim não reconheceu se apiedou e deu uma coronhada na cabeça do cara.

O homem inconsciente foi colocado em uma maca e levado até a área de primeiros socorros.

A van com a mulher grávida foi embora. E não voltou.

Dali onde ela e Sue estavam, em cima do Hummer, Kim não conseguia ver bem a área de triagem final. O que não era um problema.

Ouvir os cachorros já era bem ruim

Dali, dava para ouvir os latidos.

Dali, dava para ouvir os gritos de outro ser humano sendo separado à força de um ente querido.

Escritório da CNN, Atlanta, Geórgia

Teddie Popkins acordou de repente. Ela tinha pegado no sono com a cara no teclado. Quanto tempo havia dormido? Dava para sentir a marca das teclas no rosto. Uma pequena lembrança de seus hábitos de sono. Felizmente, o computador estava desligado. Uma vez, em Oberlin, ela tinha dormido enquanto estava digitando um trabalho para a faculdade e depois acordou com quase quinhentas páginas de bobagem, um efeito colateral da bochecha no teclado. Em outra ocasião, ela estava segurando uma lata de refrigerante e derrubou no laptop. Ela precisou convencer o pai a comprar outro.

Mas dessa vez não teve problema. Teddie provavelmente havia dormido só uns dez minutos. Aquela semana tinha sido horrível — não, dez dias? Duas semanas? —, com as aranhas em Los Angeles e em Delhi e a explosão nuclear na China e a sensação geral de que a situação estava totalmente fora de controle, mas também tinha sido boa em alguns aspectos. O primeiro era que ela tinha sido promovida. Deixou de ser *assistente de produção* e virou produtora. O segundo era que, apesar de o horror ter sido bastante horrível de um jeito horrível, era um horrível meio genérico. Dali de onde ela estava, era como ver um filme. Não tinha nenhum conhecido em Los Angeles ou na África do Sul ou na China ou na Rússia ou em qualquer um dos lugares invadidos pelas aranhas. Era tudo muito distante. Se as

aranhas tivessem ido para Atlanta ou brotado em Manhattan e devorado seu pai, William Hughton van Clief Popkins III — só o nome já era um prato cheio —, e a nova esposa dele, Bitsy, ex-professora de ioga, a história talvez parecesse mais real. Porém, nas circunstâncias atuais, ela percebeu que tinha uma capacidade que alguns dos outros produtores não tinham: conseguia ignorar qualquer sentimento de medo — embora realmente *estivesse* estranhamente tranquila — e trabalhar pra cacete.

Don, seu chefe, tinha falado para ela ir para casa dormir um pouco, mas Teddie queria ver o VT.

Havia levado quase uma semana para terminar, mas estava animada. Ninguém tinha acreditado, nem Don, que dava um apoio fora do comum ao trabalho dela, mas, depois que terminou a edição e mostrou o vídeo, todo mundo aceitou que ela estava certa: as aranhas caçavam em bando. Elas tinham uma estratégia.

Teddie olhou para os monitores com a imagem ao vivo do estúdio e conferiu o relógio. A qualquer momento.

Ela sentiu o cheiro de Don antes de vê-lo. Ele havia voltado a fumar na semana anterior.

— Está pronta? — disse ele.

— Dando uma lustrada no meu armário de troféus caso ganhe um Oscar.

Ele riu e parou.

— Você está brincando, né? — Ela confirmou com a cabeça. — Certo, que bom. Às vezes não sei quando vocês, jovens, estão falando sério. Cheguei a ficar preocupado por um segundo que você achasse que poderia ganhar um Oscar por uma reportagem.

— Que tal um aumento?

Ele balançou a cabeça.

— Você acabou de ser promovida, Teddie, e com isso recebeu um aumento considerável. Além do mais — disse ele, virando-se para o monitor —, vamos ver se conseguimos sobreviver. Se ainda estivermos vivos daqui a um mês, tudo bem. Que seja. Você pode ganhar outro aumento.

— Eu ainda acho que a gente devia divulgar aquela outra coisa...

Don balançou a cabeça.

— Não. A contagem já basta. Eu gosto de pensar que, apesar de tudo, isto é, apesar de trabalhar para um canal fechado de televisão, ainda tenho alguma integridade como jornalista. Não podemos veicular algo que é puro palpite.

Teddie ficou quieta, e ele abriu um sorriso para tranquilizá-la. Era um cara legal e um bom chefe.

— Você acha que a gente ainda vai estar vivo daqui a um mês? — perguntou ela.

— Espero que não — disse Don. — Tem ideia de como vai ser difícil justificar outro aumento de salário para você em tão pouco tempo?

— Talvez já tenha acabado. Não se teve notícia de novas ninhadas desde que Los Angeles se silenciou.

— Não é uma ninhada. Palavra errada.

— Diga isso para os âncoras — respondeu ela.

— É. — Don se apoiou no canto da mesa dela para ver os monitores que iam rodar o vídeo que ela havia preparado. — Vou resolver isso. Vamos lá.

Desperation, Califórnia

Fred grunhiu e largou as cartas na mesa.

— Chega — disse ele. — Desisto. Não consigo jogar mais nenhuma partida de Uno com você. É tortura. Achei que esse negócio devia ser só uma coisa de sorte. Se fosse pôquer, pelo menos eu entenderia como você ganha todas, porque você rouba quando a gente joga pôquer — disse ele, apontando para Gordon. — Ah, não faça essa cara de surpresa. Já vi você tentando espiar as cartas da Amy pelo espelho.

Amy fechou a cara para o marido, e ele respondeu com um sorriso constrangido. Cheio de dentes.

— Se serve de consolo, querida — disse ele —, você ainda está uns novecentos milhões de dólares na frente.

Eles tinham começado a fazer apostas com milhões de dólares. Não tinham chegado ainda a conversar sobre como acertariam as contas depois que saíssem do abrigo de Fred e Espingarda; até uma fração daquilo já era uma fortuna. Isto é, se ainda existisse qualquer coisa parecida com dinheiro no mundo novo agora que a merda tinha batido no ventilador. Para Gordon, a boa notícia era que todos os três homens estavam endividados com Amy, e ele e Amy tratavam dinheiro como um bem em comum.

— Eu não me esforço para olhar suas cartas — explicou ele. — Mas às vezes

você meio que...

Ele parou de falar. Pela cara de Amy, era nítido que aquilo não estava ajudando.

Fred deu um suspiro indignado.

— Bom, eu tinha minhas suspeitas quanto ao Uno, mas, pelo que pude ver, você não está roubando. Então por que vivo perdendo?

Fred parou e ergueu a mão na frente do marido. Espingarda estava de pé perto deles, com as mãos para trás, sem participar do jogo, mas ainda assim abriu a boca para responder.

— Pergunta retórica — cortou Fred. — Mas para mim já chega. Vou para a bicicleta ergométrica.

Fred empurrou a cadeira para trás e saiu da cozinha, seguido de perto por Amy, que lançou outro olhar irritado para Gordon.

— Muita convivência, imagino? — disse Espingarda.

Gordon riu.

— Pode-se dizer que sim. Eu estava um pouco flatulento ontem — eles haviam comido *enchilada* no jantar, e o feijão não tinha cozinhado o suficiente —, e ela ameaçou me mandar para fora como isca de aranha.

— Eu estava pensando nisso — disse Espingarda.

— Em me mandar para fora como isca de aranha?

— Não. Em nosso dilema.

— Que é... qual, exatamente?

— Tédio — respondeu Espingarda. — Acho que fiz um trabalho bom demais aqui.

Ele fez um gesto para indicar a cozinha, mas Gordon sabia que ele se referia ao abrigo inteiro. Ele percebeu, na hora, que Espingarda tinha razão.

Ah, eles *podiam* fazer muita coisa ali. Um catálogo de milhares de filmes para assistir, milhares de livros para ler. Uma oficina equipada com tudo que havia de melhor. Uma academia com bicicleta ergométrica, esteira e pesos livres. Tinha até uma quadra de *squash* que Gordon não sabia que existia. Uma quadra de *squash*! Mas a única pessoa que não parecia se incomodar de ficar trancado ali era Claymore, que, tecnicamente, não era uma pessoa, e sim um labrador marrom.

Gordon se abaixou e deu uma coçada na orelha de Claymore. O cachorro tinha quatro adultos para mimá-lo e bastante espaço para correr alucinado sempre que quisesse. Espingarda havia montado um lançador de bolas de tênis e treinado Claymore para colocar a bola no cesto. O *vum* de quando o lançador jogava uma bola por um corredor sempre vinha acompanhado do barulho frenético das patas de Claymore pelo chão de cimento polido. Não, Claymore era um cachorro feliz. Alimentado, bajulado, ativo. De que mais precisaria?

Para os quatro humanos, faltava muita coisa. Tinha que haver alguma noção de propósito. Mas eles só estavam matando tempo. A verdade era essa. Teria sido melhor para todo mundo se o orçamento de Espingarda fosse menor ou se ele fosse

menos meticoloso. Só que Espingarda era um homem que venceu na vida, podre de rico e metódico. Um engenheiro autodidata que construía tudo o que não conseguia comprar. O abrigo inteiro — e chamar aquele espaço imenso de abrigo parecia estranho — era autossustentável. As lâmpadas de cada cômodo se acendiam ou se apagavam sozinhas, ficavam mais ou menos fortes, dependendo de quem estava ali dentro. O sistema de climatização mantinha a temperatura em confortáveis vinte e três graus durante o dia e descia uns dois graus quando eles estavam dormindo. Havia até aspiradores de pó automáticos sofisticados em forma de disco que corriam pelo abrigo e sugavam poeira e pelo de cachorro. Eles quase não tinham que se preocupar com faxina.

Então o problema era que, embora houvesse muita coisa que eles *pudessem* fazer, não tinha nada que eles *precisassem* fazer.

— A gente fica meio que só esperando — disse Gordon.

Espingarda assentiu.

— Não é uma condição muito adequada para a raça humana. Daí *Esperando Godot*.

— Nunca vi a peça.

Espingarda pareceu desapontado por um instante. Uma expressão estranha em um homem tão alto e magro.

— Eu também não. Mas você entendeu o que eu quero dizer. É meio absurdo. Não sei se você já percebeu, mas nós todos temos bebido. Muito. Fred, especialmente, parece que sempre está com um copo na mão. Estou preocupado.

Gordon estendeu a mão e juntou todas as cartas de Uno, empilhando-as cuidadosamente e guardando de volta na caixa.

— E agora?

— Como assim, *e agora*?

Gordon olhou para ele, tentando não sorrir.

— Eu conheço você há tempo suficiente para saber que você não levantaria essa questão se já não tivesse uma ideia de como resolver o problema.

— Talvez. — As mãos de Espingarda ainda estavam para trás. — Eu talvez tenha um ótimo trabalho para nós. Pelo menos para você e para mim. E talvez, com o tempo, Fred e Amy também se interessem. Uma ideia para nos ocupar.

— Só uma ideia? — perguntou Gordon. — Porque não pude deixar de perceber que você está com as mãos para trás.

— Você é um homem observador.

— E aí?

Um sorriso se abriu no rosto de Espingarda. Ele pôs as mãos para a frente e colocou um pequeno cilindro de metal na mesa.

O metal brilhava em alguns pontos, mas algumas marcas ásperas indicaram a Gordon que Espingarda tinha fabricado a peça no torno mecânico do abrigo. O cilindro parecia uma válvula para uma mangueira, o tipo de coisa que se usaria para

jogar água nas crianças em uma tarde quente de verão. Mas era mais robusto, com uma série de filtros e alguns furos de ventilação.

Demorou um pouco, mas por fim ele olhou para Espingarda e o viu com um sorriso enorme no rosto.

— Você sabe o que é isso? — perguntou ele.

— Sei.

— E sabe para que serve?

— Defesa pessoal — respondeu Gordon. — Quer dizer, é sério isso? Existe alguma coisa mais legal do que um lança-chamas caseiro?

Chicago, Illinois

A sensação era de que ele tinha comido vidro ou algo do tipo. Caramba, como a barriga doía. Estava insuportável. Intoxicação alimentar. Tinha que ser. O frango do almoço provavelmente não tinha sido cozido direito. Sim, era isso.

Ele se virou no colchão áspero. Não era confortável, mas não ia reclamar. Tinha conseguido sair de Los Angeles por um triz, e sair era a única coisa que importava. O ginásio inteiro daquela escola estava cheio de gente como ele. Era noite, e as luzes estavam apagadas, mas o ginásio fervilhava com o burburinho de mil refugiados. Era melhor com as luzes apagadas. Ele não precisava ver os olhares vazios das mulheres que tinham perdido seus filhos, dos homens que procuravam suas esposas, das crianças que procuravam qualquer um que fosse. E, com as luzes apagadas, ele podia segurar a barriga sem ter que disfarçar. Podia ser um simples caso de intoxicação alimentar, mas ele não queria chamar atenção de ninguém.

Tinha visto o que acontecia com as pessoas que chamavam atenção. Na última etapa da triagem, uma coreana grávida que estava logo na frente dele foi arrastada para fora da área de triagem. Os cachorros tinham começado a latir e uivar, e em menos de trinta segundos uma tropa de capangas com trajes de proteção pegou a moça e a enfiou em uma van. O marido dela estava na área de triagem vizinha, e ele começou a gritar e se debater e brigar com os guardas, até que o nocautearam.

Trinta segundos, do início ao fim.

Então, quando passou pela triagem sem causar um pio dos cachorros, ele deu graças a Deus em silêncio.

Ai. Nossa. Ele se encolheu ainda mais. Doía muito. Precisava falar com um médico. Precisava de alguma coisa. Mas não era burro. Alguém havia perguntado sobre a mulher grávida, e um dos soldados disse que ela estava passando por exames adicionais, que ela e o marido voltariam dali a uma hora, mais ou menos. Segundo o soldado, os ônibus estavam saindo o tempo todo, para levar os refugiados a Reno, e dali para Denver, e a mulher grávida e o marido pegariam um ônibus mais tarde. Nada de mais, certo?

Errado. Ele não era idiota. Os soldados mandavam todo mundo jogar as roupas do corpo e os pertences em caçambas de lixo, e depois as caçambas eram levadas para uma fogueira. O céu estava preto de fuligem e fumaça. A van com a mulher grávida tinha ido na mesma direção. De jeito nenhum ela ia voltar.

O ônibus o levou para uma segunda triagem em Reno e, depois de passar por essa, para um centro de refugiados em Denver. Na primeira oportunidade, ele pegou outro ônibus para Omaha, e depois foi de Omaha para Chicago. Como havia imaginado, não voltou a ver a mulher grávida ou o marido, mas viu rostos familiares, uma mulher que estava atrás dele na fila, dois homens que pareciam irmãos.

Chicago acabou sendo o fim da linha em termos de ônibus e abrigos gratuitos. Então ele teria que ficar ali e, pelo menos por enquanto, naquele abrigo, apertando a barriga e tentando não gemer de dor. O que mais podia fazer? Para onde poderia ir?

Ele foi tomado por mais uma onda de náusea e sentiu a merda se revirando no intestino. Era como se alguém tivesse enfiado a mão em seu corpo e torcido suas tripas.

Tentou se deitar de costas, mas não foi nenhum alívio. O ginásio estava quente, e ele suava muito. Por que estava fazendo tanto calor em maio?

National Institutes of Health, Bethesda, Maryland

A sargento Faril, uma mulher grande e musculosa que tinha sido encarregada de servir como guarda-costas pessoal de Melanie, acordou-a com uma sacudida de leve no ombro. Melanie não achava que precisava de guarda-costas — o edifício do NIH estava cercado por militares —, mas Manny e Steph tinham insistido. Havia notícias de tumulto no país inteiro, nitidamente o início de um colapso social. Claro, outros cientistas também estavam trabalhando nas aranhas, mas, nos Estados Unidos, ela era a principal pesquisadora, o que significava que, de repente, Melanie virou uma pessoa muito importante. O tipo de pessoa habilitada a receber proteção especial. Tudo parecia muito esquisito e desnecessário, mas era conveniente, já que Melanie tinha se esquecido de programar o despertador.

— Sinto muito, dra. Guyer. Está na hora. Você me disse para te acordar às 6h10.

Melanie grunhiu e cobriu os olhos com o braço.

— Vou apertar o botão de soneca.

— Por quanto tempo, senhora?

— Cinco minutos, tudo bem?

Melanie não sabia se tinha chegado a dormir de novo, mas, quando a sargento Faril voltou a sacudir seu braço, às seis e quinze em ponto, ela sabia que não podia mais perder tempo. Pulou para dentro do chuveiro e pediu para Faril fazer a

contagem de quinze em quinze segundos para que ela não se demorasse. Dois minutos de ducha quente. Haviam adaptado um quarto de hospital para ela, no andar logo abaixo de onde tinham instalado seu laboratório, e, embora tivesse todo o charme de um hospital, ou seja, nenhum, a pressão da água era boa. Quando o sargento Faril avisou que os dois minutos tinham acabado, Melanie já estava se sentindo quase um ser humano outra vez. Tinha prendido o cabelo em um coque para não molhar, então ela levou menos de um minuto para se enxugar e vestir uma calça limpa — bom, mais ou menos limpa — e uma camiseta. Três minutos entre abrir o chuveiro e terminar de se vestir? Nada mal.

A sargento Faril estava perto da janela, olhando para o estacionamento.

— A presidente está aqui, senhora.

Melanie assentiu. Não dava tempo de escovar os dentes. Ela bochechou um pouco de enxaguante bucal, cuspiu na pia, jogou água no rosto, tirou o tablet do carregador e saiu do quarto. Julie Yoo a esperava do lado de fora da porta com um café.

— Creme e adoçante — disse Julie.

— Eu gosto de café puro.

O sorriso de Julie despencou, e ela ficou parecendo um cachorrinho triste.

— Desculpe, achei...

— Estou brincando, Julie. Está perfeito com creme e adoçante. Só estou tentando deixar o clima mais leve.

Melanie contou enquanto as duas seguiram pelo corredor até a escada: onze soldados armados só naquele piso. Sério? E ainda precisava ser protegida por Faril?

— Estou um pouco nervosa — disse Julie, ao seu lado.

Faz sentido, pensou Melanie quando elas saíram pela porta do instituto. Parecia ter meio batalhão no estacionamento. Ou algo do tipo. Na verdade, ela não sabia qual era o tamanho de um batalhão. Mas havia alguns tanques e um helicóptero e pelo menos duzentos homens e mulheres de uniforme camuflado armados com fuzis M-16. Sem falar nos agentes do Serviço Secreto com ternos azuis e em algumas limusines estacionadas perto de um toldo branco que ia das limusines até um trailer retangular preto, de modo que a presidente pudesse sair do veículo sem se expor diretamente a um atirador de elite. *De todas as possibilidades*, pensou Melanie, *o Serviço Secreto ainda está preocupado com alguém com um rifle?*

— Aqui? — disse ela para um dos soldados jovens encarregados de montar guarda na entrada.

Ela não parava de pensar em como todos pareciam jovens. Os coletes à prova de bala e as metralhadoras faziam todo mundo parecer parrudo, maior, mas, por baixo, eram homens e mulheres com cara de criança, da mesma idade dos alunos de graduação para quem Melanie dera aula menos de duas semanas antes.

Os soldados se afastaram para que ela e Julie pudessem subir os degraus e entrar no trailer. Dentro, a presidente, Manny e dois homens de uniforme que ela não conhecia já estavam sentados em volta de uma mesa de reuniões longa e estreita,

conversando com os doutores Dichtel, Haaf e Nieder. Melanie sentiu uma leve pontada de irritação por ver que os outros cientistas tinham chegado antes dela.

— Belo espaço — disse ela. — É um motorhome?

Steph a cumprimentou com um gesto de cabeça, e Manny se levantou para dar um beijo no rosto dela. Melanie achou que Steph parecia cansada. Não era de admirar.

— Não é elegante, mas serve — disse Manny. — Estamos protegidos aqui.

— Protegidos? De quê?

Ele deu de ombros.

— Na verdade, não sei. Armas convencionais e pequenos explosivos, mas, principalmente, contra escutas, equipamentos wireless e coisas do tipo. É uma caixa-preta. Literalmente, mas também no sentido de que é uma área segura portátil. Um brinquedo do Serviço Secreto.

— Quem exatamente tentaria escutar?

— Antigamente eram os russos, e depois os chineses, mas quem sabe?

— Parece exagero — disse Melanie.

Steph suspirou. Não foi um som alto, mas Steph *era* a presidente, e só isso já servia de sinal para todo mundo olhar para ela.

— Melanie — disse Steph —, a caixa-preta é algo que a CIA e a NSA projetaram para que eu pudesse conversar com as pessoas sem receio de alguém mais escutar. Foi criada especificamente para reuniões importantes fora da Casa Branca ou outras instalações protegidas. Mas quer saber? Eu nunca tinha entrado aqui antes. Sabe por que eu nunca tinha entrado nesta caixa-preta?

Melanie balançou a cabeça, mesmo sabendo que Stephanie não esperava nenhuma resposta.

— Nunca entrei nesta caixa-preta antes porque, como presidente dos Estados Unidos, eu não vou até as pessoas para reuniões importantes. Elas vêm até mim. Se eu *vou* para algum lugar, é para o Capitólio, uma embaixada ou qualquer outro lugar que não seja o estacionamento na frente do National Institutes of Health. Mas aqui estou. Sou a líder do país mais poderoso do mundo, no meio de uma crise, que é diferente de qualquer outra crise da história da humanidade, querendo saber se os milhões de pessoas mortas em Los Angeles e as dezenas de milhões de mortos no resto do mundo são o pior ou se é só o início. Estou aqui porque preciso saber se o que você me falou é verdade: as aranhas estão se preparando para eclodir de novo? Sou uma mulher ocupada, Melanie. Mas estou aqui. Vim até você. E por que foi que eu fiz isso? Por que a mulher mais poderosa do mundo aceitou vir até você? Porque, agora, você é a pessoa que mais tem conhecimento sobre essas aranhas, o que quer dizer que eu posso ser a mulher mais poderosa do mundo, mas você é a mulher mais *importante* do mundo. Então, quando você ligou para Manny e disse que tinha descoberto algumas coisas e que não, aquele ataque não tinha acabado, que na verdade provavelmente era só o começo e que você precisava falar comigo, o resultado é que eu vim até você. Mas isso não significa que não tenho outras coisas

para fazer, Melanie, então, por mais fascinante que seja esta caixa-preta, e por mais desnecessária que esta caixa-preta possa ser, não é nisso que estou interessada. Você disse que tinha algo para contar. Então, fale.

Melanie falou.

Começou dizendo que as aranhas eram alguns dos seres vivos mais antigos de que se tinha registro na Terra. Elas vinham evoluindo por mais de quatrocentos milhões de anos. No momento atual, havia mais de quarenta e duas mil espécies conhecidas no mundo inteiro, e estava claro que aquelas aranhas, Enxame X, como ela começara a chamá-las, eram uma espécie diferente. Ninguém jamais tinha visto nada parecido com aquelas aranhas antes.

— Não me diga — respondeu Manny.

Melanie balançou a cabeça.

— Mas nós sabíamos delas.

— Impossível. — A afirmação veio do homem com o uniforme cheio de medalhas. — Como é que nós podíamos saber delas? Ninguém estava esperando isso.

Melanie parou de andar pelo espaço e se sentou.

— Estamos pensando nisso de forma direta demais. Precisamos abordar essa questão de um novo ângulo. Claro, se tivéssemos conhecimento prévio dessa espécie, teríamos tentado nos preparar. Aranhas capazes de se reproduzir rapidamente, de usar humanos como hospedeiros para os ovos, de destrinchar uma pessoa até os ossos em menos de quinze segundos e gerar milhões de filhotes de uma vez? É, acho que o governo *talvez* tivesse feito algum plano para isso, se soubéssemos de antemão. Caramba, vocês não têm um plano de contingência até para o caso de uma invasão alienígena?

— Sete — respondeu Manny.

— O quê?

— Sete, na verdade — disse ele. — Sete planos de contingência para invasões extraterrestres, dependendo do tipo de alienígena e da forma como eles se anunciarem e, ah, tanto faz. Não importa. Continue.

— Certo, hum, eu estava brincando com isso de alienígenas, mas a questão é que esse senhor...

Ela apontou para o homem de uniforme que havia falado.

— Coronel Choi.

— O coronel Choi tem razão. Se nós soubéssemos dessas aranhas nesse sentido, teríamos tentado nos preparar. O que estou dizendo é que nós sabíamos delas inconscientemente. Sabíamos que elas existiam, mas só em algum lugar nas profundezas do nosso cérebro primata. Pensem bem. Por que tanta gente tem medo de aranha? Existe um número razoável de aranhas venenosas, mas a probabilidade de um ser humano morrer de picada de aranha é muito pequena. A cada ano, mais pessoas são mortas por vacas do que aranhas nos Estados Unidos.

Melanie fez uma pausa antes de continuar:

— A verdade é que é tão pouco provável que uma aranha mate ou sequer machuque um ser humano que na prática a quantidade de aranhas venenosas podia ser zero. No entanto, a maioria das pessoas morre de medo. Acho que existe motivo para isso. A gente vê pelo canto do olho alguma coisa assustadora rastejando, e o que responde não é o nosso cérebro acostumado a falar no celular, pedir sushi e usar internet. É aquele pedacinho de massa cinzenta que é uma sobra evolucionária da época em que o ser humano achava que bater pedras uma na outra era um grande feito científico. É essa parte do cérebro que está gritando.

Ela tomou um gole do café e passou os olhos pela mesa. Julie já havia escutado aquele discurso, e Melanie havia discutido a maior parte com os outros três cientistas durante o trabalho no laboratório, mas aquilo era novidade para Manny, Steph e os dois militares.

— Pelo que sabemos, as aranhas Enxame X estão habitando este planeta há pelo menos duzentos milhões de anos.

— E nesse tempo todo os seres humanos nunca as encontraram? — perguntou o coronel Choi.

Melanie balançou a cabeça.

— Não acho que seja isso. Lembrem que o que parece muito tempo para nós, cem, quinhentos, mil anos, é só um piscar de olhos na perspectiva evolutiva. É bem provável que os seres humanos já tenham encontrado essas aranhas antes, talvez algumas vezes. Mas aconteceu antes que pudesse haver qualquer registro. Ou toda a população de alguma área foi eliminada sem deixar rastros, ou quem quer que tenha sobrado não tinha como criar alguma advertência que nós pudéssemos compreender. Se as aranhas tivessem surgido nos últimos cinquenta, cem, duzentos anos, claro que nós saberíamos. Acho que até nos últimos mil, dois mil anos. Mas precisamos ir mais longe. Nossa noção de história é diferente da que a Mãe Natureza tem. Quando eu falo que essas coisas evoluíram há muito tempo, em um mundo diferente do nosso atual, digo que foi há muito, muito tempo.

— Mas elas não teriam parado de evoluir — insistiu Choi.

— Não é bem verdade. Não sou especializada em evolução — ela levantou a mão para interromper Choi —, mas, mesmo se a gente for argumentar que tudo continua evoluindo, as mudanças podem acontecer de forma muito lenta ou muito rápida. A questão é que algumas espécies *de fato* param de evoluir de forma significativa. Vejam os tubarões. Eles são um animal pré-histórico. A rigor, sim, eles continuam evoluindo, mas, em termos práticos, não muito. Eles já evoluíram até onde precisavam.

Manny parecia confuso.

— Como assim “até onde precisavam”?

Laura Nieder, outra cientista, se pronunciou. Seu nome e sotaque eram de uma judia que havia passado a vida inteira no Brooklyn, mas seu pai e sua mãe eram

naturais do Camboja, e ela, aparentemente, tinha nascido e crescido em uma cidadezinha de Geórgia antes de ir para Princeton e depois ser contratada pelas forças armadas.

— Dra. Nieder. Trabalho para o Pentágono. Especialista em uso militar de comportamentos animais. O que a dra. Guyer quer dizer é que não adianta os tubarões evoluírem mais do que já evoluíram. Se deixarmos a cultura popular de lado, ataques de tubarão contra humanos não são frequentes, mas nós temos medo deles por um motivo. No oceano, eles são, em essência, máquinas de matar perfeitas. A esta altura, qualquer mudança evolucionária provavelmente seria prejudicial.

— É aqui que eu entro — disse Will Dichtel. — Dr. Dichtel. Harvard.

Dichtel era um homem grande. Robusto e louro, típico descendente de noruegueses saído das fazendas de Dakota do Sul e Nebraska. Ele já havia comentado mais de uma vez com Melanie que sua família não ficaria impressionada com a notícia de que ele estava em uma reunião com a presidente dos Estados Unidos. Da próxima vez que fosse visitá-los, ele contaria, e todo mundo provavelmente balançaria a cabeça e diria que muito bem, mas logo o assunto mudaria para o clima e sementes e ciclos de plantação. Ele era um cara inteligente e havia feito alguns trabalhos extraordinários. Melanie se perguntava o quanto disso tinha a ver com o desejo de mostrar para a família que havia vida fora da fazenda.

— Sou especializado em toxicologia entomológica — explicou Dichtel. — Basicamente, eu estudo venenos de insetos e aracnídeos.

A presidente esfregou o rosto.

— Está de brincadeira? Essas coisas são venenosas também?

— Não exatamente.

Dichtel encostou no teclado à sua frente e os monitores se acenderam, reproduzindo uma série de imagens. Uma mulher coberta de aranhas. Um close de uma aranha-marrom, claramente diferente da espécie Enxame X. Uma mosca enrolada em uma teia. Os restos de um corpo humano, e uma massa de aranhas Enxame X se afastando. E mais.

— Tem duas coisas acontecendo aqui. Primeiro, as aranhas reprodutoras injetam um anestésico na mordida, de modo que, quando vemos uma delas abrir a pele assim — a imagem parou enquanto uma aranha fazia um corte nas costas de um rato de laboratório —, a vítima nem sente. *Zip*, elas estão dentro do hospedeiro. O anestésico tem propriedades bactericidas e parecem estimular uma regeneração extremamente rápida. Quando o efeito anestésico passa, o corte já está praticamente fechado de novo. O hospedeiro permanece alheio. É só uma ferida cicatrizada. Fascinante. Vocês imaginam o que poderíamos fazer com um anestésico que também estimula a regeneração de forma acelerada?

Dichtel passou os olhos pela mesa, claramente na expectativa de que os outros também estivessem empolgados. Melanie sorriu. Cientistas. Sempre perdendo a noção do panorama geral.

O homem pigarreou.

— Segundo, aranhas não mastigam. Pelo menos não no sentido que a gente entende de mastigação. A imagem clássica é de um inseto preso na teia, certo? Então, as aranhas comem basicamente de duas formas diferentes. Elas vomitam fluidos digestivos na presa, dilaceram a carne com as quelíceras e sugam a mistura de fluido e carne liquefeita com a boca. Ou, o que é mais raro, elas mordem a presa e injetam nela o fluido digestivo, para que possam comer a presa de dentro para fora.

— Isso é nojento — disse Manny.

Ele estava fazendo careta e estreitava os olhos ao encarar os monitores. Melanie reconheceu a expressão. Era como ele assistia a cenas assustadoras em filmes de terror.

— Estas aranhas — continuou Dichtel — são uma espécie híbrida. O fluido digestivo delas é incrivelmente poderoso. Em geral, as aranhas levam algum tempo, mas, com estas, praticamente não tem intervalo. Se vocês prestarem atenção — ele tocou no teclado, e o monitor exibiu um close em câmera lenta de aranhas nas costas de um bode —, verão que a carne está praticamente se desfazendo enquanto elas comem. Elas estão literalmente dissolvendo a presa enquanto mastigam.

Era uma visão perturbadora, mas Melanie já havia visto a cena várias vezes, em tempo real e em vídeos, então tinha esquecido como era perturbadora até que ouviu barulho de alguém vomitando. Ela se virou e viu o outro militar passando mal em uma lixeira. Um assessor em quem ela não tinha reparado saiu do canto e levou a lixeira embora.

Manny já estava cobrindo parcialmente os olhos com as mãos. Parecia não ter percebido.

— Cacete. Então nós podemos ser derretidos e devorados por uma dessas coisas?

— Não — disse Melanie, levantando-se de novo. — Esse é o lado bom, eu acho. É necessário um monte delas. As aranhas Enxame X...

— Um termo ridículo — interrompeu o dr. Haaf. — Enxame é coletivo para insetos voadores, não para aranhas.

Melanie sorriu. Ela gostava de Haaf, até quando ele achava necessário mencionar toda hora que trabalhava no MIT. Ainda assim, o homem não suportava a ideia de usar a terminologia errada.

— Você tem razão, dr. Haaf — disse Melanie —, mas, para nossa discussão, o termo serve. Como eu dizia, as aranhas Enxame X sobrepõem a presa. Em tese, não há limite para o tamanho da presa que elas poderiam caçar. Se conseguem derrubar seres humanos tão rápido, não há nada que as impeça de juntar um grupo grande o suficiente para ir atrás de algo maior. O que nos traz de volta à questão da evolução.

Melanie passou os olhos pela mesa. Haaf e Nieder assentiram, apesar de Dichtel ainda parecer um pouco cético. Julie só deu de ombros. Fazia sentido para os cientistas, ainda que parecesse loucura.

— Lembram quando eu disse que essas aranhas existem há pelo menos duzentos

milhões de anos? Bom, isso significa que elas existiram na época dos dinossauros.

Ela ficou em silêncio. Depois de alguns segundos, Manny falou:

— Espere aí. Vamos ver se eu entendi bem. Você está dizendo que estas coisas... está dizendo que elas caçavam dinossauros?

— Confesso que, falando isso em voz alta, parece loucura.

— Mas? Talvez não seja loucura? — disse Manny. — Porque estou sentindo um “mas” na sua voz.

— É. Achamos que elas podem ter evoluído para caçar dinossauros. Isso explicaria muitas das adaptações.

Julie Yoo se pronunciou. Ela tinha permanecido em silêncio, mas aquela teoria tinha sido ideia dela, afinal. Por mais que os outros quisessem contestar, os cientistas não conseguiram achar nenhum furo.

— Nós achamos que talvez as aranhas Enxame X tenham sido responsáveis pela extinção dos dinossauros.

— Como é que é? — A presidente Pilgrim parecia chocada. — Dinossauros? Você está de sacanagem?

O coronel Choi se recostou na cadeira.

— Não foi um cometa ou algo do tipo?

— Teoricamente, um asteroide — disse Julie. — E isso também é só uma teoria. Mas, na verdade, faz sentido. As aranhas não teriam que matar todos os dinossauros. Só o bastante para que eles se extinguissem por conta própria.

— Então como é que não existe nenhum fóssil dessas aranhas? — perguntou o coronel Choi.

Melanie olhou para ele. Hum. O coronel não era tão idiota quanto ela pensava. Talvez ele estivesse ali por *algum* motivo.

— Boa pergunta.

— E?

— E só isso. Boa pergunta. É realmente uma boa pergunta, e vou acrescentá-la à lista de perguntas, porque, agora, cada resposta que achamos levanta mais mil perguntas. A resposta curta é que não sabemos. Talvez existam fósseis, mas não associamos a aranhas.

— Melanie — interrompeu Steph —, pode ir direto ao assunto? O que você sabe?

— Viram a reportagem na CNN ontem à noite?

Steph e Manny e os dois militares olharam para Melanie com cara de paisagem.

— Transmitiram um VT que analisava as imagens das pessoas sendo atacadas em Delhi, em Los Angeles, no Japão, em todo lugar que tivesse câmeras. Quero, não, *preciso* falar com quem quer que tenha descoberto isso — Manny fez uma anotação —, porque a pessoa descobriu o padrão. Parecia que as aranhas devoravam tudo o que viam pela frente, não é? Mas não. Era só por causa do caos. Uma a cada cinco.

— Uma em cinco o quê? — perguntou Steph.

— Uma a cada cinco pessoas sobrevivia.

Choi se virou para o homem ao seu lado.

— Então podemos esperar uma taxa de vinte por cento de sobrevivência de civis. Estávamos estimando dez por cento, não é?

— Não, você não entendeu — disse Melanie. — Essas aranhas existem há duzentos milhões de anos, e nós temos certeza de que deixar uma a cada cinco pessoas viva não é nenhum comportamento novo.

— Então por que elas fazem isso? — perguntou Manny. — As aranhas nitidamente são capazes de comer tudo o que veem pela frente. De que adianta poupar uma a cada cinco pessoas?

Melanie sentiu um aperto no estômago. Ela, Julie e os cientistas já haviam conversado sobre aquilo, e tudo fazia sentido, mas tinham sido discussões entre cientistas em um laboratório, separadas da realidade e das consequências. Falar em voz alta era outra história. As aranhas só se importavam com duas coisas: comer e procriar. Uma a cada cinco pessoas era deixada viva para abrigar ovos ou para servir de comida para a onda seguinte.

— Acho que estou me expressando mal. Vejam bem, elas não estão *poupando* uma a cada cinco pessoas — disse Melanie. — Uma a cada cinco pessoas *sobreviveu*, o que não é a mesma coisa.

— Do que você está falando, Mel?

— O que estou falando, Manny, é que as aranhas foram uma espécie de onda gigantesca, arrastando tudo que havia pela frente. Um *tsunami*. E, à primeira vista, o que pensamos foi: como é que alguém poderia sobreviver a isso? E aí percebemos que algumas pessoas de fato sobreviveram. Cinco, dez, vinte por cento. A gente pensa que esse é o único número que importa, mas não é. A questão não é sobreviver à primeira onda. Nunca foi. Agora, parece que elas estão propositalmente deixando uma a cada cinco pessoas *vivas*. Não *incólumes*. Vivo e incólume não são a mesma coisa.

Ela tocou no tablet para exibir uma foto do interior do Staples Center, onde as bolsas de ovos brancas e farelentas apareciam sob a luz artificial do estádio.

— Esse já foi resolvido — disse Choi. — Incendiado.

— Quantos locais iguais a este foram encontrados em Los Angeles até agora?

Choi se inclinou para trás para pegar um tablet com seu assessor.

— Temos quinhentos e dezessete locais de infestação confirmados, mas o Staples Center era o maior. Estamos queimando os outros o mais rápido possível. A última contagem foi de que tínhamos resolvido cento e oitenta. Quase trinta e cinco por cento, até agora. Alguns dos locais têm apenas uma dúzia de bolsas. Estamos tentando ver se podemos liberar esses com lança-chamas.

Melanie balançou a cabeça.

— Priorizem.

— Como?

— Priorizem. O problema não é o tamanho da infestação. É a característica das

bolsas de ovos. Se estão ativas, precisam ser eliminadas imediatamente.

— Ativas? Como assim?

— Pegajosas ou mornas. Algumas delas são mais parecidas com a imagem clássica que nós temos de teias de aranha. Se são pegajosas ou quentes ao toque, e especialmente se estiverem zumbindo ou fazendo barulho de chocalho. Essas são as ameaças iminentes. Acho que podemos esperar que eclodam em breve.

— Quão breve? — perguntou Choi.

— Talvez agora mesmo, talvez daqui a alguns dias. Cuidem dessas primeiro. As outras bolsas de ovos, as que são duras e poeirentas, que estão com uma cor de giz, não o tom meio creme das que parecem frescas, podem ser destruídas *depois* das frescas.

Choi se virou e fez um gesto com a cabeça para o assessor, que saiu do trailer.

— Mas não importa — disse Melanie. — Não muito. O problema é que vocês podem queimar todos os locais de infestação que acharem, mas, por mais que vasculhem toda Los Angeles, nunca vão encontrar todos, porque algumas bolsas de ovos são móveis.

Manny se inclinou para a frente.

— Como assim, *móveis*? Você está falando das aranhas que procriam dentro das pessoas? Já sabemos disso. Foi você que sugeriu fazermos exames visuais, procurarmos pontos de entrada, qualquer sinal de que as pessoas tivessem sido abertas por uma aranha. Todos os postos de verificação ao redor de Los Angeles estão fazendo exames visuais, e tivemos muita sorte com os cachorros, também. Estamos pegando esses. Os postos de verificação identificam qualquer pessoa infestada.

Melanie balançou a cabeça.

— Quais são os números? Quantas pessoas vocês estão separando?

— Não tenho a quantidade exata aqui comigo, mas são poucos. Não é tão ruim quanto a gente temia. Talvez um a cada cinco mil refugiados. Os cachorros foram uma bênção do céu. Eles surtam sempre que alguém infestado passa.

Manny parou de falar e olhou para Melanie.

Ela se limitou a balançar a cabeça.

— Ah, merda. — De repente, ele parecia arrasado. — Erramos por quanto?

— Melhor das hipóteses? — disse Melanie. — Taxa de contágio de dez por cento.

— Dez por cento das pessoas que sobreviveram ao ataque de Los Angeles estão transportando bolsas de ovos no corpo?

— A quantidade real deve ser menor — explicou Melanie —, porque muitos dos sobreviventes não tiveram nenhum contato com as aranhas, gente que estava fora das zonas de infestação. Mas, em essência, é. Das pessoas que tiveram contato direto e sobreviveram? Dez por cento. Uma a cada dez pessoas que estão passando pela triagem, na melhor das hipóteses, tem ovos de aranha no corpo.

— E nós deixamos elas passarem? — disse Manny.

Houve alguns segundos de silêncio.

— Elas saíram, então — disse Steph, por fim. — É tarde demais. Contenção é impossível a essa altura.

A presidente se virou para Melanie e fez a pergunta que ela estava esperando.

— Quanto tempo nós temos?

— Na melhor das hipóteses? — disse Melanie. — Acredito que elas todas vão eclodir ao mesmo tempo. Foi o que aconteceu na primeira onda. São como as cigarras. Existe algum mecanismo que controla o momento em que elas surgem, e acho que podemos estimar que, quando eclodir, elas vão vir em uma onda gigantesca. Então, a princípio, talvez mais uma semana. Eu sei que vivo falando isto, mas lembrem-se: estamos trabalhando com informações muito incompletas. Essa melhor das hipóteses está baseada no que eu sei do primeiro enxame, o que é muito pouco. Acho que existe uma chance muito pequena de que demore mais, e uma chance infinitesimal de que elas nunca eclodam. Mas acho que a melhor das hipóteses, e isso é apenas uma estimativa, é de uma semana.

Steph a encarou.

— Uma semana, na melhor das hipóteses. Certo. E na pior?

— Na pior? Na pior, já é tarde demais. Elas estão prontas para eclodir, talvez estejam eclodindo agora mesmo.

Melanie ouviu Steph, Manny e os militares prenderem a respiração, o que tornou a parte seguinte ainda mais desagradável.

— Mas essa não é a pior notícia — afirmou Melanie.

Ela tocou no tablet de novo e enviou uma foto para os monitores. Ela sabia que, à primeira vista, aquilo parecia uma bolsa de ovos normal, ovalada e pontuda em um dos lados. No entanto, logo ficava claro que a escala era diferente. A foto não tinha uma qualidade particularmente boa, e a iluminação era péssima, mas aquela bolsa de ovos *não* era igual às outras. Era enorme, pelo menos três ou quatro vezes maior que todas as que encontraram até agora, e até naquela luz fraca e na imagem granulada da foto ela parecia quase gelatinosa.

— Isso é de Delhi. Não vi as fotos ainda, mas parece que os coreanos acharam algo parecido. Ou talvez ainda maior. — Melanie ficou em silêncio por um instante e passou o olhar pela mesa. — Acho seguro supor que, quando o próximo grupo de aranhas eclodir, vamos ver algo diferente.

Stephanie se levantou, inclinando-se para olhar o monitor mais de perto.

— Diferente em que sentido, Melanie?

— Não sei. Mas é difícil imaginar que vai ser uma coisa boa.

Baía de Hanalei, Kauai, Havaí

Florence desligou a televisão e olhou pela janela da frente. Viu que seus sobrinhos já estavam na praia, cavando na areia. Os meninos, de seis e nove anos, eram incrivelmente obedientes, com boné para proteger o rosto do sol e camiseta para proteger os braços e as costas lisos como plástico. Ela ia pegar um pouco mais de café e ir até lá. Um prazer tão simples, cavar buracos na areia e esperar as ondas virem enchê-los. O cheiro da maresia atravessava a tela da janela, e a dança delicada das ondas era a trilha sonora daquela manhã. Os meninos ainda não haviam se acostumado à mudança de fuso, então já estavam de pé em um horário que poderia ser absurdamente cedo para outras pessoas, mas tanto Florence quanto a irmã sempre haviam sido madrugadoras. E era um começo de dia tranquilo, especialmente em uma manhã como aquela, quando as ondas ainda não estavam fortes o bastante para atrair surfistas. O mar em frente à casa alugada estava atipicamente calmo. Não havia nada para ver além de seus sobrinhos, a água e os fiapos de nuvens de algodão que pareciam flutuar no céu só para compor uma paisagem ainda mais bonita. Florence realmente não se lembrava da última vez em que se sentira tão feliz.

Ela passava muito tempo reclamando com as amigas que tinha muito azar, que a vida era injusta. Tinha trinta e sete anos e era atlética. Bonita. Pelo menos sete ou oito em uma escala de dez, com pernas compridas e olhos muito azuis. E, embora

Florence não se descrevesse como uma pessoa rica, era só porque achava isso cafona. Ela era muito bem-sucedida. Talvez não fosse rica o bastante para comprar um jatinho, mas era para alugar uma casa na praia para passar as férias no Havaí com a família da irmã e pagar passagens de primeira classe para todo mundo sem esquentar muito a cabeça. O que, no fim das contas, era ser rica. Tinha uma empresa de marketing. Abriu a empresa havia uma década, e nos dois primeiros anos tinha sido só ela, e depois, nos dois anos seguintes, já contava com alguns funcionários e podia se considerar uma startup, mas agora a startup já era. Ela havia acabado de contratar o funcionário número sessenta e três. Ela era bonita, rica e *divertida*, em sua opinião. Embora preferisse teatro e música erudita, era também mais do que disposta a ir ao cinema para ver um filme de super-heróis ou a um bar para ouvir uma banda que não entendia o conceito de moderação sônica. Topava karaokê e boliche, trilhas e passeios de bicicleta e caiaque, e conseguia fingir um ligeiro interesse na maioria dos principais esportes. Florence era inteligente e engraçada e, ainda que não topasse qualquer coisa na cama, pelo menos tinha um interesse razoável por sexo. Então por que era que, com tanta coisa a seu favor, ela não tinha marido, não tinha filhos? Devia ser um partidão. Ela amava os sobrinhos, mas aquelas crianças brincando na praia deviam ser dela. Não era justo.

A Florence que ainda se lembrava das aulas de estudos feministas na faculdade odiava quando ela pensava assim. Ela tinha muitos motivos para ser feliz. Uma boa carreira, boas amigas, uma família amorosa. Por que sentia falta de marido e filhos? Ainda assim, todas as suas boas amigas, todas, sem exceção, já estavam casadas e começando as próprias famílias. Sempre com uma criança pequena a tiracolo, um bebê dormindo nos braços, casas perfeitas com grama aparada e maridos com uma bela pancinha. Toda essa injustiça a fazia ter vontade de chorar. Florence conhecia mulheres realmente felizes sem filhos — solteiras ou não —, mas ela não fazia parte desse grupo. Seu grande segredo era que ela simplesmente não era feliz solteira, por mais que o feminismo moderno dissesse que podia ser. Ela sempre, *sempre*, tinha sido uma daquelas meninas que sonhavam com casamentos e filhos.

Então, quando saía com as amigas, embora soubesse que elas já haviam escutado tudo aquilo e estavam fartas, Florence acabava reclamando daquela injustiça, que não entendia por que nunca conseguira conhecer o cara certo. Não tinha inveja da irmã, mas ficava confusa. Como era possível que sua irmã, Lynn, que nunca havia trabalhado na vida e nem era tão bonita quanto Florence, tivesse conseguido fisgar um cara como Grant ainda com vinte e poucos anos e depois, como se fosse a coisa mais fácil do mundo, parido dois menininhos?

As amigas sempre repetiam a ladainha. *É difícil*, diziam elas. *Homens são babacas*. Ela tinha feito tudo certo, realmente, e merecia um cara legal que a fizesse feliz e a ajudasse a botar uns dois pimpolhos no mundo antes dos quarenta. Elas entendiam e se compadeciam e, depois de um tempo, começavam a elogiá-la. *Você é tão bonita*, diziam. *É rica*. *A sorte*, diziam elas, *é imprevisível, e você vai encontrar*

alguém. Trinta e sete ainda é jovem. Não é tarde demais.

Mas, enquanto olhava para a praia, Florence pensava que provavelmente já era tarde demais. O momento talvez não fosse muito propício para conhecer um cara e começar uma família.

Com todas aquelas aranhas e tal.

Porém, pela primeira vez, ela não estava reclamando da sorte. Claro. Sem marido, sem filhos. Mas podia ser muito pior. Ela podia ter sido devorada por aranhas. Naquele momento, ser uma tia parecia bastante razoável. E não havia nenhuma confirmação de aranhas em todas as ilhas havaianas, o que parecia um milagre. E, considerando que eles estavam em Kauai, uma das menores ilhas do arquipélago, de frente para a baía de Hanalei, que era literalmente quase o fim da estrada que contornava a maior parte da ilha, ela imaginou que não devia ter lugar melhor. A princípio, claro, todo mundo ficou irritado quando fez as malas, foi para o aeroporto e lá descobriu que a presidente Pilgrim tinha dado ordem para que as linhas aéreas cancelassem todos os voos, mas logo depois pareceu uma sorte enorme. Florence ficou nervosa com o fato de que os donos da casa alugada, que moravam em Los Angeles, não haviam respondido aos seus e-mails nem atendido ao telefone, mas ela conseguiu afastar a inquietação. Ninguém mais tinha aparecido para ocupar a casa, e ela não se incomodava de pagar pelo tempo extra que eles estavam desfrutando. Às vezes, Lynn e Grant ficavam ansiosos para voltar para Seattle, mas praticamente já estavam acostumados ao ritmo daquelas férias semipermanentes. Era mais fácil já que, enquanto o resto do mundo estava surtando, Florence os mantinha ocupados. Eles faziam trilhas e aulas de surfe. Os meninos estavam ganhando bastante confiança nas pranchas pequenas de aluguel. A família tinha alugado um barco de pesca um dia, e Florence e Lynn iam ao mercado de tempos em tempos. Na verdade, isso estava virando um problema. As gôndolas do mercado estavam parecendo quase vazias, e da última vez um policial estava lá, limitando a quantidade de coisas que as pessoas podiam comprar, mas no início do caos elas já haviam abastecido a despensa. Florence duvidava que a crise fosse durar mais do que algumas semanas. Eles podiam acabar ficando sem café gourmet e *nuggets* de frango congelado para as crianças, mas Florence tinha certeza absoluta de que não iam passar fome. Sim, claro, Grant e Lynn passavam algumas horas por dia vendo o noticiário na televisão ou conferindo o celular, e sim, Lynn tinha chorado algumas vezes, mas de maneira geral estava sendo divertido. Para os meninos, era uma aventura com o benefício adicional de que eles iam ficar ainda mais tempo longe da escola do que o planejado, e todas as limitações que os pais e Florence tinham imposto no começo foram cortadas. No dia anterior, Florence os levava até Lihue e comprava a maior televisão disponível para colocar no quarto deles na casa alugada, de modo que as crianças pudessem ver desenho enquanto os adultos assistiam ao noticiário. E naquele dia, Florence havia prometido comprar uma prancha para cada um. Eles tinham aprendido o suficiente — e as férias estavam durando o bastante —, a ponto de as

pranchas alugadas parecerem meio bobas. Enquanto as máquinas de cartão de crédito estivessem funcionando, tudo ficaria bem.

Florence passou um pouco de bronzeador nas pernas e nos braços, pegou o chapéu de palha de aba larga que ela chamava de “chapéu da Julia Roberts” e saiu da casa para ficar com os meninos na praia. Talvez os deixasse enterrá-la na areia.

A baía de Hanalei não era o pior lugar do mundo.

Província de Shinjin, Japão

Ali, pensou Koji, era o pior lugar do mundo. Ele estava usando o que os outros cientistas tinham chamado, cheios de esperança, de “traje de isolamento”. Isolamento no sentido de Koji, isolado do lado de dentro e as aranhas, tomara, isoladas do lado de fora. Mas parecia bastante frágil. Não resistiria a uma faca, que dirá àquelas coisas. Ele tinha visto o vídeo dos três homens que tentaram entrar sem um “traje de isolamento”. Não tinha dado muito certo. Ele não estava animado para ser o quarto, com ou sem “traje de isolamento”.

E ele podia estar de férias. No Havaí. Na verdade, ele *devia* estar de férias. Sua esposa havia reservado as passagens meses antes e alugado um apartamento a dez minutos de caminhada da praia. Se ela tivesse planejado para que as férias deles começassem só alguns dias antes, talvez naquele momento ele estivesse na praia, com areia quente sob os pés. Mas não. Em vez disso, estava se esgueirando por um antigo templo budista cheio de bolsas de ovos.

Em algum lugar no meio do mato. Em uma província que ele mal sabia que existia. Um povoado rural tão pequeno que nem tinha nome. Ou melhor, o nome era uma adaptação do povoado mais próximo, que levava o nome de um rio da região, então o nome daquele povoado específico significava, literalmente, “pouco acima daquele outro povoado com nome de rio”. Era ridículo. Metade da equipe estava

trabalhando na universidade, mas a outra metade tinha sido enviada para lá. Helicópteros e soldados e uma demonstração esquisita de tribalismo militar que o deixou muito incomodado.

O templo propriamente dito tinha sido cercado, com grades e fita amarela, e estava sendo vigiado. Tudo completamente inútil caso as bolsas de ovos eclodissem. E era por isso que ele estava dentro do templo. Para garantir que nenhuma delas eclodisse.

Eba.

Koji apontou a lanterna para a esquerda. Ele sabia que a equipe estava gravando tudo. Havia câmeras onidirecionais em seu capacete, armadas de tal modo que os cientistas no outro povoado — o que tinha nome de rio e serviu de inspiração para o nome daquele povoado minúsculo e miserável — conseguiam ver tudo o que ele visse, e ainda mais. Câmeras térmicas e de radiação também. Mas ainda precisavam que algum idiota entrasse para filmar tudo.

Esse idiota não podia ser um robô? Tinham decidido que não. O risco de causar algum dano, que poderia levar à eclosão das bolsas de ovos, era alto demais. Esse idiota não podia ser um soldado? Não, porque um soldado não saberia o que procurar.

Não. Esse idiota tinha que ser Koji. E a culpa era toda dele. Tinha sido *ele* quem insistira com tanta energia que um robô era uma péssima ideia, e que um soldado também era uma péssima ideia. Tinha sido ele quem insistira bem alto que um cientista precisava entrar ali, que *só* um cientista saberia o que procurar. Não chegou a pensar direito no que isso significava. Então, claro, quando chegou a hora de algum cientista se oferecer para ir, todo mundo olhou para ele. Ele foi obrigado a dizer que iria. Os ocidentais achavam que os japoneses só pensavam em honra, reputação e essas palhaçadas todas. Sempre que passava algum tempo com cientistas ingleses, Koji tentava desbancar esse mito. Talvez para gerações mais velhas, como seu pai e seu avô, fosse assim, mas agora era diferente. Hoje eles eram modernos. Mas, quando todos os cientistas olharam para ele, Koji ficou constrangido demais para não se oferecer como voluntário.

E agora que ele estava dentro do templo? Agora que estava lançando a luz da lanterna nas bolsas de ovos e andando com cuidado, com muito cuidado? Agora que havia vencido a própria discussão e era o único par de olhos de cientista dentro do templo? Bom, agora ele não fazia a menor ideia do que procurar. Ou melhor, tinha só uma ideia vaguíssima. Ele havia visto a foto daquela bolsa de ovos enorme e ampliada da Índia, com uma textura gelatinosa desconcertante, e havia lido as descrições da Coreia. Ele desconfiava que estava faltando alguma vírgula nas medidas enviadas.

O som do respirador era um pouco inquietante. Como Darth Vader. Antes de ele entrar ali, a ideia de um aparelho de respiração parecia boba — aquilo não era Marte! Não era o fundo do mar! Dava para respirar sem problemas! —, mas agora

estava feliz de ter a máscara de vidro do capacete. Sabia que a borracha grossa do traje era brincadeira de criança para aqueles monstros, mas aquela pequena barreira entre ele e o recinto oferecia um mínimo de conforto, pelo menos. O problema era que o traje era quente. Não fazia nem cinco minutos, e ele já estava sentindo o suor escorrer, gotinhas e sal e líquido descendo pelas têmporas e por trás das orelhas, se acumulando nas costas. Estava tão quente dentro do traje e do capacete que a máscara de vidro começou a embaçar. Se piorasse muito, ele duvidava que fosse enxergar qualquer coisa. O que era uma maravilha. Exatamente o que ele queria: andar às cegas no meio daquele cenário de filme de terror.

Já era difícil enxergar dentro do templo. Algum gênio tinha cortado a energia caso as frequências elétricas, a vibração dos fios que corriam por ali, pudessem acelerar o crescimento das aranhas ou talvez irritá-las. Não havia nenhum indício concreto para isso, mas também não havia nenhum motivo para não cortar a energia, então alguém virou um disjuntor em algum lugar, e assim Koji ficou perambulando pelo templo escuro com a ajuda de uma lanterna. Claro, ninguém tinha pensado em chamar atenção para o fato de que o próprio Koji estaria equipado para transmitir imagens e sons, então, se as aranhas reagissem mal a dispositivos eletrônicos...

O salão principal era maior do que ele tinha imaginado. Vira os desenhos e as medições e olhara os vídeos e as fotografias iniciais das primeiras pessoas que tinham tentado entrar na construção — e o final daqueles vídeos sempre era perturbador —, mas agora, à medida que partículas de pó pairavam inquietas nos fiapos de luz que vazavam pelo clerestório, Koji percebeu que o tamanho relativo da construção não importava. Não importava se o salão principal era comparável a um estádio de futebol ou a uma quadra de basquete ou tênis, nem se, na verdade, não fosse grande o bastante para poder ser comparado a qualquer espaço esportivo. O que importava era que era grande o bastante para que, se ele apontasse a lanterna para um lado, grandes porções do espaço à sua volta continuassem imersos em sombras e escuridão. O que importava era que o salão era grande o bastante para que ele não pudesse enxergar tudo à sua volta. Não podiam ter colocado algumas janelas novas quando adaptaram o templo para ter energia e água encanada?

Koji olhou para os dedos grossos de sua luva e apertou um pouco mais a lanterna na mão. Não conseguia sentir direito o tubo de metal, o que era inquietante. Ele nunca havia pensado na importância da sensação tátil para segurar algum objeto. A pele dizendo que sim, estava encostando naquele metal, e seus músculos e nervos dizendo para o cérebro que sim, estavam apertando com força suficiente. Talvez ele estivesse apertando mais do que o necessário, mas, com as luvas, era melhor apertar demais do que deixar a lanterna cair sem querer. Ele não gostava da ideia de rastejar pelo chão para recuperá-la.

A condensação na máscara já ocupava um terço do vidro, o bastante para começar a dificultar sua visão. Koji tentou esfregar o vidro com a mão livre. Os dedos idiotas e grossos da luva deslizaram em vão pelo vidro. Claro. Estava embaçado do lado de

dentro. O problema não era o espaço, mas a diferença de temperatura entre a parte de dentro do traje e a parte de fora. Era só tirar o capacete e esfregar o vidro por dentro.

Ele riu. Sem problema! Por que não tirar o capacete enquanto estava avançando lentamente por um espaço cheio de bolsas de ovos com centenas de milhares de aranhas assassinas? Que importava se ele havia precisado de dois técnicos para fechar devidamente o traje? Ora, claro, era só puxar o capacete e limpar o visor!

— Koji, falou alguma coisa?

Mesmo com o *headset*, com o microfone no pescoço e microfones em todas as câmeras, eles tinham combinado de só se comunicar em caso de extrema necessidade. O mesmo argumento para o corte da energia do templo valia para comunicações via rádio: quem sabia o que poderia despertar os monstros adormecidos? Melhor ficar em silêncio, se possível.

— Não — sussurrou ele. — Agora calem a boca.

Babacas. Sentados no ar-condicionado daquele distante centro de comando confortável, do outro lado do rio, no povoado ligeiramente menos provinciano. *Ah, Koji, você é tão corajoso, nós temos muito orgulho, mas não, não queremos ir no seu lugar.* Quem dera a esposa dele estivesse no centro de comando para ver o que ele estava fazendo. Ela vivia fazendo comentários passivo-agressivos em festas, dizendo que o trabalho de Koji era chato, que ninguém queria ouvir as histórias do trabalho de um entomologista. Bom, cadê aquele trabalho chato agora?

Koji sentiu vontade de vomitar. Eca. Seria desagradável dentro daquele traje quente. Ele engoliu com força.

Deu mais um passo e correu a lanterna de um lado para outro, traçando um arco de mais ou menos cento e vinte graus. Um cone largo do que havia à sua frente. Inclinou a lanterna para cima. Como a máscara estava embaçada, ele teve que levantar a cabeça para ver as bolsas de ovos instaladas nas vigas do alto. Aquelas coisas tinham um aspecto muito estranho, mas também familiar. Fiapos soltos de teia balançavam ligeiramente no ar. Ele não sentia dentro do traje, mas devia haver uma leve corrente de ar dentro do templo. Koji baixou os olhos de novo. A distribuição das bolsas de ovos não parecia seguir nenhum padrão. Elas estavam aglomeradas nas vigas, coladas nas paredes e agrupadas no piso de madeira. Em alguns pontos, as bolsas amontoadas chegavam tão alto que quase alcançavam as das vigas, mas grande parte do piso estava vazio. Ele precisava andar com cuidado, e o caminho não era reto — Koji percebeu que estava respirando com força dentro do traje, pois às vezes tinha que dar quatro passos para o lado e três para trás para conseguir avançar um —, mas foi possível chegar até o outro lado do salão. Era naquilo que ele e os outros cientistas estavam interessados. No outro lado do salão. Porque ali, atrás de montes de bolsas de ovos da altura dele, havia algo emitindo luz própria.

Em que ele estava pensando quando insistiu em não empregarem um robô com câmera, ou até uma daquelas câmeras de fibra óptica que os detetives usavam em

todos os seriados? Parecia muito fácil nos filmes, não? A polícia passava um cabo por baixo de uma porta ou de uma grade de ventilação e enxergava com perfeita nitidez. Por que não podiam ter feito isso ali, esgueirando-se por entre as bolsas de ovos empilhadas? Ou um pequeno helicóptero de brinquedo! Eles não podiam ter pilotado um desses ali dentro, acompanhando de uma distância segura? Mas não podiam. Não de acordo com Koji. Ah, não, ele tinha que abrir aquela boca enorme e blá, blá, blá, e agora o próprio estava tentando atravessar aquele labirinto mortal.

O traje de isolamento era uma combinação esquisita de tecnologia avançada e rudimentar. Quando o processo todo de vestir o traje acabou, os especialistas chegaram a usar fita isolante para fechar as frestas entre as luvas e botas e as calças. Por outro lado, dentro do visor de vidro, no canto inferior direito, uma tela digital informava quanto tempo ele tinha passado dentro do traje, quanto de ar ainda restava, e um outro número que ninguém se deu ao trabalho de explicar o que significava. O importante era que ele tinha bastante ar. Koji virou a cabeça para a esquerda e sugou o canudo de borracha. A água já estava morna e ligeiramente salobre. Mas ele já suava muito e até sentia um pouco de falta de ar. Provavelmente era por isso que o visor estava tão embaçado. E se ele conseguisse regularizar a respiração?

Enquanto pensava nisso, Koji passou perto de uma pirâmide de bolsas de ovos e ouviu um barulho alto e nítido de algo esmagado. Ficou paralisado de terror.

— Koji?

— Calem a porra da boca, sim? — chiou ele.

Ninguém sabia se as aranhas conseguiam escutar ou se reagiam a ondas de rádio ou micro-ondas ou pulsos elétricos ou qualquer coisa além da presença de carne humana. Além disso, foda-se. Koji não precisava de ninguém tagarelando no seu ouvido naquele momento.

Ele apontou a lanterna para o chão. Ali. Debaixo da bota. Ele não tinha nem sentido. Se não tivesse escutado a sola da bota raspar na teia da bolsa de ovos, o som de vidro quebrado das aranhas esmagadas debaixo do pé, talvez não tivesse nem percebido. Mas, sob o brilho da lanterna, era óbvio que ele tinha pisado em uma bolsa de ovos. Tinha gosma de larva espirrada pelos lados, e ele viu dezenas, talvez centenas de pedaços de fios pretos — patas? Ah. Ah. Não. Um daqueles fios estava se mexendo?

Ele esperou. E esperou. Contou até cem em silêncio.

Nada.

— Koji?

— Pisei em uma bolsa de ovos — sussurrou ele.

— Cuidado.

— Vá se foder.

— Desnecessário esse linguajar.

— É você que está neste traje escroto? — chiou ele. — Espero que saiam aranhas

do seu cu, seu babaca.

O rádio ficou silencioso por um instante. Depois, com delicadeza, a voz disse:

— Continue, por favor.

Ele se sentiu melhor ao pensar nas coisas horríveis que queria continuar falando, mas ficou quieto e avançou. Passo, passo, passo, cada um mais perto do canto luminoso. Não era uma luz forte. Mais parecia a lua atrás de uma nuvem fina em uma noite de verão. Pálida e filtrada e quase relaxante.

E então Koji passou da última montanha de bolsas de ovos.

Ele reprimiu um grito e o que saiu foi só um gemido fraco. As câmeras instaladas no capacete permitiam que os cientistas no povoado vissem a mesma coisa que ele. Felizmente, eles ficaram quietos.

Aparentemente, os coreanos não haviam esquecido nenhuma vírgula nas medições.

Na frente de Koji, a luz fraca vinha de uma única bolsa de ovos gigantesca. Era do tamanho de uma picape. Cabiam facilmente dez homens dentro do casulo de seda. Ele pulsava, quase como se estivesse respirando, e agora que estava mais perto Koji viu que a luz também pulsava. Não dava para ver o que havia dentro da bolsa, mas não era isso o que o apavorava. O que deu vontade de gritar, o que o fez querer vomitar dentro do traje de isolamento, era o que estava do lado *de fora* da bolsa: aranhas. Milhares. Algumas eram pretas, algumas tinham listra vermelha, mas todas rastejavam em volta da bolsa de ovos gigante, andando por cima das bolsas de tamanho normal que estavam empilhadas pelo chão, coladas nas paredes e presas no teto. O resto do salão estava silencioso, um cemitério com bolsas de ovos no lugar de lápides, mas ali, no canto, em volta daquele embrião pulsante gigantesco, havia vida.

Koji ficou o mais imóvel possível, ciente de que os cientistas no povoado conseguiam ver tudo. Eles também conseguiam ouvir, porque Koji se deu conta de que o silêncio do templo era uma ilusão. O som tinha sido abafado pelo traje de borracha e pelo capacete, mas lá estava. Um barulho baixo e irrequieto de oito patas andando em teias, oito patas passando pelo assoalho de madeira, oito patas se arrastando nas vigas no alto.

No alto.

Ele tentou olhar para cima, mas o visor estava tão embaçado que só havia uma pequena área limpa do tamanho de uma moeda perto do queixo. Não dava para ver o que estava em cima dele.

— Koji — disse o rádio. — Koji, chegue mais perto. Nós precisamos ver o que está dentro da bolsa.

Ele estava cercado pelas aranhas. Precisava manter a cabeça inclinada para cima para enxergar pelo círculo não embaçado. Viu uma aranha subir pela perna do traje. Não se mexeu. Ficou só respirando, olhando a aranha — e outra, e outra — andar por cima da borracha laranja. Ficou esperando acontecer alguma coisa. As aranhas o

atacarem. Uma das aranhas começar a cortar a borracha. O círculo pequeno de vidro limpo terminar de embaçar o visor. Por um milagre, nada disso aconteceu.

— Koji — disse o rádio de novo. — Continue.

De alguma forma, apesar de tudo, Koji avançou.

Posto de Verificação Avançado, Zona de Quarentena de Los Angeles, Califórnia

O exército não era completamente idiota.

Claro, não era o mesmo tipo de operação para a qual a cabo Kim Bock e sua unidade haviam treinado, mas eles tinham batedores e postos de observação. Notaram a primeira parte do comboio — utilitários e sedãs, picapes e vans — com antecedência depois que eles romperam o perímetro e tiveram uns bons quinze minutos para se preparar.

O pelotão inteiro de Kim estava dormindo, e em um instante todo mundo foi acordado com ordens para se preparar junto ao estrondo das sirenes. Não havia muitos lugares por onde um comboio de civis poderia vir, então quando o primeiro carro se aproximou, um Ford Focus azul, todos os fuzileiros em um raio de um quilômetro já estavam com as travas soltas e prontos para atirar.

Foi um massacre.

Centenas de veículos civis tentaram derrubar a cerca, cantando pneu, e depois se transformaram em chamas e borracha queimada quando Kim e os fuzileiros em volta dela mandaram ver, jogando carros para fora da estrada como se fossem latinhas. M16s, calibres .50 e pelo menos um tanque Abrams entraram em ação. Apesar da quantidade de carros, eles não tiveram a menor chance. Os fuzileiros haviam

acionado todas as forças disponíveis e superaram os números civis. Talvez, se estivessem usando só fuzis, alguns carros tivessem conseguido passar, mas estavam disparando armas pesadas, com o tipo de bala capaz de atravessar motores e arrebentar carros.

Quando o tiroteio parou, o cano da calibre .50 do VTL estava vermelho.

Kim percebeu que estava chorando. Não era para isso que ela havia se alistado.

— Isso não é certo — disse Punhos, falando por todo mundo.

— Que merda eles estavam pensando? — perguntou Elroy. — Por que agora? Não tem nenhuma aranha vindo atrás.

Kim enxugou os olhos. Percebeu que Joe Branquelo olhava para os destroços incendiados de carros e picapes com uma expressão grave no rosto. Equipes de paramédicos e outras unidades já estavam saindo em busca de sobreviventes, mas Joe Branquelo só observava.

— O que foi? — disse ela.

— Olhe os carros.

— Não quero olhar — respondeu Kim, mas ela olhou mesmo assim. — O que você quer que eu veja?

— Todos os carros têm um motorista, e só um motorista. Nenhum passageiro — disse Joe Branquelo. — Eles sabiam que íamos meter bala. Isso não foi uma tentativa séria de atravessar a cerca. Essas pessoas não estavam desesperadas. Não foi um último recurso. Foi deliberado. Alguém planejou isso. Elas vieram aqui preparadas para se sacrificar. Foi uma missão suicida. Uma distração. — Ele balançou a cabeça. — Fomos enganados.

Rodovia 10, Califórnia

— Foi bem mais fácil do que imaginei — disse Macer, olhando para a paisagem que passava do lado de fora da janela.

Ele estava sentado ao lado de Bobby no banco traseiro de um Audi A7 preto. Na frente, ao volante, Lita fazia o carro roncar a quase cento e sessenta quilômetros por hora. Era uma viagem tranquila. Quando Macer contou o plano, Bobby imaginou que eles usariam uma picape ou algum veículo grande, o tipo de carro que se veria em um filme com estradas pós-apocalípticas, mas Macer preferiu certa dose de luxo.

“O dono não vai sentir falta”, dissera ele.

Fazia sentido. Nas cinzas da invasão das aranhas em Los Angeles, havia tantos veículos abandonados na rua que realmente não havia por que se contentar com nada menos que bancos de couro.

“Se chegar a tanto, você prefere estar em algo projetado para carregar caixas ou em um veículo projetado para carregar gente?”, completara Macer.

O plano tinha dado tão certo que Bobby mal podia acreditar. Supostamente, qualquer um disposto a tirar todas as roupas e se sujeitar a inspeção — e possível imolação — poderia passar por um posto de verificação do governo e sair da zona de quarentena, mas isso mais parecia mito que uma opção real. Não, para sair era preciso criatividade, e Macer tinha disso a balde. Na verdade, era simples: fazer

algumas centenas de voluntários causarem uma distração no gargalo principal da fila, esperar os outros soldados serem chamados como reforço e então correr feito louco por um dos gargalos menores.

Fazia quarenta minutos desde que tinham passado pela cerca, e Bobby continuava esperando ouvir um helicóptero militar voando acima dele, continuava se preparando para o carro explodir em uma bola de fogo. Mas Macer parecia tranquilo, olhando pela janela. Eles passaram batido por alguns carros abandonados. Lita estava pisando fundo mesmo. Ah, bom, uma multa por excesso de velocidade não era a maior das preocupações de Bobby.

Ele não havia botado muita confiança no plano de Macer, mas admitira que não tinha nenhuma ideia melhor para sair da zona de quarentena. Depois daquele pequeno discurso inspirador, foi incrivelmente fácil conseguir alguns voluntários dispostos a levar seus carros e picapes ao mesmo tempo até o gargalo principal instalado pelo exército. Macer — ou melhor, o profeta Bobby Higgs — só precisou prometer que a família de cada voluntário teria passagem garantida na caravana principal. Muitas pessoas, maridos, esposas e crianças, choraram bastante, mas a fé que Bobby tinha na humanidade deu frutos: as pessoas tinham uma disposição surpreendente a se sacrificar para salvar seus entes queridos.

E, quando aquelas centenas de voluntários atacaram o posto de verificação, aconteceu exatamente como Macer havia previsto: o exército exagerou e tirou as tropas das estradas vicinais. Bobby e Macer e o resto de seus seguidores conseguiram sair tranquilamente. Claro, houve algumas baixas — os peregrinos no comboio de Macer que investiram contra o posto tiveram que enfrentar o contingente básico de fuzileiros que ficara de guarda no bloqueio —, mas o resto passou pela cerca e para a estrada tão rápido que chegava a parecer anticlimático. A parte mais difícil realmente foi durante os primeiros dez minutos após atravessar a cerca, depois de passar do posto, quando os veículos ainda estavam todos aglomerados, milhares de carros cheios de cidadãos americanos fugindo do governo.

Bobby sabia que devia se sentir mal por sacrificar tanta gente, mas, no grande esquema das coisas, era uma quantidade muito pequena. Que diferença fazia se algumas centenas de ovelhas eram entregues aos lobos depois que tantos milhões já haviam perecido? Com certeza valia a pena se era a razão para ele não estar mais preso em Los Angeles, esperando as aranhas voltarem. Isso não tinha preço. Além do mais, ele tinha feito algo verdadeiramente nobre. *Tinha* resgatado milhares de pessoas aprisionadas. Os motoristas que se sacrificaram para a distração haviam se oferecido por vontade própria. Foram heróis. *Ele* era um herói. Era por sua causa que a grande fila de carros atrás dele conseguiu sair de Los Angeles, fugir daquelas aranhas horríveis. Ele acreditava que havia levado aquele rebanho à segurança.

E então Bobby sentiu o carro começar a desacelerar. Lita foi para o acostamento e parou.

— O que você está fazendo? — perguntou ele.

— Para fora, Bobby — ordenou Macer.

Bobby se virou para falar poucas e boas para Macer, mas percebeu que o cara lhe apontava algo que parecia uma arma. Pequena, preta, sinistra, com a forma muito parecida com a de uma arma. Portanto, era, de fato, uma arma.

— Que história é essa, Macer?

— Não vou pedir de novo, Bobby — disse Macer. — Para fora do carro.

Então Bobby saiu do carro e ficou no acostamento da estrada. Macer fez um gesto com a arma, indicando para ele se afastar, então Bobby deu mais alguns passos para trás. Dois carros e um utilitário passaram correndo, provavelmente também a quase cento e sessenta por hora. Macer estendeu a mão livre para fechar a porta, e Bobby não conseguiu se conter.

— Mas por quê, Macer? Por quê?

Ele percebeu que sua voz estava soando muito chorosa.

Por um instante, Bobby achou que Macer fosse só fechar a porta e mandar Lita acelerar sem responder, mas ele baixou o vidro. Ainda estava apontando a arma para Bobby.

— Por quê? Você realmente acreditou que eu estava interessado em uma revolução religiosa, Bobby? Você achou mesmo que eu queria algo mais além de sair de Los Angeles? — Macer o encarou, e então riu. — Meu Deus. Você realmente começou a se achar um salvador, não foi? Caiu direitinho.

Macer fechou a janela, e Lita pisou no acelerador, mas Bobby achou que ainda dava para ouvir o som ácido da risada dele até quando o carro já estava fora de vista.

Ele ficou no acostamento da Rodovia 10. O sol parecia um martelo depois do conforto da viagem no Audi, e de repente ele começou a sentir muita sede. Havia um *cooler* cheio de gelo, água e refrigerante no carro. Ele olhou para a estrada. Um sedã preto passou voando, levantando uma nuvem de poeira que o fez tossir, seguido de uma picape e alguns outros carros.

Mas então uma van parou. Ele a viu diminuir de velocidade e então encostar onde ele estava. A janela do carona baixou.

A motorista, de trinta e tantos anos, se inclinou para ele, falando por cima da pessoa no banco do carona, outra mulher mais ou menos da mesma idade. Elas não pareciam parentes, mas Bobby viu algumas crianças no banco de trás.

— O que *você* está fazendo aqui? Eu falei para Celia, “Meu Deus, é o profeta Bobby Higgs”, e ela falou, “Claro que não”, e eu falei, “É sim”, e aí passamos e era você mesmo, então parei.

Bobby olhou para a estrada, tentando calcular o tamanho da dianteira que Macer e Lita tinham. O asfalto brilhava debaixo do calor e do sol. Um conversível vermelho passou por eles. As duas mulheres na van o encaravam.

— Agradeço por terem parado — disse Bobby.

Foi quase um reflexo. A mudança no tom de voz. Ele retomou a cadência do profeta. Sua voz era calma, afetuosa.

— Mas o que você está fazendo na beira da estrada? — perguntou a motorista da van.

Bobby estendeu as mãos para dentro do carro, pegando a mão da moça do banco do carona e pedindo a da motorista.

— Ora — disse ele —, eu estava esperando vocês.

A mulher foi se sentar atrás com as crianças e Bobby ficou na frente. Disse às mulheres que precisava de silêncio para se comunicar com Deus. Elas mandaram as crianças ficarem quietas, e Bobby fechou os olhos.

Sabia que havia limite para até onde Macer conseguiria fugir. Macer não precisava mais dele? Macer achava que podia largar Bobby para trás?

Bom, pensou Bobby, *veremos*. Mesmo sem Macer, podia ser o profeta Bobby Higgs. Não precisava dele. Podia reconstruir seu exército sozinho. Traria o rebanho para o seu lado e então o levaria... para onde? Ele não sabia, mas pensaria em algo. Ele os levaria adiante e, mais cedo ou mais tarde, alcançaria Macer, e o faria pagar.

Sixpence Bar, Atlanta, Geórgia

Teddie nunca tinha pensado em perguntar por que aquele local se chamava Sixpence Bar. Ele não tinha nada de inglês. A carta de cervejas girava muito em torno de Budweiser e outras cervejas aguadas que deixariam qualquer britânico de verdade horrorizado, e o cardápio não oferecia nenhuma referência a *fish and chips* nem nada que pudesse parecer típico de um verdadeiro pub inglês. Mas aquilo definitivamente era um bar. Não muito bom. Na verdade, era um pé-sujo, mas ficava em um beco a uma quadra da praça da sede da CNN e parecia um bom lugar para encher a cara. Então, claro, o nome do lugar merecia a palavra *bar*, mas *sixpence*? Não. Essa ela não conseguia entender. Era um mistério.

Também era um mistério por que Don, seu chefe, agora estava sentado no banco ao lado. Ele teria que ter saído do prédio da CNN, atravessado a praça, passado direto por mais ou menos uma dúzia de restaurantes e bares aonde a maioria das pessoas do trabalho ia depois do expediente e se enfiado no beco que abrigava o Sixpence Bar.

— Vou querer o mesmo que ela — pediu ele ao barman.

— Dose tripla de tequila?

Don hesitou.

— Deus do céu, não. — Ele olhou para Teddie. — Caramba, querida. Hum... — disse ele, encarando de novo o barman. — Quero um Pimm's Cup.

— Aqui parece o tipo de bar que serve isso?

Teddie passou os olhos pelo Sixpence Bar ao mesmo tempo que Don. Nossa. Realmente era uma pocilga. Uma televisão atrás do balcão passava um jogo de beisebol. Sério? Um jogo de beisebol? A Major League ia fingir que estava tudo normal? Aparentemente, sim. E uma série de mesas de madeira escura ia até um corredor que continha o que ela imaginava que fossem os banheiros. Não que tivesse qualquer intenção de ir ao banheiro ali, pelo menos não antes de conferir se a antitética estava em dia. O ambiente todo era escuro, mas não o tipo de iluminação intimista de alguns lugares, e sim na linha de lâmpadas queimadas que o dono não se deu ao trabalho de trocar.

Uau. Teddie realmente podia ter escolhido um lugar melhor.

— Tudo bem — disse Don. — Cerveja. Uma long neck, por favor.

Teddie olhou para o próprio copo. Não parecia muito limpo.

— Como você me achou?

— Bom — disse Don —, a última coisa que você me falou foi que ia encher a cara no bar mais próximo.

— Tecnicamente, este não é o bar mais próximo. Nem um pouco.

— Eu sei. Aqui é o sétimo lugar que eu tento.

— Foi mal. Por que não telefonou?

— Seu celular está ligado?

Ela olhou para o aparelho, apoiado em cima do balcão. Não estava ligado.

— Foi mal.

— Você já falou isso.

O barman trouxe uma garrafa de cerveja light e fez a maior cena de abrir na frente dele, depois olhou para Teddie e levantou uma garrafa de tequila.

— Sim, por favor — disse ela.

— Não — respondeu Don, estendendo a mão e cobrindo o copo. — Para ela já chega.

O barman deu de ombros e se virou. Aquele sujeito não parecia muito dedicado ao trabalho. Ela olhou para Don com uma expressão contrariada.

— Achei que você tinha entendido quando eu falei que ia encher a cara.

— Bom, eu entendo que você sinta a necessidade de se embriagar, mas agora talvez não seja o melhor momento. — Ele tomou um gole da cerveja e fez uma careta. — Eca. Eu tinha esquecido como detesto urina choca. Antes de entrar aqui, quando vi o nome, tive esperança de que veria uma boa carta de cervejas inglesas e europeias.

Teddie se endireitou no banco.

— Pois é! O nome, né? A gente pensa que pelo menos...

— Teddie — interrompeu Don. — Tem gente procurando você.

— Por quê? Quem?

— Digamos apenas que seu VT sobre a maneira como as aranhas se movimentam

em multidões chamou atenção. — Ele a segurou pelo cotovelo e se levantou da banquetta. — Aqui — disse ele, entregando uma bolsa para Teddie. — Seu laptop. Você vai precisar.

Ela pegou a bolsa do computador e pendurou no ombro. Não estava bêbada, mas tinha tomado uma dose de tequila antes de pedir a dose tripla, então também não estava tão sóbria. A situação mudou assim que eles passaram pela porta e saíram do beco até a rua ensolarada.

Havia dois helicópteros militares com metralhadoras no meio da praça, além de mais ou menos uma dúzia de viaturas e um monte de policiais e soldados fardados. Todo mundo estava olhando na direção dela. Esperando por Teddie.

De repente ela se sentiu muito, muito sóbria.

Minneapolis, Minnesota

Nenhum café do mundo faria aquilo parecer qualquer coisa diferente de seis horas da manhã depois de uma noite em claro. O agente Mike Rich se olhou de novo no espelho do banheiro e passou as mãos debaixo da torneira automática para jogar um pouco mais de água no rosto. As lâmpadas fluorescentes faziam até uma pessoa saudável parecer um zumbi recém-saído do forno de micro-ondas, mas Mike já parecia um lixo até debaixo de uma luz decente. Não era bom sinal quando as pessoas olhavam para ele e Leshaun e diziam que *Mike* precisava descansar um pouco. Leshaun tinha sido baleado duas semanas antes, caramba. Tudo bem, não tinha sido um ferimento tão ruim em matéria de ferimentos a bala, mas, em circunstâncias normais, Leshaun ainda teria pelo menos mais uma ou duas semanas de licença médica.

Mas as circunstâncias não eram normais. Se fossem, Mike talvez tivesse conseguido dormir um pouco, em vez de passar a noite inteira dirigindo para garantir que sua filha, sua ex-esposa grávida e o novo marido dela, Rich Dawson, chegassem em segurança na cabana de Dawson no meio da floresta. De novo.

Segurança. Mike puxou algumas folhas de papel e enxugou o rosto. Eles estavam mesmo em segurança? Será que isso ainda existia? Os jornais e os repórteres na televisão ficavam se alternando entre histeria e otimismo, mas Mike estava

recebendo informações próximas da fonte, e até a melhor interpretação era assustadora. A verdade era que eles tinham tido sorte nos Estados Unidos. Los Angeles foi uma tragédia, mas não era nada em comparação com a China ou até com Delhi. Mike achava incrível que muito pouca gente elogiou a presidente pela decisão rápida de interromper todo o tráfego aéreo. Quão pior teria sido se as pessoas estivessem voando pelo país todo carregando no corpo ovos daqueles monstrinhos?

Ele saiu do banheiro do escritório, pegou uma rosquinha murcha na mesa do corredor e entrou na sala de reuniões. Estava lotada. Seis da manhã, e o chefe da seção havia convocado todos os agentes de campo de Minneapolis. Eles deveriam estar lá fora, fazendo o mesmo que vinham fazendo desde que as primeiras bolsas de ovos foram encontradas, ou seja, procurar por mais delas, só que, em vez disso, estavam enfiados na sala de reuniões à espera de novas ordens.

Leshaun tinha guardado um lugar para ele. Quando Mike se sentou, ele pôs uma das mãos nas costas da cadeira dele e lhe ofereceu um copo descartável de café com a outra.

— Como foi lá?

— Tranquilo — disse Mike. — Annie chorou um pouco, mas acho que ela vai ficar bem. Falei que daria um cachorrinho para ela quando tudo voltasse ao normal.

— Uau. Um cachorrinho? Pegou pesado.

— É, bom, estou guardando o pônei para quando precisar impressionar de verdade.

Mike deu um sorriso involuntário. Já fazia bastante tempo que ele e Leshaun eram parceiros, e os dois se davam muito bem. Leshaun sempre sabia quando fazê-lo ficar sério e quando era hora de relaxar. E, naquele momento, Mike precisava relaxar. Ele tinha achado que a primeira vez que levou Dawson, Fanny e a filha até o lago Soot, a noite em que Los Angeles se transformou em um novo círculo do inferno, foi a pior noite de sua vida. Estava enganado. Tinha sido ótimo atravessar o lago em uma lancha emprestada — tudo bem, temporariamente roubada — para levá-los de volta a Minneapolis, e, quando Melanie falou que ele precisava *tirar* a filha de lá de novo, Mike se sentiu mal. Na primeira vez, ele encarou a viagem como uma precaução. *Só por via das dúvidas*. Mas agora era diferente. Deu para sentir na voz de Melanie. Ela estava preocupada. Dessa vez, quando se despediu de Annie e de Fanny, sua ex-esposa, ele se esforçou um pouco para não chorar e voltou várias vezes para dar mais um abraço na filha. De Dawson, bastou um bom aperto de mão.

O diretor da seção entrou na sala de reuniões, e todo mundo ficou quieto. Jake Stigler não tinha conseguido aquele cargo graças a uma mente muito afiada. Ele estava mais para um daqueles canivetes cheios de funções que alguns caras gostavam de levar para todo canto: bom para muitas coisas, excelente em nada. Assim era Stigler. Ele era profunda e totalmente competente. Nada mais, nada menos, e, embora Mike já tivesse trabalhado com muitos policiais e agentes que mal superavam o nível básico de competência, ainda assim teria preferido um chefe

melhor. Stigler era bom em seguir ordens e processar papelada, além de realizar operações e investigações rotineiras, mas não era muito dotado de criatividade. Todas as maiores vitórias da seção de Minneapolis desde que Stigler foi posto no cargo tinham sido resultado das ações de agentes que não pediram aprovação prévia do chefe.

Naquele momento, diante da sala lotada, Stigler parecia pouco à vontade. Mike olhou para Lashaun, que respondeu com um olhar do tipo “sei lá”. Mike tomou um gole de café. Estava morno, não quente, mas ele e Lashaun já eram parceiros havia tanto tempo que Lashaun sabia exatamente como Mike gostava do café: um respingo de leite desnatado e dois sachês de adoçante artificial natural. Uma das professoras de Annie tinha falado para ela que adoçantes artificiais davam câncer, então a menina o obrigara a mudar para o açúcar falso natural no outono anterior. Só Deus sabia o que era um adoçante artificial “natural”. Provavelmente dentes-de-leão moídos por hippies em Vermont. Ainda tinha aquele gosto ligeiramente esquisito e amargo dos adoçantes que vinham em sachês amarelos, rosados ou azuis que ele usava havia anos, naturais ou não. Lashaun preferia uma mistura de café com uma dose extra de chocolate, o que sempre fazia Mike se sentir virtuoso por usar leite desnatado e adoçante artificial natural e, ao mesmo tempo, chateado porque Lashaun não virava uma bola de creme e açúcar.

Stigler pigarreou.

— A partir de hoje à noite, interromperemos todas as atividades em Minneapolis. Não só nós. Todo agente federal está sendo retirado do estado. Vamos embarcar em um avião militar de transporte rumo à costa leste daqui a doze horas. O avião decola às dezoito em ponto.

Mike engasgou com o café.

A sala explodiu em uma confusão de agentes tentando fazer perguntas a Stigler, agentes falando uns com os outros, agentes pegando o celular.

— Ei! — A voz de Stigler foi alta, superando o caos e silenciando a sala. Mike não sabia se já havia escutado Stigler gritar antes. Não esperava que fosse ser tão impressionante. — Nada de telefone! Não quero saber de nenhum telefone. — Mike viu alguns agentes com cara de culpados guardarem o celular. — Minhas ordens originais eram para confiscar os celulares e segurar vocês aqui até as quatro da tarde, e então levar todo mundo direto para o aeroporto. Houve muita resistência quanto a isso — ecoou mais gritaria, e Stigler levantou a mão —, inclusive da minha parte. A retirada agora inclui família, e é por isso que vocês estão sendo informados agora. Doze horas. Apenas família imediata. Cônjuges, filhos. Não posso prometer espaço para pais. O avião sai às seis da noite. Em. Ponto. Com ou sem vocês. — Ele se virou e apontou para uma agente mais jovem no canto, que estava tentando, sem sucesso, digitar discretamente no celular. — Guarde a porra do celular. Agora.

— Qual é, diretor! — exclamou Beth Gomper.

Ela era de Nova York e não tinha gostado da transferência para Minneapolis.

— O que foi, Beth? Não ouviu o que eu falei?

Stigler olhou para todo mundo na sala, e Mike percebeu que ele parecia exausto. Perguntou-se quanto tempo fazia que Stigler ficou sabendo da ordem de evacuação. Será que soube na noite anterior, enquanto Mike levava Annie para a cabana no lago?

— Escutem, a verdade é que nós estamos trabalhando em cima de informações extremamente incompletas — disse Stigler. — Mas o que sabemos é que as pessoas estão saindo de Los Angeles e seguindo para o leste. É gente demais para impedir agora. Acho que o exército ainda está tentando; instalaram bloqueios e cercas, mas não adianta. Milhares de carros conseguiram passar. É gente demais para localizar. Gente demais para impedir, agora que todo mundo se dispersou. Washington não disse quantas pessoas eles acham que podem estar contaminadas, mas é óbvio que a situação não vai parar na Califórnia. A esta altura, a esperança é de conseguirmos conter a infestação nos estados da costa oeste e fazer o possível para não chegar ao meio-oeste.

Stigler massageou a nuca e deu um suspiro.

— Todos os agentes federais estão sendo retirados do estado. Vocês fazem alguma ideia do que isso significa? Washington está com medo do pânico que a notícia de que estamos abandonando tudo a oeste do Mississippi vai gerar. Querem o máximo possível de sigilo pelo máximo possível de tempo. Então busquem seus cônjuges, busquem seus filhos e fiquem calados.

— Você acha mesmo que o sigilo vai durar?

Mike não viu de quem foi a pergunta, mas achou que a voz parecia a de Finkelbaum. Ela era mais velha, estava quase para se aposentar. Divorciada. Sem filhos.

— Pelo bem de vocês — respondeu Stigler —, espero que sim. Pelo bem de todos nós. Vai haver tumulto se a informação vazar. Já vai ser uma loucura no aeroporto mesmo se a notícia não se espalhar. Esse é o tipo de coisa que gera pânico. Se vocês quiserem sair daqui sem ter que atravessar uma turba enfurecida, sugiro que mantenham o máximo de sigilo enquanto organizam a evacuação de suas famílias. O avião decola às seis da noite, mas, quanto antes todo mundo chegar ao aeroporto e embarcar, melhor.

Houve mais uma confusão de vozes, mas dessa vez Stigler se limitou a levantar a mão e deixar que as vozes o atingissem. Mike olhou para Leshaun, que mexeu os lábios com uma pergunta silenciosa de uma palavra só: *Annie?*

Mike assentiu, mas a verdade constrangedora era que o primeiro pensamento dele não foi a filha. Seu primeiro pensamento foi que, se estavam enviando todos os agentes da seção para a costa leste, as pessoas *com certeza* entrariam em pânico, e foi então que ele se deu conta de que era pior do que havia imaginado. Stigler tinha falado não só de todos os agentes da seção, mas de todos os agentes *federais*. Caramba. O governo estava abandonando metade do país.

Os dez minutos seguintes foram uma confusão de ordens. Nada de comunicação por rádio. Nada de telefonemas ou e-mails ou mensagens de texto. Peguem seus filhos e cônjuges e voltem para cá em tempo. Só família. Não contem para seu vizinho, não contem para seu dentista. Não contem para os professores dos seus filhos, nem soltem uma palavra sequer sobre isso. O único objetivo era tirar os agentes federais sem passar a impressão de que eles estavam abandonando o grande povo de Minneapolis. Bem difícil, já que, na prática, eles estavam abandonando o povo de Minneapolis. Abandonando todo mundo a oeste do Mississippi.

Às seis e meia da manhã, Mike e Lashaun já estavam no carro da agência. Ironicamente, era uma bela manhã. Fazia um calor fora de época de novo, e o sol transformava o vidro dos edifícios em um parque de diversões espelhado.

— Nunca pensei que ficaria feliz por minha família toda morar nos cafundós do Tennessee — disse Lashaun. — Acho que não existe buraco mais afastado de tudo neste planeta. Provavelmente não dá para ser mais seguro do que lá. O lugar é tão isolado que, se o mundo acabar, eles só vão ficar sabendo uns trinta anos depois. — Lashaun olhou para o celular e o guardou de novo no bolso. — Isso não vai durar. Você sabe. A história vai vazar antes de os aviões decolarem. Alguém, em algum lugar, vai telefonar ou mandar um e-mail. A ideia original de Washington, de nos segurar na agência e depois levar todo mundo para o aeroporto, era boa. Não daria chance para nenhum de nós estragar tudo.

— Não teria funcionado — respondeu Mike. — Talvez para agentes como você, que não têm filhos. Por acaso acha que eu deixaria Annie para trás?

— De quantas pessoas você acha que a gente está falando? Todos os agentes federais a oeste do Mississippi? Mesmo sem contar o pessoal de apoio, auxiliares de escritório e agentes locais que por acaso trabalham com os federais? Mais os cônjuges e os filhos? Vai vazar. Certeza absoluta. E, quando vazar, vai explodir. Tumulto. Pânico. Pilhagem e tiroteio. Rodovias e ruas vão ficar engarrafadas. Não importa se não há nenhum lugar para onde ir. Fugir parece melhor do que ficar parado.

— Você sabe que, se vier comigo para buscar eles, pode ficar preso no meio da confusão, né? — perguntou Mike. — A chance é bem grande de, quando chegarmos à cabana e voltarmos, as estradas já estarem paradas e não conseguirmos ir para o aeroporto. É um risco. Tem certeza de que ainda quer ir comigo para buscar Annie?

— Família não é só de sangue.

Mike assentiu, e os dois ficaram em silêncio por alguns minutos.

O silêncio deu tempo para Mike pensar.

— Não faz sentido — disse ele. — Claro, era assustador, mas só encontramos cinco locais com bolsas de ovos em Minneapolis, e não tivemos nem boato de ovos encontrados em qualquer outro lugar além de Los Angeles. E, desde que as aranhas morreram, não houve nenhum ataque confirmado. Então por que eles estão evacuando todo mundo? Quer dizer, faria sentido lá na costa oeste, na Califórnia, em

Nevada, no Oregon, mas em Minneapolis?

— Você ouviu o que Stigler falou: a quarentena foi quebrada. Você acha que as pessoas precisam de mais motivos para começar a entrar em pânico de novo? Dois milhões de mortos em Los Angeles. A China vai ficar pintada de verde radioativo por quarenta mil anos. As pessoas não vão precisar de muito incentivo para começar a correr na direção da saída. Só a notícia de que a zona de quarentena caiu vai ser suficiente para todo mundo tentar fugir.

— Não — disse Mike. — Você tem razão quanto ao pânico, claro. É um barril de pólvora, e tem muito palito de fósforo por perto. Estou falando de Washington. Não faz sentido levar todo mundo para o leste. Não houve nenhum incidente para justificar isso. Não aconteceu nada ainda. Não seria melhor para eles se tentássemos montar uma segunda zona de quarentena? Vão estabelecer uma segunda linha de quarentena, não? Sim, Stigler disse que manter as pessoas em Los Angeles não deu certo, mas também disse que o novo objetivo é evitar que a infestação saia da costa oeste e atravesse o país todo. Como todo o tráfego aéreo comercial está paralisado, ainda vai levar alguns dias para as pessoas da Califórnia chegarem até Minnesota. Se a situação estava mais ou menos contida a Los Angeles, tem alguma coisa de que a gente não está sabendo.

— E a sua cientista lá de Washington? Você tem como ligar para ela?

Melanie. Ah, merda. Melanie. Mike tinha telefonado para ela para falar da bolsa de ovos pulsante, e ela falou para ele tirar Annie da cidade. E Melanie estava em contato com a presidente. Será que ele tinha causado tudo aquilo? Será que ela tinha desligado o telefone, feito as contas e percebido que talvez não fosse só Minneapolis? Será que o receio mesmo era que *já* houvesse infestações em outras partes do país? Ou que havia algo pior a caminho?

— Ah, cara. O problema não é o que aconteceu — disse Mike. — É o que *vai* acontecer. Tem alguma coisa vindo. Quanto tempo? — Ele olhou para Leshawn. — Quanto tempo você acha que vai demorar até vazar que o governo está mandando os agentes para a costa leste e as pessoas começarem a entrar em pânico?

— Horas, talvez — disse Leshawn. — Talvez menos. Tomara que dê tempo de buscar Annie e voltar.

Ele deu partida no carro, ligou a sirene e pisou no acelerador.

Desperation, Califórnia

Era estranho estar na superfície de novo. A beleza do abrigo de Espingarda residia no fato de o lugar ser completamente autônomo. Mesmo se eles não estivessem no meio de um apocalipse aracnídeo, não havia muita necessidade para sair. Espingarda era, no mínimo, perfeccionista. Chegava ao ponto de ser entediante. Claro, o espaço de Espingarda parecia mais um apartamento urbano descolado de um bilionário do que um bunker tradicional de sobrevivencialistas. Não tinha como negar que aquele era o melhor esconderijo para fins de mundo que Gordon já havia visto. Mas era tão bem pensado que eles basicamente ficavam ali só matando o tempo. Não havia muito o que fazer. Exceto inventar um lança-chamas caseiro.

Gordon apertou o gatilho e despejou outra grande onda destruidora de fogo no meio da noite.

Era surpreendente o barulho que fazia. Ele imaginou que tivesse a ver com o deslocamento de ar.

— Ótimo — disse Gordon, soltando o gatilho e olhando o resto de gasolina se consumir até virar um nada luminoso —, parece que temos um baita lança-chamas caseiro. Eu estava com um pouco de medo de que fosse ser sem graça, mas não. Disparar um lança-chamas é tão legal quanto eu imaginei. Quer postar o projeto na internet para que as pessoas de bem do mundo possam construir os próprios?

— Vamos lá — respondeu Espingarda.

Eles fecharam e selaram as portas antiexplosão, atravessaram a garagem — Gordon se demorou um pouco para passar o dedo na pintura azul-escura do Maserati e lançar mais um olhar admirado para o avião bimotor com seis lugares — e entraram na oficina. Eles postaram o projeto, usando o laptop de Espingarda, em algumas comunidades virtuais de construtores. Quem não tinha uma impressora 3-D compatível com metal, ou acesso a uma oficina particular, provavelmente não conseguiria montar um lança-chamas caseiro com peças comuns vendidas em qualquer loja de ferramentas, mas pelo menos algumas pessoas conseguiriam fazer a arma. Aquilo não era uma resposta de verdade: o lança-chamas tinha alcance limitado. Era bom para liberar uma área pequena em volta de alguém. Era uma arma de proteção pessoal, não para vencer a guerra de fato. Ainda assim, era melhor do que nada, e os dois se sentiram satisfeitos assim que postaram o projeto.

E na mesma hora ficaram entediados de novo. Fred e Amy estavam assistindo a algum filme de arte sueco e bebendo, então Gordon e Espingarda estavam por conta própria.

— Um lança-chamas maior? — sugeriu Espingarda.

— Não é exatamente o tipo de coisa que dá para ser ampliada de forma útil — disse Gordon. — A gente pode aumentar o volume várias vezes, mas vai chegar um ponto em que a gente vai acabar torrando junto. Um lança-chamas grande demais é perigoso para o usuário também.

— Faz sentido.

— O que a gente precisa bolar é um jeito de matar aranhas à distância.

— Você está pensando em algo, tipo, sei lá, bombas?

— Engraçadinho — respondeu Gordon. — A questão é bolar alguma coisa que os militares já não tenham inventado, porque aquilo tudo foi projetado para combater seres humanos. Não aranhas pequenas. Como uma arma de raios ou algo assim. Sei lá. Eu sou só seu assistente. Você é o engenheiro cheio das patentes.

— As aranhas não são tão pequenas. — Espingarda pensou por um minuto. — Mas talvez você esteja certo.

— A respeito do quê?

— Você disse que se aumentarmos muito o volume de combustível a gente vai acabar se explodindo, né? — Gordon fez que sim com a cabeça, e Espingarda continuou: — Mas talvez possamos tentar alguma coisa que realmente aumente o volume.

Gordon estava confuso.

— Como uma arma sônica?

— Infrassônica — corrigiu Espingarda. — E aí a gente bota o volume no máximo. Até onze.

Ilha Càidh, Enseada Ròg, Ilha de Lewis, Hébridas Exteriores

Thuy estava falando ao celular.

Thuy estava falando ao celular, em cima das pedras do lado de fora do castelo, e Padruig parecia muito feliz com aquilo. Só isso já era estranho o bastante para Aonghas, mas o mais estranho era saber que, assim que Thuy desligasse, o avô também pretendia fazer uma ligação.

— Também amo vocês — disse Thuy.

Ela abaixou o celular e se desfez em lágrimas. Aonghas já a vira chorar antes — depois de algumas semanas muito estressantes na faculdade de medicina, depois que ela soube que a tia havia falecido e até de alegria, depois que ele a pediu em casamento —, mas não daquele jeito. Ela chorava tanto que os soluços pareciam latidos, como uma foca esperando para comer, como um cachorro com medo da própria sombra. Rios de lágrimas escorriam de seus olhos, e seus ombros se sacudiam tanto que Aonghas achou que ela fosse deixar o celular cair. Ele se virou para Padruig, sem saber o que fazer, e seu avô respondeu com um olhar que dizia: *Como foi que eu criei um garoto tão idiota? Vá até lá abraçar e consolar sua noiva, seu grande imbecil!*

Então Aonghas abraçou e consolou Thuy até ela parar de chorar, o que levou

alguns minutos. Ela se aninhou no peito dele e pareceu se sentir realmente reconfortada, o que fez Aonghas se achar um pouco menos idiota, embora ele não entendesse por que ela chorava *agora*, quando finalmente descobriu que os pais, o irmão, o namorado do irmão e até o cachorro do namorado do irmão, um pastor-alemão chamado Terrance, estavam bem. Teria feito sentido se ela tivesse chorado antes, quando não sabia. Ou teria feito sentido se ela chorasse caso recebesse a notícia de que alguns deles haviam sido, bom, devorados. Mas ela tinha acabado de receber boas notícias, não? Ele olhou para o avô por cima da cabeça de Thuy, e Padruig respondeu com outro olhar, que agora dizia: *Seu trabalho como marido será aceitar a mulher complicada e maravilhosa que sua futura esposa é*. Ou algo assim.

Depois de alguns minutos, as lágrimas de Thuy chegaram ao fim e ela falou que queria entrar para fazer uma xícara de chá, se sentar no sofá e ficar um tempo olhando o mar pelo janelão. Thuy entregou o celular a Padruig e deixou os homens sozinhos no meio das pedras, enquanto soprava uma brisa excepcionalmente suave, e uma ou outra rajada espirrava um pouco de água salgada nos dois.

Padruig levantou o celular de Thuy, um Henderson Tech 4600 que ela tinha comprado no fim de semana antes de ir encontrar Aonghas em Stornoway.

— Tem certeza de que vão conseguir mandar os documentos para esse negócio?

— Já falei que sim. Thuy consegue ver e-mails com isso. Se o celular tiver sinal e a rede não estiver sobrecarregada, vamos receber.

Padruig parecia desconfiado, mas evidentemente decidiu acreditar no neto, porque começou a mexer no aparelho. Parecia uma galinha catando milho. Claro que, como ele não havia desbloqueado a tela inicial, nada aconteceu.

— Como é que se mexe neste troço? — disse Padruig. — Esta geringonça infernal é uma praga.

— É só um celular, Padruig, não um instrumento satânico.

O avô resmungou.

— Bem podia ser. O declínio da civilização moderna começou com essas coisas.

— Você falou a mesma coisa da televisão, dos micro-ondas e das pessoas pararem de usar roupas formais para viajar de avião. Aqui, me dê o celular.

Aonghas pegou o aparelho e discou o número anotado no pedaço de papel que Padruig lhe entregou. Era um número de Londres. A princípio, só silêncio, e Aonghas prendeu a respiração, com medo de que talvez a rede de celulares estivesse sobrecarregada de novo, que a ligação de Thuy tivesse sido um golpe de sorte, mas então veio uma série de apitos agudos e curtos, dois toques longos e, por fim, o clique de um telefone sendo tirado do gancho.

— Quem é você e como foi que conseguiu meu número particular?

Sem falar nada, Aonghas entregou o telefone para o avô.

— Aqui é Padruig Càidh... É. Esse Padruig Càidh. — Ele ficou ouvindo por algum tempo e depois interrompeu a voz do outro lado da linha. — Eu sei que você é um fã e sei que agora não é exatamente um bom momento, mas preciso que você

me envie algo... Sim, agora... Não. Não quero saber se você está ocupado.

Continuou assim por um ou dois minutos, até a voz do outro lado finalmente ceder à vontade de Padruig — o que não era nenhuma novidade, já que, pela experiência de Aonghas, todo mundo cedia à vontade de Padruig. O avô devolveu o celular.

— Ele disse que vamos receber os mapas daqui a uma hora. Todos os pontos de contato de que se tem notícia.

— Como exatamente você tem o telefone pessoal do diretor do MI6?

— Como você acha? — perguntou Padruig. — Harry Thorton. O sujeito adora. Ele me manda cartas desde que era jovem. Algumas vezes por ano. Ideias para o próximo mistério de Harry Thorton. Ele vivia me pedindo para eu ligar para ele caso fosse visitar Londres, para que ele pudesse me levar para tomar uma cerveja e conversar sobre Harry. Eu matei ele uma vez, lembra? Em *Trinta golpes por minuto*, ele era o personagem que foi jogado do alto da torre do relógio.

— Você acha mesmo que tem razão?

Padruig olhou para o mar. As ondas batiam na ilha no ritmo de sempre. O oceano, para variar, era indiferente às aflições da humanidade.

— Eu já falei para você o que sua avó me disse no dia em que soubemos que sua mãe estava grávida?

Aonghas ficou surpreso. Seu avô quase nunca falava da esposa falecida. Tudo indicava que ela havia sido uma pessoa extraordinária. Em primeiro lugar, ela suportara Padruig, mas também era esperta e engraçada, uma cozinheira de mão cheia e uma mulher à frente de seu tempo. Tinha arrumado um emprego para sustentar a casa quando Padruig começou a escrever, e ele sempre disse que a ideia do primeiro mistério de Harry Thorton havia sido dela. Ela sempre negara publicamente, em entrevistas, e até na vida particular, para a própria filha, mas Padruig insistia que era verdade. Mas ele não costumava falar dela sem motivo. Sua morte já fazia mais de trinta anos, e a lembrança da esposa falecida ainda deixava o avô triste.

— Quem dera ela tivesse vivido tempo o bastante para pegar você no colo, ou, melhor ainda, para você ter tido a chance de conhecer ela — disse Padruig —, mas sabe o que ela falou? Na noite em que seus pais nos contaram que iam ter um bebê? Isso foi antes de nós descobirmos que sua avó já estava doente. — Ele hesitou. Sua voz deu uma vacilada, e Aonghas percebeu que o avô estava chorando. — Não. Não foi assim. Não “nós”. Não antes de nós descobirmos que sua avó estava doente, mas sim antes de *eu* descobrir que sua avó estava doente. Eu não notei nada. Ela já devia ter pressentido. No fundo, ela já devia saber o que ia acontecer, que só lhe restavam alguns meses de vida, antes mesmo de os médicos nos contarem.

Ele pescou um lenço do bolso do paletó. O lenço era de linho amarelo-claro. Delicado. Ele deu as costas para Aonghas por um instante para enxugar os olhos. Depois, virou-se para o neto de novo e pigarreou.

— Ela falou: “Tome conta do bebê”. Foi o que ela falou. Como se ela soubesse do acidente que ia levar seus pais. Como se ela já soubesse que também não estaria aqui para você.

— Por que é que só estou ouvindo isso agora?

Padruig deu uma risada meio tossida, dobrou o lenço e o guardou de volta no bolso.

— A garota não contou?

Aonghas se sentiu desorientado. Leve. Não seria nenhuma surpresa se de repente brotassem asas de suas costas e ele saísse voando do pedregulho da ilha e pairasse acima da água. Padruig não estava fazendo o menor sentido.

— A garota? Você está falando de Thuy?

Seu avô sorriu, e era um sorriso de verdade. Algo feliz e genuíno e verdadeiro, e, por um instante, mesmo sem entender do que ele estava falando, Aonghas se sentiu ainda mais leve. Cheio de esperança.

Padruig olhou para o castelo, e Aonghas seguiu o olhar do avô. Thuy estava lá dentro, perto da janela, segurando uma xícara de chá e olhando para os dois. Ela também sorria e levantou a mão para acenar.

Os dois acenaram de volta.

— Contou o quê?

Padruig deu um tapa no ombro de Aonghas.

— Ora, que ela está grávida, claro. Por que você acha que ela aceitou se casar com você? Com certeza não foi pela sua beleza, seu grande tonto.

Casa Branca

Manny notou os sinais muito antes. Steph tinha seus cacoetes. Primeiro ela começava a bater o polegar na beirada da mesa. Depois, mexia em um dos brincos. Em algum momento, pegava o copo e o segurava com ambas as mãos, como se estivesse bem ciente de que os dedos inquietos eram um sinal de que ela estava perdendo a paciência. Ela sabia controlar as emoções muito bem. Precisava saber. Mulheres que ficavam obviamente bravas eram consideradas emotivas demais para serem boas líderes. Como o chefe do Estado-Maior Conjunto e o alto-comando estavam indicando, de forma pouco sutil, que achavam que a resistência de Steph a começar a despejar bombas nucleares se devia à dificuldade dela de superar as próprias emoções — em outras palavras, ao fato de ela ser mulher —, demonstrar irritação não era a resposta certa.

Perder a paciência talvez não fosse a resposta certa, mas teria sido uma catarse. Steph teria se sentido melhor, e Manny teria se divertido ao vê-la cair em cima de Ben Broussard e de sua trupe de conselheiros militares. A presidente Pilgrim havia aprendido a cair sobre alguém como uma avalanche, quando necessário. Ninguém era eleito presidente dos Estados Unidos, especialmente uma mulher, sem aprender a dar umas cotoveladas e sem ter a disposição para tal. Manny lembrava quando, anos antes, Steph ainda era a governadora Pilgrim e precisara lidar com o diretor de

estradas do estado. Ele era resquício do antigo regime e de outros tempos, um bom garoto que gostava de caçar e adorava chamar seus cães de “cadela” na frente de Stephanie sempre que achava que não sofreria consequências.

Ele sofreu.

Steph era da política, ou seja, não esquecia.

A certa altura, o sujeito tinha passado por cima dela em uma questão orçamentária e, quando Steph descobriu, ele teve a cara de pau de falar que tinha feito isso porque duvidava que ela fosse entender os cálculos. Mulheres e a dificuldade delas para lógica e tal. Foi uma obra de arte a maneira como ela o destruiu. Manny sempre havia pensado em raiva como algo quente, mas talvez a melhor metáfora fosse pensar em termos de avalanche, porque ela foi gelada. O homem saiu da sala dela espumando de raiva e pediu demissão do cargo, a carreira arruinada.

Não, Manny não queria lidar com uma Steph brava. Mas, se a raiva de Steph estivesse concentrada em Broussard, bom, Manny podia aceitar isso.

— Você já deu a ordem de retirada dos recursos federais de todas as bases a oeste do Mississippi, e isso foi um bom começo — disse Broussard.

Ele tinha passado quase cinco minutos falando que isso era um bom começo, mas o que não estava dizendo — o que estava apenas insinuando de forma incrivelmente passivo-agressiva para um militar — era que a presidente Pilgrim havia pisado na bola. Retirar os recursos federais era a decisão certa, segundo Broussard, mas ela poderia ter feito muito mais, se tivesse dado ouvidos a ele antes. Os militares em volta dele — todos homens — fizeram gestos solenes de aprovação. Todos estavam querendo dizer que Broussard tinha razão. Steph *podia* ter feito mais. Os militares tinham razão, como sempre, e a presidente tinha cometido o erro de não seguir o conselho deles ao pé da letra. Steph podia ter feito mais, e eles queriam que ela aprendesse com esse erro: aquela era a chance de Steph compensar pela inação anterior. Na cabeça deles, Steph só tinha uma possibilidade de ação.

A presidente colocou o copo na mesa e se levantou.

— Senhores, não sei como posso ser mais clara. Eu não autorizaria ataques nucleares de jeito nenhum, muito menos com nossas forças militares realizando operações na área de Los Angeles. Agora não. Vocês passaram os últimos cinco dias me cobrando ataques nucleares ao longo da faixa costeira ocidental. Los Angeles e San Francisco e Seattle e tudo no meio. E depois vocês querem ir ao leste, desde a fronteira com o Canadá, no limite entre Montana e Dakota do Sul, descendo até Denver e Albuquerque e a fronteira com o México ao sul, e, ah, a propósito, talvez não devêssemos nos preocupar tanto com essas fronteiras, talvez devêssemos lançar bombas até não ter mais nada para bombardear. Ataque nuclear não é a resposta para tudo.

Broussard abriu a boca, mas Stephanie levantou a mão.

— Ben, ainda estou falando, e se você me interromper, se disser uma palavra sequer, vou mandar o agente especial Riggs e os colegas dele do Serviço Secreto o

algemarem e amordaçarem e o enfiarem em algum armário na Ala Leste.

Manny deu uma olhada em Tommy Riggs. A maioria dos agentes tinha aparência atlética, mas era de tamanho normal para seres humanos. Eles não se destacavam em uma multidão. O agente especial Riggs parecia bastante normal quando estava sozinho, em uma sala de reuniões, em um gramado ou em qualquer lugar onde fosse difícil ter noção de proporção, mas ali, em uma sala cheia de gente, ele parecia um homem que tinha passado em uma fotocopadora ajustada para aumentar a resolução em cento e cinquenta por cento. Devia ter quase dois metros e quinze, e Manny não conseguia nem estimar quanto o agente especial pesava, mas apostaria bastante dinheiro que praticamente todos os quilos eram de puro músculo. Quando o agente especial Riggs entrava em uma das limusines blindadas da presidente, um veículo que mais parecia um tanque do que um carro, ela cedia um pouco nas suspensões. Ou pelo menos era o que parecia. Todo mundo que olhou para o agente especial Riggs naquele momento provavelmente estava pensando a mesma coisa, ou seja, que ele conseguiria partir Ben Broussard ao meio sem nem fazer esforço. E Riggs, apesar de trabalhar para o Serviço Secreto, que devia ser politicamente neutro, não sabia disfarçar muito bem o fato de que achava que a presidente Pilgrim era a melhor coisa a acontecer aos Estados Unidos desde a eleição de Lincoln. Levando em conta o fato de que Riggs era negro e nascido na Geórgia, ficar em segundo lugar para o presidente Lincoln não era pouca coisa. Manny não tinha dúvidas de que o agente especial Riggs levaria um tiro por Steph, mas não tinha tanta certeza de que a bala o machucaria.

O homenzarrão não se mexeu, mas chegou a sorrir. Só um pouquinho.

— Eu ouvi o seu conselho, Ben. O de todos vocês — disse Steph, olhando para cada um dos militares presentes —, mas vocês não me ouviram, e não ouviram os cientistas. Os chineses entraram em pânico e vão pagar o preço. Quando eles soltaram a primeira bomba nuclear, acharam que o surto estava limitado à província de Xinjiang e que conseguiriam contê-lo. Mas vocês precisam entender que eles estavam errados e que não contiveram o surto. Não conseguimos nenhuma informação decente da China desde que metade do país explodiu, mas parece evidente que eles não teriam realizado tamanha devastação no próprio território se o surto tivesse sido contido.

Steph fez uma pausa.

— Se nós estivéssemos em uma situação semelhante, se estivéssemos falando só de Los Angeles, então que Deus me perdoe, mas eu faria. Se eu achasse que houvesse uma chance mínima de que o sacrifício de Los Angeles, ou até da Califórnia inteira, poderia salvar o restante do país, eu teria dado ordem para um ataque nuclear dias atrás. Mas a verdade, senhores, é que, se algum dia houve a esperança de conter o surto em Los Angeles, essa esperança desapareceu quase no começo. Digam: vocês estavam mesmo preparados para lançar um ataque nuclear contra nossos próprios cidadãos, em nosso próprio território, quando o *Mathias*

Maersk colidiu com o porto? Porque foi naquele momento que isso talvez tivesse funcionado. Naquela tarde, naquela noite. Se nós tivéssemos usado bombas nucleares naquele momento, realmente acho que teria sido possível conter as aranhas. Mas depois? Já era tarde demais. Como é aquela expressão? Fechar a porta do estábulo depois que todos os cavalos já saíram? Agora os idiotas aqui querem explodir o estábulo todo enquanto eu tento juntar os cavalos. Estão disfarçando tudo com jargão militar, falando de potência, excedente, dano colateral e custos civis atrelados, mas sejamos francos. Seu “plano” transformaria toda a costa oeste em um deserto nuclear.

A presidente olhou para todos na sala. Ela ainda estava brava, mas também parecia triste e cansada. Manny achou que Steph parecia carregar o peso do mundo nas costas.

— Não. Se começarmos a usar nosso arsenal nuclear, será um caminho sem volta. E o que isso vai nos custar? Não chega um ponto em que precisamos perguntar se vale a pena salvar o país, se vamos destruí-lo no processo? Qual é, Ben, não sou idiota. Eu sei o que está em jogo aqui. Não estou falando só de retórica vazia, e não quero saber se parece piegas. Tem um fundo de verdade nisso. Estamos falando de salvar o país. De salvar o mundo. E eu sei que o que vocês estão dizendo também tem um fundo de verdade. Pode chegar o momento em que bombas nucleares serão a única opção de fato. Se estivermos diante de mais um surto, se essas aranhas começarem uma marcha inexorável país adentro, aí eu autorizo as bombas nucleares. Se chegarmos ao ponto em que a única forma de salvar o país será sacrificá-lo, então deixarei vocês partirem para a guerra à vontade. Mas ainda não chegamos a esse ponto. Ainda não. E não acho que seja o caminho que nós devêssemos tomar. Vocês todos leram o relatório sobre a teoria da professora Guyer. Se ela tiver razão, é tarde demais para nos preocuparmos com a tentativa de contenção de Los Angeles. Mas isso não significa que é tarde demais para tentar impedir a expansão. Simplesmente não é hora de usar bombas nucleares. Ainda não.

Steph balançou a cabeça e repetiu:

— Ainda não.

Ela pegou o copo de novo e tomou um gole.

Ben se endireitou na cadeira, olhou para o agente Riggs e então falou:

— Senhora Presidente...

— Caramba, Ben.

Ele ergueu as mãos em um gesto de súplica. Steph suspirou e o deixou falar.

— Tudo bem — disse ele.

— Tudo bem?

— Tudo bem. Entendo. Nada de bombas nucleares. Mas tem outra coisa que nós podemos fazer. É drástico, mas não inclui bombas nucleares. A senhora também não vai gostar, mas, se quiser evitar opções nucleares, vai fazer sentido. Só me dê um minuto para explicar. Olhe, eu sei que não gosta de mim.

Manny se endireitou na cadeira e observou a sala. Viu a surpresa no rosto dos soldados, dos ministros e até nos rostos geralmente impassíveis dos agentes e assessores presentes.

— E, francamente, para falar a verdade, eu devo merecer. — Ben se levantou. Ele estava falando com a presidente, mas passou os olhos por todo mundo na sala. — Eu não sou necessariamente um cara agradável. Digo isso por que quero ter certeza de que a senhora compreende o que estou sugerindo. Quero que escute de verdade a minha proposta. Quero ter certeza de que, se rejeitar este plano, sua decisão não terá a ver comigo pessoalmente. Eu entendo que não goste de mim. Sou insistente demais e sei que a senhora acredita que eu não a trato com o devido respeito como presidente dos Estados Unidos e minha comandante-chefe. E sei que acha que isso se deve em parte, caramba, talvez em grande parte ao fato de ser mulher. Sei que acha que, se fosse homem, eu a trataria de forma diferente. Não acredito que isso seja verdade, mas pode ser que seja. Quando isto tudo acabar, podemos conversar sobre o assunto, e tentarei não ser um babaca. Porque, se tiver razão, se eu a trato de forma diferente por ser mulher, bom, então lhe devo desculpas. Vou dizer agora. Sinto muito. E sinto mesmo. Não digo isso por causa de sensibilidade política, nem por qualquer sentimento de vergonha pessoal pela hipótese de que eu possa ser sexista ou possa ser uma pessoa desagradável. Digo isso, que sinto muito, aqui e agora, porque acho que meu trabalho é lhe dar conselhos militares, e acho que a senhora não está me dando ouvidos por motivos pessoais.

Manny teve a impressão de que Steph literalmente levou um soco. Ela recuou um centímetro na cadeira.

— *Eu não estou dando ouvidos por motivos pessoais?*

— Deixe-me explicar. E, quando eu terminar, se quiser, eu abdicó do meu cargo.

A sala estava em um silêncio absoluto. Se fosse qualquer outro momento — por exemplo, quando as aranhas não estivessem devorando cidadãos americanos e ameaçando destruir completamente a humanidade, quando ele não estivesse participando de um debate sobre o uso de bombas nucleares em território americano —, Manny teria gostado do espetáculo. Todo mundo na sala alternava o olhar entre Ben e Steph. A hesitação de Steph não deve ter durado mais de um segundo, um único tique-taque do relógio, mas foi como se esse intervalo pudesse conter toda a evolução do universo, do Big Bang ao buraco negro, entre a pergunta de Ben e o gesto de Steph para ele continuar. Quando ela gesticulou, Manny escutou o que parecia curiosamente uma sala cheia de gente soltando o ar.

— Tem razão — disse Ben. — Tem razão que é tarde demais para Los Angeles. E tem razão que, mesmo se tivesse dado ordem para um ataque nuclear em Los Angeles, provavelmente teria sido tarde demais para conter a infestação. Mas isso não significa que não haja mais nada que possamos fazer, e já não estou falando de ataques nucleares. Ainda acho que houve um momento em que bombas nucleares poderiam ter resolvido esses problemas, mas já passamos disso. Eu entendo. Nós —

disse ele, indicando os militares à sua volta — entendemos. Nada de bombas nucleares. Então vamos dar uma olhada na realidade da nossa situação. Estamos tentando queimar as bolsas de ovos espalhadas por centenas de locais em Los Angeles, mas, segundo a dra. Guyer, dezenas de milhares de civis que escaparam da zona de quarentena podem estar transportando ovos dentro do corpo. Então qual é a realidade? A realidade é que estamos pensando de forma convencional em uma situação não convencional. Ou talvez já saibamos da necessidade de sair do convencional, mas estejamos pensando no tipo *errado* de não convencional. Tentamos tratar essa invasão de aranhas como uma pandemia de gripe, como um agente biológico que se espalha por contágio, e acho que é o caminho certo, mas não fomos longe o bastante. Não podemos tratar isso como *uma* arma biológica. Precisamos tratar como *a* arma biológica.

Alexandra Harris, a conselheira de segurança nacional que parecia uma vovó, não hesitou.

— Você está falando do Protocolo Espanhol?

— Que porra é essa de Protocolo Espanhol? — perguntou Manny.

— Sabe como é, Manny — respondeu Alex. — Temos planos de contingência para tudo. Guerra na Europa. Ataques terroristas em Nova York, Chicago ou Houston. Vazamento de gás no metrô. Desastres naturais. Deslizamentos. Meteoros. Furacões. Invasões alienígenas. Nós fazemos planos e planos e planos. Temos até uma contingência Amanhecer Violento.

— Amanhecer Violento? Que nem o filme?

— Que nem o filme. Se os russos, os chineses ou quem quer que seja invadissem o meio-oeste, já teríamos um plano de ação pronto. Tudo.

— Tudo — disse Steph, com rispidez —, mas não, claro, um plano de contingência para aranhas.

— Não para aranhas — concordou Alex —, mas acho que Ben tem razão. Podemos usar o Protocolo Espanhol para tentar virar o jogo.

Steph pareceu prestes a ficar brava de novo, mas, antes que ela pudesse falar, Manny interveio.

— Vamos direto ao ponto. Será que alguém pode responder minha primeira pergunta? Que porra é o Protocolo Espanhol?

Alex respirou fundo.

— Protocolo Espanhol. O nome é inspirado na epidemia de gripe espanhola que aconteceu perto do fim da Primeira Guerra Mundial. Mais ou menos vinte milhões de pessoas morreram no mundo inteiro.

— Acho que não podemos mais comparar a infestação a uma epidemia de gripe — disse Manny.

— Eu concordo — disse Alex. — É disso que Ben está falando. O nome pode ter sido inspirado na gripe espanhola como uma espécie de referência ao conceito de pandemia, mas o Protocolo Espanhol foi criado pela CIA nos anos 1970. Pelo menos

essa é a origem dele. Auge da Guerra Fria. O medo era de que a União Soviética tentasse varrer o país inteiro do mapa. A ideia era pensar em um plano que garantisse a sobrevivência de pelo menos alguns americanos, mesmo se para isso outros americanos tivessem que morrer. Eles queriam garantir que, qualquer que fosse a situação, uma quantidade suficiente de americanos sobreviveria para impedir que os comunistas herdassem o planeta. A CIA não estava pensando em uma pandemia de gripe.

Manny teve a sensação familiar de pressão no peito, como se seu coração estivesse sendo espremido. Ele vinha sentindo aquilo com bastante frequência desde que tudo começou. Será que em algum momento receberia boas notícias? Manny não queria nem perguntar, mas não conseguiu se conter.

— Qual era o medo da CIA, então?

— *A* pandemia de gripe. Ou *a* arma biológica — disse Ben. — Um conceito, não algo específico. Não sabíamos o que os soviéticos tinham, mas sabíamos o que *nós* tínhamos, e a gente morria de medo. Taxas de contágio que faziam a gripe espanhola parecer um resfriado. Um incêndio se espalhando pelo país inteiro, transmitido de espirro em espirro, de tosse em tosse. Os planos de ação originais foram elaborados para o tipo de pesquisa que estava sendo feita nos anos 1970, mas a agência atualizou o protocolo de tempos em tempos nos últimos quarenta e tantos anos. Fizeram ajustes para dar conta de avanços científicos, atualizaram para as atividades dos iraquianos e dos iranianos, para os russos e para o colapso da antiga União Soviética, para os chineses e os norte-coreanos, para terroristas e para cientistas independentes de fundo de quintal. O modelo atual considera um cenário apocalíptico, a deflagração de algo com cem por cento de eficácia de contágio e taxa de mortalidade de mais de oitenta por cento. Estou falando de vírus projetados para passar de pessoa em pessoa e fazer sair sangue dos olhos. Coisas que nem existem ainda e não passam de ficção científica, como armas feitas com nanorrobôs. O Protocolo Espanhol existe para o caso de um desses pesadelos ganhar vida em território americano. É para ser um último recurso para impedir o avanço de algo inerentemente implacável.

— Por que nunca ouvi falar disso antes? — perguntou Steph.

A voz dela estava tão dura que seria capaz de cortar vidro, e Manny, não pela primeira vez, ficou feliz por tê-la apoiado. Em tempos normais, teria sido suficiente vencer a eleição, mas Manny juraria por Deus e pela mãe morta que, na verdade, não conseguia pensar em nenhum ser humano vivo mais preparado do que Steph para lidar com a pressão. Não havia ninguém mais apto para tomar a iniciativa e assumir o controle em um momento como aquele. Ela carregava o peso do mundo nas costas, mas aguentava.

— Porque é o tipo de ideia bizarra sobre a qual a senhora não tinha motivo para ser informada — respondeu Alex. — Temos terroristas que invadem edifícios públicos com ônibus escolares cheios de explosivos, que levam armas automáticas

para dentro de estações de metrô. E um dos problemas de ter plano para tudo é que existem receios demais. A CIA e a NSA contratam escritores e roteiristas com regularidade para bolar ideias de ataques contra os Estados Unidos. A maioria é maluquice de Hollywood. Seu trabalho, como presidente, é liderar o país, e o nosso, como ministros e diretores de agências, é providenciar para que saiba de tudo que tem grandes chances de acontecer, não de cada eventualidade que poderia acontecer em nossas especulações desenfreadas. As preocupações que sabemos que são reais já são muitas. O que diria se dois anos atrás nós tivéssemos lhe contado que queríamos informá-la sobre um plano de contingência bizarro só para o caso improvável de algum cientista russo com delírios de Guerra Fria decidir espalhar uma cepa aprimorada da peste bubônica em Nova York? No começo desta crise, nós estávamos no meio de uma simulação de guerra com a China, e a senhora achou que *aquilo* era perda de tempo. Acho que, um mês atrás, a maioria das pessoas apostaria que uma guerra contra a China era uma ameaça mais provável contra o país do que uma invasão de aranhas.

— Se o Protocolo Espanhol é uma ideia tão bizarra — disse Manny —, como é que você sabia exatamente do que Ben estava falando?

— Senhora presidente — interveio Ben. — O Pentágono tem todo tipo de plano para o caso de alienígenas descerem do espaço. E, no caso de uma invasão alienígena, a senhora teria sido informada sobre esses planos, e nós teríamos aguardado suas ordens, mas, como o ET ainda não telefonou para casa, vamos continuar deixando isso de lado. Nós pagamos as pessoas para imaginarem o pior, e alguns dos nossos analistas têm imaginação muito fértil. Nós fazemos cálculos para tudo, e existem muitos planos que vão para a gaveta porque parecem fantasiosos demais. E o Protocolo Espanhol parecia um desses planos, o tipo de coisa que fica enterrada. Mas esgotamos ideias e planos normais, e sugeri isso para Alex alguns dias atrás. Estamos recorrendo ao Protocolo Espanhol porque não restou nenhuma outra opção.

Ele fez um gesto para seu assessor, um soldado negro de trinta e poucos anos que estivera tão imóvel que Manny nem havia percebido sua presença. O assessor apertou algumas teclas do laptop, e os monitores ganharam vida. Manny não pôde deixar de reparar que era uma apresentação de PowerPoint. *Eis os militares*, pensou. Eles conseguiam acertar um míssil em uma janela a mil quilômetros de distância, mas ainda faziam apresentações como se fosse 1997.

A premissa do Protocolo Espanhol se revelou incrivelmente simples: desmembrar o país na maior quantidade de pedaços independentes possível, para tentar criar pelo menos algumas ilhas de segurança. Ou seja, transformar os Estados Unidos da América nos Estados Balcânicos da América.

A ciência por trás do protocolo era formulada para armas biológicas artificiais, não aranhas comedoras de carne, mas era impressionante como o plano fazia sentido. Vírus precisavam de alguma forma de transporte. Um hospedeiro. E, assim

como vírus viajavam dentro de corpos humanos, aquelas aranhas também. Uma pessoa contaminada deixava de ser um perigo se fosse completamente isolada das outras. Embora esse vírus — as aranhas — não fosse transmitido por apertos de mão, tosse ou beijos, como um vírus normal, ainda assim precisava de certa proximidade física. Em outras palavras, a ideia de tentar pôr Los Angeles em quarentena tinha sido a decisão correta. Só não teve a dimensão certa.

Havia muitos detalhes. A apresentação levou quase uma hora. Manny ficou mal ao pensar no que aquilo representava de fato. Califórnia. Nevada. Colorado. Os estados de Washington, Idaho e Oregon, completamente no escuro. Tudo a oeste de Nebraska seria usado como área de contenção. Depois disso, a segunda e última linha divisória, se funcionasse, seria o Mississippi. Ao mesmo tempo que desintegrassem a metade ocidental do país em milhares de pedacinhos, dificultando ao máximo qualquer viagem, eles começariam a trabalhar na segunda fase: dividir o resto do país. Aquilo parecia tão razoável que deixou Manny apavorado. Pior ainda era a rapidez com que Ben achava que os militares conseguiriam alcançar esse objetivo.

Durante a Guerra de Secessão, irmãos lutaram contra irmãos, uma linha que separou o norte e o sul do país, mas os Estados Unidos resistiram. O país, no fim, permanecera unido. Uma união mais perfeita. Mas ali estava Ben, sugerindo que os militares conseguiriam, em quarenta e oito horas e com a ajuda de milhões de toneladas de armamentos — nenhuma bomba nuclear, pelo menos por enquanto —, finalmente partir o país ao meio. Não norte e sul, mas leste e oeste.

E depois, assim que essa fenda profunda fosse aberta no meio do país, as forças armadas avançariam para alvos secundários. Illinois e Ohio, as rodovias que atravessavam Tennessee e Kentucky. Desde o Maine até a Flórida, uma rodovia pela qual Manny havia viajado durante o ensino médio. Rodovias e viadutos, rampas de acesso e de saída. Ferrovias. Estradas distritais e vias expressas urbanas. Tudo bombardeado até virar uma ruína irreversível. Tráfego aéreo civil abatido imediatamente, e qualquer um que tentasse viajar de uma zona a outra a pé, de bicicleta ou por qualquer outro meio estava sujeito a força letal.

Se conseguissem impedir as pessoas de viajar, por consequência conseguiriam impedir as aranhas de se espalhar.

O plano propriamente dito também levava em conta uma situação como a que eles estavam enfrentando: uma quarentena fracassada. A ideia não era espalhar uma simples fita policial amarela e fingir que uma simples linha impediria qualquer coisa, mas sim interromper as oportunidades de movimento, quebrar o país na maior quantidade possível de pedaços para que, se a expansão das aranhas — porque, de acordo com Melanie, as aranhas *iam* voltar — não pudesse ser interrompida, pelo menos poderia ser refreada. Era uma chance de ganhar um pouco de tempo, a esperança de que uma infraestrutura arruinada resultaria em bolsões de aranhas comendo umas às outras até se extinguirem, em vez de uma expansão constante. Era

com isto que o Protocolo Espanhol contava: que o vírus se consumisse sozinho. Para as aranhas, a ideia era a mesma: nenhum hospedeiro novo.

— Você está falando de fazer o país inteiro cometer suicídio. Nós vamos nos bombardear até voltar à Idade da Pedra. Cada entroncamento, cada ponte, cada túnel. Meu Deus, quantos anos demoraria para reconstruir tudo isso! E as pessoas que vão morrer por causa dessa ação? Você está me pedindo para matar dezenas de milhões de americanos — disse Steph. — Nós estaríamos abandonando os Estados Unidos. Estilhaçaríamos o país todo. E as pessoas nas zonas contaminadas? Devo abandonar à própria sorte?

— Não — respondeu Ben. — Não estou pedindo para você *abandonar*. Estou pedindo para você *sacrificar*. Tem diferença.

O Protocolo Espanhol não envolvia o bombardeio de Los Angeles nem a transformação do sudoeste em um mar de vidro nuclear. Não envolvia ataques militares contra civis indefesos. O que envolvia era algo ao mesmo tempo mais severo e mais limpo: cortar fora pedaços do país para salvar o resto. Criar uma espécie de terra de ninguém como margem de segurança, quebrar o mapa em um milhão de fragmentos para que as aranhas nos arranha-céus de Chicago não conseguissem se despejar pelos montes e vales de Arkansas e vice-versa. Ben não estava sugerindo que eles matassem as pessoas sem motivo. Ben estava sugerindo isolá-las e deixá-las para morrer, transformar os Estados Unidos em uma nação feudal, o mapa, em um quebra-cabeça de cidadãos obrigados a se virar por conta própria.

Manny não sabia se havia diferença. Qual era a diferença entre as forças armadas destruírem de propósito rodovias e pontes e túneis e matarem diretamente as pessoas nas áreas contaminadas? Nenhum ataque militar contra pessoas ou cidades. Em vez disso, seriam ataques militares contra a infraestrutura que permitia que essas pessoas se deslocassem de uma cidade a outra. A Interestadual 29, que ia de Fargo e Sioux City até Kansas City. A Rodovia 55, que ia de Chicago até Memphis. Cada lugar onde as Interestaduais 94, 90, 80 e 70 levavam caminhões e carros como sangue em uma artéria. As rodovias eram o coração dos Estados Unidos, e Ben estava sugerindo uma cirurgia cardíaca. Não. Não era isso. Não era uma cirurgia cardíaca. O Protocolo Espanhol exigia que o coração pulsante do país fosse arrancado de vez e jogado em uma fogueira.

— E se a situação não for tão desesperadora? — perguntou Steph. — E se Melanie estiver enganada, e se não estiver para acontecer outro surto e as aranhas não voltarem? E se isso acontecer e eu tiver dado ordem para *isso*? E aí? — Ela olhou para Manny. — Mesmo se Melanie tiver razão, você está me pedindo para desistir de mais de cem milhões de americanos, para deixar todos sozinhos logo quando eles mais contam conosco. E isso *se* conseguirmos conter a expansão na metade ocidental do país. Se não, o passo seguinte vai ser desmembrar o país inteiro. Seria o mesmo que falar para cada cidadão americano que o governo federal não

pode fazer nada. Vamos deixar todo mundo para morrer, então boa sorte.

Manny se levantou e pegou a mão de Steph. Ele sabia que era um gesto surpreendentemente terno e íntimo para um lugar tão público, mas não dava a mínima. Ele percebia o peso da situação e teve um momento súbito e chocante de clareza.

— Ben tem razão — disse ele, com um nó se formando na garganta. Ele esperou um segundo para se recompor. — Sinto muito, Steph. Mas ele tem razão. Eu sei que parece horrível, mas precisamos fazer isso, e a verdade é que eles não foram longe o bastante. Não podemos parar no Mississippi. Não podemos só cortar o país ao meio e torcer para dar certo. Temos que quebrar o país em um milhão de pedaços. É o único jeito de salvá-lo. Pense no verdadeiro motivo para a construção do sistema rodoviário federal. Não era para que alguém de Nova York pudesse encomendar algo de Seattle e receber o pacote em uma semana a um preço baixo. Os Estados Unidos construíram as estradas porque queríamos uma forma de deslocar tanques e mísseis e soldados para qualquer parte do país em que eles fossem necessários, de uma costa à outra. Falando em termos realistas, o grande propósito de um sistema rodoviário é permitir o deslocamento mais rápido possível das pessoas pelo país. Agora, essa é a última coisa que a gente quer. Dá para imaginar se essas aranhas eclodirem em Chicago? Em Nova York? Boston? Na capital? Se o sistema rodoviário estiver intacto, é impossível impedir isso. Já vimos que não temos como bloquear cada estrada e cruzamento só com policiais e soldados. Dá para imaginar esses bichos em todas as cidades dos Estados Unidos?

Manny precisou fazer outra pausa antes de continuar:

— Fazer isso assim é o mesmo que uma cirurgia radical. Temos uma infecção e vamos precisar amputar um membro. A gente corta fora uma perna para salvar o corpo. Estamos sempre em um jogo de *e se*. Estamos sempre jogando os dados para a melhor das hipóteses e a pior das hipóteses, mas a pior das hipóteses aqui? Nós já vimos. Já vimos em Delhi e no Rio de Janeiro. Foi uma *sorte* que até agora só perdemos Los Angeles. Steph — disse ele, com uma voz muito mais gentil do que suas palavras —, não podemos esperar e correr o risco da pior das hipóteses. O Protocolo Espanhol parece drástico, mas só estamos falando dele porque já vimos o que acontece na pior das hipóteses. Acontece a China.

Ele respirou bem fundo.

— Pode ser que precisemos usar bombas nucleares. A verdade é essa. Mas, se quer evitar queimar o mapa e irradiar o mundo inteiro, pelo menos por enquanto, precisa tentar a amputação antes.

Steph segurou a mão de Manny entre as suas. Ela parecia tão triste que Manny sentiu aquilo como uma dor física, e naquele instante ele percebeu que talvez realmente a amasse, daquele jeito estranho que podia amar, e quis estar sozinho com ela para que pudesse abraçá-la. Mas eles não estavam sozinhos, e Steph não precisava disso dele — era forte o bastante para ficar ali e tomar as decisões difíceis

sem ninguém para mantê-la de pé —, e talvez esse fosse o aspecto que Manny mais amava.

— É uma baita perna para cortar, Manny — disse ela, mas já estava falando com a sala, já estava deixando de lado Steph, sua melhor amiga e volta e meia amante, a mulher triste e ferida que ele queria proteger, e se transformando de novo no que ela tinha nascido para ser: a presidente Stephanie Pilgrim, comandante-chefe.

— Vá em frente — disse ela para Ben. — Dê ordem para os ataques. Dê ordem para que comecem imediatamente. Todos. Rodovias e pontes. Qualquer lugar onde você puder impedir que as pessoas que talvez estejam carregando essas aranhas se infiltrem no resto dos Estados Unidos. Faço qualquer coisa para não usarmos bombas nucleares, e se isso significa sacrificar o país para salvá-lo... não vejo alternativa. Vá em frente, Ben.

A sala ficou em silêncio.

Ela olhou para a mesa e, quando voltou a erguer os olhos, Manny viu que estavam marejados.

— Estou ativando o Protocolo Espanhol — disse ela. — Estou lançando os Estados Unidos nas mãos de Deus. E que Deus nos ajude.

National Institutes of Health, Bethesda, Maryland

Melanie começou o vídeo japonês de novo. Só estavam ela, Dichtel, Nieder, Haaf e Julie Yoo na sala de reuniões. Ela havia espantado a sargento Faril e todos os outros xeretas e guardas e assistentes de laboratório e pessoas diversas que entravam e saíam dos corredores do National Institutes of Health. Muita gente parecia irritada com o fato de que ela simplesmente tomara conta de um andar inteiro do prédio. Dois andares, talvez? Talvez mais: todos os soldados, os guardas e toda a equipe auxiliar tinham que ir para algum lugar, e eles provavelmente ocuparam mais espaço no edifício, mas isso não era problema dela. O país inteiro só tinha quatro unidades de contenção biológica daquele nível. Havia uma no hospital da Universidade Emory, em Atlanta, uma no centro médico da Universidade do Nebraska, uma em Missoula, no estado de Montana, e uma ali. Como ela trabalhava na American University em Washington, o prédio do NIH em Bethesda era uma escolha óbvia. Então paciência para as pessoas que estavam irritadas. Melanie tinha coisas para fazer. Como descobrir que merda era aquilo que estava vendo.

O vídeo tinha sido editado para durar só alguns minutos, e legendas traduziam os poucos comentários e dados que apareciam na tela. Nenhuma informação queria dizer muito por si só: temperatura e umidade não serviam para Melanie. O homem no traje de proteção e os cientistas acompanhando tudo do laboratório falavam — ou

xingavam — de vez em quando, e o diálogo aparecia traduzido em letras brancas na tela.

— Essa tradução está correta? — perguntou Melanie, olhando para Julie Yoo.

— Você sabe que eu não sou japonesa, né? — disse Julie.

Se não estivesse tão cansada, Melanie teria dado um murro na própria cabeça. Que vergonha.

— Nem olhe para mim — disse Laura Nieder. — Eu sou do Camboja, mas cresci em Geórgia e Nova Jersey. Sou fluente em espanhol e sei falar palavrão em italiano, mas não entendo lhufas de japonês.

— Na verdade — disse o dr. Mike Haaf —, eu falo um pouco de japonês. Adoro anime. — Melanie o encarou, e Haaf gaguejou um pouco. — É, pelo que estou entendendo, a tradução está correta, sim.

Eles viram enquanto a câmera instalada no capacete do homem se aproximava cada vez mais, atravessando um cômodo escuro cheio de bolsas de ovos, contornando uma coluna branca que impedia a vista, até que o casulo gigantesco, pulsante e luminoso, ocupou a tela inteira. A seda era translúcida, e a luz irradiava para fora, como uma lanterna brilhando através de pele. Pontos pretos rastejavam pela superfície do casulo — porque aquilo mais parecia um casulo do que uma bolsa de ovos —, servindo de escala para o que eles estavam olhando. Todos tinham visto as aranhas e sabiam que, se elas pareciam moedas na superfície da cápsula de seda, aquele casulo devia ser imenso. Do tamanho de uma cama king size ou de um carro, grande o bastante para ser assustador. Grande o bastante para fazê-los rodar o vídeo três vezes e ainda assim não acreditar no que estavam vendo.

A luz dentro do casulo pulsava. Não era nítido, não piscava como código Morse ou um farol no litoral rochoso emitindo uma mensagem; era mais sutil. O brilho ficava um pouco mais forte, um pouco mais fraco, como a respiração tranquila de um amante no meio da noite, só que nem um pouco reconfortante, porque aquela luz era ameaçadora, cheia de promessas de algo que eles não compreendiam.

— Quem quer que seja o japonês com a câmera, esse cara é incrível — disse Dichtel. — Caminhar no meio de tantas bolsas de ovos já seria ruim, mas deve ser apavorante com tantas aranhas andando por ali.

— Mas por que elas não devoraram ele? — perguntou Haaf.

— Olfato? — Nieder se aproximou. — O traje bloqueia o odor?

— Puta merda! — Melanie deu um salto à frente e apertou o pause. — Vocês viram aquilo?

Os outros cientistas da sala definitivamente não tinham visto o que ela viu. Melanie demorou alguns minutos voltando o vídeo e tentando parar o frame no momento certo, e depois chamando um técnico para ajudar a dar um jeito de melhorar a resolução, diminuir a velocidade e ampliar a imagem, e só então eles se sentaram e assistiram ao segmento curto extraído do vídeo em *looping* infinito. Aquilo fez Melanie se lembrar de quando, na época em que ainda estava estudando

para o doutorado e precisava de uma folga do laboratório, ela entrava na internet e procurava coisas engraçadas, como um *gif* de um cachorro que tentava pular de um sofá sem sucesso, ou de um cara dando um soco sem querer no próprio saco, três ou quatro ou cinco segundos hilários repetidos incessantemente na tela do computador. Mas aquilo não era engraçado. Todos os outros cientistas estavam vendo o que ela havia visto, e nenhum estava rindo.

— Jesus amado. Elas estão se esvaziando para dentro daquilo? Elas estão alimentando o casulo, não é? — disse Nieder.

— É o que parece.

Eles viram o trecho rodar várias vezes, a aranha se posicionando e então tocando — atravessando — a casca do casulo de seda e, segundos depois, flutuando até o chão com uma estranha leveza e delicadeza, como se fosse uma folha seca caindo de uma árvore em uma manhã tranquila de outono.

Melanie olhou para Julie e viu que sua bolsista estava encarando o tablet, em vez do monitor.

— Julie?

Julie olhou para ela e balançou a cabeça.

— Só estava conferindo o vídeo original não editado, mas parece que não tem mais nada que a gente tenha deixado passar.

— Certo — disse Haaf. — Todos concordamos que é muito importante sabermos exatamente o que há dentro da bolsa de ovos gigante que as aranhas parecem estar alimentando? Que, se essas outras aranhas engoliram tudo o que havia pela frente e agora estão vomitando para dentro de uma bolsa de ovos que parece ser do tamanho de uma picape, nós temos que descobrir o que vai sair dali? E por que ela está brilhando?

— O Staples Center não tinha um desses, tinha? Em Los Angeles? — perguntou Dichtel.

Melanie se levantou e foi até a janela. Eles estavam na parte da frente do prédio, e ela viu o reflexo de vidro e metal no estacionamento, mas a luz não vinha de Fords e Chevrolets e Hondas e outros carros; vinha de tanques e viaturas militares e de um helicóptero que parecia tão ameaçador quanto todos os bichos que ela havia estudado na vida.

— Parece algo que o exército teria visto, que nós teríamos visto — disse Melanie.

— O Staples Center tinha só as boas e velhas bolsas de ovos normais.

— Então que merda é isso?

Eles demoraram quase uma hora para conseguir entrar em contato com o laboratório japonês. Por mais ajuda que Melanie tivesse, a ligação foi encaminhada para o laboratório errado, e mesmo quando finalmente conseguiram falar com o centro de comando pareceu levar uma eternidade até aparecer alguém com autoridade para conversar com eles, e a partir daí levou ainda mais tempo para achar cientistas com autoridade para conversar com eles e que de fato tivessem algumas

respostas. E, quando eles começaram a videoconferência com um pequeno grupo de cientistas com autoridade e conhecimento para conversar com Melanie e seus cientistas — a versão japonesa do time dela —, a conversa propriamente dita foi um primeiro encontro desajeitado cheio de pausas e hesitações, atrasos de tradução e diálogos através de comitês. Como a maioria dos primeiros encontros, foi profundamente decepcionante.

Os japoneses, com medo do que poderia vir, haviam queimado o templo. Eles pareciam ter muito orgulho do método usado, uma combinação de explosivos e algo que parecia napalm. Queriam garantir que qualquer coisa com oito patas pegasse fogo.

No instante em que a conversa acabou e a imagem dos cientistas japoneses se transformou em uma tela azul vazia — eles usaram um programa de videoconferência militar codificado em um laptop militar turbinado dentro de uma maleta militar mais turbinada ainda —, Melanie pegou o laptop, gritou “Filhos da puta!” a plenos pulmões e jogou a maleta na parede. Não foi uma experiência satisfatória. O laptop caiu no chão, aparentemente ileso, deixando para trás um pequeno buraco no reboco da parede.

— Covardes — disse ela, ainda bufando, mas sem jogar outro computador. — Como é que eles foram capazes de queimar tudo sem descobrir o que era aquilo?

— Com certeza acharam que o risco seria...

— Dane-se. — Melanie deu as costas para a mesa e se voltou para as janelas. Não dava a mínima por ter interrompido Dichtel, e não dava a mínima para os cientistas japoneses e o governo deles, que achavam que estavam se protegendo. — Nós precisamos saber o que tinha dentro daquilo.

Ela apoiou a cabeça no vidro frio e olhou para fora. Era uma vista péssima, mas era o que tinha.

Melanie quase morreu de susto com o estrondo alto que sacudiu as janelas.

Os outros cientistas se levantaram de um salto e chegaram a tempo de ver outros dois caças voando tão rápido que desapareceram em um piscar de olhos e deixaram para trás outros dois estrondos idênticos que também sacudiram as janelas e não deixaram dúvida quanto ao que tinha sido o primeiro som.

Melanie olhou para trás. Todos os cientistas, menos Haaf, tinham corrido até a janela para ver os caças romperem a barreira do som. Mas Haaf continuava sentado à mesa, olhando para a parede vazia à sua frente. Melanie reconheceu aquela expressão. Ela também ficara com o mesmo olhar várias vezes.

— Dr. Haaf?

Ele continuou olhando para a parede, mas seus lábios estavam se mexendo.

— Dr. Haaf? Mike? — tentou Melanie de novo.

— Durante a conversa — disse Haaf, virando-se para Melanie. — Havia duas pessoas discutindo ao fundo sobre algo diferente ao assunto principal. Não consegui entender tudo. — Ele pareceu constrangido de novo. — Lembre que quase tudo que

eu aprendi de japonês foi para poder ver anime no idioma original, então é bom fazer essa ressalva. Mas tenho bastante certeza de que era isso que um dos pesquisadores estava falando. Algo sobre um “botão de desligar”.

Todos os outros cientistas também tinham se afastado da janela e esquecido os caças. Esquecido tudo, menos Haaf. Ele se levantou, meio constrangido, meio concentrado.

— Talvez eu tenha traduzido errado. Não é um equivalente exato, acho que não, mas o cara no fundo, o cientista que eles falaram que tinha usado o traje... O cara que tinha ido até as aranhas, usado o traje de proteção e filmado, sabem? Era isso que ele estava tentando dizer. Estava resmungando e parecia bravo, conversando com a mulher ao lado dele.

— Falando o quê? — perguntou Melanie.

— Tenho quase certeza de que ele estava falando sobre um botão de desligar.

Província de Shinjin, Japão

— Porque é só uma teoria — disse Koji para sua assistente. — E ninguém além de você acha que tem alguma relevância. O que é que eu deveria fazer? Gritar por cima dos outros? — Ele balançou a cabeça. — Eles provavelmente teriam me ignorado de qualquer jeito.

Lago Soot, Minnesota

As estradas tinham sido infernais. Mesmo com a sirene ligada e Leshoun dirigindo como se fosse a reencarnação de Steve McQueen, já era quase meio-dia quando eles chegaram ao estacionamento perto da rampa para lanchas no lago Soot. A boa notícia era que o trânsito era todo de gente saindo da cidade. Não. *Saindo* não era a palavra certa. *Fugindo*. Quão pior seria quando vazasse que o governo estava retirando todos os recursos? Retirando recursos. Nossa. Esse era o maior eufemismo do mundo. O governo não estava retirando recursos, estava batendo em retirada antes do apocalipse iminente.

Ele olhou o relógio de novo. O tempo estava passando, mas não importava se as estradas que saíam de Minneapolis estivessem ruins, Mike pensou, desde que conseguisse chegar ao avião do governo em segurança com sua filha — e a ex-esposa e o novo marido dela — até as seis horas da noite, desde que eles voassem para o leste, para longe daquele pesadelo ridículo.

Leshoun o chamou. Seu parceiro tinha encontrado um barquinho pesqueiro meio surrado com um motor manual de vinte cavalos. Não era nada de mais, mas o casco leve de alumínio cruzaria o lago mais rápido, e, tão importante quanto, o bote não precisava de chave. Mike subiu na parte da frente. Ele nunca lembrava se a parte da frente era a proa ou a popa ou a amurada ou qualquer baboseira náutica dessas. Por

que as pessoas barqueiras precisavam inventar coisas tão complicadas? Qual era o problema de frente e atrás, esquerda e direita? Ele soltou a corda da argola de aço inoxidável do atracadouro e Leshaun acionou o acelerador.

Foi uma viagem barulhenta, e o lago estava agitado. O vento estava conseguindo levantar ondas de quase um metro, e o bote de alumínio era tão confortável quanto um carrinho de montanha-russa antiga de madeira. O motor zunia, e Mike só conseguia pensar no barulho dos insetos. Sim, ele sabia que tecnicamente as aranhas eram aracnídeos, mas qual é. Havia mesmo gente tão pedante a ponto de criar caso com isso naquele momento? Ele chamaria tudo de bicho, se quisesse. Estava se segurando no banco com uma das mãos e na beirada do bote com a outra. Apesar do ar quente, a água que espirrava nele estava gelada, o que fazia sentido para um lago de Minnesota em maio. Pelo menos o bote estava indo rápido. Seguindo ao longo da margem como um carro de corrida.

— Ali! — gritou ele para Leshaun, apontando para a angra que abrigava a cabana de Dawson na margem.

Leshaun virou o manche e o bote balançou ainda mais, pegando as ondas de lado.

O atracadouro estava vazio. Nada de Annie o esperando ali, como ela havia feito quando ele a buscara alguns dias antes.

Em outros tempos, ele teria gostado da cabana. Não era opulenta, mas também não era um daqueles barracos minúsculos feitos de papelão e cuspe. Dawson podia não gostar de ostentar, mas ganhava um bom dinheiro e gostava de coisas boas. Ripas de cedro e janelas maineladas largas, uma varanda com vários patamares construída de forma a não ficar muito claro onde acabava a varanda e começava o atracadouro e uma faixa larga de plantas nativas baixas que compunham uma pequena área de piquenique. Como Dawson era o tipo de cara babaca que se casava com sua ex-esposa, mas na verdade era muito gente boa e fazia você se sentir péssimo por todas as decisões equivocadas tomadas na vida e por desejar o mal do sujeito, ele oferecera a cabana emprestada para Mike mais de uma vez.

Leshaun aproximou o bote lentamente do atracadouro na frente da lancha de Dawson. Mike pulou para fora, deixando Leshaun para amarrar o barco de pesca que eles tinham roubado. Ele subiu os degraus tão rápido que sentiu o casaco esvoaçar.

O tiro de espingarda quase arrancou sua cabeça.

Putaquepariu. Os ouvidos. Ele apalpou o próprio corpo. Tinha alguns buracos pequenos na borda do casaco, mas achou que não tinha sido atingido. Mike percebeu, ao se lembrar do tiroteio com o nazista traficante de metanfetamina que tinha metido uma bala em Leshaun, que vinha sendo alvo de tiros com muita frequência nas últimas semanas. Felizmente, quando Leshaun subiu correndo os degraus, com a arma em punho, Dawson já havia largado a escopeta na varanda.

— Meu Deus. Você está bem?

Mike se virou para Leshaun e fez um gesto para que ele guardasse a arma, mas Leshaun já havia abaixado o revólver e estava afastando o casaco para enfiá-la no

coldre. Mike olhou de novo para Dawson e enfiou o dedo mindinho no ouvido, que ainda zumbia.

— Cacete, Rich, está tentando me matar?

— Eu não tentei... Na verdade, tentei, sim, mas só porque você mandou. E eu não queria atirar em *você*. Mas você me falou que se alguém aparecesse era para eu meter bala, que eu devia manter todo mundo longe de Fanny e Annie, mesmo se para isso eu precisasse matar alguém.

Mike deu uma olhada por cima do ombro de Dawson e viu que sua ex-esposa o encarava de dentro da porta da cabana. Ela parecia assustada.

— Imaginei que você tentaria ver quem era, antes de atirar — disse Mike. — Graças a Deus que você é ruim de mira. — Ele e Lashaun chegaram à porta. — Cadê a Annie?

— Ela está com fones de ouvido — respondeu Fanny. Ela pegou no braço de Dawson. Mike percebeu que ele estava tremendo. — Está vendo um filme no tablet e pegou os fones bons de Rich, que têm isolamento acústico.

— Deve ser muito bom se um tiro de escopeta não conseguiu chamar a atenção dela — disse Lashaun.

Ele se inclinou para dar um beijo no rosto de Fanny e apertou a mão de Dawson.

— Estávamos assistindo aos bombardeios — disse Dawson. — Na televisão. — Ele apontou para uma antena parabólica pequena presa no telhado da cabana. — Só escutei o bote no último segundo, e aí você já estava correndo pela escada e eu... — Ele engoliu em seco. — Desculpa.

Mike respirou fundo. Podia relaxar. Estava tudo bem. Seu casaco tinha ganhado uns furos extras, mas ele estava bem. Agora os cinco só precisavam voltar para Minneapolis a tempo.

— Temos que ir embora. Agora. Temos que... — Ele parou de falar. Estava prestes a explicar para Rich e Fanny que eles precisavam sair naquele instante, naquele segundo, que precisavam entrar no bote e voltar para o carro da agência, ficar no banco de trás do sedã com a sirene ligada enquanto Lashaun pisava fundo no acelerador para que pudessem chegar ao aeroporto e se enfiar em um avião militar de transporte antes que o meio-oeste pegasse fogo, mas então ele hesitou. — Bombardeios? Que bombardeios?

Dawson olhou para ele com uma expressão estranha.

— Você não sabe? Por que veio para cá, então? Achei que fosse por causa disso.

— Não. Recebemos ordens para deixar o estado. A agência toda. E não só a gente. Todo agente federal do governo que puder sair. Não só de Minneapolis. De todo lugar a oeste do Mississippi. Temos que estar no aeroporto até as seis para embarcar em um avião, mas podemos levar a família. — Mike se deu conta de que Fanny o encarava como se ele fosse maluco. — O que foi?

— Você não sabe mesmo?

Mike não sabia. Então eles o levaram para dentro e o puseram de frente para a

televisão, onde ele viu fragmentos de vídeos tremidos gravados com celulares: rodovias explodindo, caças cortando o céu, pontes caindo. A âncora do jornal tentava manter a voz calma ao descrever a destruição de estradas e túneis, a tentativa dos militares e da polícia de transformar o país em uma colcha de retalhos intransponível. O canal reproduziu o discurso curto da presidente, que incluía a ordem dela para que todos os cidadãos, onde quer que estivessem, não saíssem de suas casas, e uma declaração clara e franca de que os militares *destruiriam* canais de transporte, independentemente da presença de qualquer cidadão em tais canais de transporte, e que os militares estavam autorizados a usar *força letal* para impedir as pessoas de viajar. Em outras palavras, como a presidente tinha falado: “Para deixar claro: fiquem longe das estradas. Não saiam de casa”.

Mike ficou sentado, vendo a televisão e percebendo que qualquer que fosse o plano de mandar agentes federais como ele e suas famílias para o leste havia sido cancelado.

Enquanto ele assistia, seu celular vibrou. Uma mensagem do chefe da seção para todos os agentes sob seu comando: *Devido ao rápido agravamento da situação, nosso horário foi antecipado. Decolagem em uma hora.*

Mike se sentiu mal. De jeito nenhum ele ia conseguir chegar a tempo ao aeroporto. Era tarde demais para tirá-los dali.

Oslo, Noruega

O celeiro amarelado cheio de bolsas de ovos que eles tinham encontrado parecia uma salsicha prestes a estourar. A fazenda ficava na periferia da cidade. Um solitário posto avançado esquecido dos tempos em que Oslo era mais uma ideia que uma realidade, de quando por ali só havia fazendas e campos e árvores. Se as aranhas tivessem aparecido naquela época, o avanço teria sido mais devagar: havia dez vezes mais cavalos e galinhas e vacas e outros animais de fazenda do que seres humanos. Naqueles tempos, uma viagem de trinta quilômetros em um dia parecia ambiciosa. As aranhas teriam sido obrigadas a se espalhar por conta própria. Nenhum avião, carro, trem ou barco, menos formas de espalhar sua fome insaciável. Mas, quando as aranhas chegaram, quase todas as fazendas já haviam dado lugar a casas, prédios de escritórios e shoppings. Aquele celeiro, abarrotado de bolsas de ovos, era uma mera relíquia de tempos passados. A fazenda propriamente dita era apenas um terço do tamanho que tinha em 1950. Havia sido uma fazenda produtiva até meados da década de 2000, mas o fazendeiro já estava velho demais. Os campos não eram semeados havia anos, e o celeiro já não era mais usado. O fazendeiro tinha noventa e poucos anos, e seu único filho, um homem de sessenta e poucos, já estava esperando o dia em que ninguém atenderia ao telefone. Ele já havia feito um acordo com uma empreiteira: assim que o pai morresse, as escavadeiras entrariam. Uma

aposentadoria confortável para o filho e casas modernas em um parque urbano para a empreiteira. Esse era o plano.

Tinha acontecido apenas um surto na Noruega, a trinta quilômetros dali. Um dia um engenheiro voltou de uma viagem à China, febril e assustado, sem falar coisa com coisa e, no dia seguinte, espalhou destruição quando seu corpo se abriu como a caixa de Pandora. A reação dos noruegueses foi rápida. Eles haviam se beneficiado de uma sorte excepcional. Alguns países, como a Índia, a China e o Brasil, tiveram o azar de herdar bolsas de ovos adormecidas que esperaram milhares de anos para eclodir. A Noruega era só um local secundário, afortunado por ver as notícias da China, os vídeos da Índia, do Rio de Janeiro e de Los Angeles. Assim que o corpo do viajante se abriu, a Noruega estabeleceu zonas de incineração e evacuação da população. Os militares tomaram decisões rápidas. Vidas se perderam — milhares, dezenas de milhares, talvez até cem mil; eles ainda estavam contando os mortos e desaparecidos —, mas podia ter sido muito pior. Isso era o que todo mundo estava dizendo. Eles tiveram sorte na Noruega. E ainda mais sorte: eles encontraram a infestação no celeiro bem rápido.

Fazia uns quarenta anos desde que o celeiro não era pintado. A madeira havia sido desgastada pelos invernos, pelo vento, pelo sol. Ele ficara meio torto, de um jeito estranho, desde uma tempestade violenta nos anos 1980. Quando a fazenda ainda era produtiva, o dono passara muitas noites ouvindo os ventos com medo de que o celeiro acabasse desabando e matando as duas dúzias de vacas que abrigava. Houve um tempo em que aquilo tinha sido um celeiro grande. Não para os padrões industriais da atualidade, mas grande o bastante para que, se ainda houvesse duas dúzias de vacas e os respectivos fardos de feno, mesmo assim sobraria bastante espaço para os equipamentos agrícolas enferrujados que o fazendeiro vivia pensando em vender como antiguidades.

Claro que já era tarde demais para isso.

Os noruegueses se parabenizaram pela rapidez com que haviam encontrado a infestação e a destruído. Decidiram, com base nas informações dos americanos sobre o Staples Center de Los Angeles, que haveria apenas um local de reprodução e que estariam protegidos se conseguissem encontrá-lo e contê-lo antes de as aranhas se espalharem completamente. O celeiro havia sido encontrado quase no mesmo instante em que as aranhas começaram a morrer. Não que tivesse sido particularmente difícil. Dava para ver da estrada as bolsas de ovos brancas por entre as ripas de madeira. Estavam se espremendo por todas as frestas; o celeiro propriamente dito parecia tão atolado que era impossível entrar. Os noruegueses nem se deram ao trabalho de contar.

Quantas bolsas de ovos havia lá dentro?

Que importava?

Queimem todas!

Um especialista em demolição preparou tudo de modo que o fogo fluísse para

dentro, um incêndio controlado e constante do qual não houvesse escapatória, e o celeiro e tudo que estava lá dentro foi sacrificado em nome da precaução. Sem necessidade de estudos científicos. Era uma grande conflagração. Os que ainda não tinham evacuado ou que já haviam voltado viram o brilho do fogo a trinta quilômetros de distância. Os que estavam mais perto, o especialista em demolição e os bombeiros voluntários, os soldados encarregados de isolar a área e os repórteres da televisão que haviam insistido em permanecer ali para ver, todos falaram que o som das bolsas de ovos queimando já era algo pavoroso por si só. As bolsas de ovos no celeiro, uma quantidade impossível de calcular, eram poeirentas, brancas, frias e calcificadas, um aspecto tão inorgânico que era difícil imaginar que contivessem qualquer vida. E, enquanto o fogo ardia à sua volta, as bolsas de ovos rachavam e estouravam, rasgadas pelo calor com estalos violentos, cada explosão um som de tiro.

Quando o fogo terminou de queimar, os soldados vasculharam as brasas para garantir que não havia restado nada. E não restou nada do celeiro.

Mas não foi só o celeiro.

Os noruegueses haviam cometido o erro injustificável, imperdoável, de não verificar o auditório da escola a meros três quilômetros de distância do celeiro. Ele ficava em uma área que fora particularmente dominada pelas aranhas, e talvez esse descuido tivesse se devido ao simples fato de que os noruegueses imaginaram que tinham encontrado o principal foco de infestação. Afinal, tanto os americanos quanto os japoneses e indianos haviam informado que encontraram concentrações de bolsas de ovos em edifícios grandes e escuros. No meio do pânico, da confusão e do mais absoluto terror, eles acharam o celeiro e pensaram que tinham encontrado a solução: ali estavam as aranhas que precisavam ser destruídas. Eles podiam ser criticados por não terem continuado as buscas? Podiam ser criticados por não entender que o celeiro continha um tipo de bolsa de ovos — as versões duras, quase petrificadas, feitas para resistir a enchentes e vendavais, nevascas e tempestades, para dormir por milhares de anos até que a passagem do tempo voltasse a conchamar as aranhas a se alimentar — e que o auditório da escola tinha outro? Se eles tivessem encontrado essas outras bolsas, imediatamente a diferença teria ficado clara. A suavidade das teias, o calor das bolsas, tudo indicava um ritmo muito diferente. E, no fundo, o brilho pulsante da maior bolsa de todas, grande o bastante para poder abrigar umas seis ou oito das vacas do velho fazendeiro, teria deixado claro para todo mundo que algo novo e horrível estava para chegar.

Mas os noruegueses não encontraram essas outras bolsas de ovos. E, na solidão escura e tranquila do auditório da escola, sob os refletores desligados, aninhadas entre os bancos duros e desgastados da plateia, presas nas paredes e na estrutura do palco, as bolsas se aqueciam, e a pulsação no fundo do auditório aumentava.

Parada de caminhões da Interestadual 80
Recreação para toda a família, restaurante e posto de
gasolina
Taco Bell Pizza Hut Starbucks KFC Burrito Barn 42
Flavors Ice Cream Extravaganza
Coast-to-Coast Emporium, Nebraska

Ah, porra. Babcock Jones acendeu outro cigarro. Teria sido bom receber algum aviso antes de o governo mandar a rodovia para o espaço. Tecnicamente, a presidente Pilgrim de fato falou que o governo jogaria bombas, mas ele não achou que ela estava falando *sério*. Ele praticamente se borrou nas calças de surpresa com a primeira explosão.

Ele subiu o morro — não era nenhum grande morro — porque era o lugar mais tranquilo que conseguiu encontrar tão perto da rodovia. Seu empreendimento ficava em uma das partes mais movimentadas da Interestadual 80, então um pouco de paz era bem importante. Além disso, desde que ele subisse o barranco cheio de mato, a uns quatrocentos ou quinhentos metros da Parada de caminhões da Interestadual 80, Recreação para toda a família, restaurante e posto de gasolina, Taco Bell Pizza Hut

Starbucks KFC Burrito Barn 42 Flavors Ice Cream Extravaganza Coast-to-Coast Emporium, Mags o deixava fumar, com a lógica de que o exercício poderia compensar os malefícios do cigarro. Ela havia largado o cigarro em 1992 como se fosse a coisa mais fácil do mundo. Um dia ela acordou e disse “Acho que não vou mais fumar” e *pá!* De dois maços por dia, para nada. Ele também tinha tentado parar, mas não conseguiu, e Mags declarara que ele só poderia acender um cigarro se escalasse o barranco. Então ele obedecia.

Aquela mulher era assustadora. Eles tinham quarenta e seis anos de casados, e ela ainda metia mais medo que o bicho-papão. O que provavelmente era bom. Os dois se casaram logo depois do ensino médio, e, se dependesse só dele, Babcock Jones teria passado a vida inteira trabalhando de frentista e se contentado com algumas cervejas sexta à noite e um jogo de beisebol no rádio. Mas Mags insistira que ele deveria investir em si mesmo, e a primeiríssima lição que ele havia aprendido no casamento era fazer tudo o que Mags mandasse. Então eles pegaram um empréstimo que era quase tão assustador quanto Mags e compraram o posto de gasolina. Depois o posto virou posto de gasolina e restaurante, então virou posto de gasolina, restaurante e parada de caminhões, e agora, após quarenta e seis anos de casados, Babcock Jones podia subir o barranco coberto de mato, pegar um cigarro e ver algo próximo de um império. A Parada de caminhões da Interestadual 80, Recreação para toda a família, restaurante e posto de gasolina, Taco Bell Pizza Hut Starbucks KFC Burrito Barn 42 Flavors Ice Cream Extravaganza Coast-to-Coast Emporium era praticamente uma cidade. Ele tinha outdoors a trezentos quilômetros de distância em todas as direções, e nenhum americano de verdade deixava de parar para encher o tanque e ver o espetáculo de uma boa parada de caminhões à moda antiga.

Agora aqueles motoristas não teriam muita escolha. Claro, ele ia perder o tráfego de uma direção, mas haveria um baita reforço no lado contrário. Ainda assim, teria sido bom um aviso do Tio Sam. Um “Ei, vamos explodir sua rodovia, sr. Babcock Jones, então se prepare para um pouco de barulho”. Ele deu outra tragada no cigarro e reparou que a mão estava tremendo.

Quando Babcock Jones não estava escutando seu amado e desajeitado Chicago Cubs no rádio — o time não era o mesmo desde a morte de Ron Santos, mas ele tinha passado a vida inteira escutando —, ele relaxava assistindo a filmes e documentários de guerra na televisão. Era um modelo de última geração com setenta polegadas que Babcock Jones tinha encomendado sob medida e instalado com som *surround*; ele tinha até pagado para alguém ajustar o contraste e todas aquelas besteiras. Até alguns minutos antes, ele teria defendido com todas as forças que o que aparecia na televisão era melhor do que o que acontecia no mundo real. Gostava de dizer que tinha mais cores. Mas isso foi antes do míssil. Ou talvez fosse uma bomba. Ele não tinha muita certeza. A certeza que ele tinha era de que foi rápido e barulhento.

Quem teria imaginado que ele veria algo como aquilo, em carne e osso, bem ali

em Hicksville, Nebraska?

Babcock Jones estava no alto do barranco na hora em que aconteceu, tentando recuperar o fôlego depois da caminhada e aproveitar o cigarro ao mesmo tempo. Era um aclave leve cheio de grama, mas ele estava um pouco mais pesado do que gostaria. Para falar a verdade, *muito* mais pesado. Quando era só a Parada de caminhões da Interestadual 80, Recreação para toda a família, restaurante e posto de gasolina, Babcock estava com o peso sob controle. Ele sempre tinha sido um sujeito parrudo. Mags reclamava por ele fumar, mas não reclamava da pança. Ela sempre dizia que tinha mais dele para amar, embora às vezes Babcock ficasse com medo de sofrer um ataque cardíaco e morrer em cima dela e ela acabar presa e morrendo de um jeito tão constrangedor que provavelmente era bom os dois estarem mortos, caso contrário Mags o mataria. Mas ela dizia que o amava qualquer que fosse o formato do corpo dele, e naquele instante havia muito corpo para amar. Tinha começado quando eles acrescentaram o Taco Bell, e piorou a cada templo de gastronomia frita que era adicionado. Ele gostava de começar o dia com um burrito do Burrito Barn e um daqueles *frappuccinos* de chocolate e caramelo da Starbucks no café da manhã. Aí, depois de passar pela oficina de caminhões, ele parava para uma pizza brotinho na Pizza Hut e às vezes um milk-shake no 42 Flavors Ice Cream Extravaganza para dar uma forrada até a hora do almoço, que era sempre uma refeição completa com fritas e Coca grande no KFC. No jantar, Mags normalmente o fazia comer uma salada. Ele tinha acabado de dar as primeiras baforadas no cigarro e se virado para olhar seu pequeno império ao oeste e a extensão da Interestadual 80 no horizonte ao leste, ligando o país e atravessando seu quintal, quando o viaduto a oitocentos metros dali explodiu.

Uma bomba, um míssil, ele não sabia o que foi, mas destruiu o viaduto todo. O viaduto e uns cem metros da Interestadual 80 nos dois sentidos. Ele chegou a ver o caça voltar para uma segunda passada antes do ataque. Qualquer pedaço de asfalto que tivesse sobrado em condições de uso após a primeira explosão foi resolvido na segunda com uma retaliação incendiária que o lembrou de Mags quando ela achava que o marido não estava prestando atenção. A terceira passada estendeu os danos para ainda mais perto do barranco onde Babcock estava, e por um instante ele se perguntou se o seguro cobriria caso o governo explodisse a Parada de caminhões da Interestadual 80, Recreação para toda a família, restaurante e posto de gasolina, Taco Bell Pizza Hut Starbucks KFC Burrito Barn 42 Flavors Ice Cream Extravaganza Coast-to-Coast Emporium. Provavelmente não. Ele imaginou que isso deveria se enquadrar na cláusula de atos de guerra, mas o pensamento logo foi substituído pela ideia de que talvez fosse bom ele sair dali antes que o caça voltasse para uma quarta passada. Porém, não houve quarta passada. Quem quer que estivesse pilotando o caça pareceu achar que tinha feito um bom trabalho. Babcock achava que o piloto tinha razão. Uma nuvem de fumaça pairava no horizonte. Ninguém iria para lugar nenhum se não tivesse um par de botas de escalada. Alguns idiotas talvez tentassem

atravessar a terra macia que cercava as estradas de carro, mas não ia dar muito certo. Eles ficariam atolados e teriam que esperar um dos guinchos de Babcock para conseguirem sair. Ele se virou para o oeste. O trânsito já estava congestionado. Babcock sorriu. A Parada de caminhões da Interestadual 80, Recreação para toda a família, restaurante e posto de gasolina, Taco Bell Pizza Hut Starbucks KFC Burrito Barn 42 Flavors Ice Cream Extravaganza Coast-to-Coast Emporium sofreria uma queda na clientela de caminhoneiros que atravessavam os Estados Unidos, mas também estava prestes a ter um grande aumento na clientela de caminhoneiros e famílias que não iriam mais para lugar algum.

A cinquenta quilômetros da parada de caminhões de Babcock, acomodado no banco do Audi, Macer Dickson sentia uma pontada de culpa por ter largado Bobby Higgs na beira da estrada. Mas só uma pontada. Jesus Cristo. Profeta Bobby Higgs. O cara achava mesmo que era especial. Que idiota. Mas ele tinha cumprido seu propósito. Por algumas horas de pânico, Macer chegara a achar que ficaria preso no inferno em que Los Angeles tinha se transformado, mas reconhecer o que podia fazer com Bobby foi um golpe de gênio. Aquele idiota sabia manipular as multidões. A parte mais engraçada era que ele realmente tinha começado a acreditar em tudo. Acreditou que Macer o estava ajudando a criar um exército, acreditou que havia um propósito maior para o que os dois estavam fazendo. O único interesse de Macer era formar um escudo humano. Ele queria sair de Los Angeles a qualquer custo.

Ah, mas Bobby, no fim, começou a acreditar que realmente era uma espécie de salvador. Até parecia que Macer não pretendia usar Bobby apenas como uma ferramenta para a maior fuga da história moderna. Macer não era um cara mau. Claro, ele vendia drogas e mulheres e controlava uma boa porção do tráfico ilegal de Los Angeles, mas na verdade não era pior do que o necessário. Isso não queria dizer que Macer era um santo, porém, e não demorou muito para ele perceber que aquela situação era uma daquelas em que seria preciso dar prioridade para Macer Dickson. Então dane-se Bobby, e danem-se as pessoas que lotaram o estádio da USC crentes que o profeta Bobby Higgs poderia protegê-las. A verdade era que ele *havia* conseguido proteger algumas, mas elas não eram problema seu. O que importava era que Macer Dickson estava livre, desimpedido e se afastando de Los Angeles. Começaria de novo, em segurança, e não ia se sentir culpado por deixar Bobby para trás.

Tinham feito uma viagem tranquila desde que ele chutou Bobby para fora do carro. Lita dirigia pra burro. Ela parecia funcionar à base de café e jujuba, e eles não tinham sido parados nenhuma vez por excesso de velocidade. O que era bom, porque o carro tinha uma boa quantidade de armas, e o porta-malas estava praticamente cheio de dinheiro. Quando ele chegasse a Chicago, o dinheiro o ajudaria bastante a estabelecer um esquema novo, e, se não ajudasse, bom, as armas serviam para isso. Um dos motivos para o sucesso dele em Los Angeles era que a única coisa mais pesada que o pé de chumbo de Lita era seu dedo no gatilho. Macer não era um cara

mau, mas Lita tinha uma inclinação severa para a crueldade. Estava tudo bem. E prestes a ficar muito melhor. Já fazia mais de trezentos quilômetros que ele vinha vendo outdoors da parada de caminhão, e, embora não curtisse esse tipo de circo americano de merda, Macer tinha ficado seriamente interessado em comer em um KFC.

Se Lita continuasse com o pé enfiado no acelerador, eles chegariam rápido lá, cinquenta quilômetros em quinze, vinte minutos. Gasolina para o carro, jujuba e café para Lita e um balde de KFC e Red Bull para ele. Uma parada de dez minutos, no máximo, e depois seguir viagem. As estradas abertas dos Estados Unidos se encontravam à sua frente, rodovias vazias.

Uma parada rápida e nada mais pelo caminho, nada para impedir a fuga de Los Angeles.

Chicago me chama, pensou ele.

— Ei, Macer — disse Lita, do banco do motorista —, está vendo aquela fumaça lá na frente?

Macer se inclinou para a frente e olhou pelo para-brisa.

— Algum incêndio? Provavelmente nada de mais. Vamos parar rápido para abastecer, comprar comida e sair de novo. Vai ter uma multidão indo para o leste, e precisamos ficar à frente dessa bagunça.

Ilha Càidh, Enseada Ròg, Ilha de Lewis, Hébridas Exteriores

Padruig tinha descido até a adega e voltado com um mapa-múndi que Aonghas reconheceu de quando era criança. Ele havia ficado pendurado na biblioteca até Aonghas ir para a faculdade e Padruig decidir redecorar o castelo. O mapa era igual aos que costumavam ser usados nas salas de aula de todo o Reino Unido, e que algumas escolas menores e mais pobres provavelmente ainda usavam. Cada homem e mulher da idade de Aonghas havia aprendido geografia nos primeiros anos da escola, e cada homem e mulher da idade de Aonghas, quando era pequeno, tivera o desejo secreto de ser escolhido pelo professor para pegar a vareta comprida com o gancho metálico na ponta e pendurar o mapa, desenrolando-o e arrumando até prendê-lo bem na parede. Nas raras ocasiões em que Aonghas levava amigos de infância para a ilha Càidh, todos tinham ficado fascinados pelo mapa na biblioteca do avô. Mas fazia anos que Aonghas não pensava nele — e nem sabia que o avô ainda o guardava —, e sentiu um pouco de nostalgia ao desenrolá-lo em cima da mesa da sala de jantar.

Thuy deu uma olhada nas folhas de anotações que os dois tinham feito e pegou a caneta preta.

— Pode marcar direto nele?

Ela havia feito todas as piadas de praxe sobre letra de médico quando se ofereceu para marcar o mapa. Aonghas dera risada, mas também comentara que sua noiva ainda não era médica de fato, já que tecnicamente não tinha se formado na faculdade ainda. Thuy respondera “quase”, e então Aonghas comentou que, mesmo se tivesse se formado, ela ainda precisaria completar alguns anos de residência no hospital de Stornoway para só então poder atuar como médica por conta própria, e Thuy comentou, em voz baixa para que Padruig não escutasse, que talvez fosse bom Aonghas pensar duas vezes antes de comentar mais alguma coisa se pretendia transar com ela naquela noite, quando eles fossem dormir, ou talvez mais cedo ainda, digamos, depois do almoço, se Aonghas desse sorte.

Aonghas parou de comentar.

— Direto no mapa — disse Padruig. — Vamos marcar. Ele estava mofando na minha adega há anos. Eu tinha esquecido que ele estava lá, mas às vezes é bom ser esquecido. Quando a gente esquece que tem algo e depois lembra, a sensação é um pouco como se um gênio nos concedesse um desejo. Nós precisávamos de um mapa para trabalhar, e *puf*, um mapa!

Thuy sorriu para o velho, e Aonghas não pôde deixar de sentir uma pontada de ciúme. Os dois tinham se tornado como unha e carne. Ele ainda não acreditava que seu avô fora o primeiro a saber da gravidez de Thuy, mas ela jurou de pés juntos que havia contado sem querer. Tinha dado de cara com ele logo depois de fazer o teste e não conseguiu se conter. Mas Aonghas perguntou por que, afinal, ela tinha comprado um teste de gravidez. Thuy deu um dos sorrisinhos que ele adorava e admitiu que desconfiava que um descuido recente e um tanto quanto cômico com uma camisinha talvez merecesse ser investigado. Ela dera um pulo em uma farmácia de Stornoway no dia em que devia ter pegado o avião, quando falou que ia só buscar um café para eles. Comprara o teste de gravidez, mas não tivera coragem de fazer. Depois de muito tempo para pensar — tempo demais para pensar — na ilha Càidh, ela finalmente decidira que seria melhor abrir logo a embalagem, fazer um xixizinho e ter uma resposta de uma vez por todas.

“E você contou para meu avô primeiro”, resmungara Aonghas. Thuy sorria de novo e o beijara. Ele tentou fazer manha por mais alguns minutos, mas não conseguiu se segurar: apesar de tudo o que estava acontecendo no mundo, aquilo o deixou absurdamente feliz. Ela o deixava absurdamente feliz. Além do mais, na ocasião eles estavam sozinhos no quarto, e se abraçando de felicidade, e o abraço levou a beijos, e beijos levaram a... Bom, ele superou a chateação bem rápido.

A breve pontada de ciúme de Thuy com seu avô também passou rápido. Ele se deu conta de que, em vez de ciúme, devia sentir alívio. Ao ver os dois se dando bem, era impossível acreditar que ele tinha ficado nervoso quanto a apresentar Thuy para Padruig.

— O que nós decidimos? — perguntou Thuy. — Como vamos classificar Oslo?

— Secundário — responderam ao mesmo tempo Aonghas e Padruig.

Alguns surtos relatados tinham sido fáceis de classificar. Locais que pareciam ter tido infestações espontâneas de aranhas entravam na categoria de primários, e surtos secundários eram locais que provavelmente tinham sido invadidos por aranhas trazidas por algum viajante contaminado. Havia também a questão do momento. Locais primários eram infestados primeiro, quase sempre ao mesmo tempo, enquanto os secundários eram uma função de migração e da expansão de aranhas recém-eclodidas. A província de Xinjiang era um local primário. Los Angeles era secundário. Delhi era primário. Stornoway, onde Aonghas tinha visto o indiano se rasgar em uma tempestade de aranhas, era secundário. Alguns dos surtos relatados tinham sido mais difíceis de classificar. Eles haviam passado horas discutindo sobre Londres e Frankfurt, sendo que Aonghas tinha certeza de que as cidades eram locais primários e Padruig estava convencido de que eram secundários.

— Até se errarmos a categoria de alguns surtos secundários, acho que não vai fazer grande diferença — disse Padruig. — Pode ser que não consigamos determinar exatamente onde tudo começou, mas podemos chegar perto.

Thuy concordou. Aonghas e Padruig conferiram novamente a lista enquanto ela usava a caneta para traçar círculos grandes em volta da província de Xinjiang, de Delhi, do Rio de Janeiro. Parte de Aonghas se sentia extremamente reconfortado pelo exercício. Em muitos sentidos, o processo era parecido com o que ele e Padruig haviam usado para destrinchar os mistérios novos de Harry Thorton quando Aonghas começara a assumir a série. Eles discutiam uma ideia por horas e horas e, quando chegavam a algum consenso, pegavam o rolo grosso de papel pardo que Padruig reservava exatamente para esse fim e traçavam um diagrama da história do livro. Quem matava quem com o quê e onde? A linha de tempo de cada personagem importante e secundário, plantas baixas e armas dos crimes, a localização das rotas de fuga. Cada detalhe do romance era desconstruído antes de o livro sequer ser construído. E então, a certa altura, Padruig pegava tudo, enrolava, jogava no fogo e falava para Aonghas que era hora de escrever a história logo e esquecer todo o resto.

Para Aonghas, as aranhas não passavam de mais um mistério que precisava ser solucionado, e a presença de Thuy ali com eles parecia tão natural que ele tinha que fazer um esforço consciente para lembrar que nem sempre fora assim. Como ele tinha conseguido viver sem ela? Como tinha sido tão idiota de esperar para pedi-la em casamento? Ou, pensou ele constrangido, de esperar tanto que seu avô acabou deixando escapar que Aonghas tinha comprado uma aliança e pretendia fazer o pedido, de modo que ela pôde aceitar antes mesmo que ele tivesse tido a chance de perguntar? Enquanto sorria ao observar os dedos finos de Thuy riscando cuidadosamente o mapa, Aonghas pensou que seu avô às vezes sabia ser bem cretino.

Quando Thuy terminou de marcar o mapa, os três se afastaram para olhar o resultado.

— Hum... — disse Thuy. — Peru?

— É o que parece — afirmou Padruig. — Posso usar seu celular outra vez, querida? Preciso fazer um telefonema.

Desperation, Califórnia

— Vocês vão chamar isso de Spinal Tap? — perguntou Amy. — Vocês dois são literalmente as pessoas mais esquisitas do mundo.

Gordon tentou não fazer beicinho, mas não conseguiu resistir.

— Ele usa som, e a gente até construiu para o volume poder chegar até onze, e... ah, deixa pra lá.

Amy e Fred tinham terminado o filme e desceram até a oficina para tentar convencer Gordon e Espingarda a jogarem Catan como se fosse um drinking game. Ela tinha falado que, sempre que alguém tirasse um sete, a pessoa tinha que virar um copo. O que parecia um jeito divertido de entrar em coma alcoólico. Mas, quando Gordon explicara o que eles pretendiam fazer — tentar bolar um jeito de matar aranhas de longe com alguma arma diferente dos explosivos e projéteis convencionais que eram ótimos para trucidar seres humanos, mas até então pareciam extremamente inúteis contra aranhas —, Amy e Fred inventaram um novo drinking game que, pelo que Gordon entendeu, consistia basicamente em chamar Espingarda e ele de nerds.

Amy já estava meio bêbada, mas era uma bêbada engraçada. Uma namorada antiga de Gordon, do último ano do ensino médio, ficava horrível quando bebia. Felizmente, eles estavam no ensino médio ainda, quando as bebedeiras dessa

namorada se limitavam a festas clandestinas na casa de alguém. Às vezes, quando Gordon queria se sentir satisfeito com o rumo da própria vida, ele entrava na internet e lia o blog dela: segundo as atualizações pouco frequentes, ela se tornou uma alcoólatra durante a faculdade, entrou para uma clínica de reabilitação logo após a formatura, se mudou para a Flórida, se casou e imediatamente ficou grávida aos vinte e três anos, teve cinco filhos em sete anos e, por fim, se reinventou como algo chamado “consultora residencial de energias psíquicas”. Ele se lembrava de uma vez em que, logo antes de os dois terminarem, ela tentou entrar escondida em seu quarto voltando de uma festa com os amigos. Ela estava tão bêbada que acabou entrando no quarto dos pais de Gordon, acordando ambos, claro, e então desatando a contar, com riqueza de detalhes, que ela não gostava muito de transar com Gordon porque, apesar de o pênis não ser *tão* pequeno assim, ele só sabia usá-lo como se fosse uma britadeira. Gordon soltou um suspiro. Felizmente, sua esposa não era nada parecida. Quando estava bêbada, Amy ficava uma graça. Ela ficava risonha e simpática e, na maioria das vezes, ainda mais brincalhona que o normal.

— Ao Spinal Tap! — gritou Fred.

Ele ergueu seu Kir Royale — claro que Espingarda enchera a despensa do abrigo com caixas e mais caixas de champanhe e licor de cassis — e bateu a taça na de Amy. Os dois viraram a bebida e subiram até a cozinha para preparar mais.

Espingarda balançou a cabeça quando seu marido saiu e olhou para Gordon.

— A única coisa melhor seria usar o Spinal Tap com a música do filme *Isto é Spinal Tap*, em vez de um simples apito infrassônico contínuo.

— Falando em cinema, você sabe que, se isto aqui fosse um filme, agora seria a cena em que os cientistas excêntricos tentariam entrar em contato com a Casa Branca, mas seriam ignorados como uns malucos — disse Gordon —, e aí nós passaríamos algumas cenas realizando algum plano complicado para contornar os guardas e falar com a presidente.

— Em primeiro lugar — respondeu Espingarda —, acho que estamos mais para engenheiros do que cientistas. Eu, pelo menos, sou engenheiro. Não faço a menor ideia de como chamar você. Você não passa de um oportunista rodando programas para tirar proveito das falhas do mercado financeiro.

— É arbitragem — retrucou Gordon.

Espingarda deu de ombros.

— Então você é um arbitrador?

— Essa palavra não existe.

— Na verdade, acho que existe sim, mas, considerando que foi você que fez o programa que busca essas falhas, acho que dá para a gente juntar tudo. Digamos que nós dois somos engenheiros.

— Tudo bem. Engenheiros. Muito melhor. Então temos uma máquina matadora de aranhas que batizamos de Spinal Tap, em homenagem a uma paródia de documentário, e, embora não tenhamos chegado a testar nossa máquina matadora de

aranhas, e não saibamos se nossa máquina matadora de aranhas funciona, os *engenheiros* vão ter que pensar em um plano complicado para entrar na Casa Branca e chamar a atenção da presidente — disse Gordon.

— Ou eu posso ligar para um conhecido meu — respondeu Espingarda.

— Você vai ligar para um conhecido?

— Vou ligar para um conhecido.

— Ah. Bom. Isso parece extremamente mais fácil do que a minha ideia. Para quem você vai ligar?

— Robert Gibbons.

— Robert Gibbons? — perguntou Gordon. — O diretor da CIA?

Espingarda hesitou e, então, assentiu.

— É tudo confidencial e tudo o mais, mas não sei se eles ainda ligam para isso a esta altura. Fiz alguns trabalhos para Gibbons. Principalmente consultoria técnica. Ele me contratou para o Pentágono uma ou duas vezes.

Gordon ficou encarando Espingarda. Se alguém perguntasse, ele diria que Espingarda era seu melhor amigo. Claro, Gordon ligava para o irmão mais ou menos uma vez por mês, e ele tinha alguns amigos da faculdade e outros caras que conhecera quando morava em Nova York, mas, desde que ele e Amy se mudaram para Desperation, sua esposa era a única pessoa com quem ele passava mais tempo do que com Espingarda.

— Preciso dizer que nunca imaginei que você faria trabalhos militares.

— Por que sou gay?

— Dã. Esse é um dos motivos. Mas principalmente porque Fred é um esquerdista paz e amor.

— Eu amo de paixão aquele homem — disse Espingarda. — A melhor coisa que já me aconteceu foi eu ter convencido Fred a se casar comigo. Então, claro, de certa forma faz sentido eu não querer trabalhar para os militares. Nem sei se eu acredito na guerra. Existe o conceito de guerra justa, ou guerra boa, e há quem diga que tivemos algumas dessas, mas geralmente as guerras parecem um lodaçal de imoralidade. E, sim, uma ou duas gerações atrás eu talvez não conseguisse autorização para esses trabalhos, porque, por ser boiola — Gordon fez uma careta —, eu representava um risco. Em muitos sentidos, é complicado. Mas, por outro lado, foi uma decisão simples para mim: fui vencido pela minha própria curiosidade. Quando participei de projetos de engenharia da CIA ou do Pentágono, foi porque me chamaram para algum problema que eles já tinham tentado resolver. Não é que eu goste necessariamente de trabalhar para militares, mas eles me pagam uma grana boa e os problemas costumam ser interessantes demais para recusar.

— Tipo o quê?

— É confidencial.

Gordon sorriu.

— Vá se ferrar.

— É sério. É confidencial. Mas posso dar uma dica. Lembra aquele apagão que afetou todos os satélites de GPS durante uma semana no verão passado? Foi culpa minha.

Os dois riram, e então Espingarda hesitou de novo, e Gordon percebeu que talvez ele estivesse com medo de ter revelado informações confidenciais, apesar de não ter dito nada de mais. Se bem que o fato de Espingarda saber o telefone do diretor da CIA era um pouco assustador. Mas não era nisso que Espingarda estava pensando.

— Posso fazer uma pergunta e receber uma resposta franca?

— Claro — disse Gordon.

— Era isto o que você esperava?

— O quê?

Espingarda deu de ombros.

— Sei lá. Isto tudo. Nós dois fizemos planos para o dia em que a merda batesse no ventilador. E não fomos os únicos. Quer dizer, esqueça a internet e os pregadores religiosos do fim do mundo. Nós somos inteligentes e acho que não *muito* malucos.

— Nós tínhamos razão — disse Gordon. — Quer dizer, não sobre as aranhas, mas sobre o fim do mundo como o conhecemos. Acho que não somos nem um pouco loucos por causa disso. Nós tínhamos razão.

— Essa é que é a questão. Estou começando a achar que talvez não tivéssemos. Quer dizer, eu fiz tudo que consegui pensar. E pensei em tudo. Fiz planos para tudo. — Um som de vidro se quebrando veio da cozinha, e Espingarda fez uma careta. — Tipo, não faz diferença se isso foi Fred deixando cair a taça ou uma garrafa inteira. Temos estoque de tudo e mais um pouco, e reservas de reservas. Essa foi uma das minhas principais preocupações durante anos. Mas, desde que os chineses explodiram a primeira bomba nuclear e as aranhas apareceram e nós ficamos enterrados aqui, sob a superfície, preciso admitir: estou entediado. — Espingarda de repente pareceu aliviado. — Pronto. Falei. Ficar escondido no abrigo é um tédio. Ah, cara, que tédio.

— É, mas...

— Gordon, quando foi que você se sentiu mais vivo desde que a gente se trancou aqui embaixo? Naquelas primeiras horas, claro, com a adrenalina e o medo, mas e depois? Porque só consigo pensar em duas coisas que eu achei emocionante, e aposto que você pensa nas mesmas duas coisas.

Gordon sabia que Espingarda tinha razão.

— Fazer o lança-chamas e desenvolver o Spinal Tap. — Ele fez uma careta. — Certo. Amy tem razão. Esse nome é ridículo. Ninguém vai nos levar a sério se colocarmos o nome de Spinal Tap. Mas e daí que é tedioso? Estamos protegidos aqui embaixo, né? Não era essa a ideia de todos os preparativos? Se não, por que construir abrigos e estocar suprimentos e vir para cá? Quer dizer, por que mais alguém se mudaria para Desperation além de se preparar para o fim do mundo? Com certeza não é para fazer compras.

Espingarda já estava balançando a cabeça.

— Mas não é só isso, não é? Nunca foi pela proteção. Foi pela aventura. Eu nunca imaginei que o desafio da sobrevivência fosse descobrir um jeito de matar o tempo. É isso que parece, não é? Não faz nem um mês e já estou ficando maluco. Deve ser pior para Fred e Amy, porque literalmente a única coisa que eles podem fazer é matar o tempo. Não me admira que eles não parem de beber. O que mais podem fazer? Não, acho que eu gostava de me preparar, de preparar este abrigo, porque era mais um problema para resolver. Era um jeito de ocupar a cabeça entre um projeto e outro. Uma espécie analítica de *checklist*. Era meio que um jogo, e, para ser completamente sincero, era só mais um jeito de exibir minha inteligência. Eu já sabia que o desastre era iminente e, mesmo sem ter previsto que seria uma infestação de aranhas assassinas, consegui prever o fim do mundo. Mas, agora que estamos no meio de tudo, apesar de tanto pensar e planejar, não é o que eu tinha imaginado que seria — confessou ele. — Não quero ficar enfiado aqui embaixo e só botar a cabeça para fora daqui a alguns anos para ver como o resto do mundo se virou. Não é muito interessante. Acho que talvez eu estivesse esperando que sobreviver ao fim do mundo fosse uma espécie de grande aventura, mas não é. É um tédio. Tédio, tédio, tédio. E, juro, estou preocupado com Fred. Você acha mesmo que ele foi feito para ficar enfiado neste buraco?

— Tudo bem.

— Tudo bem o quê?

— Tudo bem — repetiu Gordon. — Concordo. Também estou entediado, e, embora eu ache que foi uma ótima decisão Amy e eu nos juntarmos a você e Fred no abrigo, você tem razão. Há um limite para a quantidade de partidas de baralho que a gente pode jogar, de filmes que a gente pode ver. Minha fantasia de sobrevivência pós-fim do mundo nunca teve a ver com ficar sentado em um abrigo. Era o que aconteceria depois. Mas, antes de nos preocuparmos com a ideia de embarcar em uma grande aventura, vamos ligar para o seu amigo da CIA e ver o que ele vai dizer quando contarmos sobre esse troço matador de aranhas, que sei lá como vamos chamar, já que não vai mais ser Spinal Tap.

— Que tal Estereoaranha?

— Não melhorou nada — disse Gordon. — Ligue logo.

USS Christopher Martin Graham, Golfo do México

O piloto só teve tempo de mijar, engolir uma bebida energética e comer uma barrinha de cereais quando a tripulação falou que era hora de sair em mais uma missão. Ele fez sinal de positivo, entrou no *cockpit*, colocou o capacete e ligou os motores, pronto para pilotar seu dragão pelo céu para cuspir mais fogo nas estradas e rodovias americanas.

King Royal Hotel, Chicago, Illinois

Perry Pozloski, o subgerente noturno do King Royal Hotel, um dos hotéis mais caros, chiques e antigos de Chicago, não acreditava que estava com saudade do inverno. O inverno de Chicago podia ser difícil e cruel, muito parecido com a ex-esposa dele. A diferença era que, quando se conhecia Chicago melhor, a cidade ganhava vida.

Pozloski nasceu e cresceu no South Side. White Sox até a alma. Chicago até a alma. Ele era Bears até quando o time tentava partir para o ataque, o Bulls com ou sem Jordan, o Blackhawks em prorrogação tripla. Ele tirava uma semana de folga no verão para ir pescar em Wisconsin e uma semana no inverno para beber cerveja na Jamaica com os amigos da escola, mas nunca lhe ocorrera morar em outro lugar. Sua ex-esposa era de Pittsburgh, e Pozloski achava que a cultura dela talvez tivesse sido um dos problemas do casamento. Pelo amor de Deus, ela torcia para o Steelers.

Ele deu um suspiro e tirou a ex-esposa da cabeça. De vez em quando batia uma saudade quando Pozloski se lembrava dela de calcinha e sutiã, ou, melhor ainda, sem calcinha e sutiã, mas a verdade era que ele estava muito mais feliz desde que ela o deixara. Um ano antes, ele encontrara por acaso Jenny Growolski, que havia sido sua namorada no ensino médio — na época eles brincavam que, se os dois se casassem, ela se chamaria Jenny Growolski-Pozloski —, e por acaso ela também tinha acabado

de se divorciar e voltado para o bairro. Eles começaram a namorar alguns dias depois do encontro, e Pozloski imaginou que, se as coisas continuassem naquele rumo, ele e Jenny acabariam se casando. Talvez seus vinte e poucos anos tivessem sido arruinados por sua ex-esposa, mas ele só tinha trinta e dois anos. Ele e Jenny eram bem jovens para começar uma família. Os dois até estavam conversando sobre o assunto. De forma meio vaga. Nenhum detalhe. Jenny dissera que não ia discutir nada sério antes de ter um brilhante no dedo. Não. Não um brilhante. Essa era uma das coisas que ele gostava — tudo bem, amava — em Jenny. Sua ex-esposa havia insistido em receber um brilhante, apesar de, na época, ele ser apenas o porteiro noturno do King Royal Hotel, vivendo com um salário mínimo mais as gorjetas, sendo que as gorjetas no turno corujão eram uma piada. Ele tinha usado o cartão de crédito para pagar pelo anel de noivado de sua ex-esposa, e esse devia ter sido um dos presságios do fim, logo no começo, porque os problemas financeiros deles tinham sido brabos, e não era nenhuma coincidência o fato de que ela começara a traí-lo assim que ele faliu. Isso aconteceu mais ou menos na mesma época em que ele se deu conta de que passar de ter um único cartão de crédito para ter mais de doze era um processo sem volta. Mas não era disso que Jenny estava falando quando pediu uma aliança. Na verdade, ela insistira que não queria nada caro.

“Eu tinha um brilhante, uma aliança com um baita diamante, quando era casada e morava em Nova York, e isso não impediu o divórcio e minha volta para casa, Perry. Se eu me casar de novo”, dissera ela, com um olhar que deixou claro para Perry Pozloski que não era sério aquilo de “se” e que ela aceitaria se ele pedisse, “não preciso de uma aliança sofisticada. Mas preciso de uma aliança. Só quero ter filhos se houver um compromisso de verdade, mas um compromisso de verdade não precisa custar uma fortuna. Eu me contentaria com prata de lei.”

Então, ainda que Pozloski não sentisse falta de sua ex-esposa, naquele momento com toda a certeza ele sentia falta do inverno de Chicago. Não o frio que às vezes podia ser uma força de puro ódio. Não o vento que atravessava as planícies como um grande machado de gelo e dor. Os turistas no King Royal Hotel, com seus casacos de caxemira e carros aquecidos previamente por um chofer, gostavam de contar que o apelido de Chicago como Cidade dos Ventos tinha origem política, mas Pozloski sabia a verdade. Pozloski sabia que o vento era capaz de se alastrar pelos becos e pela Magnificent Mile, sabia que às vezes era melhor beber mais uma cerveja para adiar a saída do bar e o encontro com o demônio que penetrava pelo colarinho do casaco e esfriava tanto a coluna que na manhã seguinte a pessoa acordava com câimbras.

Ele não sentia falta *dessa* parte do inverno, mas sim da sensação que o King Royal causava nele: era um edifício grandioso e antigo, e no meio do inverno o calor do sistema de calefação o deixava confortável e acolhedor. Não era o que parecia agora. Agora, apesar da breve trégua graças ao clima quente fora de época, o King Royal Hotel não parecia acolhedor. Parecia entupido até o talo. E os hóspedes,

empresários, casais e famílias que tinham condições de pagar pelo tipo de serviço personalizado pelo qual o King Royal Hotel era famoso — pessoas que queriam o luxo e a tradição de um símbolo de Chicago que oferecia também lençóis de seiscentos fios e concierges treinados para esquecer a existência da palavra *não* —, tinham se transformado em feras vorazes. Não todos. Alguns ainda eram elegantes e gentis, como as pessoas ricas costumavam ser quando estavam cientes da própria riqueza e achavam que era a obrigação delas fazer outros não se sentirem mal por não serem ricos também e, ah, se não for problema, podemos receber um pouco mais de gelo e umas rodela de limão, e preciso de uma faxina melhor no banheiro, e por favor pode ver se dá para fazer alguma coisa quanto ao barulho de sirenes que eu escuto da janela do meu quarto no oitavo andar? Mas muitos hóspedes tinham abandonado o verniz de civilidade, e o King Royal Hotel estava lotado até não dar mais. Uma combinação de empresários que agiam como se planilhas ainda fossem relevantes em um mundo de aranhas devoradoras de gente, pessoas em férias tardias que haviam feito o *check-in*, mas não podiam mais ir embora, e sim, homens e mulheres e famílias de refugiados, pessoas que haviam escapado de suas casas com medo e que tinham meios para residir em um lugar como o King Royal Hotel.

O homem na Suíte Real era um desses. Um refugiado com cartão Platinum. O sr. Kosgrove era de Las Vegas. Na noite em que Los Angeles caiu, ele saiu de Las Vegas em sua Ferrari vermelha sem uma mala sequer, dirigiu direto até Chicago e jogou a chave para o manobrista como se fosse o tipo de cara que não tinha medo de que seu carro de um zilhão de dólares fosse arranhado por um barbeiro no estacionamento. Como subgerente noturno, Perry Pozloski tinha se acostumado a lidar com as... podia-se dizer excentricidades do sr. Kosgrove. Duas louras magras que bem podiam ter sido gêmeas saíram do saguão vestidas com um par de roupões brancos grossos do King Royal Hotel às três da manhã. Ele teve que acrescentar quatrocentos e cinquenta dólares à conta do sr. Kosgrove por causa dos roupões. Um telefonema histérico da cozinha certa noite perguntando a Pozloski o que fazer quanto ao pedido de onze lagostas no vapor e um balde cheio de creme de limão do sr. Kosgrove. Veio o pedido de que toda mobília decorada com a cor rosa fosse removida imediatamente da Suíte Real. Na verdade, essa última excentricidade de Kosgrove tinha sido a mais fácil de resolver, ao exigir a retirada apenas de um pufe, duas almofadas, uma cadeira no segundo quarto — que estava ocupado apenas por algumas sacolas de compras — e um quadro pendurado no quarto principal que motivou uma discussão acalorada quanto à dúvida de que a paisagem pintada pelo artista continha a cor rosa ou era, segundo uma camareira, um mero “tom de alvorada”. Só para garantir, Pozloski retirara o quadro.

E era por isso que ele estava ali embaixo, no subporão do King Royal Hotel, procurando outro quadro, algo apropriado para pendurar no quarto do sr. Kosgrove. Se o hotel tivesse algum quarto vago, Pozloski poderia simplesmente trocar o quadro, e teria sido fácil achar uma obra de arte em um dos corredores, no saguão ou

no salão do restaurante que pudesse ser trocada pela pintura, mas, verdade fosse dita, ele gostou da desculpa para dar uma sumida rápida. O subporão era escuro e encardido e cheio de teias de aranha e bizarro como um show de horrores em um filme de Halloween, mas também era um lugar muito bom para fumar maconha. Ele podia matar dois coelhos com uma cajadada só: achar uma obra de arte nova para colocar no lugar do quadro com um toque cor-de-rosa do quarto do sr. Kosgrove e, ao mesmo tempo, ficar chapadão. Ele merecia a chance de relaxar um pouco. Merecia.

Pozloski praticamente tinha parado de fumar maconha em casa. Jenny não chegava a se opor que ele fumasse, mas também parecia não gostar, e, bom, às vezes um homem se apaixonava. Mas fumar maconha no trabalho era outra história. Tecnicamente, ele podia ser demitido por fumar maconha durante o expediente. O manual de conduta dos funcionários do hotel era bem claro: nada de álcool ou drogas, lícitas ou não, durante o trabalho. E talvez em outros tempos esse não fosse um detalhe técnico e Pozloski talvez fosse mesmo demitido por fumar maconha no trabalho, mas, como ele conseguira o baseado com o gerente, não acreditava que seu cargo de subgerente estivesse em grande perigo. Ele podia ter comido algum doce ou chocolate feito com maconha, como muitas mulheres do quadro de funcionários faziam, ou usar um cigarro eletrônico, como a maioria dos caras, mas, para ele, o *ritual* de apertar o baseado era tão importante quanto ficar chapado. Pode ser fora de moda, mas ele gostava de baseados. Gostava do papel e da crepitação que ele ouvia ao dar um trago. Gostava da luz e do cheiro do isqueiro. Gostava de relaxar e puxar um fumo até sobrar só a guimba. Mas o subgerente não podia sair para a área de carga e descarga e acender um baseado. Ele precisava tentar, pelo menos um pouco, ser discreto. Normalmente, bastaria ir até a lavanderia e fumar perto de uma saída de ventilação, mas, como precisava trocar o quadro da Suíte Real, o subporão fazia sentido.

O elevador só ia até o porão, então ele teve que carregar o quadro do quarto do sr. Kosgrove por um lance de escada de concreto cheio de poeira. A luz vinha de uma lâmpada incandescente velha pendurada no teto e se concentrava na base da escada, então o espaço mais além parecia um breu absoluto. A iluminação só bastava para ele enxergar a corrente da lâmpada seguinte. Uma teia roçou no rosto de Pozloski quando ele deu um passo à frente e acendeu a segunda lâmpada. Ele tirou a teia grudada do rosto, embolou-a entre os dedos e a jogou fora. Com tudo o que estava acontecendo, uma teia devia tê-lo deixado apavorado, mas ele nunca tivera muito medo de bichos.

O subporão não ocupava todo o terreno do hotel, mas ainda assim era bem grande. Com um pé-direito mais alto e sem todas as tralhas acumuladas durante décadas, os funcionários do hotel poderiam jogar basquete ali embaixo. Pozloski levantou a mão e fez um gesto de arremesso.

— Chuá! — disse ele.

Pozloski não conseguiria explicar por que nunca se imaginara como o lendário Michael Jordan, do Chicago Bulls. Era sempre Steve Kerr, o cestinha branquelo e estranho. Era ele que Pozloski gostava de fingir que era, sempre que jogava basquete. A maioria das pessoas provavelmente conhecia Kerr mais como técnico do que como jogador, mas, quando Pozloski era pequeno, ele lembrava que Kerr mandava ver na quadra. Frio como gelo. Não que Pozloski fosse um cestinha na vida real, mas na imaginação? Ele acompanhou o voo de sua bola de basquete invisível, passando por cima dos dois sofás empilhados, do cemitério de luminárias quebradas dos anos 1970, da pilha poeirenta de objetos indeterminados, até a cesta escondida em algum lugar no escuro. *Chua!* Cesta! Fim de jogo! Campeão mundial da liga subporão! E, enquanto tirava um dos baseados do bolso interno do blazer do hotel, ele se perguntou por que aquilo era chamado de subporão. Não era o mesmo que dizer porão de baixo? Ou, tipo, só porão?

Ele deu mais uma olhada no quadro da suíte do sr. Kosgrove e o apoiou em uma cômoda que estava junto à parede. Ao lado da cômoda, ele viu uma pilha desorganizada de cadeiras estilo colonial. Ele pegou uma delas com cuidado, colocou-a debaixo da lâmpada e se acomodou no assento. Sua roupa ficaria um pouco suja com a poeira, mas ele podia limpar depois. Estava com o baseado entre os lábios, o isqueiro de plástico na mão, e a combinação das duas coisas o deixou muito feliz.

Pozloski ficou sentado por algum tempo, fumando o baseado e imaginando que tipo de tesouro podia estar enterrado ali embaixo no meio do lixo. Ele não descia ao subporão com muita frequência, talvez uma ou duas vezes por ano. Na última vez, encontrara quarenta ou cinquenta quadros cuidadosamente empilhados e cobertos por um pano perto dos fundos. Ele tinha certeza de que um daqueles não teria rosa e serviria para o sr. Kosgrove. Mas o que mais haveria ali embaixo? Parecia o porão de uma tia maluca, cheio de tralhas que deviam ter ido para o lixo — cadeiras com três pernas, luminárias sem tomada, telefones velhos de disco dos anos 1950 — e móveis que talvez pudessem render um bom trocado em feiras de antiguidades. Se Pozloski tivesse jeito para ladrão ou, como ele estava disposto a reconhecer, fosse menos preguiçoso, talvez pudesse faturar um bocado.

Ele terminou o baseado, largou no chão a guimba que sobrou e esfregou a sola do sapato em cima até ela se desintegrar em fiapos de papel. Depois, ele se levantou da cadeira. Uau. Ficou surpreso com a onda que bateu. Antigamente, ele fumava uma vez por dia, mas, depois daquele olhar de Jenny sempre que ele dizia que ia acender um baseado, tinha passado a ser uma vez a cada semana ou a cada quinzena. Caramba. Aqueles baseados que o gerente lhe dera deviam ter uma maconha forte. Ele se sentia ótimo apesar de estar ali embaixo pelo motivo mais ridículo do universo: o sr. Kosgrove era obviamente louco. Quem exigia que qualquer coisa rosada fosse retirada de um quarto de hotel? Mas o sr. Kosgrove parecia ter um cartão de crédito sem limite e andava com um rolo de notas de cinquenta dólares

para dar gorjetas. E, por cinquenta dólares, era um grande prazer para Pozloski vagar no meio da escuridão e das teias de aranha do subporão em busca de um quadro diferente para o quarto do sr. Kosgrove.

Ele começou a andar na direção do lugar onde se lembrava de ter visto os quadros antigos, mas, quando puxou a corda da lâmpada seguinte, nada aconteceu.

— Carambolas — disse Pozloski.

Jenny também não gostava muito de palavrões, então ele tinha se esforçado bastante para cortar o hábito. Ele tinha que admitir que “carambolas”, sua opção para epíteto substituto, dava uma enorme satisfação. Era o som da palavra: “carambola”. Tinha um ritmo próprio que podia fazer frente a qualquer palavra suja em circulação.

— Carambolas — disse ele de novo.

Ah, cara. Carambolas. Ele adoraria comer umas carambolas.

Certo. Sim. Ele estava bem chapado.

Pegou de novo o isqueiro azul de plástico do bolso e girou a roda. Levantou o isqueiro na frente do rosto, uma chama firme e luminosa, uma fonte de calor. Ele deu um passo. O ar estava cheio de poeira pairando por todos os lados, e Pozloski decidiu que conversaria com o gerente-geral sobre limpar o subporão. Aquilo devia ser um possível foco de incêndio. Ele deu mais um passo à frente, e outro, e parou, porque estava começando a ficar incomodado. Quanto mais ele se afastava da última lâmpada que funcionava, menos respeitável parecia a chama do isqueiro. Três passos antes, ele parecia uma tocha, capaz de lançar luz na noite inteira, mas agora a luz estava meio patética. E quente. Muito quente. Carambolas! O dedão. Ele apagou a chama e enfiou o dedão na boca. Ai. Que bom que estava chapado. Ficou ali no escuro por um minuto, esperando o isqueiro de plástico esfriar. As lâmpadas atrás dele serviam como uma espécie de referência, mas não eram particularmente reconfortantes. Quando o isqueiro esfriou o bastante para tentar de novo, ele girou a roda com o dedão esquerdo. Precisou tentar três vezes e pensou naquele conto bizarro de Roald Dahl que tinha lido no ensino médio, em que a esposa do cara tinha perdido os dedos ou algo do tipo porque eles tinham apostado os dedos para ver quem conseguiria acender um isqueiro não sei quantas vezes seguidas, e Pozloski se deu conta de que estava rindo. Ele estava rindo, e havia um eco esquisito ali embaixo, então as risadas pareciam muito com alguém gemendo.

Espere. Ele estendeu o isqueiro para a frente até onde dava sem sair do lugar. O que era...

Ah. Carambolas.

Qualquer ideia que Pozloski tinha de trocar o quadro do sr. Kosgrove e receber uma boa gorjeta foi soterrada pela visão do rapaz caído no chão à sua frente. Pozloski se aproximou e chegou o isqueiro perto do corpo do homem. Latino e jovem, mais jovem que Pozloski. Vinte e poucos anos, e com um aspecto de merda. Por um segundo, Pozloski imaginou que o cara fosse um drogado. Não era nada inédito que drogados entrassem de fininho no hotel, se enfiassem em qualquer

buraco e cochilassem até que alguém os encontrasse e os botasse para fora. O hotel tinha bastante segurança, mas esse tipo de coisa acontecia algumas vezes por ano. O cara estava pálido e suado, e tremia muito, mas não parecia um drogado. Em primeiro lugar, ele estava com boas roupas. Eram sujas, mas não o tipo de sujeira seca de quem estava realmente na sarjeta. Era a sujeira de quem estava deitado no chão do subporão do King Royal Hotel, não a sujeira de quem morava na rua. Sim, o cara estava de jeans e camiseta, mas os sapatos não o deixavam mentir. Pozloski nunca chegava a comprar nada muito chique, mas lia a *GQ* e a *Squire* e, mesmo completamente chapado, conseguia reconhecer mocassins de oitocentos dólares, ainda que estivessem nos pés de um sujeito que não parava de suar, gemer e tremer no chão do subporão do King Royal Hotel iluminado apenas pela chama quente, quente de um isqueiro. Quente, quente!

Carambolas.

Ele trocou de dedão, enfiando agora o esquerdo na boca, e esperou uns segundos para o isqueiro esfriar.

Não foram segundos bons.

Pozloski imaginou que o cara não devia estar gemendo antes. Ele teria escutado. Mas e agora? Agora que o homem estava gemendo, parecia não conseguir parar. Um lamento comprido e baixo de dor e desespero. O som lembrava Pozloski das férias que ele tinha tirado em Wisconsin para pescar, das portas teladas que rangiam nas dobradiças de manhã, mas parecia que aquela porta telada não ia fechar nunca, e, assim que o isqueiro esfriou o bastante para acender de novo, ele girou a roda com o dedão direito queimado.

O cara não parecia muito bem.

— Você não pode ficar aqui embaixo — disse Pozloski. Sua voz parecia ao mesmo tempo alta e baixa demais. As palavras saíram de sua boca quase como se ele estivesse gritando, mas o subporão as engoliu completamente e abafou tudo. Ele tentou de novo. — Precisa de ajuda?

— Ah, ah, ah... — gemeu o homem, em convulsões, arqueando as costas com um espasmo e cravando os calcanhares no chão.

— Tudo bem — disse Pozloski. Ele sentia como se estivesse com algodão enfiado atrás dos olhos e teias dentro da boca. Devia ter fumado só metade do baseado. Aquela maconha era muito forte. — Você está se escondendo de alguém? Realmente não devia estar aqui embaixo.

— Por favor — disse o homem. Na verdade, implorou. — Por favor. Ah, por favor. Elas estão dentro de mim.

E então ele gritou.

Aquilo não parecia nada bom.

Pozloski estava chapado, mas não era idiota e sabia que devia fugir. Sabia que devia voltar correndo para a escada, dar o fora daquele subporão, dar o fora do King Royal Hotel todo. Sabia que devia roubar a chave da Ferrari vermelha do sr.

Kosgrove e cantar pneu até seu próprio apartamento, ligar para Jenny no caminho e mandá-la esperar na calçada, e os dois então levariam aquela Ferrari vermelha o mais longe possível seguindo para o norte, para que, ao amanhecer, eles já estivessem no meio de Wisconsin, passassem batido pelo chalé de pesca que Pozloski e seus amigos haviam alugado e transformassem Chicago e aquele homem em agonia em uma lembrança distante no retrovisor. Era isso que ele deveria ter feito.

Mas não conseguiu. Mesmo se o exército não estivesse explodindo estradas para carambolas, mesmo se fosse possível viajar, Pozloski não conseguiu se mexer.

Os calcanhares dos mocassins de oitocentos dólares do sujeito estavam raspando no chão, debatendo-se e dançando, mas os sapatos de sessenta dólares de Pozloski permaneceram plantados.

Não era nada parecido com os vídeos que ele havia visto de Los Angeles e da Índia, nem com as imagens desfocadas da internet, onde as pessoas se rasgavam como salsichas na grelha quando o fogo estava alto demais. Não houve nenhuma explosão de aranhas, nenhum momento súbito em que Pozloski fosse envolvido pela morte escura. Foi devagar. Muito mais devagar do que Pozloski tinha imaginado.

Primeiro, o homem parou de tremer. Os olhos giraram nas órbitas e os gemidos viraram um barulho rouco e, depois, se transformaram em silêncio. Não foi difícil perceber que o cara tinha batido as botas. Por baixo da camiseta do cara, Pozloski viu um movimento suave, como se uma bola de tênis estivesse subindo do estômago do sujeito, passando pelo peito, indo de um lado para outro, e depois descendo de novo. E então, no ponto onde a camiseta estava um pouco repuxada para cima, deixando Pozloski ver a pele macia da barriga dele, um volume se transformou em uma linha, que se transformou em um fiapo de sangue, que se transformou em...

Carambolas. Ele enfiou o dedão direito na boca de novo. Ia ser uma queimadura danada. O dedão ia ficar com bolha por dias.

A escuridão era assustadora, claro, mas também um alívio. Perto da entrada, a luz das lâmpadas penduradas indicava nitidamente a saída, mas ali onde ele estava a escuridão parecia absoluta. Mas entre a escuridão e ver o que ia sair da barriga daquele cara, Pozloski quase preferia a escuridão. Ele tinha uma boa ideia do que estava prestes a ver, mas também sabia que, se visse, aquilo se transformaria em realidade. Se ele não acendesse o isqueiro, se deixasse o dedão direito na boca e o isqueiro apagado na mão esquerda, poderia fingir que não havia nada para ver. Fingir que aqueles sons rastejantes à sua volta não tinham nenhuma relação com o que os jornais estavam falando, nenhuma relação com o fato de que o sr. Kosgrove estava acampando na Suíte Real após uma fuga apavorada de Las Vegas, nenhuma relação com a morte certa que o aguardava.

Carambolas.

Ele girou a roda do isqueiro. E, claro, não acendeu. Dedão esquerdo. Saiu só uma faísca rápida, o suficiente para ele imaginar que algo estava se mexendo, e depois

escuridão total. Giro. Faísca. Movimento. Escuridão. Giro. Faísca. Movimento. Escuridão. E mais uma vez ele pensou naquele conto idiota do homem que apostava se um isqueiro acenderia, da esposa sem dedos, dos pesadelos que Pozloski tivera durante uma semana no ensino médio depois de ler aquele conto. Aquilo bastou para fazê-lo rir *de novo*.

Ah, pelo amor de Deus. Quem dera ele não tivesse fumado aquele baseado.

Dessa vez, a chama pegou.

Foi decepcionante. Pozloski imaginara que, quando o isqueiro se acendesse, ele teria um segundo de luz, as aranhas o atacariam, e ele morreria. Fim. Mas não aconteceu nada disso. As aranhas pareciam não ter o menor interesse por ele.

Eram grandes. Maiores do que ele esperava. Pareciam pesadas. Na televisão e nas fotos que ele tinha visto na internet, eram todas pretas, mas aquelas tinham uma listra vermelha nas costas. Umas vinte ou trinta estavam andando em cima do corpo do homem morto. Ele devia ter ficado com nojo, devia ter começado a vomitar diante da cena do homem todo aberto, mas não era nada sanguinolento. Era um filé humano sem sangue contido por uma camada de laca de seda branca.

Pelo que ele estava vendo, as aranhas pareciam rastejar pelo chão sem nenhuma urgência. E os bichinhos também pareciam se mexer de forma aleatória. Se fosse obrigado a descrever o movimento, ele só conseguiria pensar em duas palavras: sem rumo.

Carambolas!

Pozloski sacudiu a mão e o isqueiro azul de plástico escorregou de seus dedos e bateu no joelho. Ele o escutou cair no chão e escorregar para longe. Enfiou os dois dedões na boca. Já havia pensado em comprar um Zippo, mas nunca fora nenhum fumante *de verdade*, só de maconha, e comprar um Zippo, por mais confiáveis e maneiros que ele achasse que esses isqueiros eram, parecia um ato meio ambicioso. Como se ele considerasse fumar maconha uma prioridade. Mas naquele momento ele teria ficado muito feliz de ter um isqueiro confiável que pudesse ser segurado sem queimar pra caramba os dedões. Ou, tipo, uma lanterna. Na verdade, uma lanterna teria sido melhor que um isqueiro.

Ele ponderou a situação por um instante. O mais importante ali era ligar para as autoridades.

Ah, pelo amor de Deus. O celular. Jenny tinha razão. Ele *realmente* precisava parar de fumar maconha. Tirou o celular do bolso, desbloqueou a tela e usou a lanterna.

As aranhas ainda não pareciam ter o menor interesse por ele. Estavam rastejando por cima do corpo e do chão, mas devagar. Como se esperassem alguma coisa acontecer. Uma delas se afastou do mocassim de oitocentos dólares do sujeito e passou andando na frente de Pozloski. Com cuidado, hesitante, quase para experimentar, Pozloski levantou o pé. A aranha realmente era bem grande. Comparações com equipamentos esportivos dispararam pela sua mente em um arco

acelerado, desde bolas de pingue-pongue abolas de sinuca, até se decidir por bolas de softbol. Ele e Jenny faziam parte de uma liga de arremesso lento, e, fora pela cor e, bom, pelo fato de que ela tinha oito patas grudadas nas laterais daquele corpo peludo bizarro, a aranha no chão à sua frente teria sido um excelente substituto para as bolas amarelas que eles usavam na liga.

Ele abaixou o pé. Teve que apertar com *muito* mais força do que havia imaginado.

Ouviu o barulho crocante de uma batata frita e um som de iogurte espremido. Foi muito, muito nojento. Ele teve o cuidado de esfregar a sola do sapato na gosma da aranha para terminar o serviço.

Hum. Ele meio que tinha imaginado que seria completamente soterrado, mas as outras aranhas nem reagiram. Elas o ignoraram completamente. Pozloski esfregou a sola do sapato no chão para limpá-lo e ficou segurando o celular para que a luz eletrônica iluminasse as outras aranhas ainda rastejando por cima do cadáver.

Certo. Ele realmente precisava avisar alguém. Virou o celular para ligar para a recepção. Ou para a polícia? Ou... o exército? Para quem ele deveria ligar?

Sem sinal. Nem uma barrinha. Claro. Ali embaixo não pegava nem o Wi-Fi. O celular era inútil. Como era possível ele topar com aranhas monstruosas e assustadoras que brotavam do cadáver de um homem no meio do expediente, mas a operadora fajuta de celular dele não ser capaz de prestar um serviço decente?

Pozloski se afastou cuidadosamente do corpo e das aranhas, usando o celular como lanterna até voltar para a ilha de luz da primeira lâmpada pendurada.

Ele parou e olhou de novo para o subporão. Ficou quieto, prendeu a respiração, prestou atenção. Dava para ouvir o som rastejante das aranhas caminhando tranquilamente pelo espaço.

E então, por fim, ele não se sentiu mais tão chapado. E, agora que não estava mais tão chapado, ele se deu conta de que a reação mais lógica seria correr desesperadamente escada acima.

E, depois de pensar nisso por alguns segundos, ele decidiu que correr desesperadamente era mesmo a decisão certa. Então ele correu.

Desperation, Califórnia

Nada inspirava mais confiança nas forças armadas do que a presidente dizer que era cada um por si. Kim já havia visto pelo menos uma dúzia de brigas entre fuzileiros desde que a presidente promulgara o Protocolo Espanhol. Não sabia que o nome era Protocolo Espanhol, e, mesmo que soubesse, não teria dado a mínima. Na cabeça dela, era o protocolo “boa sorte aí”. Ou protocolo “você devia ter dado ouvido aos seus pais e ter virado advogada”. Ela não sabia quantos fuzileiros tinham sido mandados para aquela parte da cerca, mas eles haviam recebido ordens para permanecer onde estavam e continuar a examinar refugiados até mesmo *depois* da furada que foi a fuga de milhares e milhares de pessoas da zona de quarentena alguns quilômetros ao sul. E aí, quando a presidente decidiu que todo mundo estava ferrado e não adiantava mais fazer triagem, eles começaram a receber várias ordens malucas. Um pelotão fora enviado para o oeste, para o coração de Los Angeles, e outro — ou pelo menos foi o que Kim havia escutado — para Vancouver. Para o país errado, cacete! E o pelotão dela tinha ordens ainda mais sacanas. Eles já haviam sido enviados de volta para o primeiro campo de concentração temporário, o que tinha sido dominado pelas aranhas quando Los Angeles caiu, quando as ordens foram alteradas: o segundo-sargento Rodriguez disse que eles precisavam buscar uma espingarda e levá-la para Washington.

Kim imaginou que devia ser uma baita espingarda. Ela não escolheria necessariamente uma espingarda para combater uma horda enfurecida de aranhas.

Eles ficaram discutindo sobre isso no Veículo Tático Leve desde que receberam as novas ordens. Era uma viagem difícil e horrorosa desde a zona de quarentena até Desperation, na Califórnia, e teria sido impossível em um veículo convencional. Em alguns trechos da rodovia dava para correr bem por uns cinquenta, talvez sessenta quilômetros, mas em outros o asfalto era só uma vaga lembrança. Crateras e fumaça. Viadutos transformados em entulho. Mais de uma vez eles se depararam com carros virados, trailers em chamas, civis parados em engarrafamentos como se alguém fosse consertar a estrada magicamente. Mas os fuzileiros não se deixariam abater por nada, não, senhor. O comboio era uma mistura de Hummers e VTL, para um pelotão de trinta e dois fuzileiros, e eles usavam as estradas quando dava, e nos pontos em que as estradas estavam destruídas eles se sacudiam por campos e pedregulhos, por terra batida e areia. Teria sido extremamente mais fácil se a força aérea tivesse começado a bombardear a porra toda *depois* que o pelotão de Kim já estivesse em Desperation. Em circunstâncias normais, seria uma viagem de quatro horas até a cidade, mas, como o sistema rodoviário federal agora mais parecia Cabul do que os Estados Unidos em que Kim crescera, o trajeto levava quase dezesseis horas. E isso com o segundo-sargento apertando o passo.

Na última hora, eles haviam debatido sobre qual seria a melhor arma para quando tivessem que combater as aranhas.

Quando, não se, pensou Kim.

— Eu ainda acho que bomba atômica é o que há — disse Duran.

— E eu ainda digo que a ideia é pensar em uma arma que permita que você sobreviva e prospere e seja um fuzileiro. De que adianta uma arma que transforma você em um pedaço de carvão? — perguntou Elroy. — Estamos falando de uma arma de uso pessoal. Nada de bombas atômicas.

— Ainda assim, uma espingarda não faz o menor sentido — retrucou Punhos. — Sim, combate urbano a curta distância contra um inimigo convencional? É só carregar com chumbo fino, e qualquer um na frente do cano vira uma janela. É que nem mirar em uma parede. Impossível de errar, mas só se for para atirar em uma parede. E com isso eu quero dizer em uma pessoa, não em algumas centenas de aranhas famintas.

Kim tentou ignorá-los. As estradas ali em Desperation não eram grande coisa, mas também não estavam destruídas. Quando eles conseguiram sair da rodovia e pegar as estradas vicinais, não parecia haver nenhum risco iminente de um caça bombardeá-los. Até ali, a força aérea tinha achado importante avisar o pelotão deles antes de entrar em ação. Uma gentileza que aparentemente não estava sendo oferecida aos civis. Como as estradas de Desperation não tinham jeito de levar para nenhum lugar além da própria cidade e das redondezas, e como Desperation, Califórnia, não passava de uma antiga cidade de mineradores cheia de hippies e sobrevivencialistas,

Kim imaginou que a força aérea não se daria ao trabalho. A operação “bombardear a porra toda e as pessoas que se virem e vão se danar, fuzileiros, todo mundo aqui em Washington deseja boa sorte” não parecia, até o momento, incluir o bombardeio da estrada de terra que seguia só alguns quilômetros além de Desperation, Califórnia. Se bem que Kim achava que talvez devesse incluir. A cidade, se era que dava para chamar aquilo de cidade, merecia uma boa bombardeada. Eles passaram por um trailer enferrujado e Kim viu uma jovem bonita, mais ou menos da idade dela, com jeans e uma camiseta com estampa *tie-dye*, ao lado de um namorado emburrado. Passaram por um bar, e por outro, e por outro, até chegarem a um posto de gasolina barra loja de ferramentas barra mercado chamado Jimmer’s Dollar Spot.

— Vocês acham que a gente pode dar uma parada aqui na volta? — perguntou Elroy, apontando pela janela quando eles passaram por outra construção pequena com um letreiro que dizia LUANNE’S PIZZA & BEER. O letreiro estava descascado, mas não muito. Uma mulher na varanda os observava de braços cruzados.

— Eu não contaria com isso — respondeu Punhos. — Só recebemos essa missão porque éramos a unidade mais próxima da região, mas está rolando alguma urgência. — Ele imitou a voz ríspida do segundo-sargento Rodriguez: — Pri. O. Ri. Da. De. Má. Xi. Ma.

Elroy grunhiu.

— Que saco. Eu adoraria uma pizza. E, se tem urgência, por que não mandaram aeronaves?

Kim sorriu para Elroy.

— Até parece que tem algum sentido nas coisas que as forças armadas fazem. Rodriguez disse que é prioridade máxima, mas talvez não seja prioridade máxima para os pilotos ou para quem quer que decida aonde as aeronaves vão. Ou talvez todos os aviões e helicópteros estejam ocupados explodindo coisas. Vai saber. A situação não está exatamente normal.

Elroy balançou a cabeça e pareceu tão triste como se seu cachorro tivesse morrido.

— Cerveja gelada. Vocês viram o letreiro? Pizza e cerveja.

O comboio levou mais uns dez minutos para chegar à casa.

A cabo Kim Bock não pôde evitar a impressão de que era muito esquisito eles estacionarem na frente do que parecia uma casa saída direto do ano 1922. A casa era simpática, mas a localização era esquisita. A construção combinava com um bairro residencial bacana com ruas largas e árvores altas, em vez de largada no meio daquele deserto. Era o tipo de casa em que Kim se imaginava morando algum dia, com marido e filhos, depois que saísse das forças armadas e começasse o que seus pais gostavam de chamar de “vida real”. Não que uma “vida real” parecesse muito provável agora, considerando o que estava acontecendo no mundo inteiro. Dadas as circunstâncias, ela imaginava que era bastante provável que acabasse passando o resto da vida em uma fantasia pós-apocalíptica estilo *Mad Max*. Ou, quem sabe,

fosse devorada por aranhas.

Os fuzileiros saltaram dos veículos, protegeram os olhos contra o brilho do sol, falaram besteira, beberam água, alguns acenderam cigarros. Kim ofereceu um chiclete a Sue. O segundo-sargento Rodriguez gesticulou para que Kim e Sue se aproximassem, e elas obedeceram, cada uma com o M16 pendurado no ombro. Elas subiram com Rodriguez os degraus da varanda na frente da casa azul. Kim não entendia o bastante de arquitetura para saber que tipo de casa era aquela, mas parecia típica de uma revista antiquada. Venezianas brancas, janelas maineladas, uma porta pintada com uma cor entre o rosa e o vermelho. Jardineiras ao longo de toda a varanda, com flores amarelas e azuis muito bem cuidadas. Havia um sistema de irrigação, canos pretos finos que desciam pelas colunas da varanda e molhavam as flores. A varanda se estendia por toda a largura da casa e tinha espaço para uma rede, cadeiras de balanço, uma espreguiçadeira, mesinhas. Com um pouquinho de imaginação, ela conseguia visualizar uma jovem família sentada ali, o pai e a mãe bebericando coquetéis enquanto as crianças brincavam com um jogo de tabuleiro no chão. Porém, o segundo-sargento Rodriguez parecia completamente alheio ao absurdo da situação. Ele não era conhecido pelo senso de humor. Andou direto até a porta e deu quatro batidas fortes e autoritárias.

Um cachorro começou a latir alto, cheio de alegria. Ela o viu pulando e tentando olhar pelo vidro. Um labrador preto? Não. Marrom. Depois de cinco ou dez latidos, o cachorro sumiu pelo corredor e, após alguns segundos, Kim viu um homem se aproximar.

Quando a porta se abriu, Kim se perguntou se estava sonhando.

— *Mint julep?* — ofereceu o homem.

Ele estava muito bem vestido. Até Kim reconhecia a elegância do estilo. Pés com mocassins de couro sem meia, calças de linho creme curiosamente passadas, uma camisa azul-clara que parecia flutuar, e de repente Kim compreendeu que aquele era exatamente o caimento que todas as roupas deveriam ter.

E ele segurava uma bandeja de prata com uma jarra e meia dúzia de copos.

— Eu sou Fred — apresentou-se ele. — Temos mais lá dentro. Preparamos uma banheira inteira. E a hortelã também é fresca. Tenho uma bela hortinha hidropônica lá embaixo. Há mais do que o suficiente para todo mundo, então não se avexem. Os rapazes — ele olhou para Sue e Kim e deu uma piscadela — chegaram mais cedo do que a gente esperava, mas não se preocupem, os canapés estão quase prontos.

Um homem alto e magro com boné do Chicago Cubs se materializou atrás de Fred. O cabelo cheio e preto tinha fios grisalhos, e ele usava tênis, calças cargo cáqui e camiseta preta. Um baita contraste com Fred.

— Que bom que vocês já conheceram meu marido — disse ele. — Eu sou Espingarda.

Kim levou um segundo para entender. A espingarda não era um objeto. A espingarda era uma pessoa.

Outras duas pessoas brotaram no corredor atrás de Fred e Espingarda. Um homem e uma mulher, ambos brancos, ambos com trinta e poucos anos. O homem segurava a coleira do labrador marrom e estava ao lado da mulher como se fossem um casal. A mulher também trazia uma bandeja, feita de alguma madeira clara, talvez bambu, mas era difícil saber de longe, e estava coberta de algo que parecia... Sim. Os canapés prometidos por Fred.

— Torradas com *tapenade* de azeitona — explicou a mulher.

Ela se aproximou, passou por Espingarda e ofereceu a bandeja.

Kim lançou um olhar para Rodriguez. Ele costumava ser impassível, mas parecia definitivamente confuso. Kim percebeu que as ordens dele estavam em conflito com as convenções sociais básicas de se comportar como um convidado, mas ele enfim estendeu a mão, pegou um copo da bandeja de prata de Fred e serviu uma dose da bebida. O gelo caiu da jarra e bateu no fundo do copo em meio à mistura de hortelã e álcool e água açucarada. Ele hesitou e, então, passou o copo para Sue, que o passou para Kim.

Ela deu um gole. Seus pais tomavam vinho. Ela preferia cerveja. Nunca tinha provado *mint julep* antes.

Hum. Nada mal. Mas era forte.

O segundo-sargento Rodriguez encheu outro copo para Sue e começou a se servir também, então Kim aproveitou e pegou um canapé da bandeja da mulher.

— Vocês estão em quantos? — perguntou ela. — Pusemos uns folhados para assar, e Fred preparou um porco assado maravilhoso para fazermos tacos mais tarde. Eu sei que não é o dia certo, mas não é cedo demais para uma festa de Cinco de Maio. Mas a gente queria preparar o bastante para todo mundo. Espingarda disse que seria um pelotão, mas nem ele nem Gordon — ela fez um gesto com a cabeça para indicar o homem atrás dela, e Kim reparou em uma bela aliança em seu dedo — sabiam dizer o que exatamente isso significava. Segundo a Wikipédia, aparentemente os fuzileiros podem ser bastante flexíveis em suas contagens.

— Nós somos trinta e duas pessoas, senhora — respondeu Rodriguez. — Mas trouxemos nossa própria comida e...

— De jeito nenhum — interrompeu Fred. — O segredo do porco assado é passar um pouco de sal e açúcar na noite anterior. Você tem que dar uma lavada rápida antes de colocar no forno para não ficar salgado demais, mas depois deixe assar em fogo baixo por horas e horas e horas. Aí vem a grande sacada: termina com fogo alto só por alguns minutos. A gente tem bastante. Eu fiz três ombros, o que pode não parecer muita coisa, mas na verdade é um bocado de porco, especialmente se juntar com *tortillas* e arroz e salada e molho. Ai. Puta que parilis. A menos que algum de vocês seja vegetariano. Alguém é vegetariano? Não devo ter nenhuma opção vegetariana, mas acho que consigo improvisar alguma coisa. Só seria uma pena. O porco está um arraso. Ah, e tem pudim também. Não sou muito fã de pudim, a textura me incomoda um pouco, mas não consegui pensar em nenhuma outra

sobremesa que combinasse com o tema mexicano.

Kim tomou mais um gole do drinque para disfarçar o sorriso. Rodriguez estava completamente perdido. Ele era boa pessoa e um bom segundo-sargento, mas não dava para ser muito simpático nessa função. Mas Kim tinha certeza de que, embora as ordens provavelmente contemplassem hipóteses de tumultos civis ou até determinassem como agir em caso de infestação de aranhas, ele não fazia a menor ideia de como reagir a uma festa de Cinco de Maio.

— É... ninguém do pelotão é vegetariano, senhor — disse Rodriguez. — Mas temos ordens para levar o senhor com sua arma para Washington imediatamente.

Espingarda saiu para a varanda e se juntou a seu marido, Gordon, Amy, Kim, Sue e Rodriguez. Ele deu uma olhada nos Hummers e VTL.

— Parece uma viagem longa.

— Não vamos dirigir, senhor. Fomos instruídos a aguardar e protegê-lo até o transporte chegar.

Fred segurou a bandeja com uma das mãos e levantou a jarra para oferecê-la a Kim. Ela olhou para o copo. De alguma forma, não percebeu que o esvaziara. Ela o segurou para Fred encher.

— O que exatamente vocês chamam de transporte? — perguntou Fred.

— Sinto muito, senhor — disse Rodriguez. — Helicópteros. Daqui até Las Vegas. É o lugar mais próximo onde podemos pousar um avião capaz de levar o senhor diretamente a Washington. Na verdade estou um pouco surpreso de ver que não saiu daqui antes de nós chegarmos. O Pentágono disse que levar o senhor para a capital é prioridade máxima.

Fred ergueu a sobrancelha.

— Se vocês estão com essa pressa toda, por que não vieram voando para cá?

Kim sentiu Elroy se aproximar por trás dela e lhe dar uma cutucada nas costas e ficou satisfeita ao ver que Rodriguez deu uma resposta parecida com a dela.

— Não sei, senhor. Talvez todas as aeronaves estejam em uso. Os militares fazem muita coisa extremamente bem, mas nem tudo faz sentido para as pessoas no solo. Só estamos seguindo ordens — explicou Rodriguez —, que eram vir até aqui e cuidar para que o sr. Espingarda entrasse no helicóptero.

Espingarda pareceu aflito.

— Eu tenho meu próprio avião. Posso...

— Não, senhor. Todas as aeronaves civis estão sendo abatidas sem aviso. A ordem de bloqueio aéreo da presidente continua em vigor. Uma boa quantidade de civis ignorou a restrição, e não acabou bem para eles. Receio que, se o senhor tentar pilotar sozinho, é quase certo que será abatido.

— É, bom, não imaginei que fossem usar força letal de verdade para impor a proibição de voos.

Kim tomou mais um gole do drinque. Ainda estava gostoso.

— Não sei que informações conseguiram receber — disse ela. — Mas a situação

está bem caótica lá fora.

Espingarda tirou o boné e passou os dedos pelo cabelo.

— Tudo bem — disse ele. — Então vamos esperar o helicóptero. Quanto tempo meu marido tem para fazer as malas?

— Senhor?

Espingarda voltou a pôr o boné.

— Vocês acham mesmo que vou me mandar para Washington e deixar meu marido para trás? E Gordon me ajudou a projetar a arma, então ele e a esposa também vão junto. Nós quatro. E o cachorro.

Rodriguez parecia aflito.

— Preciso confirmar se isso será possível, senhor.

— Faça o que for preciso. Caso contrário, eu não entro em helicóptero nenhum e vocês não pegam o ST11.

— Senhor?

Fred bufou e revirou os olhos.

— ST11. A arma, bobinho. — Ele entregou a bandeja de bebida para Espingarda. — Acabou a hora do tira-gosto. Se esse helicóptero não vai demorar muito, precisamos começar a comer. Amy e eu vamos terminar de preparar o jantar da tropa, e depois *eu* vou arrumar as malas.

Ele e Amy sumiram em um instante, e Kim, Sue, Elroy e Rodriguez ficaram ali com Espingarda e o outro homem.

— Seu marido — disse Kim, com certa cautela — é... peculiar.

Espingarda deu um suspiro, colocou a bandeja em um dos aparadores e se serviu um copo.

— Ele é de San Francisco. Não está muito acostumado com a ideia de moderação. Faz parte do charme dele. Mas é sério — disse ele, bebericando o drinque —, espero que os helicópteros demorem uma ou duas horas para chegar, porque o taco de porco assado que ele faz é mesmo extraordinário. Eu não perderia por nada.

Lago Soot, Minnesota

Leshaun ia ficar de vigia entre meia-noite e seis da manhã, mas Mike tinha acordado pouco antes das quatro e saiu para rendê-lo.

A localização da cabana não era perfeita — ele e Leshaun tinham levado mais ou menos uma hora para conferir o perímetro —, mas podia ser muito pior. A mata atrás da ilha era extremamente cerrada, e a estrada mais próxima ficava a muitos quilômetros de distância. Não era à toa que o único acesso era por barco. Sim, havia uma trilha estreita que se embrenhava por entre as árvores e dava na cabana para quem quisesse fazer uma caminhada, mas, se algum intruso viesse por ali, seria moleza pegá-lo. A alternativa era vir pela água. Uma ilha teria sido melhor, claro, especialmente se tivesse terreno elevado. Qualquer lugar de onde eles pudessem ter uma visão desimpedida e soubessem com antecedência de qualquer bandido que tentasse se aproximar. E uma equipe completa de agentes, com atiradores de elite e equipamento de visão noturna. Isso tudo teria sido ótimo, mas, enquanto desejava essas coisas, Mike pensou que seria melhor desejar que as aranhas nem existissem. Claro que, na verdade, não era com as aranhas que ele e Leshaun estavam preocupados.

Dois barcos já haviam passado perto do atracadouro deles, e nas duas vezes Mike e Leshaun sacaram as armas e ficaram a postos. O cara do primeiro barco, um velho

negro de cabelo grisalho e barba branca curta, acenara com a cabeça, com a mão, e logo fizera uma curva e se mandara pelo lago Soot. O outro barco, com três homens mais jovens, todos tatuados e sem camisa, tinha chegado muito mais perto. Um dos homens tinha uma espingarda, e Mike e Lashaun ficaram ali, de Glock .22 em punho, um aviso extremamente claro de “entrada proibida”. Ainda assim, o piloto do barco esperou um pouco, a menos de vinte metros da ponta do atracadouro, olhando para eles. Pelo menos o cara com a espingarda teve o bom senso de não apontar a espingarda para nenhum dos dois. Mike sabia que o barco não ficou ali tanto tempo quanto pareceu, mas ele não tinha a menor dúvida de que tinha sido um desafio. E era exatamente esse o motivo para ele e Lashaun estarem lá fora, com as armas em punho: o tipo de homem que estava disposto a ficar encarando duas pessoas armadas era o tipo de homem que normalmente ninguém gostaria de convidar para uma cabana durante uma emergência militar.

Emergência militar. Mike achava esse termo completamente inadequado, mas não tinha nenhum melhor. Apocalipse? Não, apocaranhalipse! Ele deu uma risada. Tudo bem. Essa foi meio engraçada.

Ele estava sentado em uma cadeira pavão no quintal, com uma vista ampla da varanda, do atracadouro e do lago à sua frente. O primeiro raio de sol do amanhecer repousou na água, e a temperatura estava agradável o bastante para ele não precisar usar o casaco leve que tinha pegado emprestado do marido de sua ex-esposa. O céu era uma mistura de estrelas e nuvens esparsas. As nuvens, em contraste com o céu noturno, pareciam fumaça de uma fogueira, e Mike pensou que, de repente, o nome do lago, que significava fuligem, parecia apropriado. Ele ouviu um pássaro cantando e, mais ou menos um minuto depois, o som de um peixe mergulhando. Ali era terrivelmente tranquilo. Talvez, quando tudo aquilo passasse, ele aceitasse a oferta de Dawson de usar a cabana. Seria muito estranho ficar amigo da ex-esposa e do marido novo dela? Para falar a verdade, quanto mais tempo ele passava com Dawson, mais gostava do sujeito. Ele achou que seria bom para Annie ver os adultos de sua vida se esforçando para se gostarem, e seria bom para ela ver que Mike e Dawson se davam bem.

Como se tivesse ouvido os pensamentos de Mike, Annie saiu da cabana. Ela usava short e um casaco de moletom. Ele ficou feliz de ver que o moletom era o que ele lhe dera de Natal, um casaco com zíper e gorro com o acrônimo da agência estampado nas costas. Era grande demais para ela, mas era grosso e quente, e ela ainda ia crescer mais. Se bem que, pensando bem, era meio esquisito o fato de que a agência tinha agasalhos de moletom. Mas havia uma espécie de loja virtual de onde os agentes podiam comprar vários itens: agasalhos e camisetas e bonés, canetas e canecas e até *frisbees*, tudo com a sigla ou o selo da agência.

Annie se apoiou no batente da porta e esfregou a batata da perna com o pé. Ela passou os olhos da direita para a esquerda até vê-lo, sentado na cadeira. Espreguiçou-se e coçou os olhos, e então desceu a escada e atravessou o gramado até

ele. A lua e as estrelas pareciam rios prateados de luz contra o romper da alvorada, e Annie estava reluzente. Por um instante, Mike não conseguiu acreditar em como ela tinha crescido, como ela não parecia mais uma criancinha, e então, naquela luz inconstante, ela pareceu muito jovem de novo.

— Oi, linda — disse ele. — Desculpe. Eu vivo esquecendo. Sei que você já está muito grande para eu te chamar de linda o tempo todo.

Ela deu de ombros.

— Não tem problema.

— Perdeu o sono?

— Perdi. Posso sentar no seu colo?

— Claro.

Ela se acomodou no colo de Mike e se recostou em seu peito. Puxou o capuz por cima da cabeça, dobrou os joelhos e enfiou as pernas dentro do casaco para deixar só os pés de fora. Ele pegou as cordas do capuz e puxou. Annie riu e deu a língua para Mike, e ele voltou a afrouxar o capuz.

Os dois ficaram ali sentados, sozinhos, por uns cinco ou dez minutos, conforme o sol começava lentamente a lançar luz no céu. As nuvens ganharam profundidade, e os primeiros tons de laranja e vermelho coloriram o mundo. A água ainda estava preta feito piche, lisa e indistinta naquela manhã tranquila. Mike sentiu o peso leve de Annie no colo, e sua respiração contava o avanço da manhã. Quando ele imaginou que sua filha tinha adormecido, a menina se mexeu.

— Você viu algum ontem à noite? — sussurrou ela. Ou pelo menos ela tentou sussurrar. Tinha oito anos — não, nove, e Mike ficou constrangido de errar — e não sabia sussurrar muito bem. Mas não tinha importância. Ninguém ia escutar nada de dentro da cabana.

— Algum o quê?

— Algum bandido.

— Ah...

— É por isso que você está aqui fora, né? Para não deixar nenhum bandido entrar?

— Não apareceu nenhum bandido. Está tudo tranquilo. O tio Leshaun passou a maior parte da noite aqui. Eu vim para cá umas quatro da manhã. Que horas eram quando você saiu da casa?

— Umas cinco e meia? — Ela ficou em silêncio por um instante e, depois, disse: — Eu sei. Eu sei sobre os bandidos. Eu sei sobre as aranhas. E eu sei que a presidente falou que ninguém mais podia viajar.

— O que mais você sabe?

— Não sou um bebê — disse ela.

Ela não estava brava. Era só uma declaração. A afirmação de uma menininha que já tinha idade para saber que ela não entendia muito bem o que estava acontecendo. Ela podia não ser mais um bebê, mas era o bebê *dele*. Sempre seria, qualquer que fosse sua idade. Ela estava sentada em seu colo, aninhada sob o agasalho, recostada

nele. Mike a puxou para si e apoiou o queixo em cima da cabeça dela.

— Eu sei — disse ele. Sua voz vacilou um pouco, o que o surpreendeu. — Você já é uma mocinha. Tenho muito orgulho de você, sabia? — Ele sentiu o movimento afirmativo da cabeça dela. Sentiu a respiração da filha, mas o ritmo estava estranho. Será que Annie estava tentando segurar o choro? Ela se mexeu.

— Não tem problema ficar com medo — disse ele. — Isso é assustador.

— O que eles queriam?

— Quem?

— Aqueles homens no barco — disse ela.

— Você viu? Achei que estivesse lendo.

— Escutei o barulho do motor.

— Não sei o que eles queriam — respondeu Mike. — Acho que tem muita gente assustada agora. Nem todo mundo toma decisões boas, e às vezes, quando as pessoas estão assustadas, tem gente que tenta se aproveitar desse medo.

— Bandidos.

— Bandidos — disse Mike. Ele gostava de saber que para ela era muito simples. Bandidos e mocinhos. Na cabeça de Annie, Mike era o mocinho, e ele também gostava disso. — Leshaun e a mamãe e o seu padrasto e eu estamos todos aqui. A gente vai trabalhar junto para proteger você. Nenhum bandido. Tudo bem?

— E as aranhas? Vocês vão me proteger das aranhas também?

Mike devia ter imaginado que a pergunta viria, mas, por algum motivo, não imaginou. Ela o pegou de surpresa e o deixou sem palavras. Queria tranquilizá-la, dizer que tudo ia ficar bem. Bandidos e aranhas, qualquer que fosse a forma do bicho-papão, ele a protegeria de tudo. Era o pai dela, e ela era sua linda Annie, e nada no mundo seria capaz de passar por cima dele para atingi-la. Mas sabia que isso não era verdade. Teve certeza disso desde o instante em que a segurara, frágil e chorosa, no hospital. Ele nunca havia sentido tanto medo. Ela estava embrulhada no cobertor do hospital, choramingando de olhos fechados e lambuzada com um gel que a enfermeira tinha passado nas pálpebras dela. Era tão absurdamente minúscula. Não pesava quase nada. Fanny sorria, exausta e toda suada, e ele olhou para a filha e sentiu o maior medo de sua vida.

Os outros caras da agência — e também algumas das mulheres — brincavam especulando o que fariam quando suas filhas chegassem à idade de namorar. Limpariam suas armas na frente dos namorados, invadiriam a festa de formatura com uma equipe da SWAT ou simplesmente matariam os primeiros meninos que a filha levasse para casa. Mike sabia que essa era uma versão do mesmo medo. O temor de saber que chegaria o momento em que os filhos saíam da órbita dos pais, quando as filhinhas se transformavam em jovens mulheres e saíam para o mundo, um lugar onde elas não poderiam mais ser protegidas. Mas Mike sempre se perguntara em que merda eles estavam pensando. Será que achavam mesmo que poderiam proteger seus filhos antes disso? Fossem filhos ou filhas, eles realmente

achavam que podiam protegê-los do mundo por um segundo sequer? Porque, já naqueles primeiros instantes no hospital, Mike compreendera que havia perdido o controle de grande parte do resto de sua vida. Aquela coisinha em seus braços, aquele pacotinho de pés, mãos, boca, orelhas e nariz era muito frágil. Por mais que ele tentasse, sempre haveria algo no mundo para dar medo, e não só quando sua filha começasse a namorar, mas ali mesmo, no hospital, com a filha recém-nascida em seu colo, e ali, às duas da manhã no dia do aniversário de dois anos de Annie, correndo para o pronto-socorro com quarenta graus de febre, e ali, quando ela voltou chorando da escolinha porque a borboleta não saiu do casulo, e ali, explicando que, embora ele e a mamãe a amassem demais, não queriam mais ser o papai e a mamãe juntos, e ali, sentados naquela cadeira em um começo de maio mais quente do que o normal, segurando-a no colo, ciente de que a promessa não tinha nem um pinga de verdade, ciente de que era impossível protegê-la de tudo.

Mas isso não o impediu de prometer.

— Nós vamos proteger você — afirmou ele. — Eu prometo. Tudo bem? Eu prometo. Eu te amo.

— Também te amo, papai.

O sol surgiu no horizonte.

Casa Branca

Manny assinou o documento e devolveu para sua assessora.

— E se o deputado Wilford ligar de novo, fale para ele ir se foder.

— Quer que eu diga literalmente para ele se foder, nessas palavras, ou quer que eu dê uma amenizada?

Sharon Robinson já trabalhava para Manny por tempo suficiente para saber que devia perguntar. Ele trabalhara com assessores antes que teriam considerado o pedido uma sugestão e substituído as palavras ácidas por algo mais político, dizendo ao deputado apenas que Manny estava em um compromisso.

— Literalmente — respondeu Manny. — Quero que você literalmente diga para ele ir se foder. Na verdade, quero que você diga para ele literalmente ir se foder, para arrancar o pintinho minúsculo dele e enfiar no próprio rabo, e depois quero que você diga que ele é um cuzão de merda.

— Certo — disse Sharon, digitando as palavras no tablet. — Cuzão.

Para Manny, o deputado Wilford realmente *era* um cuzão. Até nos melhores momentos, Wilford, parlamentar com catorze mandatos consecutivos, era o tipo de babaca comedor de estrume que fazia Manny ter vergonha de morar em Washington. Mas aquele não era o melhor momento, e ele tivera a temeridade de ligar quatro vezes desde que Steph autorizara o Protocolo Espanhol. Não estava ligando porque

temia pelo país ou pela segurança de seu eleitorado, mas porque queria encher o saco de Manny em nome de um elefante branco que ele vinha tentando enfiar no orçamento federal havia mais de uma década. Um projeto de cassino construído e administrado pelo irmão de Wilford. Segundo o deputado Wilford, aquele era o melhor momento para construir um cassino no distrito dele. Ora, depois que tudo aquilo passasse, o país precisaria de boas notícias! Como seria preciso reconstruir o viaduto e a ponte, era a ocasião perfeita para acrescentar uma saída nova, muito conveniente, que daria exatamente no tal cassino.

— Mudei de ideia — respondeu ele. — Diga para ele literalmente se foder e *depois* diga que eu falei que ele é um cuzão de merda escroto e que espero que saiam aranhas da privada dele e o devorem do saco às tripas.

— Isso parece um pouco pesado.

— Certo. Pode deixar de fora a parte das aranhas.

Manny tomou um gole da Coca Diet. Ele percebeu que não estava de bom humor, o que não era nenhuma surpresa, considerando o estresse. Ele olhou para Sharon conforme ela digitava sua resposta para o deputado. Às vezes se perguntava se ela desconfiava que ele e Steph tinham um caso. Se desconfiava, nunca dera nenhum sinal. Essa era uma das qualidades que fazia com que ela fosse uma assessora tão boa. Sharon era inteligente e ele nunca precisava questionar as decisões que ela tomava em seu nome. Na verdade, o único defeito que via nela era a incapacidade de inventar insultos criativos por conta própria. Não que ele costumasse xingar deputados e senadores. Bom, não sempre. Não tanto quanto gostaria. Mas talvez um pouco mais do que deveria. Certo. Ele tinha um problema de controle da raiva.

— Algo mais? — perguntou ele.

— Você tem uma reunião com o diretor Gibbons às duas da tarde.

— Sobre o quê?

— Ele conhece um cara que presta serviços para a CIA e que disse ter inventado uma arma que pode ser eficaz contra as aranhas. — Ela deu de ombros. — Gibbons falou que o sujeito parece meio doido, mas é o mesmo cara que eles usaram para o Projeto Nuvem Escura.

— E me ajude aqui, o que era o Projeto Nuvem Escura?

— Aquele negócio com os satélites de GPS no verão passado.

— Ah. Eu gostei daquilo. Foi bem legal.

— Gibbons disse que o sujeito é peculiar, um daqueles sobrevivencialistas, mas também é um gênio, e pode ser que funcione, e se funcionar, provavelmente vai ser adaptável. Além disso, Gibbons falou que teve notícias do diretor do MI6, e ele tem falado um bocado sobre o Peru, e você precisa conversar com ele sobre isso também.

— Sobre o Peru?

— É. Sinto muito, não sei de mais nada. Não cheguei a falar pessoalmente com ele. O assistente dele falou com o meu, e o meu comigo, e eu com você. Sabe como é. Mas ficou claro que é importante o bastante para ele insistir em fazer uma reunião

com você e a presidente. Às duas da tarde.

— Certo. Algo mais?

Ela olhou para o relógio no tablet.

— Você tem catorze minutos de folga até o telefonema com os israelenses. Feche os olhos, sei lá. Você está com uma cara péssima.

— Valeu, Sharon. Vou me lembrar disso na próxima vez em que você pedir um aumento.

Ela saiu da sala dele e levantou o dedo do meio ao fechar a porta.

Manny decidiu que ela tinha razão. Ele estava com uma cara péssima, e a sensação era a mesma. O que ele não daria pela simplicidade de um escândalo político ou uma crise comercial. Tirou os sapatos e se deitou no sofá. Catorze minutos. Ele respirou fundo várias vezes. Anos antes, quando ele e Melanie estavam fazendo terapia de casal, o psicólogo disse que a melhor maneira de meditar era repetir constantemente e em voz baixa a palavra *um*, então Manny sussurrou a palavra para si mesmo a cada respiração.

Nossa senhora, tomara que o cara doido do diretor da CIA tivesse mesmo uma máquina matadora de aranhas. Ele imaginou uma caixa gigantesca que emitia raios de calor e fazia as aranhas derreterem. Um cubo de morte.

Peru.

O que Sharon tinha falado sobre o Peru?

Ele se sentou tão de repente que ficou tonto. Melanie também não tinha comentado algo sobre o Peru?

National Institutes of Health, Bethesda, Maryland

Prazeres simples. Prazeres simples. Esse tinha sido o mantra de Melanie desde que levara seu laboratório para o edifício do NIH. Trinta minutos de corrida em volta do edifício — sob a vigilância constante de uma tropa inteira de fuzileiros navais — ou quinze minutos na frente da TV para ver os destaques esportivos. Ela sabia que os outros cientistas e entomologistas do planeta inteiro estavam estudando o surto, tentando descobrir as respostas, mas a sensação era de que o peso do mundo todo estava nas suas costas. Além de Manny e Steph, só uns sete bilhões de pessoas precisavam que ela descobrisse o que estava acontecendo com aquelas aranhas. Melanie não tinha muito tempo para abstrair, então tentara garantir pelo menos alguns prazeres simples para ajudá-la a relaxar. Como o almoço. O fato de que sua segurança pessoal estava sob a responsabilidade das forças armadas dos Estados Unidos era estranho, mas, pelo lado positivo, até seus pedidos mais banais eram atendidos com uma diligência espantosa. Ela não podia afirmar nada sobre o poderio militar americano para o campo de batalha, mas, se algum dia o Pentágono precisasse de dinheiro, eles poderiam virar um excepcional serviço de entregas em domicílio. Ao meio-dia, ela havia pedido comida tailandesa a seus cuidadores, e às 12h30 a mesa de reuniões estava coberta de Pad See Ew, curry Panang, camarão com gengibre, arroz frito tailandês, Rad Nah e...

— S rio? Quem foi que pediu Pad Thai só com tofu?

— Eu gosto de tofu — disse Julie. — E a gente tem comido muita carne.

Melanie balançou a cabeça, encheu um prato e se sentou. Ela queria apreciar a comida, mas a sala de reuniões não ajudou. Realmente, aqueles dias não tinham sido o período mais animador da vida de Melanie, e lâmpadas fluorescentes e mesas de reunião não ajudavam em nada, especialmente durante um dia lindo de primavera do lado de fora, o tipo de dia que a fazia gostar de morar em Washington. Mas, dentro da sala, as lâmpadas fluorescentes zumbiam e deixavam tudo desbotado.

Julie estava engolindo o Pad Thai enquanto olhava atentamente para o laptop. Ela teve uma ideia para prever pontos de infestação e passara a manh a inteira fazendo c culos. Elas tinham discutido se deviam incluir os dados de Chicago: uma colônia havia sido localizada no subporão de um hotel de luxo perto da Magnificent Mile, mas, por algum motivo, as aranhas não eram agressivas. De acordo com os relatos, as aranhas tinham eclodido do corpo de um homem encontrado nas entranhas do edifício, mas elas ficaram s  rastejando de um lado para outro e mataram de susto o gerente noturno, que foi quem deu o alerta. E ainda por cima o cara estava dizendo que elas tinham listras vermelhas. Listras vermelhas! Não havia nenhuma foto, porque a reação imediata das autoridades de Chicago — o que Melanie achava que provavelmente era razoável, embora frustrante   be a — fora queimar o prédio inteiro. Melanie disse para Julie incluir os dados, ainda que o relato parecesse muito vago. A ideia de Julie era melhor do que nada, e o que elas tinham era exatamente nada. Melanie estava disposta a se agarrar a qualquer coisa. *Incluindo*, pensou ela ao olhar pela janela e ver o helicóptero descer em linha reta, *aquela jovem*.

O helicóptero pousou no estacionamento vazio cercado de viaturas militares e uma mulher desembarcou. Empoleirada ali no alto do edifício, Melanie não conseguia ver como ela era. Não conseguia ver se *era* uma mulher. E quando, cinco minutos depois, Teddie Popkins finalmente foi conduzida para dentro da sala de reuniões, Melanie se surpreendeu com quão jovem ela era.

— Você já se formou na faculdade? — perguntou ela. — Quantos anos você tem, vinte?

— Bom, esse é um começo bastante condescendente, mas eu tenho vinte e três anos e me formei dois anos atrás.

— Desculpe. Não foi isso que eu quis dizer. Só estou exausta — respondeu Melanie. — Você sabe por que está aqui? — Ela viu Teddie olhar para os potes de plástico do restaurante. — Fique à vontade. Pode se servir.

— Obrigada. Passei bastante tempo em um transporte ou helicóptero militar... e a comida deixava a desejar.

Teddie pegou um dos pratos de papelão e começou a se servir de arroz e curry.

— Desculpe por isso também. — Melanie deu um suspiro. — Eu falei que queria falar com você, e alguém decidiu que isso significava trazer você para Washington, em vez de, sei lá, fazer uma ligação.

— Bom, os telefones não têm funcionado muito bem desde que o exército começou a bombardear tudo. Nós não conseguimos entrar em contato com metade dos nossos repórteres, e é quase impossível nos comunicarmos com os que ainda estão tentando trabalhar. Enfim, imagino que você tenha me trazido aqui por causa do VT que eu preparei, né?

— Eu quero saber tudo o que você não incluiu — disse Melanie.

— Hum?

— Eu sei que pareço ríspida, mas não tenho muito tempo. Meu nome é dra. Melanie Guyer, e esta é uma dos... é minha colega, Julie Yoo. Nós somos basicamente a linha de frente aqui, tentando descobrir como é que essas coisas funcionam. Vi o vídeo na CNN e quero saber o que você não levou ao ar. O que ficou de fora.

Teddie hesitou e então foi até o aparador e pegou uma garrafa d'água da tina de gelo.

— Eu sou só uma assistente de produção. Não. Na verdade, sou produtora. Recém-promovida. Você acredita que eu me formei em língua espanhola em Oberlin? Só acabei na CNN por acaso. Isso aparece na minha ficha?

— Não tenho nenhuma ficha, Teddie — respondeu Melanie. — Você supõe que existe um nível de organização que é impossível no meio desta loucura. Como eu já disse, você foi trazida até aqui meio que sem querer...

Ela se interrompeu. Sentiu que já estava ficando impaciente. Qual era o problema dessas crianças que se achavam todas especiais? A questão ali não tinha nada a ver com Teddie. Melanie respirou fundo. Não era de admirar que ela preferisse trabalhar em um laboratório com aranhas a dar aulas para turmas de graduação.

— Certo. Você se formou em língua espanhola. Mas percebeu alguma coisa, e é fato que sempre existe algo mais. O que foi que pareceu tão maluco que você *não* levou ao ar?

Teddie deu uma garfada no curry. Ela olhou para Melanie e então se virou para a janela.

Melanie suspirou.

— Tudo bem. Desculpe. É que eu achei que talvez houvesse algo. Vou tentar pedir para alguém dar um jeito de te levar para casa, mas pode demorar. De novo, peço desculpas por terem trazido você até aqui em vez de fazerem um simples telefonema.

— Parece falso — disse Teddie.

— O quê?

Julie tinha tirado os olhos do computador e agora encarava Teddie.

— Meu Deus.

— Não é? — disse Teddie para Julie.

Melanie balançou a cabeça.

— Sinto muito, pode parecer óbvio para vocês duas, mas para mim não é.

Desembucha.

— Sabe a sensação de ver os primeiros filmes que começaram a usar animação de computador? Computação gráfica? Que sempre pareciam estranhos? Os atores faziam as cenas lá, e tudo estava ótimo, e aí aparecia um daqueles efeitos especiais, e de repente tudo ficava esquisito? E isso sempre me incomodou, porque parecia muito falso, apesar de ao mesmo tempo parecer totalmente real. Sabe? — Ela olhou para Melanie, e Melanie assentiu. — Então, antigamente isso me incomodava, mas nos filmes de hoje em dia é muito difícil perceber. Parece que eles descobriram um jeito de fazer as coisas não parecerem falsas. Algumas das imagens, não as tremidas, não os vídeos de celular das pessoas correndo, mas as boas, feitas com câmeras instaladas em tripés, tinham essa cara. As grandes-angulares pegaram as aranhas de longe, e dá para ver bem como elas se movimentam. Quando há centenas de milhares de aranhas, o movimento delas em conjunto parece falso. Sabe?

De repente, Melanie entendeu. Ela havia visto, mas não chegara a processar. Quando começara a ver as reportagens e os vídeos, com ou sem jeito de falso, não havia a menor dúvida de que era tudo muito real.

— Então eu diminuí a velocidade do vídeo e extraí os frames, que foi o que colocamos no VT, e acho que foi isso que chamou sua atenção e me trouxe até aqui. Mas não pude deixar de pensar que elas não pareciam de verdade. Pareciam meio mecânicas. E aí me lembrei de um filme que eu adorava quando era pequena. Nem lembro o título, e sei que não foi nenhum grande sucesso, mas era sobre umas crianças em busca de um tesouro. A certa altura, eles derrubam umas pedras, e aí começa a sair um monte de formiga das pedras. Tipo, eu adorava esse filme. Eu sonhava que era a menina, que encontrava o tesouro. Mas eu lembro que nessa cena, quando as formigas começaram a jorrar das pedras, as outras pessoas no cinema deram risada. Parecia muito tosco. A pessoa da computação gráfica tinha acertado todos os detalhes. Quer dizer, as formigas pareciam formigas, a carapaça, as patas, as antenas, mas o movimento delas? Eu devia ter uns sete ou oito anos, e até eu percebi que não era de verdade. — Teddie parou, ponderou sobre o prato e comeu mais uma garfada de arroz com curry. — Alguns anos atrás, li uma matéria sobre o uso de computação gráfica para cenas de multidões em filmes, e a matéria dizia que uma das evoluções nos efeitos especiais foi que eles agora conseguem programar os movimentos aleatórios que acontecem quando milhares de indivíduos estão juntos em um mesmo espaço. Era *isso* que faltava nas formigas. Elas se movimentavam exatamente do mesmo jeito. Não tinha nada aleatório. E é assim com as aranhas. O movimento delas. Não tem nenhum caos.

— Como se fosse um padrão?

A sargento Faril colocou a cabeça para dentro da sala de reuniões.

— Sinto muito, Melanie. Eu sei que você disse que não queria ser incomodada, mas Manny está no telefone. Ele disse que é urgente.

— Diga que ligo de volta. Isto aqui é mais importante.

Faril foi embora.

— Parece maluquice, né? — Teddie deu de ombros. — Sei lá. Não acho que elas se movimentem de acordo com um padrão, mas meio que parece que elas foram criadas como efeito especial de computador por alguém preguiçoso. Em vez de um milhão de aranhas, é só uma aranha grande um milhão de vezes. Mas parem para pensar. Quando elas todas morreram de repente semana passada, não foi meio bizarro? Eu sei que uma cientista falou que, em essência, elas cresciam e se moviam de forma rápida demais e se consumiam, mas isso não parece uma grande besteira? Ah. Foi você, né?

Melanie balançou a mão.

— Continue.

— É. Bom, desculpe. Mas é que isso não me pareceu muito certo. Quer dizer, acho que dá para entender que elas se esgotam depois de crescer tão rápido e tal, então sua teoria até que faz sentido. Alguém é mordido e aí, umas cinco horas depois, a pessoa se rasga e sai um monte de aranha como se fosse um saco de ervilha? Se elas eclodem rápido assim, um ciclo vital supercondensado que inclui uma morte rápida também é crível. E dá para aceitar que, quanto mais rápido elas se dispersam e crescem, mais rápido é esse ciclo vital. Faz algum sentido intuitivo.

Melanie estava tentando não ficar na defensiva, mas não conseguiu se conter e corrigiu Teddie.

— Os casos mais rápidos registrados foram de quase doze horas entre o momento em que a aranha entra em um hospedeiro e o instante da eclosão. Mas achamos que o período de gestação era mais longo no início, talvez vinte e quatro ou quarenta e oito horas. Antes de Los Angeles, um avião caiu em Minneapolis; um jatinho particular que voltava do Peru, e tudo indica que um dos passageiros era o hospedeiro. Nossa melhor estimativa é que haviam se passado pelo menos vinte e quatro horas desde que ele fora atacado.

— Espere, então ficou mais curto?

— Exato.

— Como uma espécie de contagem regressiva.

Melanie encarou Teddie e assentiu.

— Talvez. Onde é que você estudou mesmo?

— Oberlin. Mas, tudo bem, o problema é que, segundo a sua teoria, de que elas se consumiram sozinhas, de que o metabolismo não dava conta da expansão acelerada, por que é que todas elas caíram mortas exatamente ao mesmo tempo? A teoria faz sentido em muitos aspectos, que elas têm uma espécie de relógio interno fazendo uma contagem regressiva, que ficava cada vez mais rápida à medida que elas cresciam e se espalhavam, mas como é que essa contagem acaba ao mesmo tempo? As aranhas não nasceram todas ao mesmo tempo, então como esses relógios internos ficaram sincronizados assim? Se elas apareceram em ondas, não faria mais sentido elas sumirem em ondas também?

Melanie olhou para Julie Yoo. Sua bolsista se limitou a dar de ombros. Melanie encarou Teddie.

— Nós estamos fazendo tudo o que podemos com informação bastante limitada. Essas coisas não são um objeto de estudo muito fácil. Tem muita coisa acontecendo, e é complicado.

De repente, um bolo se formou em sua garganta. Deus do céu. Tinha tentado não pensar em Tronco. E nem sequer pensara em Patrick, o que a fez se sentir ainda pior. Mas os dois apareceram do nada em sua mente.

Era fácil se concentrar nos problemas à sua frente e deixar em segundo plano tudo o que estava acontecendo no mundo. Era abstrato demais. Quem conseguiria entender o que era falar em dois milhões de mortos, ou cinco milhões, ou dez? Para Melanie, esses números não eram uma realidade, diferente do que tinha sido ver aquela aranha atravessar a pele de Tronco, o pânico de perceber o que havia acontecido, de ver pelo vidro o corpo dele aberto na mesa de cirurgia, cheio de bolsas de ovos e de teias, e o outro bolsista, Patrick Mordy, lá dentro, auxiliando o médico e as enfermeiras, e Julie Yoo gritando desesperada pelo corredor, tentando avisar que era tarde demais, e aí...

Ah.

Agora ela estava chorando.

A produtora da CNN, Teddie, parecia assustada, mas Julie se levantou e abraçou Melanie.

Era demais. Era demais ficar com aquelas imagens na cabeça. Pressão demais. Ela havia voltado toda a vida adulta ao trabalho de campo e ao laboratório, à coleta de dados e a experimentações cuidadosas. Foram mais de sete anos de pesquisa desde que lhe ocorrera pela primeira vez o que podia estar acontecendo dentro da aranha *Heteropoda venatória* e que uso medicinal o veneno poderia ter, ainda no penúltimo ano da faculdade, até a publicação do artigo que representara sua primeira descoberta científica. E isso havia sido com uma aranha que não a mataria. Sete anos! E agora a presidente a procurava e confiava que ela descobriria um modo de impedir aquelas aranhas e lhe dava só alguns dias para conseguir?

E aí uma piriguete loura — Melanie sabia que não era justo pensar em Teddie assim, mas ela estava brava e triste e apavorada e que saco! — que acabou de pegar o diploma em língua espanhola chegava falando algo tão óbvio que o fato de ela mesmo não ter pensado naquilo quase a fazia questionar tudo o que passara a acreditar a respeito daquelas aranhas.

Melanie demorou alguns minutos para parar de chorar e se acalmar. Ela foi ao banheiro jogar um pouco de água no rosto, feliz por não ser uma daquelas mulheres que achavam necessário se encher de maquiagem sempre que precisavam sair em público. A maquiagem teria ficado um desastre depois daquilo, e, além do mais, quem ia ligar? As aranhas? A sargento Faril?

Ela voltou para a sala de reuniões e se sentou diante de Teddie e Julie.

— Desculpe — disse ela.

Teddie deu um sorriso ao mesmo tempo simpático e constrangido.

— Não tem problema. Tenho certeza de que você só precisa de uma boa noite de sono. E acho que minhas teorias são meio ridículas. Eu não entendo nada de aranhas. Antes disso, eu achava que entomologia e etimologia eram sinônimos. Mas está bastante claro no vídeo que as aranhas não matavam tudo, e, se a gente olhar com atenção em câmera lenta, dá para perceber que o movimento das aranhas não é aleatório, e que também há um padrão nas pessoas cortadas. A outra parte eu sei que parece loucura. Mas você me perguntou o que eu *não* incluí no VT, e era nisso que eu estava pensando. O movimento delas em conjunto não me parece real. Individualmente, elas são todas nojentas e rastejantes, e pelo menos para mim é exatamente o que se espera de uma aranha, mas, cara, em grupo? Parece totalmente errado. Parece que tem alguma coisa estranha. Sei lá.

Melanie respirou fundo.

— Alguma chance de você ter trazido essas imagens?

Teddie abriu a bolsa e tirou o laptop.

Delhi, Índia

Poderia ter sido muito pior? Se as aranhas não tivessem começado a morrer, se elas tivessem continuado comendo e comendo e pondo ovos novos naquele ritmo acelerado? A que ponto teria chegado, não só em Delhi, com cerca de vinte e cinco milhões de habitantes na região metropolitana, mas em toda a Índia? Muito pior?

A maioria dos indianos já estava se perguntando isso. Enquanto os incêndios ainda ardiam pela cidade e além, enquanto as estimativas aproximadas dos mortos e desaparecidos eram calculadas — seis milhões, oito milhões, doze? —, era nisso que as pessoas pensavam. Poderia ter sido muito pior?

Mas essa era a pergunta errada. Elas não deviam se perguntar, quando as bolsas de ovos macias e grudentas em sôtãos e porões, empilhadas nos cantos escuros de uma cidade devastada, começaram a se abrir, e quando os casulos maiores do tamanho de uma picape pulsaram com uma luz e passaram a se desfazer como as costuras de uma camisa velha, se poderia ter sido muito pior. O que elas deviam se perguntar era quanto mais aquilo ainda pioraria.

Zona de quarentena de Los Angeles, Califórnia

Em termos estritamente intelectuais, Quincy sabia que energéticos não existiam desde sempre. Houve um tempo em que soldados chegavam a consumir anfetaminas para ficar acordados — ele tinha bastante certeza de que isso ainda acontecia com pilotos de caça e os caras das Forças Especiais — ou precisavam recorrer ao café. Não ele. Nem nenhum dos homens e mulheres que formavam as unidades incendiárias de Los Angeles. Eles preferiam Red Bull, Monster ou qualquer bebida gelada dentro de uma lata colorida. A parte do gelado era um pouco complexa, já que o abastecimento de eletricidade estava instável na cidade inteira. Mas quantidade não chegava a ser um problema. Havia muitas lojas de conveniência e mercearias, a maioria já parcialmente saqueada, mas energéticos não eram um item muito visado. Ele pediu para Janet Bibsby, sua parceira, parar o Veículo Tático Leve no estacionamento de um 7-Eleven no caminho do endereço seguinte que eles tinham recebido a ordem de purificar. O 7-Eleven estava com marcas de fuligem e soltava um pouco de fumaça, mas por dentro não estava tão ruim, e ele ficara empolgado ao descobrir que a geladeira continuava fria apesar da falta de luz.

Quincy tomou mais um gole do Red Bull. As mãos dele tremiam um pouco por causa de toda a cafeína e das outras substâncias químicas da bebida. Ele estava dormindo em média umas duas horas por dia, e o ritmo estava pesado. A demolição

do Staples Center tinha sido meio aterrorizante, em parte porque foi a primeira vez que ele viu as bolsas de ovos, e em parte porque havia muitas. Desde então, aquilo tinha virado só um trabalho. *Sim, senhor, vou queimar aquele prédio todo, senhor.*

Ele olhou pela janela do VTL. Daquela vez, eram só ele e Janet Bibsby. Supostamente, eles agora só lidariam com infestações menores. A lista de alvos incluía casas e pequenos prédios residenciais.

— Pode pegar a próxima rua à esquerda — disse ele.

Ela nem precisava diminuir a velocidade, pois estava andando a dez ou vinte quilômetros por hora. As ruas estavam em péssimo estado. Los Angeles parecia uma zona de guerra. *Era* uma zona de guerra. Carros destruídos por todos os lados. Um monte de incêndios criminosos ou acidentais, que não eram esforços deliberados para destruir aranhas. E os corpos. Tentava não olhar para eles.

Não fosse a destruição, aquela ruazinha teria sido ótima para criar uma família. Gramados bem cuidados e pequenas casas de estilo rural, embora Quincy tivesse a sensação de que uma versão básica provavelmente custava o triplo do que ele imaginava. Um lugar ao sol não era de graça.

Janet estacionou o VTL no meio-fio. Mesmo se o endereço não estivesse marcado na lista, teria sido óbvio. Os observadores tinham pichado a porta vermelha da garagem com um enorme X preto. Quincy virou o resto da lata de Red Bull, pegou a sacola de equipamentos e saiu do carro.

À sua frente, Janet tinha acendido um cigarro e já estava dando baforadas. Ele não a deixava fumar dentro do VTL, o que a deixava pê da vida. Quincy talvez tivesse se importado se ela fosse gata e ele quisesse dar uns pegadas nela, mas era quase surreal como Janet se parecia com o irmão caçula dele, e ele detestava o cheiro da fumaça. Fumaça de cigarro. Ele já fedia a fumaça normal. Já fazia dias que eles vinham queimando coisas. Tudo fedia a fumaça normal.

Quincy ficou mexendo no equipamento enquanto esperava Janet terminar de fumar. Soldados treinados para usar lança-chamas deviam começar a agir na manhã seguinte. Isso ajudaria bastante com algumas das infestações menores. Ele havia visto um projeto de lança-chamas caseiro que um cara tinha postado na internet, e eles até tentaram montar um, mas não conseguiram fazer funcionar. Um lança-chamas teria sido ótimo para aquela missão. Qualquer um era capaz de apertar o gatilho e assar umas aranhas. Mas, até as novas unidades chegarem, o exército teria que se virar com gente como Quincy. Ele teria preferido muito mais demolir pontes ou armar explosivos comuns, mas não se incomodava de fazer daquele jeito. O segredo era tomar cuidado para que tudo ficasse restrito. Davam muita ênfase à ideia de garantir que nenhuma aranha ou bolsa de ovos fosse lançada para fora das áreas demolidas por uma explosão. Não seria bom se começasse a chover aranhas.

Janet esmagou o cigarro na entrada da garagem e os dois se aproximaram da porta da casa. Quincy imaginou que eles podiam tentar entrar do jeito mais fácil.

Aquilo tinha ficado um pouco chato com o tempo. *Rotina* não era exatamente a

melhor palavra, porque aquilo não tinha nada de rotineiro, mas fora a mesma coisa em todos os lugares aonde ele foi desde o Staples Center. Sim, em duas ocasiões não tinha sido nada. O primeiro alarme falso foi dois dias antes, em um prédio residencial com seis apartamentos, e o segundo, no dia anterior, em uma pré-escola. Vazia. Nas duas ocasiões, ele e Janet vasculharam os edifícios de cabo a rabo, mas não acharam nada. Alarmes falsos. Todos os outros lugares aonde eles haviam ido estavam infestados, mas as infestações não tinham nada a ver com o Staples Center. Sempre era um ou dois cômodos com bolsas de ovos frias e poeirentas. A maior quantidade que eles viram, no subsolo de um prédio de escritórios que claramente já vivera dias melhores, era cinquenta ou sessenta bolsas do tamanho de bolas de futebol. Mas era sempre o mesmo em todos os locais. Armar tudo, tacar fogo. Aquela era o quê, a sexta, sétima parada do dia?

A monotonia, o cansaço, tudo isso explicava por que eles foram direto até a porta da frente, sem se dar ao trabalho de investigar a área antes.

Eles deveriam ter feito um reconhecimento. Circulado a casa, liberado a área. Se tivessem feito isso, talvez reparassem nas teias de aranha que saíam dos arbustos. Os pontos pretos rastejando em cima do barraco de ferramentas e nas estacas da cerca. Talvez tivessem olhado por uma das janelas e visto que bolsas de ovos não eram as únicas coisas presentes naquela casa.

Mas a rotina os afetara.

Quincy abriu a porta e entrou.

A princípio, ele achou que tinha levado um tiro.

Foi a única coisa em que conseguiu pensar. Por um instante, achou que aquela casa fosse mais um alarme falso, e que o morador tivesse se escondido ali dentro até tudo passar, que nem as pessoas que se recusaram a ir embora de New Orleans na época das enchentes. Ele tinha certeza de que havia levado um tiro de um morador sentado no sofá, com uma .45 na mão, só esperando algum bandido aparecer para tentar saquear sua casa. Porque devia ter sido isso, uma .45. Quincy nunca havia sido baleado, mas tinha certeza de que a sensação de uma 9mm seria diferente. Ele duvidava que o tiro de uma simples 9mm fosse doer tanto. Bem no músculo do braço. E depois, meu Deus, como ardia, na lateral do pescoço. E na bochecha. Ele passou a mão livre para procurar os ferimentos de bala.

Tentou passar a mão livre.

O braço não obedeceu.

E ele não havia escutado nenhum barulho de tiro. Deveria ter escutado. Daquela distância, teria parecido um canhão.

O braço e o pescoço e a bochecha e, por favor, faça a dor parar. Por que o braço não estava se mexendo?

Foi tudo muito rápido. Um ou dois segundos. Quando Quincy começou a pensar que talvez não tivesse levado nenhum tiro, ele se deu conta de que não só não conseguia mexer o braço, como também não conseguia mexer as pernas. Ele se

desequilíbrio e caiu como uma árvore derrubada na floresta.

Tombou de lado, completamente incapaz de se mexer. Não conseguia nem fechar os olhos. Estava paralisado. Tinha que ver. Janet Bibsby havia caído ao seu lado, de frente para ele, e seus olhos também estavam abertos. Quincy via que ela estava assustada, via as aranhas se arrastando pelo corpo dela.

Não eram as mesmas aranhas. As instruções e fotos davam ênfase ao tamanho e à cor, e ele imaginou que aquelas provavelmente tinham mais ou menos o mesmo tamanho. No cenário geral, qual era a diferença entre uma laranja e uma toranja? Mas aquelas tinham uma listra vermelha no corpo. E não estavam devorando os dois até os ossos, porque ele tinha visto vídeos de quando isso acontecia. Tinha visto uma mulher ser soterrada e depois desaparecer debaixo de um manto de aranhas, reduzida a nada em trinta segundos.

O que quer que fosse que os deixara paralisados não fazia nada para reduzir a dor das mordidas. Elas queimavam, ardiam, doíam tanto que Quincy achou que, mesmo se pudesse se mexer, não faria a menor diferença. Ele acabaria apenas se encolhendo em posição fetal e chorado feito criança. Viu os ferimentos inchados e cheios de sangue no pescoço e no rosto de Janet, e na pele exposta da mão dela, e soube que ela devia estar sentindo a mesma coisa: como se alguém fizesse um buraco na pele com uma faca enferrujada e despejasse ácido de bateria lá dentro.

Janet o encarava, como se implorasse para que fizesse algo.

Ele não podia fazer nada.

Viu lágrimas escorrendo dos olhos dela.

Agora eram dez, vinte, cinquenta aranhas andando em cima de Janet. Ela começou a parecer meio enevoadada, e por alguns segundos Quincy achou que tinha entrado poeira nos olhos dele, mas depois ficou óbvio. As aranhas a estavam cobrindo de teias.

Ele não conseguia nem fechar as pálpebras. Nada. Era obrigado a olhar para ela, a ver. E poderia jurar que havia algo mais naquela sala, bem no canto do olho, algo que brilhava e pulsava. Algo que brilhava e escurecia a um ritmo constante. Mas, o que quer que fosse, ele não conseguiu enxergar direito. A única coisa que ele via com nitidez — ou talvez fosse sua imaginação, se Janet realmente não conseguia mexer um músculo sequer, que nem ele — era o pânico, o medo no rosto de Janet, à medida que ela desaparecia lentamente debaixo de camadas e mais camadas de teia.

Oxford, Mississippi

Até mesmo antes de o governo começar a bombardear rodovias, Santiago Garcia sabia que eles não conseguiriam sair de casa. Sua esposa quisera que eles entrassem na van e tentassem viajar para o sul, atravessar Louisiana e Texas, cruzar a fronteira e ir até a casa do irmão dela em Tanques, na costa oeste do México. Embora ele achasse que seria mais seguro ficar no México, eles não podiam ir. Seria impossível viajar com Juliet, a filha deles. Havia um motivo para nunca saírem de férias.

Mas isso não queria dizer que ele era complacente. Tinham um posto de gasolina com loja de conveniência a menos de um quilômetro ao sul da universidade, e Santiago fechou tudo imediatamente. Sua esposa e Oscar, o filho deles, se revezavam com uma escopeta na frente da porta para afastar possíveis fregueses. A casa deles, uma construção térrea de três quartos com revestimento de PVC vinílico marrom, ficava no terreno logo atrás da loja de conveniência, então não tinha problema ele deixar a família sozinha e circular por Oxford para riscar os itens da lista. Primeiro, convenceu o médico da filha a preencher uma receita com quantidade suficiente do remédio de Juliet para durar seis meses. Foi preciso ir a três farmácias diferentes para comprar tudo, e ele quase estourou o limite de um dos três cartões de crédito que eles nunca usavam e diziam que era exclusivamente para emergências. Mas Santiago concluiu que aquilo era uma emergência. A segunda coisa que ele fez

foi alugar uma retroescavadeira, estacionar na frente do posto de gasolina e orientar o filho e a esposa a protegê-la também. Eles já tinham um gerador, para manter a geladeira funcionando e os remédios de Juliet no gelo, então Santiago começou a sair com a picape em várias idas e vindas à loja de ferramentas e aos mercados.

A casa deles e o posto com loja de conveniência ocupavam dois terrenos adjacentes, e enquanto o terreno vizinho ao da loja não tinha nada, a casa da sra. Fine ocupava o terreno ao lado da casa deles. Quando terminou de comprar tudo, Santiago foi conversar com a vizinha. A sra. Fine era uma viúva de quase oitenta anos, e fazia quase sessenta que ela e o marido haviam comprado aquela casinha de dois quartos. Os Garcia moravam ao lado dela havia quinze anos — a família se mudou pouco depois de seu marido falecer —, e ela confiava em Santiago. Estava com medo, e a princípio recusou a proposta, mas depois acabou decidindo que Santiago tinha razão. Ela fez uma mala, pediu para Oscar levar uma caixa cheia de retratos e outros objetos pessoais e se mudou para a casa dos Garcia.

Santiago ficou surpreso com a rapidez com que derrubou a casa da vizinha com a retroescavadeira. Ainda assim, ele trabalhou durante quase o dia todo e noite adentro, e só na manhã seguinte pôde começar a cavar.

Um universitário passou de bicicleta e parou. Era um daqueles garotos brancos que gostavam de se vestir como se vivessem em outra era, e ficou vendo Santiago trabalhar por uns cinco ou dez minutos até finalmente se pronunciar.

— Eu tenho que perguntar, cara — gritou o garoto —, o que você está cavando?

Santiago estava avançando a um ritmo lento e constante, e se sentia satisfeito, então parou por um minuto, virou-se no banco e sorriu.

— Um fosso — respondeu ele. — Estou cavando um fosso.

O universitário fez um sinal de positivo, assentiu e foi embora na bicicleta.

Lago Soot, Minnesota

Os três homens tatuados do outro dia voltaram para dar uma olhada. Ainda estavam sem camisa, e para Mike ainda pareciam uma ameaça. Eles ficaram longe o bastante da margem para que Mike nem se desse ao trabalho de colocar o dedo no gatilho do rifle, e Leshaun não se levantou da cadeira na varanda de Dawson, mas Mike ficou incomodado de vê-los ali de novo. Difícil acreditar que aquilo era um passeio inocente.

Estava dentro da cabana, deitado na cama com a janela aberta, vendo-os pela luneta da arma. Leshaun era melhor de mira, mas, com a luneta, os dois seriam capazes de acertar na cabeça de um alvo a até trezentos metros de distância. Mas eles não achavam nenhuma vantagem tática em revelar que tinham o rifle, então decidiram se alternar: um deles ficava do lado de fora com uma pistola e o outro ficava de prontidão como atirador de elite, em caso de necessidade. Como ele e Leshaun estavam lá, Mike tinha esperança de que não fosse fazer diferença, mas, só por via das dúvidas, ele dera a Glock .27 para Fanny e a obrigara a dar alguns tiros mais cedo, para garantir que ainda era capaz de acertar alguma coisa. Dawson parecia minimamente à vontade com a escopeta Mossberg calibre 12. Se chegasse ao ponto de Fanny e Dawson precisarem atirar, era porque a situação tinha se deteriorado bastante. Ainda assim, melhor prevenir do que remediar.

Naquela segunda visita, os três jovens no barco ficaram a uns cem metros do atracadouro por um tempo inquietante. Mike não sabia se era o mesmo cara com a espingarda, mas, olhando pela luneta, viu que os outros dois tinham pistolas. Eles finalmente foram embora, seguindo pela costa.

Umas duas horas depois, Mike teve a impressão de escutar o eco baixo de tiros, mas o som foi tão sutil que ele não sabia se tinha sido só imaginação.

Ele saiu para conversar com Lashaun. Os dois concordaram: se foram tiros, e se tinham sido daqueles três homens, ele e Lashaun precisavam presumir que eles voltariam, provavelmente à noite.

— É o que eu faria — disse Lashaun. — Eles já passaram duas vezes, e já viram que estamos armados e não queremos companhia. Será que cometemos um erro naquela primeira vez? Se nós tivéssemos acenado e parecido um pouco mais simpáticos, talvez eles tivessem ido embora para nunca mais voltar, mas, quando exibimos nossas armas e espantamos eles, foi um sinal de que tínhamos algo a proteger aqui.

— Você acredita mesmo nisso?

Lashaun deu risada.

— Não. Eles parecem o tipo de corja que passa a vida inteira esperando por um momento como este, esperando a oportunidade de ceder aos impulsos mais primitivos. Teria sido um erro demonstrar simpatia. Qualquer sinal de gentileza seria tomado como uma fraqueza. Mas foi um pensamento bacana, se a gente acreditar que o ser humano é bom por natureza.

Nenhum dos dois acreditava que o ser humano era bom por natureza. Eles eram agentes havia muito tempo.

Depois do almoço, Mike saiu de novo para a varanda para render Lashaun. Seu parceiro estava sentado debaixo do sol, mas Mike arrastou a cadeira para a sombra do abrigo de barco. Quando já estava entediado com o livro que tinha levado para ler, ele escutou os passos de Annie.

— Quer nadar comigo?

— Não muito, mas eu nado.

Ele tirou a camiseta e ficou só de short, tudo roupa emprestada de Dawson. Lashaun também estava usando roupas emprestadas, mas em seu parceiro elas ficavam apertadas. Mike soltou o coldre e o colocou em cima da camiseta.

— Só não deixe cair água na pistola — brincou ele, e ela até riu.

A água estava congelante. Em respeito à filha e às penalidades financeiras que ela impunha a cada palavrão, ele começou a soltar um *ca...*, mas conseguiu se conter e falar *que frio*. Ainda estava quente na varanda, um calor impressionante fora de época, mas a temperatura do lado de fora não importava. Em um lugar a duas horas ao norte de Minneapolis, no começo de maio, a água era gelada de atrofiar as bolas. Ele estava com medo até de sofrer um ataque cardíaco e ficou feliz quando, depois de alguns minutos, Annie falou que queria sair.

Fanny chamou da cabana e perguntou se eles queriam lanchar, mas os dois acenaram que não e se deitaram na varanda para secar.

Mike tinha que admitir que até que estava agradável. Ele não parava de olhar pelo lago e tentar escutar o zumbido de um motor se aproximando, mas também estava passando um tempo com a filha.

— Odeio que você esteja crescendo tanto, mas também é maravilhoso. Você está muito grande. Que tal, quando tudo se acalmar, a gente comprar uma bicicleta nova para você? A sua antiga está um pouco pequena.

— Rich falou que vai me dar uma bicicleta nova quando o bebê nascer — disse ela, serelepe.

Por um instante, Mike achou que talvez fosse sentir alguma dor pela facilidade com que Annie falou, pela alegria que ela parecia sentir. Mas não doeu nem um pouco. Ele devia mesmo estar feliz pela ex-esposa. E, nossa, ele se lembrava do trabalho que um recém-nascido dava e não invejava nem um pouco a ideia de ter um bebê.

— Você está empolgada? De ter um irmão ou uma irmã?

— Acho que sim — disse ela. — Pai. Posso perguntar uma coisa?

— Claro.

— Você e a mamãe ainda se amam? Porque vocês têm se tratado muito bem nos últimos dias. Eu sei que estão preocupados com as aranhas e com aqueles homens no barco, mas você e a mamãe não brigaram nenhuma vez.

Mike se sentou e olhou para Annie. Ela estava deitada de costas na varanda de madeira, com os braços e as pernas esticados. Tinha fechado os olhos, mas não parecia chateada. Ele pegou sua mão e apertou um pouco, e ela apertou também.

— Eu sempre vou amar a sua mãe, querida, e a mamãe sempre vai me amar, mas nós não estamos *apaixonados*, se é isso o que você quer saber. A gente não está apaixonado como mamãe e papai. A mamãe está apaixonada por Rich, e eu fico feliz. Ele é muito legal e deixa a sua mãe feliz. Espero que isso não seja um problema para você.

— Não tem problema. Antigamente eu queria que você e a mamãe voltassem a ficar juntos, mas agora não. Eu gosto do Rich. E não me lembro mais de como era antes, sabe? De quando você e a mamãe eram casados. Você fala disso às vezes, mas eu não lembro. Desculpa.

— Não precisa pedir desculpa.

— Mas eu queria lembrar — disse ela. — Não porque eu quero que você e a mamãe se casem de novo, mas porque eu queria poder lembrar como era quando vocês eram casados. Não era sempre ruim, né?

— Uau — disse ele. — Essa pergunta é meio de gente grande. Não. Não era sempre ruim. Sua mãe e eu nos casamos porque estávamos apaixonados, e algumas partes do nosso casamento eram maravilhosas, mas a gente não combinava muito. Acho que, se você perguntar para a sua mãe, ela vai dizer a mesma coisa. Mas posso

dizer que, embora a gente não tenha conseguido fazer dar certo, tivemos você, e você é a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

— Tudo bem — disse Annie, abrindo os olhos. — Vou pegar limonada.

— Tudo bem? Só isso? Eu falo que você é a melhor coisa que aconteceu na minha vida e você fala que vai pegar limonada?

— Desculpa — disse ela. — *Você* quer limonada?

Ela deu risada. Mike estendeu a mão para tentar cutucá-la, mas ela pulou de repente e saiu correndo, mandando um beijo.

— Eu te amo, papai.

— Também te amo, querida.

Mike ficou olhando enquanto ela subia até a cabana e balançou a cabeça. De onde aquela garota tinha saído?

O short ainda estava úmido, mas ele vestiu a camiseta mesmo assim e deixou o coldre no colo. Por costume, ele tirou a Glock, conferiu a munição e confirmou que uma bala estava na câmara.

Ele tinha ouvido outras pessoas dizerem que não sabiam se seriam capazes de atirar em alguém, mas não conseguia entender. Como é que não se sabe? Como é que se poderia hesitar por um segundo sequer? Se aqueles três caras voltassem, Mike não pensaria duas vezes. Derrubaria todos na hora.

Com certeza ele tinha algo a proteger naquela cabana.

Nazca, Peru

Pierre Schmidt estava esperando ser comido vivo a qualquer segundo. Ele tinha ido ao Peru junto com uma equipe autorizada a trabalhar no sítio de Nazca. Era uma equipe incrivelmente pequena, só com o dr. Nicholas Botsford e cinco bolsistas: Pierre, Cynthia Downs, JD Killens, Natalie Wiff e Beatrice Anton. Fazia seis meses que eles estavam trabalhando ali quando ele achou a bolsa de ovos. O dr. Botsford tinha aceitado deixá-lo mandar aquilo para Julie Yoo, e, quando eles foram para Lima em uma das raras saídas do sítio, Pierre enviara o FedEx para Washington, DC, usando o código que Julie havia falado.

E depois o mundo foi para o saco.

Primeiro a China explodiu uma bomba atômica no próprio país, o que, claro, não parecia ter nenhuma relação com nada, e depois vieram aquelas notícias bizarras da Índia. Aranhas comedoras de gente! Por que Pierre acharia que havia qualquer relação com a bolsa de ovos? Como podia haver? E depois, bom, no meio de tudo, um e-mail de Julie Yoo:

Pierre: Provavelmente já é tarde demais, mas, se não for, a bolsa de ovos que você me mandou eclodiu. A gente acha que as aranhas que nasceram devem ser as mesmas que estão na Índia e nos outros lugares. Não sei qual é a relação, mas deve ter alguma. E se tiver mais bolsas de ovos aí onde você está, elas vão eclodir. Saia daí. Com amor, Julie.

O “Com amor, Julie” tinha sido legal. Na verdade, o “Com amor, Julie” foi o

único motivo por que Pierre insistiu com o dr. Botsford que eles deviam mandar a bolsa de ovos para ela. Ele tinha um rolo com Beatrice, mas, para falar a verdade, era uma questão de conveniência. O dr. Botsford tinha um caso com Natalie, o que era bem nojento por causa da diferença de idade, mas dane-se, e Cynthia e JD estavam noivos, então ele e Bea se juntaram mais por falta de opção do que por algum interesse genuíno. Para falar a verdade, eles nem se gostavam tanto assim, mas o acampamento deles era isolado e à noite, depois que o dr. Botsford e Natalie saíam para uma transa esquisita entre professor velho e aluna jovem na barraca deles, e depois que Cynthia e JD saíam para uma transa ligeiramente menos esquisita de casal de noivos na deles, Pierre e Bea ficavam sozinhos. Depois de um ou dois meses, eles começaram a transar mais por tédio e por se acharem excluídos do que por sentirem qualquer atração de fato. Portanto, grande parte dele estava ansiosa para acabar a escavação — a licença deles vencia em agosto — e ter a chance de começar a pós-graduação na — tcharã! — American University, onde, convenientemente, Julie Yoo, a maior de todas as paixões que ele já tivera na vida, estava terminando o doutorado.

Provavelmente ele só reconheceu que aquela coisa na caixa de madeira podre era uma bolsa de ovos porque estava completamente apaixonado por Julie. Tinham começado a sair em abril do último ano deles em Cornell. Foi a quantidade perfeita de tempo para ele querer se matar por ter demorado tanto para falar com ela, mas não o bastante para ter alguma chance de verdade de continuar o relacionamento à distância quando partiram em seus respectivos programas de pós-graduação. Ao longo dos últimos cinco anos, os dois se reencontraram de vez em quando, quando estavam solteiros, e Pierre sempre ficava arrasado depois. Na verdade, ele a vira no fim de semana antes da viagem para o Peru e chegara a pensar em mandar um e-mail para o dr. Botsford para falar que não iria mais, para ficar com Julie. Mas não mandou. A chance de trabalhar no sítio de Nazca era o tipo de oportunidade que faria toda a diferença para sua carreira. Por mais que o dr. Botsford tentasse roubar todo o crédito, as análises de tudo o que eles encontrassem ainda renderiam o bastante para Pierre poder sair da pós-graduação com boas propostas de trabalho na academia. Então, em vez de ficar em Washington por causa de Julie, ele acabara indo morar em uma barraca e transando com Bea porque nenhum dos dois tinha nada melhor para fazer à noite.

Mas, graças a Julie, Pierre reconheceu o que a bolsa de ovos era quando a desenterrou. Ele não podia dizer que curti a aranha, mas curti Julie e tinha o bom senso de saber que seria bom se interessar pelo trabalho dela. Além do mais, tipo, a bolsa de ovos tinha sido enterrada debaixo da linha da aranha, e ele já estava prestando atenção. Julie disse que a professora dela tinha um interesse meio maluco pela linha da aranha de Nazca, e, como Pierre também tinha seu próprio interesse meio maluco por Julie Yoo, estava torcendo para achar algo legal. Na verdade, tinha sido bem extraordinário, porque a bolsa de ovos foi encontrada dentro de uma caixa

de madeira enterrada perto de umas estacas de madeira, todas com idade datada em cerca de dez mil anos, o que era muito mais do que o restante das linhas. E então, a bolsa de ovos. Tudo bem, ele não havia reconhecido *mesmo* na hora. Ela era esquisita. Dura e fria, tipo um fóssil. Na verdade, teria feito sentido se fosse um fóssil, mas ele mandara por FedEx para Julie...

E depois. Bom. Que medo.

Então, sim. Ele passara a maior parte dos últimos dez dias esperando até a terra vermelha das planícies de Nazca explodirem com aranhas. Todas as noites, dentro da barraca de nylon fino, depois que Bea saía de cima dele, igualmente insatisfeita com a experiência, ele dormia na expectativa de ser engolido por aranhas.

Mas até agora nada. Um dos habitantes do vilarejo que entregava comida fresca regularmente contou à cozinheira deles que alguma coisa parecia ter acontecido no Parque Nacional de Manu, mas só isso. O Peru continuava mais ou menos intacto.

Se Pierre e Bea tivessem algo mais parecido com um relacionamento de verdade, talvez ele pudesse ter contado para ela. Mas não conversavam muito, e provavelmente era melhor assim, porque ela vinha de uma família bastante conservadora, o que, pensando bem, talvez explicasse por que o sexo era medíocre. Enfim, quanto mais eles conversavam, mais estranho tudo ficava. Então geralmente eles só viam filmes em um dos laptops ou jogavam 4 em Linha que Bea havia trazido no kit de viagem. Não, ela não era a pessoa para quem Pierre devia contar sobre o aviso de Julie, então, por fim, ele recorreu ao dr. Botsford.

O dr. Botsford fez aquilo de inclinar a cabeça ligeiramente para trás para olhar a pessoa por cima dos óculos meia-lua apoiados na ponta do nariz. Ele tinha um jeito todo teatral de demonstrar desapontamento. Não era de gritar. Mas olhava para a pessoa por cima dos óculos, levantava delicadamente a sobrancelha e soltava um longo suspiro. O dr. Botsford gostava de usar uma jaqueta velha de couro e um chapéu fedora, como se ele se achasse Harrison Ford no papel de Indiana Jones. Verdade fosse dita, a maioria das mulheres o considerava bonito, e Pierre tinha a impressão de que, olhando do ângulo certo, o dr. Botsford até que quase parecia mais ou menos o Indiana Jones. Mas o Indiana Jones velho. Do último filme. Ele devia ter uns cinquenta e tantos anos, casado quatro vezes já, todas com ex-alunas, e, considerando o que acontecia todas as noites entre ele e Natalie, Pierre imaginava que não ia demorar muito até o quinto casamento. Mas isso não o impedia de se comportar como se fosse a maior autoridade moral do mundo.

— Ah, Pierre — disse ele. — Estou muito, muito decepcionado com você. Como é que você não nos contou sobre essa advertência da sua namorada? — Não deu outra, a cabeça dele estava inclinada para trás e ele olhava para Pierre por cima dos óculos. O dr. Botsford balançou a cabeça e, com um tom extremamente paternalista, continuou: — Isso parece uma grande traição.

Eles estavam conversando sobre o assunto sentados em volta da fogueira, e, embora os outros bolsistas estivessem agindo como se tentassem não escutar, era

óbvio que estavam escutando tudo. Pierre olhou para Bea pelo canto do olho. Ops. Não parecia nada bom. Ela com certeza tinha ouvido a palavra *namorada*.

— Acho que o senhor não entendeu, dr. Botsford — disse Pierre, com o máximo de delicadeza possível.

— Ah, não, Pierre? E o que foi que eu não entendi, se não é o fato de que você traiu a minha confiança, a de toda a nossa equipe e, sim, de certo modo, a de todo o povo peruano?

Pierre precisou se esforçar para não revirar os olhos.

— Eu acho que talvez haja mais dessas bolsas de ovos cheias de aranhas.

O dr. Botsford empurrou os óculos para cima e observou Pierre.

— Bom. Sim. Parece uma preocupação razoável. Mas, se houvesse mais, elas já teriam eclodido a esta altura, não?

Pierre encarou o dr. Botsford. Como é que ele ia saber?

— Só estou falando que, já que aquela bolsa tinha sido colocada dentro daquela caixa, como se fosse algo religioso...

— Toda a linha da aranha provavelmente tem significado religioso.

— Sim, tudo bem, mas será que não há alguma relação entre as duas? Não parece provável? Estava muito claro que *alguém* colocou a bolsa de ovos ali. Ela não estava, sei lá, enterrada de qualquer jeito. Estava guardada como se fosse um objeto sagrado.

Pierre não havia percebido que Bea tinha chegado mais perto. Na verdade, todos os outros haviam se aproximado, mas Bea agora estava sentada na pedra ao lado dele.

— Certo — disse ela —, vamos partir do princípio de que há mais bolsas de ovos como aquela, e que a que você mandou para a sua namorada — Pierre fez uma careta — eclodiu. Isso não significa que as outras também eclodiram? E aí nós teríamos sido devorados. Logo, não há mais nenhuma bolsa de ovos sob a linha da aranha. Provavelmente. Mas isso leva à pergunta mais importante: se aquela tal bolsa de ovos estava enterrada ali, como se fizesse parte de algum ritual, se ela foi colocada ali porque tinha algum significado, quem foi que a enterrou e por quê?

Pierre não tinha resposta. O dr. Botsford soltou o ar pela boca e olhou para todos eles de nariz empinado, bancando o professor ao máximo.

— Creio que amanhã tentaremos obter algumas respostas — disse ele.

Pierre quase surtou. Estava em pânico, com medo de que as aranhas fossem brotar do chão e comer todo mundo, e, quando finalmente confessou seu receio, a reação do dr. Botsford foi dizer que era preciso obter algumas respostas? Que tal dar o fora dali?

Pelo menos o dr. Botsford parecia animado, e Pierre se deu conta de que seu orientador já estava pensando nos artigos que escreveria, na atenção que receberia, nos novos bolsistas que atrairia.

Pierre se deu conta de que o dr. Botsford tinha prioridades bastante diferentes das

dele.

National Institutes of Health, Bethesda, Maryland

Eles tinham embarcado nos helicópteros para Las Vegas, e, para a surpresa de Kim, a viagem não acabou ali. Todos os trinta e dois fuzileiros receberam ordens para conduzir Espingarda, Fred, Amy, Gordon e o labrador marrom até o avião que os aguardava e acompanhá-los até Maryland.

“Nós vamos até o fim”, dissera o segundo-sargento Rodriguez. “Até segunda ordem. Escolta pessoal. Aonde quer que esses quatro forem, hum, e o cachorro também, nós vamos.”

Em geral, independentemente da ordem, sempre havia alguém no pelotão que fazia birra, mas ninguém reclamou de sair da Califórnia. Ficar de guarda para alguns civis parecia um trabalho extremamente tranquilo. Logo ficou evidente que aquela missão não seria só tranquila, mas também um pouco divertida. Todo mundo adorou Claymore, e Claymore estava em êxtase com a atenção de um pelotão inteiro. Espingarda e Gordon eram gente boa, se bem que só Joe Branquelo parecia nerd o bastante para conversar com aqueles dois, mas Amy e Fred gostavam da atenção quase tanto quanto o cachorro, e a verdade era que Fred, em especial, era hilário.

A viagem foi complicada. Devido a todas as operações aéreas e ao tráfego militar, eles não puderam fazer uma rota direta. De Las Vegas, foram desviados para uma base da força aérea em uma das Carolinas — tudo passava em um borrão —, onde

ficaram hospedados por dois dias. Depois embarcaram para a capital, distribuídos em cinco helicópteros equipados com metralhadoras. As aeronaves tinham feito um voo rápido e baixo acima de Washington, passando por pontos de referência fáceis de identificar e permitindo que Kim tivesse um vislumbre da casa de seus pais, e então seguiram para Bethesda. O pouso em um dos estacionamentos do National Institutes of Health foi um pouco decepcionante. Espingarda e Gordon e a caixa preta misteriosa que obviamente era o motivo de toda aquela agitação foram levados para dentro do edifício do governo, e a esquadra de tiro dela foi encarregada de tomar conta de Fred e Amy.

Amy insistiu em levar Claymore para passear. Era óbvio que, se passasse muito mais tempo sendo cuidado por mais de trinta fuzileiros babões, o cachorro acabaria virando um bicho obeso logo, logo. Então ela, Elroy, Duran e Punhos acompanharam Fred e Amy enquanto eles passeavam com Claymore. O cachorro estava interessado em cheirar e mijar na maior quantidade possível de lugares. Kim não se incomodava com o trabalho de guarda-costas. Sempre que tentava dormir, começava a sonhar com uma série de imagens de civis sendo baleados, da onda rápida de aranhas se aproximando, da fuga acidentada e difícil pelo deserto até um abrigo temporário. Na verdade, aquilo não era nada ruim. Amy e Fred nem precisavam ser protegidos contra nada. O estacionamento e os arredores estavam tão cheios de gente do exército, dos fuzileiros, da marinha e da aeronáutica que o maior perigo ali provavelmente era o disparo acidental de alguma arma. Basicamente, eles eram babás sofisticadas.

Depois de dar uma volta em alguns edifícios e se aproximar do cordão de isolamento — dois policiais do exército haviam solicitado, com educação e firmeza, que o grupo voltasse para o edifício do NIH —, Fred reparou nos três tanques M1 Abrams posicionados no limite do lado oeste do estacionamento. Ele ficou encantado ao descobrir, depois de uma rápida conversa, que um dos pilotos de tanque, um garoto do Alabama, de dezenove anos, mas que não parecia ter mais de dezesseis, de cabelo aparado rente e nem sinal de pelo no rosto, também era gay. Fred pareceu fascinado pelo contraste entre o que ele chamou de “hipermasculinidade” do soldado e seu próprio jeito mais extravagante.

Kim achava que Fred estava dando importância demais para a diferença. Sim, o garoto tinha jogado futebol e gostava de caçar e, apesar de tudo isso, tinha passado tranquilamente pelo ensino médio sendo gay, mas isso já não era nada de mais. Havia muitos fuzileiros abertamente gays, e Kim sabia de pelo menos três no pelotão deles. Sim, talvez em outros tempos isso fosse motivo para expulsão da força, mas esses tempos haviam acabado. O que era mais ou menos o que o garoto estava dizendo.

— Contraste de gerações, senhor. Eu fui eleito rei da formatura e meu namorado na época foi eleito rainha.

— Como brincadeira de mau gosto? Que nem *Carrie, a estranha*? E depois eles

despejaram sangue de vaca em cima de vocês? — perguntou Fred.

— Acho que era sangue de porco, senhor, mas não, não foi que nem *Carrie, a estranha*. Sério. O corpo estudantil chegou a organizar um protesto contra a direção para obrigar a eleição. A gente fechou a escola durante três dias. Saiu uma matéria legal no *New York Times*, e o diretor da escola pediu desculpas por não permitir que os alunos elessem dois reis e nos obrigar a ser rei e rainha.

Fred balançou a cabeça.

— Eu definitivamente nasci na época errada.

— Podia ter sido pior, senhor. Um tio-avô meu era gay e morava em San Francisco no auge da epidemia de aids.

Fred olhou para o garoto.

— Por que é que você pilota um tanque?

O soldado deu de ombros. Kim achou que ele realmente parecia jovem.

— Eu gosto de explodir coisas, senhor. Tanques são bons para isso.

Depois de um tempo, Fred e Amy continuaram a passear, seguidos por Kim e sua unidade, e depois finalmente voltaram para os helicópteros. A essa altura, todo mundo estava entediado e um pouco irritado. Exceto Claymore.

Labradores marrons. Esses bobos sempre estavam felizes.

National Institutes of Health, Bethesda, Maryland

O ST11 não estava funcionando do jeito que devia.

Espingarda tinha explicado o conceito básico para Melanie e os outros cientistas. Algumas das coisas que ele falou eram incompreensíveis para Gordon, embora tivesse trabalhado no projeto, mas a maioria dos cientistas pareceu entender. No frigar dos ovos, não era uma ideia particularmente complicada: usar ondas de som infrassônicas para fazer os bichos meio que se sacudirem até morrer. Felizmente, ninguém perguntou o que o nome ST11 significava, porque, por mais que Gordon e Espingarda achassem divertido chamar a arma de Spinal Tap 11, Gordon imaginou que eles poderiam perder credibilidade se os cientistas achassem que o nome era só uma brincadeira. E eles tinham muita credibilidade, pelo menos quando entraram na sala de reuniões. Afinal, haviam sido trazidos em helicópteros militares a pedido do diretor Gibbons, da CIA. E também ajudava o fato de que Espingarda conseguia conversar de igual para igual com aquele grupo de ph.D.s. Gordon não era nenhum idiota, mas Espingarda era inteligente o bastante para fazer Melanie parar de mexer no tablet e prestar atenção, e depois para Melanie se levantar e buscar Julie, e depois para Julie sair e buscar outros três cientistas.

Por fim, eles capturaram uma única aranha da ninhada que estava na unidade de biocontenção, o que na verdade foi muito mais complicado do que parecia e exigiu

várias tentativas, muita paciência, botão da câmara de pressurização apertado na hora certa para pegarem uma, e apenas uma, aranha, e depois uma verificação minuciosa para ter certeza absoluta de que só havia uma aranha presa e nenhuma outra escondida apenas esperando para se fartar de carne humana. Quando terminaram isso, eles levaram a aranha até outra parte do edifício, ligaram o ST11 e...

Nada de mais aconteceu.

Antes, a aranha estava se debatendo no vidro da caixa, uma demonstração de fúria e fome que Gordon precisava admitir que era bem bizarra. Eles haviam instalado uma câmera para gravar os resultados do teste, e então Espingarda apontou o ST11 para a caixa e ligou. A versão para uso em campo funcionaria com bateria, mas a versão beta precisava estar ligada à eletricidade. Bastava uma tomada normal de cento e vinte volts. Espingarda ligou a arma e os resultados foram bem decepcionantes.

Gordon sabia que a aranha não ia explodir em um festival gosmento de cores, mas a ideia era que o bicho no mínimo caísse morto. Embora a frequência estivesse direcionada, todo mundo sentiu a mesa vibrar com o murmúrio baixo e grave do ST11. Mas a aranha não explodiu nem morreu. Na verdade, ela não fez nada além de correr até o outro lado da caixa. Após alguns segundos, começou a raspar o revestimento de plástico da base da câmara e, alguns segundos depois disso, Gordon diria que ela se acomodou para tirar um cochilo, se não fosse o fato de que seus muitos olhos continuavam abertos de um jeito assustador e de vez em quando se mexiam.

Ninguém falou nada. Não precisava. Gordon percebeu os ombros caídos da dra. Nieder, percebeu a dra. Guyer se recostando na cadeira, olhando para o teto e mordendo o lábio, percebeu o dr. Haaf encarando a mesa com raiva. Ele não tinha coragem de olhar para o amigo, porque sabia que Espingarda estaria arrasado. Ele havia prometido ao diretor da CIA que entregaria uma arma para vencer aquela guerra; atravessara o país inteiro em helicópteros e aviões de transporte sob a proteção de um pelotão de fuzileiros navais. Ocupara o tempo daqueles cientistas e os levava para aquela sala para mostrar o que havia bolado, e o único resultado foi uma aranha aparentemente relaxada.

Os dois já haviam cruzado o saguão e saído do edifício, Espingarda com o ST11 nas mãos, ambos em silêncio, quando uma mulher grande e musculosa de uniforme que Gordon reconheceu como a guarda-costas da dra. Guyer veio correndo atrás deles.

— Esperem — disse a mulher, meio sem fôlego. — A dra. Guyer teve uma ideia e gostaria de falar com vocês de novo.

Gordon olhou a mulher de cima a baixo. A placa de identificação dela estava bordada com SGT. FARIL, e ela parecia, para ser bem sincero, meio assustadora. Gordon apostava que apanharia muito se tentasse lutar com ela.

— Sobre o quê? — perguntou Espingarda.

A mulher sorriu e fez um gesto para indicar o uniforme.

— Você acha que eu pareço alguém que tem a mínima ideia? Só faço o que a moça dos bichos manda.

Ilha Càidh, Enseada Ròg, Ilha de Lewis, Hébridas Exteriores

Aonghas pôs a mão no ombro de Thuy. Ela estava sentada em seu lugar preferido, na poltrona com pufe Charles Eames perto da janela da biblioteca. Aonghas não conseguia decidir se ela estava lendo o livro ou vendo Padruig caminhar entre as pedras à sua frente.

— Como é que ele está sempre tão elegante?

Bom, aí estava sua resposta. Vendo o avô dele.

— Não sei. Ele sempre foi fanático por roupas. Desde que eu me entendo por gente. Na verdade, ele é assim com praticamente tudo. Essa poltrona em que você está provavelmente custou umas duas mil libras.

Thuy olhou para baixo, pegou cuidadosamente a xícara de chá apoiada na coxa e a colocou na mesinha. Aonghas deu risada.

— A mesa provavelmente custou a mesma coisa. Acho que ele gosta de coisas boas, e não tem nada que impeça de pagar por elas. Nem sempre foi assim, mas, desde que ele começou com os livros de mistério, dinheiro nunca mais foi um problema. Ele define exatamente o que quer e aí vai lá e gasta o dinheiro necessário para que só seja preciso comprar uma vez. Minha teoria é que Padruig não gosta muito de gente, então, em vez disso, ele se cerca das coisas de que de fato gosta. E

por acaso essas coisas são caras e incluem calças de lã feitas à mão.

— E ele não se importa que o neto se vista como...

— Cuidado — disse Aonghas, dando um beijo na noiva.

Ele ficou quieto, e os dois observaram Padruig caminhar de um lado para outro, um circuito das pedras para a água, com o risco de receber o borrifo do mar, e de volta para as pedras, e depois para a água de novo. Seu avô estava com uma das mãos dentro do bolso do sobretudo e sacudia a outra enquanto falava sozinho.

— Por que ele nunca voltou a se casar depois que sua avó morreu?

— Acho que ele não conseguiria. Uma vez minha mãe me contou que, depois que minha avó morreu, não sobrou muita alegria na vida dele.

— Fora você.

— Ele foi o melhor avô possível — disse Aonghas —, e, embora às vezes eu tivesse desejado uma infância um pouco mais normal, acabou dando muito certo.

Ele a beijou de novo. Thuy sorriu para ele.

— Será que vai demorar muito até recebermos notícias? Do Peru?

— Talvez.

— Você acha que estamos certos?

— Talvez sim. Talvez não. Mas aprendi há muito tempo a dar ao meu avô o benefício da dúvida. De qualquer jeito, não podemos fazer muita coisa. Já fizemos o que dava, e acho que agora só nos resta esperar aqui.

Ela se recostou em Aonghas.

— Há lugares piores que este.

Thuy ficou quieta, e Aonghas sabia que ela estava pensando nos pais, no irmão. Padruig dissera que, se eles tivessem como vir à ilha, seriam todos bem-vindos, mas os três sabiam que era uma oferta sem significado real. As notícias que chegavam de Stornoway e da Ilha de Lewis eram escassas, mas Aonghas e Thuy haviam visto aquele homem se rachar no aeroporto e aranhas brotarem de dentro de seu corpo. Edimburgo parecia intacta, mas o tráfego aéreo estava bloqueado, então não havia como os pais e o irmão de Thuy chegarem lá. Mesmo se pudessem, talvez fosse mais seguro eles ficarem onde estavam. E rezarem. Não havia mais nada a fazer.

Pelo menos eles três estavam em segurança, pensou Aonghas. Pelo menos ele, Thuy e seu avô estavam em segurança. Ele sabia que era um pensamento egoísta, mas não conseguiu evitar. Tinha perdido os pais muito pequeno e finalmente encontrara uma mulher que o fazia entender o que seria amar alguém pelo resto da vida. Não teria adiantado nada se eles estivessem no apartamento dele em Stornoway, ou se ele tivesse visitado Thuy em Edimburgo. O que poderia fazer? Cortar as aranhas da história?

Não, era muito melhor estar ali, naquele pedregulho ridículo com o castelo ridículo da família dele. Padruig obrigara Aonghas e Thuy a percorrer toda a construção, de cômodo em cômodo, de armário em armário, para o caso, disse ele, “de o velho pifar”. Como manter o gerador funcionando e como fazer a manutenção

do reserva. O que conferir no freezer, como verificar se a vedação da despensa estava intacta. Quando drenar o aquecedor na época do inverno, e quando abrir e fechar janelas para que a umidade não invadisse a construção de pedra. Eles fizeram um inventário juntos, contaram as latas de farinha e feijão, de frutas em calda, de chocolate embalado a vácuo. Padruig admitiu que o estoque de xerez não estava tão completo quanto ele gostaria, “mas, com o girininho na barriga”, dissera ele, “por enquanto somos só eu e Aonghas, e podemos apelar para o porto, se necessário. Vamos superar isso juntos”.

Em alguns sentidos, era quase libertador. Ele e Aonghas vinham conversando de talvez começar uma nova série em paralelo aos mistérios de Harry Thorton, e os dois estavam empolgados com a ideia de tentar voltar a escrever juntos. Thuy parecia feliz de estudar seus livros de medicina, ler, cozinhar, passar o tempo jogando baralho e xadrez e conversando com Padruig e Aonghas. Não adiantava nada se preocupar com algo que eles não podiam controlar. Estavam perfeitamente seguros na ilha Càidh e não precisavam ir para lugar algum. Aonghas não *queria* ir para lugar algum, só para perto de Thuy. Ele se aproximou e a beijou com ternura.

Desde que as aranhas não viessem, eles ficariam bem.

Boothton, Dakota do Sul

Mesmo se Jigger Spitz e seus pais ainda estivessem vivos, a casa ficava longe demais da rodovia para eles escutarem qualquer explosão. Eles moravam longe demais de qualquer coisa interessante para sequer ver os caças da força aérea voando no céu. Moravam tão no meio do nada que era um espanto que Jigger Spitz tivesse esperado tanto tempo para fugir da fazenda e viajar para o oeste, até a Califórnia, onde entrara na faculdade, se formara como advogado e se instalara em Los Angeles. Ele tinha uma vida bem confortável. Nada muito luxuoso, mas definitivamente melhor do que o que seus pais teriam esperado. Não, ele não tinha nenhuma intenção de voltar para Dakota do Sul. Claro, o filho responsável ia visitá-los duas vezes por ano, no Natal e durante alguns dias do calor brutal de agosto, e ele telefonava para a mãe todo domingo e geralmente trocava algumas palavras com o pai sobre o clima e a colheita e o trator novo da família. Uma vez por ano, em fevereiro, quando a produção caía muito em Dakota do Sul e seus pais não tinham muito o que fazer na fazenda, eles iam visitá-lo em Los Angeles. Eram pessoas adoráveis. Educados e atenciosos e, para fazendeiros de Dakota do Sul, dispostos a experimentar pratos novos quando ele os levava para conhecer os restaurantes chiques de Los Angeles. Eles sempre ficavam um pouco decepcionados porque Jigger nunca os apresentava a nenhuma celebridade do cinema. Por mais que ele tentasse explicar que o fato de

morar em Los Angeles não significava que ele era amigo de gente famosa, seus pais sempre voltavam das férias com uma ligeira frustração. Uma vez eles estavam entrando em um restaurante e cruzaram com Gwyneth Paltrow, que estava de saída, e durante algum tempo a mãe dele pareceu feliz com isso.

Mas, quando as aranhas surgiram, Jigger conseguiu escapar de Los Angeles — por pouco — e só pensava em voltar para casa. Estava com muito medo, apavorado. Assim que soube o que estava acontecendo, ele pensou nas notícias de Delhi. Na mesma hora, tomou a decisão de pular no Toyota híbrido dele e dar o fora dali. O trânsito de Los Angeles era sempre um inferno, e claro que estava pior do que o normal, mas ele tinha conseguido sair da cidade. Achou que conseguiria escapar sem problemas, até que deu de cara com o bloqueio. Foi uma grande injustiça. Se tivesse chegado cinco minutos antes, ou até três, teria conseguido passar. Havia só quinze ou vinte carros na sua frente, mas a Rodovia 10 tinha sido fechada por uma fileira enorme de Hummers com metralhadoras, então ele ficou preso. Não sabia se devia voltar para Los Angeles, então ficou sentado por horas e horas no carro, pensando se em algum momento eles o deixariam passar, ouvindo as notícias cheias de estática no rádio e mantendo o celular com bateria, ainda que a rede estivesse sobrecarregada. Era uma sorte ele ter um carro híbrido; mesmo ligando o motor de vez em quando para evitar que a bateria arriasse por causa do rádio e do carregador, o tanque ainda tinha bastante gasolina. A certa altura, alguns idiotas tentaram atravessar à força, e um dos Hummers disparou. Foi barulhento e assustador, e ele pensou que tinha sido um milagre o fato de que o motorista e o passageiro conseguiram sair do carro com as mãos para o alto. Mas depois vieram explosões e foguetes e tiros, carros batendo em carros, uma onda negra de aranhas varrendo a estrada.

Jigger estava dormindo com a janela aberta para aproveitar o ar noturno ligeiramente fresco quando tudo virou um inferno. Não sabia o que fazer no meio dos clarões de fogo e do barulho incrível que vinha da estrada atrás dele, então enfiou a mão na buzina, como o resto das pessoas já estava fazendo. Ele olhava ora para a frente, louco para ver os carros andando e com medo das metralhadoras, que disparavam para todos os lados, ora para trás, para as chamas e explosões e para as pessoas que passavam correndo aos berros pelo seu carro. Um míssil caiu perto o bastante para que o fogo chegasse a entrar pela janela aberta, o que foi a coisa mais aterrorizante que já lhe havia acontecido, e parte dos pelos de seu braço foi queimada e uma nuvem de fumaça preta entrou, e aí um segundo depois, ainda mais aterrorizante, ele olhou pelo retrovisor e achou ter visto uma espécie de massa preta vindo em sua direção. Uma mulher saiu correndo do meio da massa e passou por ele. Ela gritava sem parar, e cinco ou seis bolas pretas rastejavam por seu rosto e pelos braços. Esse foi o primeiro momento em que Jigger percebeu que as aranhas estavam bem ali na rodovia.

E, aleluia, bem na hora em que ele achava que não teria escolha a não ser sair do

carro e fugir correndo, os Hummers militares começaram a ir embora e os carros na frente dele começaram a se mexer, e ele pisou fundo no acelerador.

Jigger passou os quatrocentos quilômetros seguintes batendo em aranhas imaginárias e só parou para abastecer quando achou que iria urinar nas calças. Ele foi ao banheiro e se lavou na pia. Estava fedendo a fumaça e fogo. A pele estava bastante avermelhada no lugar em que os pelos do braço tinham sido queimados, e na lateral do pescoço havia uma mancha de sangue e um ponto sensível, que ele limpou com uma toalha de papel. Depois que terminou de se limpar um pouco, ele esquentou no micro-ondas dois burritos congelados da loja de conveniência, pegou alguns refrigerantes, um Snickers e um saco grande de M&M's de amendoim e continuou dirigindo o mais rápido possível, rumo a Dakota do Sul, parando só para abastecer e, uma vez, para vomitar no acostamento. Quando ele atravessou a fronteira do Colorado, sua barriga estava doendo muito.

As últimas seis ou sete horas da viagem foram uma mistura de febre e suor frio. Quando chegou em casa, seu pai teve que ajudá-lo a sair do carro e subir para o quarto em que passara toda a infância. A mãe aplicou uma pomada na queimadura e enfaixou o braço, e depois limpou mais sangue no pescoço, colocando outra gaze por cima da casquinha da ferida, na qual ele nem tinha reparado. A essa altura, ele já estava balbuciando, deitado em posição fetal, mas os pais não eram de entrar em pânico. Eles haviam morado naquela fazenda desde 1971 e foram inúmeros pontos e cortes e febres, e a sra. Spitz dissera ao filho quando ele telefonara da estrada que só um louco comeria burritos vendidos em um posto de gasolina. Eles o puseram na cama e desceram para jantar frango com batata cozida, e de vez em quando subiam para ver como Jigger estava.

O sr. e a sra. Spitz morreram do mesmo jeito que viveram: indo cedo para cama. Se em vez de fazendeiros eles tivessem sido contadores ou professores ou qualquer outra profissão que trabalhasse durante o horário comercial, talvez ainda estivessem acordados quando Jigger se rasgou, com as entranhas quase mumificadas por teias. As aranhas que ele havia trazido de Los Angeles até Dakota do Sul não tiveram a menor dificuldade de sair de seu quarto, porque seus pais haviam deixado a porta aberta, como sempre fizeram quando ele era pequeno e ficava doente. Mesmo se tivessem fechado a porta, as aranhas teriam conseguido passar pelo vão de dois dedos entre a porta e o assoalho, resquício dos carpetes felpudos que os Spitz haviam instalado quando tinham três anos de casados e arrancaram no começo dos anos 1990, quando a sra. Spitz disse que queria piso de madeira de novo. Se não fossem fazendeiros, talvez um dos dois estivesse acordado para ver as aranhas, pretas com uma listra vermelha, escorrendo pela escada e indo até o quarto deles, onde dormiam desde que se casaram em 1971, sem nunca passar uma noite separados. Talvez eles estivessem acordados para ver as aranhas entrarem pela porta aberta, dispararem pelo chão, rastejarem pelo teto, em busca da respiração quente e profunda do casal adormecido como se fosse um letreiro luminoso de neon dizendo

COMIDA BOA! COMIDA BOA!

Mas eles não estavam acordados. O sr. e a sra. Spitz dormiam quando os primeiros fios de teia começaram a surgir à sua volta. Eles dormiam quando as aranhas desceram e os morderam. As mordidas lembraram a vez em que o sr. Spitz esmagara os dedos nas engrenagens da colheitadeira e quase perdera a mão, e a vez em que a sra. Spitz derrubara uma xícara inteira de água fervente na perna. Mas pior. Porque o veneno que as aranhas secretavam tornava a dor tão intensa que transformava a paralisia em tortura: teria sido pelo menos um pequeno alívio poder gritar.

Mas eles não podiam gritar, e não podiam abrir os olhos. Dos dois, foi o sr. Spitz que as aranhas começaram a comer primeiro, foi ele que as aranhas com listra vermelha nas costas começaram a abocanhar e levar, um pedaço de cada vez, até o casulo pulsante que brilhava no quarto de Jigger.

Pelo menos havia uma pequena misericórdia: paralisada, incapaz de abrir os olhos, a sra. Spitz não precisava olhar.

Mas ela podia escutar.

E ela ouvia as aranhas subindo pelas paredes do quarto, o farfalhar suave das oito patas, o som que elas faziam ao se alimentar de seu marido, a forma como, perto do fim, a respiração dele ficou irregular e embargada. E depois ela percebeu que estava sozinha no quarto. Seu marido não respirava mais. Ela não sabia que já havia se passado uma semana desde que o filho voltara para casa. O tempo havia perdido todo significado dias antes. Para ela só existia a dor intensa e pulsante das mordidas das aranhas. À medida que as primeiras mordidas se transformavam em uma espécie de ardência, sempre, sempre, sempre havia uma nova mordida, uma nova fonte de agonia, uma nova xícara de água fervente derramada em seu corpo.

Ela não sabia que, naquele momento, Melanie e Espingarda estavam conversando de novo dentro do NIH, que a presidente Pilgrim tinha voltado à Sala de Situação, que Aonghas e Thuy viam Padruig caminhar pelas pedras da ilha Càidh. Ela não sabia que, no planeta inteiro, havia mais homens e mulheres, pobres infelizes, sofrendo como ela. O que ela sabia, sem sombra de dúvida, era que seria a próxima vítima.

E rezou para acabar logo. Nunca fora uma mulher religiosa. Costumava ir à igreja nas manhãs de domingo, porque era o certo a se fazer, mas não, nunca poderia afirmar que era devota. Mas rezou. No início, rezou para que fosse tudo apenas um grande pesadelo, e depois rezou para que a dor acabasse. Depois, rezou para que pudesse abrir os olhos e pelo menos conseguisse ver o que estava acontecendo. Depois, começou a rezar para que pudesse morrer de dor, para que o coração parasse de bater, ou para que aquilo que a paralisava se espalhasse para seus braços e ombros e pernas e pés, para os músculos do rosto, os músculos do peito e o coração, para que ela parasse de respirar. E depois rezou para que não conseguisse mais escutar. E depois, por fim, rezou para que as aranhas acabassem logo o que tinham

começado. Rezou por muitos dias e muitas noites.

E depois rezou com ainda mais fervor para que morresse antes que aquela coisa no andar de cima viesse pegá-la. Ela podia ouvir. A dor das mordidas, o medo, o som de seu marido sendo devorado vivo ao seu lado, o movimento baixo e rastejante de dezenas, centenas, até milhares de aranhas em volta de seu corpo preso em um envoltório apertado de teia, tão apertado que ela não conseguiria se mexer nem se não estivesse paralisada, e o som do último suspiro de seu marido, mas nada disso se comparava ao som que vinha do quarto de seu filho no andar de cima.

Um baque. Um rasgo. Um *splash*, arrasto, estalo. Meu Deus, ela podia ouvir a porta se abrindo, ouvir o movimento no assoalho largo do piso, o rangido do primeiro degrau da escada... Ela rezou para que tudo terminasse rápido.

Casa Branca

Manny não precisava se olhar no espelho para saber que seu rosto estava entregando o jogo. Ele percebeu que devia estar parecendo em pânico quando Sharon deu uma olhada nele e de repente também começou a ficar nervosa.

Três da manhã? Quatro? Ele estava dormindo no sofá de sua sala quando o telefone tocou. Finalmente estava tendo um sonho bom. Ele e Melanie em uma praia, na Flórida, naqueles primeiros anos do casamento. Nada sensual ou profundo, só o calor do sol e a areia macia no chão. Não era nostalgia, não era um sonho sobre saudade do casamento ou vontade de recuperar Melanie, só... paz.

O toque do telefone o despertou com um susto, e, quando ele se deu conta de que estava conversando com o chefe de gabinete do primeiro-ministro indiano, Sharon, que estava dormindo no sofá da antessala, já havia voltado e acendido a luminária da escrivaninha.

Foi uma ligação curta. Manny abaixou o telefone e se limitou a balançar a cabeça para Sharon. Ele não conseguia nem pensar no que dizer.

— Pelo amor de Deus, Manny, fale logo!

A voz de Sharon estava trêmula. Manny não sabia se já havia escutado sua assessora aparentar medo, mas imaginou que aquele era um bom momento.

— Notícias da Índia — disse ele. — Elas voltaram.

O que ele não falou, o que teve medo de falar, foi que, pelo que ele entendeu do pânico na voz de seu colega indiano no outro lado da linha, parecia que a situação estava prestes a ficar muito pior.

Los Angeles, Califórnia

A cidade estava morta.

Na Europa e na América do Sul, algumas cidades aparentemente só ganhavam vida depois da meia-noite. Nos Estados Unidos, pelo Meio-Oeste e nas cidadezinhas do Sul e da Nova Inglaterra, as luzes se apagavam e as ruas se esvaziavam às nove. Em cidades maiores desprovidas de uma qualidade cosmopolita, como Wichita, Cleveland, Toledo ou Tacoma, às onze já está quase tudo fechado. Porém, nas duas extremidades do país, em Nova York e em Los Angeles, para quem sabia onde procurar, parecia que as coisas só começavam a se animar depois da décima segunda badalada. Em Los Angeles, só um mês antes, eram lugares como o Cobra Club, o MacMac's Lobster Shack, a salinha de pôquer do Disco City, as luzes vermelhas da lanterna dos carros enfileirados em alguns bairros e na frente de certos bares e boates e restaurantes bem depois de uma, duas, três da manhã.

Mas isso foi um mês antes.

Agora, à meia-noite, Los Angeles era uma cidade-fantasma. O som solitário das sirenes ainda pairava pela noite, mas os carros de polícia não estavam andando, e era questão de tempo até as baterias se esgotarem e as sirenes diminuïrem como se fossem vitrolas grunhindo e morrendo. Incêndios se espalhavam pela cidade, uma luminosidade diferente das viaturas e dos caminhões de bombeiro. Mas não havia

casas noturnas movimentadas, nem restaurantes recebendo fregueses para reservas tardias. Ainda havia cerca de um milhão de pessoas vivas em Los Angeles, mas elas estavam escondidas atrás de persianas fechadas, apavoradas em seus quartos. Elas não estavam fazendo fila atrás de cordas de veludo nem preparando carreiras brancas em pias de banheiros.

Qualquer um com condições de fugir de Los Angeles já havia fugido. A cidade não era um abrigo para refugiados nem nunca havia sido. Até mesmo depois de a força aérea destruir viadutos e elevados, e inviabilizar as rodovias, quem podia sair saiu, avançando com picapes pelo terreno arenoso em volta das estradas arruinadas, trocando todo dinheiro e bens de valor por uma vaga em algum barco lotado. Em pelo menos um caso de deliciosa ironia, um ativista fervoroso contra a imigração havia estourado dois pneus quando tentava dirigir por cima de asfalto bombardeado e depois decidira continuar a pé, e acabara morrendo de calor e sede a alguns metros da fronteira com o México quase trinta horas depois.

Esses tiveram sorte. Os que conseguiram sair.

Os que não conseguiram fugir? Os velhos, os enfermos, os pobres? Os que não *queriam* fugir? Os teimosos, os esperançosos, que moravam em uma cidade criada por filmes de monstros e heróis imaginários, mas que eram incapazes de acreditar em um terror tão real quanto aquelas aranhas? Esses não tiveram sorte. Da lista de mais de quinhentos locais confirmados de infestação que Quincy e os militares haviam identificado, o exército destruiu mais de trezentos. Mas isso não bastava. Não chegava nem perto.

Não naquela noite.

Aquela foi a noite em que as aranhas voltaram.

Meia-noite, e Los Angeles, o parque de diversões dos ricos e famosos, exibiu sua verdadeira face. Não era mais um parque de diversões. Los Angeles se tornou um banquete. Aranhas pretas com uma listra vermelha nas costas emergiram de porões e garagens, de estacionamentos e ônibus, das profundezas de uma oficina de troca de óleo. Elas marcharam por ruas e calçadas, por jardins bem cuidados e becos cheios de sujeira e mato. Subiram pelas paredes de edifícios comerciais e rastejaram por dutos de ventilação e poços de elevador, espremeram-se por fendas para entrega de correspondência e janelas que tinham sido ligeiramente abertas para entrar um pouco de ar.

Para onde quer que fossem, as aranhas deixavam um rastro de teia macia e diáfana, que se grudava em árvores e arbustos e envolvia homens, mulheres e crianças que se viram incapazes de se mexer, incapazes até de gritar.

Lago Soot, Minnesota

Eles vieram antes do amanhecer.

Mike e Leshaun estavam preparados.

Mike havia passado a tarde lendo em uma das cadeiras pavão vermelhas da área de piquenique. Precisara sair da cabana. Fanny e Dawson mantinham a TV da sala de estar sintonizada no canal de notícias, o rádio da cozinha ligado, e não tinha nenhum lugar dentro da casa onde ele pudesse escapar do burburinho constante de devastação e medo. Ele via nas olheiras profundas no rosto do âncora, pois nenhuma maquiagem no mundo seria capaz de evitar que ele parecesse pálido e abalado na luz do estúdio. Ele ouvia na voz dos locutores na National Public Radio. Pânico.

Era compreensível. Ele também estava assustado. As forças armadas estavam transformando o país em uma colcha de retalhos, e a destruição de pontes e estradas ia da costa oeste até Chicago e St. Louis e se aproximava rapidamente de Cleveland e Louisville. No café da manhã, Fanny dissera meio que brincando que os Estados Unidos estavam se transformando em um arquipélago. Ninguém riu, em parte porque a notícia era muito perturbadora, e também porque Fanny precisou explicar para Mike o que era um arquipélago. As imagens exibidas na televisão eram ainda piores. Ele sempre gostou de filmes de desastres, gostava de ver Hollywood se explodir, lembrava a emoção de ver pela primeira vez a Casa Branca virar uma bola

de fogo na tela. Asteroides e alienígenas, tsunamis e terremotos, até máquinas que se rebelavam para livrar o planeta do flagelo da humanidade. Em um cinema escuro — Annie estava perfeitamente satisfeita de ver filmes em um tablet, mas ele gostava muito mais de uma telona, cadeiras confortáveis e um balde de pipoca cheia de manteiga —, era uma distração. Mas no jornal? Muitas das imagens eram tremidas, gravações apressadas feitas com celulares ou por cinegrafistas que corriam para pegar a cena, transmitidas incessantemente na CNN, na FOX, na MSNBC.

Mas ali, no meio do mato, era quase pacífico. Leshاون cochilava, e Fanny e Dawson estavam dentro de casa, preparando o jantar ou conversando ou só sendo marido e esposa, e Mike não se incomodava nem um pouco de ficar fora do caminho deles. A sala de estar tinha uma estante cheia de livros grossos de suspense e terror, volumes sobre a Segunda Guerra e sobre o Vietnã, sobre a invenção do aço, da pólvora ou do microprocessador, revistas de culinária e de decoração, e até alguns romances com o selo de aprovação da Oprah ou adesivos indicando que eles tinham vencido algum prêmio. Mike já havia explorado todos os *thrillers* de espionagem e agora estava nos policiais. Eram mais a praia dele. Gostava de ler histórias sobre mocinhos que derrotavam os bandidos. Os heróis eram gente como ele. Homens com distintivos e armas. Só que eram todos mais altos, mais bonitos e com mais chances de conquistar a mocinha. E não tinham menininhas deitadas na grama ao lado deles, rindo com um filme que estava passando no tablet.

Mike olhou para Annie na grama e sorriu. Ela tinha se coberto com uma toalha e estava encurvada em cima da tela, usando fones de ouvido. Ele via os pés dela para fora da toalha e de vez em quando escutava seus risos. Annie havia devorado todos os desenhos animados e filmes infantis que Fanny comprara, e os adultos meio que desistiram e começaram a deixá-la ver filmes que talvez fossem um pouco inadequados para uma menina de nove anos. Durante o jantar no dia anterior, ela derrubou sem querer um pedaço de frango no chão, gritou “Cacete!” e começou a rolar de rir. Os adultos, Mike inclusive, acharam a cena chocante — e engraçada — demais para impor qualquer resquício de disciplina.

Então ele estava lendo, ouvindo a filha dar risadas de vez em quando e dando uma ou outra olhada no lago quando ouviu o zumbido de um motor. Instintivamente, ele pôs a mão na pistola, mas esperou até o barco se aproximar para só então ir até o atracadouro. Era o cara negro grisalho de barba branca. Ele veio muito devagar, com as mãos para cima para mostrar a Mike que estavam vazias. Desligou o motor, mas não se mexeu para sair do barco, apenas estendeu o braço e se segurou em uma das estacas. Mike não sacou a Glock, mas manteve a mão no cabo da arma.

— Só vim ser um bom vizinho — disse o velho. — Não pretendo sair do barco, e não preciso de nada. Eu e a patroa estamos bem instalados. Eu sei que agora não é uma boa hora para fazer amizade, mas já conversei uma ou duas vezes com aquele outro camarada e a esposa dele ali na cabana, os donos do lugar.

— Agradeço — respondeu Mike. — Mas a gente não está podendo receber visitas

por enquanto.

— Entendo, entendo. Entendo muito bem. Pensei em vir ver se vocês estão bem. Quando passei aqui no outro dia, você estava com um cara negro aí, e vocês deixaram claro que não estavam a fim de conversa.

— Tempos interessantes estes — disse Mike.

— Ah, é. Também acho. Vim aqui com as mãos à mostra porque não queria passar nenhuma impressão diferente, mas isso não significa que meu rifle não está por perto. Eu não teria deixado minha esposa sozinha em nossa cabaninha se ela não fosse melhor de mira que eu.

— E você é bom de mira?

O homem abriu um pequeno sorriso.

— Razoável.

— Aquilo que eu escutei ontem foi você, treinando tiro ao alvo?

O sorriso sumiu.

— Não. E é por isso que pensei em dar uma passada aqui e trocar umas palavras. Pelo jeito como você e aquele outro camarada estavam segurando as pistolas, imaginei que eram agentes da lei. Você é da polícia?

— Agente federal.

— Então sabe o que é ouvir barulho de tiros e depois ver alguma coisa pegando fogo no meio da noite. Eu era xerife e me aposentei há alguns anos. Cidade pequena, mas ainda assim. Com as drogas, cidades pequenas já não são que nem antigamente. Imagino que você tenha visto algumas coisas, como eu também já vi. E ontem à noite escutei tiros e vi um baita brilho do outro lado do lago. — Ele olhou para trás de Mike e assentiu com a cabeça. — Peguei um binóculo e vi que vocês tinham uma criança aí, então quis colaborar, quis avisar para você deixar essa arma aí na sua mão por perto, quis ver se você ou o outro cara estão de olho nas coisas. Não só durante o dia, mas à noite também.

Mike respondeu que sim, que ele e Leshaun tomariam cuidado, e agradeceu ao homem. O velho se afastou do atracadouro, deu partida no motor e voltou lago adentro, supostamente para se juntar à esposa boa de mira.

Mike não estava preocupado com o velho e sua esposa. O sujeito parecia perfeitamente capaz de se cuidar. E também não estava preocupado com os intrusos. Ele e Leshaun protegeriam Annie.

Os três caras tatuados e sem camisa eram absolutamente previsíveis e despreparados. Eles foram à cabana quase às quatro da manhã, o que foi uma escolha esperta. No meio da noite, cedo demais para que alguém estivesse fazendo café, tarde demais para alguém insone. E eles foram espertos de se aproximar pela mata, pois sabiam que o barulho de um motor na calada da noite teria parecido um despertador. Mas essas foram as únicas escolhas espertas deles.

Os três estavam com calças e jaquetas de estampa de camuflagem e armados com espingardas, deixando bem claro suas intenções, o que foi burrice. E vieram pela

trilha no meio da floresta até a cabana em fila, o que também foi burrice. Todos os três tinham lanternas, e essa foi a maior burrice de todas. Na escuridão antes do amanhecer, era o mesmo que segurar sinaleiros luminosos. Mike imaginou que eles desligariam as lanternas quando chegassem mais perto, que ficariam quietos e tentariam cercar a cabana enquanto se preparavam para cometer os atos ilícitos que haviam planejado. Mas os três sujeitos nunca chegaram perto o bastante para realizar nenhum plano. Eram burros, e Mike e Leshaun eram espertos. E as intenções dos homens podiam ser más, mas as ações de Mike e Leshaun foram piores.

Mike tinha deixado bem claro para Dawson e Fanny o que imaginava que fosse acontecer. Avisara que haveria alguns barulhos e que eles deviam permanecer dentro da cabana, que ele e Leshaun demorariam um tempo para limpar tudo. O trabalho deles, disse Mike a Dawson e Fanny, seria mandar Annie voltar para cama caso ela acordasse — a menina tinha um sono extremamente pesado, e o isolamento da cabana era bom, mas ainda assim — e manter a calibre 12 e a Glock 27 como última opção, caso ele e Leshaun tivessem se enganado.

Mas ele e Leshaun não tinham se enganado. Os três rapazes brancos vieram tropeçando pela trilha no meio da mata com suas espingardas, em fila, sem a menor disciplina, tão próximos um do outro que, se Mike tivesse um rifle de calibre alto o suficiente, ele poderia ter dado cabo de todos com uma única bala.

Não foi justo, mas ele e Leshaun haviam combinado antes que, especialmente levando em conta o aviso amigável do velho e o que acontecera no dia anterior, não era hora de ser justo. Se aqueles três homens tivessem vindo durante o dia com as mãos vazias à vista, ora, Mike teria adorado conversar com eles, mas, se vinham no meio da noite portando armas e más intenções, Mike não via nenhum motivo para jogar limpo.

Dawson e Fanny ficaram em silêncio, incertos, quando Mike e Leshaun contaram o plano, mas Leshaun tinha deixado bem claro.

“Gente ruim faz coisas ruins”, dissera ele. “Em tempos normais, o trabalho de Mike, o meu, é pegar esse tipo de gente, e nunca vamos falar de algumas coisas que nós já vimos. Mas não estamos vivendo em tempos normais, e não vamos esperar até eles fazerem o que quer que estejam querendo fazer.”

Mike e Leshaun esperaram os três passarem por eles antes de abatê-los. Foi barulhento, o clarão das pistolas ofuscou a visão dos dois, mas foi rápido e fácil. No final, dois dos sujeitos não passavam de sacos de carne, mas o terceiro ainda respirava e gorgolejava com dificuldade, então Mike usou mais uma bala. Eles já haviam cavado as covas na terra argilosa da mata. Só faltava arrastar os corpos até os buracos e tampar.

Eram quase cinco da manhã quando ele e Leshaun acenderam suas lanternas na direção da cabana com o código combinado, para avisar a Fanny e Dawson que eram só eles e que estava tudo bem. Voltaram para dentro tentando não fazer muito barulho, e quando Annie acordou os dois já estavam limpos e de banho tomado. Se

Annie reparou nas armas novas dentro da cabana, não falou nada.

National Institutes of Health, Bethesda, Maryland

Era um grupo bem diverso. Dichtel e Nieder, a garota da CNN, Julie Yoo e Melanie, Espingarda e Gordon. Uma caixa de vidro com tampa de arame, contendo duas aranhas, estava no meio da mesa de reuniões. Pelo janelão que dava para o estacionamento, o nascer do sol parecia lindo. Nenhuma nuvem, o sol se esgueirando acima da cidade, a luz refletida no vidro e no metal dos prédios baixos de escritórios. Era o tipo de manhã preferido de Melanie, o tipo em que ela costumava sair da cama, vestir um short e um top de ginástica, amarrar o tênis, pegar o celular e um fone de ouvido e correr uns cinco ou seis quilômetros, depois tomar uma ducha e ir para o laboratório no campus. Mas ela não sairia para correr naquele dia. Ela não faria nada enquanto o dr. Mike Haaf não voltasse.

Por fim, Melanie viu pela porta de vidro a sargento Faril dar um passo para o lado e Haaf entrar na sala. Mas, antes mesmo que ele abrisse a porta, todo mundo já sabia o que ele ia falar.

— Nada feito. Ainda não consegui resposta.

Laura Nieder jogou a caneta na mesa.

— Droga. Como é que aqueles japoneses malditos não entendem...

Melanie levantou a mão.

— Laura. Calma. Eles têm os próprios problemas agora. Vamos continuar

tentando, mas, enquanto isso, temos que trabalhar com as informações que temos. Eu sei que não é muito, mas a verdade é que nosso tempo está acabando.

Eles começaram pelo início. Listaram tudo. A bolsa de ovos do Peru, calcificada e antiga, retirada do chão em uma caixa que indicava que ela devia ter pelo menos dez mil anos de idade. China. Índia. A agressividade das aranhas. O uso de humanos como hospedeiros, o ciclo vital que se acelerava a um ritmo absurdo, alimentando-se, reproduzindo-se e gerando ninhadas cada vez mais rápido. Eles registraram a observação de Teddie, de que o esgotamento geral foi organizado demais, consistente demais para um ciclo vital naturalmente condensado, que devia ter tido ondas de aranhas nascendo enquanto outras ondas morriam.

Nesse meio-tempo, as duas aranhas se debatiam na caixa de vidro, fazendo pressão em um lado, depois no outro, tentando sair. Não para fugir, mas para se alimentar. Nos momentos em que todo mundo ficava quieto, dava para ouvir as batidas das patas no vidro. Depois do meio-dia, Fred e Amy, seguidos do labrador marrom, entraram com donuts e pães, uma jarra de café, uma tigela com maçãs.

Claymore latiu para as aranhas até Gordon chamá-lo com um assobio e começar a coçá-lo no peito. O cachorro passou a rosnar baixo de vez em quando. Fred e Amy se sentaram à mesa e Melanie não se deu ao trabalho de expulsá-los. Não parecia valer a pena.

— E agora temos esse vídeo do Japão com o que achamos que são as aranhas “normais” e as novas aranhas com listra vermelha que parecem alimentar a bolsa de ovos gigante. Mas acho que precisamos começar pelo princípio. Começar perguntando por que essas coisas só estão surgindo agora — disse Melanie.

— A gente sempre volta para o mesmo conceito — comentou Haaf. — Cigarras. Ninguém entende direito como elas funcionam também.

Melanie teve que reprimir um calafrio. As pessoas sempre achavam engraçado que ela fosse capaz de trabalhar com aranhas e morresse de medo de cigarras, mas por algum motivo elas lhe davam arrepios. Aquele vermelho-sangue nos olhos delas. O zumbido dos órgãos cimbólicos, o estalo dos exoesqueletos descartados ao serem esmagados no chão. Na maior parte do tempo, ela adorava morar em Washington e trabalhar na American University, mas o lado negativo eram as infestações de cigarras.

— Então por que essas aranhas se escondem entre os ciclos? — perguntou Dichtel.

— Não sei — respondeu Haaf. — Acreditamos que faz algum sentido para as cigarras, que ciclos de treze e dezessete anos entre as grandes infestações garantem que nenhum predador possa acompanhar. Elas saem, se reproduzem, infestam, que seja, sem que haja nenhum predador natural. Tudo bem, elas só aparecem durante algumas semanas, mas, nesse período, nada segura elas. Muita coisa adora se alimentar de cigarras, mas a quantidade é uma vantagem da espécie. Não existe nenhum predador que tenha evoluído especificamente para comer cigarras, então os

animais se alimentam de cigarras só porque elas estão lá. E eles ficam saciados.

Saciação dos predadores. Um dos recursos malucos que a evolução usava para contornar problemas. As cigarras só precisavam se reproduzir até formar uma quantidade suficiente para que, por mais que elas fossem devoradas, os animais que as comiam acabassem desistindo depois de se fartar.

— Talvez no início essas aranhas tivessem algum predador natural, então? — questionou Nieder. — Então, como mecanismo de defesa, as aranhas evoluíram do mesmo jeito que as cigarras, desenvolvendo ciclos de eclosão com intervalos longos o bastante para que o que quer que as ameaçava morresse?

Teddie parecia cética.

— Tipo o quê? Pássaros gigantes comedores de aranha? Se você me disser que a próxima praga vai ser um bando de pássaros assassinos que nem naquele filme do Hitchcock, eu desisto. Vou pular da janela agora mesmo.

— Em primeiro lugar — disse Haaf —, esse vidro é reforçado, então você provavelmente só cairia para trás. Em segundo lugar, não, o ciclo de eclosão só significa que elas podem evitar predadores específicos.

Gordon abriu a boca para falar, pensou melhor e se recostou na cadeira. Mas era tarde demais. Todo mundo já estava olhando para ele. Dane-se.

— Se elas são que nem cigarras, a gente não pode esperar que elas meio que, sei lá, sumam de novo em algum momento?

Todo mundo voltou a atenção para Haaf.

— Talvez? — disse ele. — Mas o que me preocupa é que, se compararmos as aranhas com cigarras, bom, as cigarras usam a saciação dos predadores como mecanismo de defesa, mas aqui a situação está invertida. As aranhas é que estão comendo. Não estão sendo comidas por nada. A menos que mais cedo ou mais tarde as aranhas se cansem de comer a gente, temos um problema. E, bom, acho que todos podemos concordar que provavelmente não é bom esperar até as aranhas se fartarem de carne humana. Além disso, parece bem claro que uma nova onda é iminente. As bolsas de ovos gigantes...

— Que brilham — disse Espingarda, em voz baixa.

— ... que brilham — continuou Haaf, apontando para a caixa —, e agora temos aranhas com listra vermelha junto com as nossas boas e velhas aranhas pretas, algumas das quais têm sinais no abdome que parecem indicar que são reprodutoras. E alguns relatos duvidosos de que as aranhas com listra vermelha podem ser consideravelmente mais ou menos agressivas, dependendo das circunstâncias, além da variedade de bolsas de ovos que parecem feitas para durar e de bolsas que são, por falta de palavra melhor, mais frescas.

Melanie se levantou. De repente, ela começou a se sentir oprimida dentro da sala de reuniões. Deu uma olhada nas duas aranhas. Presa. Ela se sentia presa.

— Graças ao vídeo editado de Teddie, nós sabemos que a primeira onda de aranhas parece poupar a vida de uma a cada cinco pessoas, e achamos que um em

cada dez sobreviventes está contaminado. Taxa de contágio de cerca de dez por cento. Também não temos certeza absoluta, e sei que esses números vêm variando, mas acho que podemos usá-los como referência. E todos vimos o vídeo das aranhas se movimentando em padrões que não fazem muito sentido. Ou melhor, que fazem sentido demais. — Melanie viu que todas as pessoas em volta da mesa estavam assentindo. — E temos a caixa de Espingarda que parece transformar nossas aranhas em pacifistas. Repito, só posso falar isso com alguma confiança considerando as aranhas da primeira onda. Quem sabe como as outras de dorso vermelho são, ou o que é aquela coisa gigante no Japão? Mas pelo menos estas parecem se acalmar quando Espingarda liga esse troço.

Mais cabeças assentindo. Eles haviam ativado o ST11 nas aranhas dentro da unidade de biocontenção e colocado um bode lá dentro. O coitado do bode ficou parado ali no meio do espaço, balindo e cagando para todo lado, revirando os olhos nas órbitas, mas, enquanto o zumbido grave do ST11 preenchia a unidade, as aranhas o ignoraram. Mas, nossa, e quando Espingarda desligou o troço? Foi assustadora a rapidez com que elas o destriparam todo.

Melanie se recostou na cadeira. Estava sem fôlego.

— E isso nos deixa em que pé, exatamente?

Silêncio.

— Ainda completamente ferrados. — Foi Nieder. — E digo isso com base só no que Teddie conseguiu concluir sobre os padrões. A maior parte da minha pesquisa tem sido em formas de aplicar o comportamento de enxame dos insetos no campo de batalha, e a verdade é que na maioria dos casos isso é impossível. A robótica tem aplicações no campo de batalha, mas o comportamento de enxame é complicado demais. É como criar modelos do fluxo de água em um leito seco cheio de pedras. Quando a água começa a correr, dá para ver que ela se espalha e contorna as pedras, envolvendo elas, mas daí a tentar fazer um modelo assim para fins práticos? Imaginem um leito seco em que as pedras se mexem sem parar, e aí tentem adivinhar o que a água vai fazer. Então, na prática, o que a gente faz é programar soldados, quer dizer, minidrones e veículos autônomos, para manterem uma distância específica de qualquer outra unidade ou obstrução à sua volta. Parece complexo, mas é estático.

Ela apontou para a caixa na mesa.

— Mas a interação e a movimentação dessas aranhas são muito assustadoras porque são ao mesmo tempo mais dinâmicas e mais controladas do que seria de se imaginar. No nível mais simples, formigas atacam um piquenique porque uma encontra algumas migalhas e deixa um rastro de feromônios, e aí outra formiga reforça essa trilha, e no fim a trilha se transforma em uma rodovia para as formigas e estraga o piquenique. Mas com as aranhas é diferente. Elas agem e reagem em uníssono. Ou não exatamente em uníssono, mas com uma sincronia que não faz sentido. A certa altura, quando uma quantidade suficiente de aranhas ataca alguém,

as outras se desviam da vítima, como a água em volta da pedra no leito de um rio, e procuram outra pessoa. E, quando alguém é descartado, quer a pessoa tenha sido preservada para o que imaginamos que seja uma refeição futura ou tenha sido contaminada com ovos, as aranhas que a encontram parecem saber.

Dichtel se recostou na cadeira e olhou para o teto.

— E temos pelo menos indícios informais de que as aranhas de dorso vermelho no Japão comeram pelo menos as três primeiras pessoas que tentaram entrar e obter os dados sem proteção, mas não foram agressivas com o cientista no traje de isolamento. Então o que foi? Faro? Elas não conseguiram sentir o cheiro dele?

— Isso faria sentido — disse Nieder. — Feromônios ou algo do tipo para marcar trajetórias, e outros feromônios para indicar presas que devem ser ignoradas.

Fred pegou um donut e sorriu.

— Talvez sejam ondas cerebrais. Há uma rainha gigante controlando todas as outras. Aranhas de Marte.

Espingarda deu um suspiro e acariciou a perna do marido.

— Não tem graça, Fred. Sinto muito — desculpou-se ele. — Fred não consegue ficar muito tempo sem ser o centro das atenções.

— Não — disse Gordon. Ele falou tão alto e com tanta ênfase que ficou surpreso. Ainda era uma ideia incompleta que ele tentou elaborar enquanto falava. — Parem um pouco para pensar. A gente estava tentando descobrir como exatamente as aranhas começaram a morrer todas ao mesmo tempo. Não só em Los Angeles, mas em todo canto. — Ele se virou e apontou para Melanie. — Você disse que aconteceu na unidade hospitalar também, depois que seu bolsista, hum... Enfim, não faz sentido que elas todas tenham se exaurido ao mesmo tempo. E tem a reação das aranhas ao ST11. Quer dizer, olhem só. Espingarda, ligue de novo.

Eles observaram as aranhas, rastejando de um lado para outro dentro da caixa, tentando incansavelmente atravessar o vidro. Quando começou o zumbido grave da máquina de Espingarda, de repente as aranhas perderam o interesse.

— Isso não tem a ver com feromônios — disse Gordon.

Fred pareceu encantado.

— Eu tinha razão? São ondas cerebrais de uma aranha alienígena?

— Meu Deus. — Espingarda cobriu a boca com a mão em punho. — Chicago. Elas não estavam agressivas, não é? Achamos que talvez fosse um relato enganoso, mas elas saíram do corpo de algum sujeito, em vez de uma bolsa de ovos fixa, não foi?

— E daí? — perguntou Melanie, mas ela estava sentindo. Todo mundo sentia: eles estavam chegando perto de uma resposta. Era só uma charada. A pesquisa era apenas um processo de coletar dados e depois descobrir onde cada peça se encaixava. E, pela primeira vez, parecia que eles talvez tivessem as peças certas.

— Então, quem quer que fosse aquele coitado, ele não era de Chicago. Não houve nenhum surto em Chicago. Nós temos que supor que ele veio de Los Angeles ou de

algum outro lugar. Pode ter sido contaminado na Índia e furado os bloqueios. Ou da Noruega, ou, sei lá, de qualquer lugar. E aí, se temos aranhas de ciclos diferentes, se essas aranhas de dorso vermelho são mais lentas para eclodir, ele é uma bomba-relógio. E talvez ele saiba disso. Sabe que tem alguma coisa errada, viu notícias sobre gente que se rasgava, então ele está com medo, porque o que vai acontecer se ele contar para alguém? Ele tem medo de contar para alguém, mas deve doer. Então o que ele faz?

— Ele se esconde — afirmou Haaf.

Todo mundo estava inclinado para a frente.

— Ele se esconde — concordou Espingarda. — Talvez ele seja um hóspede no hotel, ou talvez tenha entrado de fininho no prédio, e aí ele vai para o subporão, talvez por estar com medo, talvez porque acha que pode ser mais seguro para as outras pessoas ou talvez só por causa daquele instinto de nosso cérebro primitivo que nos faz procurar abrigo. E quando as aranhas saem de seu corpo... nada. Se acreditarmos que isso aconteceu de verdade, que esse, ele era o quê, o cara que encontrou ele? Um porteiro?

— Gerente noturno. Subgerente. Algo assim — respondeu Melanie.

— Se acreditarmos que ele não inventou nada disso, e precisamos acreditar, porque ele descreveu corretamente as aranhas de dorso vermelho antes de vermos o vídeo do Japão... Bom, se acreditarmos no que ele falou, ele vê as aranhas saindo do corpo do sujeito e elas não fazem nada. Ficam só meio que à toa como se eu estivesse com o ST11 ligado.

— Então por que elas não atacaram? — perguntou Nieder. — No caso do Japão poderíamos dizer que era porque o cientista estava com um traje de proteção completo e elas não tinham como sentir o cheiro ou a presença dele por algum motivo. Mas por que elas ignoraram o cara de Chicago?

Espingarda sorriu e se virou para Fred.

— Não acredito que vou falar isto, mas você é um gênio, querido. — Ele beijou Fred e se dirigiu de novo ao restante da sala. — Porque Teddie tinha razão. Estamos pensando na situação pelo viés errado. Não são milhões e milhões de aranhas. São milhões e milhões de pedaços da mesma aranha. E, por algum motivo, lá no subporão daquele hotel, o sinal delas foi bloqueado. Que nem tentar telefonar do quarto nível de um estacionamento subterrâneo. O que quer que fosse que transformava todas as aranhas em uma só unidade não chegou até elas, e as aranhas ficaram tão desorientadas que era como se o gerente do hotel *estivesse* com um traje de proteção. Sem as instruções do sinal para atacar, era como se ele nem estivesse lá.

A sala ficou em silêncio, e aos poucos o sorriso de Espingarda foi se apagando. Ele balançou a cabeça.

— Não. Isso não faz sentido.

— Por que não? — perguntou Haaf.

Espingarda parecia frustrado.

— Não se sustenta. Em Delhi e em pelo menos mais alguns lugares, essas aranhas saíram do subterrâneo. E, no mundo todo, elas estão surgindo ao mesmo tempo, morrendo ao mesmo tempo. Estão se comunicando de alguma forma. Então por que elas não conseguiam se comunicar no subporão daquele hotel em Chicago? O que aquele espaço tinha que deixava elas tranquilas? — Ele estendeu a mão e tocou no ST11. — O que este aparelho tem que parece desligar elas?

Ele olhou para as pessoas na sala e deu um suspiro.

— É tudo bem raso, né?

Melanie se levantou e apoiou a mão no vidro do insetário.

— Raso? Bom, não dá para mergulhar, mas é um bom começo. Então, se não sabemos por que sua máquina parece desligar as aranhas, é melhor descobrirmos.

Chicago, Illinois

Tinha que ser. Danny MacDowell havia torcido para o Cubs a vida inteira, apesar de ter nascido e crescido em St. Louis. Ele sofrera tormentos intermináveis por causa disso, incluindo alguns incidentes de ficar preso dentro de armários na escola, mas ingressara na Columbia College Chicago e morara na cidade durante toda a vida adulta. Só aceitou se casar com sua esposa quando ela disse que, se tivessem filhos, eles se chamariam Wrigley e Field, e havia insistido em fazer a cerimônia em dezembro porque se recusava a sair em lua de mel no meio do campeonato de beisebol.

O time teve alguns anos bons, mas foram mais anos ruins. Algum tempo antes, ele havia ido a um congresso em Las Vegas e conhecido um vendedor de Boston. Eles tomaram algumas cervejas em um bar e conversaram sobre beisebol, e o cara tinha reclamado que o Red Sox agora vencer constantemente arruinara tudo para torcedores de verdade como ele.

— Hoje em dia uma garotada com idade para dirigir não entende a importância da vitória do Sox em 2004. As pessoas meio que acham óbvio que o Red Sox vença o World Series de vez em quando. Elas não têm noção da dor. Não têm noção do sofrimento.

MacDowell respondeu que adoraria doar um pouco de sofrimento, se fosse ajudar.

Se a ideia de os Cubbies acumularem troféus era um martírio, bom, ele carregaria essa cruz com muito gosto.

Ele sempre se perguntava por que, tendo nascido e crescido em St. Louis, escolhera o Cubs em vez do Cardinals. Era algo que seu pai perguntava constantemente. Ele não teria sido muito mais feliz com o pássaro vermelho no boné, torcendo para um time que venciasse bastante? Mas não, para ele só existia a hera do Wrigley Field. O que, em termos bem simples, significava que ele tinha que suportar certa dose de sofrimento de quando em quando, e ele o suportara por tanto tempo que achava que nem todas as vitórias do mundo tirariam esse gosto da boca.

E então eles conseguiram! Ah, que dia feliz! E a melhor parte era que não tinha sido zebra. Eles estavam com tudo! Braços que pareciam lança-chamas, bola curva atrás de bola curva. Rebatedores certos e taco pesado. A abertura do campeonato devia ter sido feriado nacional, e, no dia em que a presidente Pilgrim proibiu todos os voos, os Cubbies tinham perdido só uma partida no campeonato recém-começado.

Então, claro, agora que os Cubbies estavam lindos — e não mais perdedores —, apareciam as aranhas. Devia ter sido o que os torcedores do Expos sentiram no ano em que a greve interrompeu o campeonato. Como era aquela piada antiga? Cubs na ofensiva, na frente do nono em casa, dois *outs*, dois *strikes*, o arremessador prepara, lança, e o mundo acaba.

O apartamento dele ficava no oitavo andar, e ele estava na janela olhando para o congestionamento. Havia carros parados em cima da calçada, carros batidos, carros enfiados em prédios e hidrantes. Bloqueio completo. As pessoas corriam e gritavam. Ah. E ali. Lá vinham elas.

Ele não ia sair. Não tinha para onde ir. Terminou a cerveja e voltou para ver a esposa. Eles haviam chorado e se abraçado e feito amor uma última vez, e depois ela engolira um frasco inteiro de comprimidos para dormir. Ainda estava respirando, mas ele não sabia muito bem o que isso queria dizer. Será que o remédio não foi o suficiente? Eles tinham pesquisado na internet, e devia ser mais do que o bastante. Talvez só demorasse um pouco mais para funcionar. MacDowell se inclinou e a beijou na testa. Havia outro frasco na mesinha de cabeceira, à sua espera. Ele deu um suspiro, tirou os sapatos e se deitou ao lado da esposa. Teve que tentar algumas vezes até conseguir engolir todos os comprimidos. Pensou em tirar o boné do Cubs, mas, no fim, decidiu ficar com ele.

Casa Branca

A Casa Branca não costumava ser um lugar tranquilo e relaxante. Até nas melhores épocas, sempre havia alguma crise que precisava ser resolvida. Mas, apesar de ser o chefe de gabinete de Steph no meio do primeiro mandato, Manny nunca vira o espaço daquele jeito. Frenesi era pouco para descrever a cena.

Ele achou que o telefonema da Índia seria a pior parte. Ledo engano.

Los Angeles. Chicago. Minneapolis. Denver e Phoenix e Seattle e Portland. Até Kansas City e Nashville. Cidades das quais ele nunca tinha ouvido falar espalhadas por Nebraska, Idaho e Novo México.

O Protocolo Espanhol conseguira partir o país em vários pedaços.

E agora o país estava caindo aos pedaços.

Paris, França

Bom, havia lugares piores para morrer. Foi o que Brett McNeil pensou. Ele tinha esperado a vida inteira para tirar umas férias românticas em Paris. Tinha esperado por dois casamentos com mulheres que não reconheceriam um gesto romântico nem se esse gesto fosse disparado por um canhão, e tinha esperado por cinco casos diferentes com mulheres da sua idade ou mais novas, e por dois casos com mulheres mais velhas, e por fim, já aos setenta anos e no terceiro — e que aparentemente seria o último — casamento, com uma mulher de quem ele de fato gostava, conseguira chegar a Paris.

No primeiro dia, quebrou o tornozelo. Era uma bênção o fato de ele ter se casado com Felicity. A mulher era uma heroína. Ela o trouxe do hospital e passou o resto do dia no computador do hotel e conversando com o recepcionista, resolvendo tudo: onde alugar uma cadeira de rodas, onde seria possível usar uma cadeira de rodas e como circular por Paris com um avaliador de seguros rabugento, recém-aleijado e recém-aposentado da Carolina do Norte. Ele só suportava algumas horas de passeio, mas valeu a pena. Paris tinha atendido todas as suas expectativas.

E aí vieram as aranhas. Felizmente, Paris parecia relativamente segura, e, assim que eles se deram conta de que teriam que prolongar as férias por pelo menos uma semana, porque as pessoas estavam tendo um faniquito e todos os voos foram

cancelados, a reação de Felicity foi ótima. Ela alugou um carro e os tirou da cidade por quatro dias, parando em cidadezinhas e vilarejos onde Brett imaginava tudo filmado em preto e branco.

Ele ficara preocupado, mas Felicity garantira que eles podiam pagar, então tentou relaxar. Seu tornozelo doía, e em muitos lugares era difícil, mas valeu a pena. Por que ele tinha esperado tanto para ir à França? Talvez, pensou ele, porque sabia, no fundo da alma, que seria preciso viver aquela experiência com Felicity. Devia ser porque Paris era uma cidade para ser descoberta por casais apaixonados, e ele nunca chegara a se apaixonar de fato antes de Felicity. E daí que ele tinha setenta anos? Não existia limite de idade para o amor. Se bem que, para falar a verdade, o tornozelo quebrado tinha refreado a vida sexual deles.

Mas hoje? Ah, hoje era o dia. A Torre Eiffel.

Eles a estavam reservando para o momento certo. Ele a vira, claro. Como não vê-la enquanto se atravessava Paris nos táxis? Para ele, a Torre Eiffel *era* Paris. Mas subir lá, sair na plataforma de observação à noite, ver as luzes da cidade do alto da própria torre? Eles tinham esperado. O plano original era ir lá na última noite da viagem, mas ficaram adiando mais e mais à medida que as férias eram prolongadas. Porém, como não havia previsão clara de quando os voos para os Estados Unidos seriam liberados, Felicity decidira que não adiantava mais adiar. Eles jantaram em um pequeno bistrô em uma ruazinha ao lado do hotel, perto o bastante para ele poder ir mancando com as muletas, e pegaram um táxi até a base do que devia ser uma das maravilhas do mundo moderno.

Eles pegaram o elevador e saíram na plataforma. Felicity sorria, olhava para ele e para a cidade, e Brett se deu conta de que estava chorando. Era absolutamente, decididamente...

Gritos. Buzinas. O som de carros batendo. Eles se aproximaram da beirada, para olhar para baixo, e viram as pessoas correndo em pânico.

Brett estava com medo. Os dois estavam com medo. Mas estavam com medo juntos. Brett se apoiou nas muletas para abraçar Felicity, e os dois ficaram observando o brilho de Paris. Agora havia incêndios, uma ou outra explosão, e, a oeste, uma grande porção da cidade de repente ficou escura, mas Brett percebeu que estava tudo bem para ele. Fora a Paris com a mulher que amava e subira na Torre Eiffel e vira a cidade à noite. Então, se era ali que ele tinha que morrer, não havia lugar nem companhia melhor.

Berlim, Alemanha

Eles precisaram sacrificar toda a periferia. O círculo de fogo não tinha como proteger tudo. Mas estava resistindo. O fogo ardia em uma grande circunferência irregular. As pessoas que atuavam nas barricadas, homens e mulheres responsáveis por fazer o fogo se expandir para fora, não para dentro, por alimentar as chamas com gasolina e diesel, que eram a única barreira contra as aranhas, viam os bichos se lançando nas labaredas em um ímpeto frenético para atravessar. Havia muitos relatos de que as aranhas disparavam fios de teia pelo céu e acabavam repelidas pelas ondas incessantes de calor do fogo, à medida que a teia se incendiava e produzia riscos na noite e jogava as aranhas nas chamas.

Mas estava resistindo. Estava resistindo.

Casa Branca

Manny não sabia por quanto tempo mais eles conseguiriam adiar a evacuação. O Serviço Secreto estava ficando ansioso, e chegara ao ponto em que a vontade de Steph não importava mais. Eles já haviam retirado o Primeiro Maridão, e mais da metade dos ministros e das autoridades do Senado e do Congresso tinha sido evacuada. A maioria dos políticos iria para o bunker no Tennessee, mas o Primeiro Maridão e os ministros foram levados ao USS *Elsie Downs*, a oitenta quilômetros do litoral de Delaware, perto o bastante para estar ao alcance de um helicóptero e não precisar do Air Force One.

Naquelas circunstâncias, Manny não conseguia entender a insistência de Steph em ficar na Casa Branca pelo máximo de tempo possível. Penitência? Um sacrifício por causa do Protocolo Espanhol, uma forma de se autoflagelar pela decisão de despedaçar o país e abandonar muitos americanos à própria sorte? Mas essa não era a Stephanie que ele conhecia, e foi só quando ela o chamou ao Salão Oval junto com Alex Harris, Billy Cannon e Ben Broussard que Manny se deu conta de que era uma estratégia: ela estava removendo do cômodo as vozes que não importavam.

Ele se sentou em uma das cadeiras e olhou para Broussard com respeito relutante. Tinha que reconhecer, o sujeito se superara. E Steph também, que vencera sua antipatia por Broussard e aceitara seu conselho.

— A verdade é que — disse Steph, enquanto Alex e Billy ainda estavam se acomodando — o Protocolo Espanhol funcionou.

— Você está de sacanagem? — perguntou Alex.

— Não — respondeu Steph para a conselheira de segurança nacional —, não estou de sacanagem. Vejam como a situação está ruim. Quão pior não teria sido se tivéssemos permitido liberdade de movimentação, se não tivéssemos balcanizado o país? Dá para ver em um mapa. Existe uma linha dividindo o país ao meio. Se não tivéssemos feito isso, não haveria nenhuma linha. O mapa inteiro teria desaparecido. Vocês se lembram da analogia? Cortar a perna para salvar o paciente?

— É o mesmo que se submeter a uma cirurgia para amputar uma das pernas e acabar acordando sem as pernas e também sem os braços — retrucou Alex.

Manny olhou para Alex, Steph e os dois homens. Broussard, o chefe do Estado-Maior Conjunto, cujo uniforme curiosamente ainda parecia engomado, e Billy Cannon, o secretário de Defesa, tinham um risco sombrio e apertado no lugar onde devia estar a boca.

De repente, Manny sentiu uma gargalhada começar a subir de dentro de si. Foi como se ele tivesse bebido um refrigerante rápido demais e agora o gás estava acumulado e ele precisava soltar. Não foi uma risada alta, mas pareceu tão deslocada que todo mundo se virou e olhou para ele.

— Manny? — Steph não pareceu achar graça.

— Desculpe. Sinto muito — disse ele. — Eu só estava pensando que daria qualquer coisa para lidar com algo simples, como o Vietnã ou a invasão do Iraque, ou tentar resolver as consequências de um escândalo sexual ou de Watergate. — Ele balançou a cabeça. — Nós não temos nenhuma opção boa, não é?

Billy apoiou os pés na mesinha de centro, apesar de o móvel datar da época do governo Lincoln.

— Não com armas convencionais. Berlim parece estar resistindo, e vamos tentar a mesma estratégia em Nova York, mas calculamos no máximo vinte por cento de chance de não haver alguma colônia de ovos já prestes a eclodir em algum ponto de Manhattan. Se tivermos sorte e as aranhas não estiverem lá ainda, talvez dê certo. — Ele olhou o relógio. — A ponte do Brooklyn e o túnel Lincoln já estão interditados, e todos os outros pontos de entrada e saída devem ser bombardeados nos próximos quarenta minutos. Depois disso, a força aérea vai destruir tudo entre as ruas 125 e 150 para criar uma área de segurança, e então a esperança é que eles consigam manter as chamas por tempo suficiente para impedir a invasão das aranhas.

— Quanto tempo é suficiente? — perguntou Steph.

Ninguém respondeu.

— Ora, porra, descubra! — gritou ela para Manny. — Ligue para a porra da sua esposa e me dê uma resposta.

Ele não a corrigiu, não lembrou que Melanie era sua ex-esposa, mas voltou a conferir o telefone. Fazia quanto tempo que não falava com ela, dois dias? Tinha

telefonado, e ela não retornara a ligação, e depois ele não teve a chance de tentar de novo. Ou seja, não teve chance de contar para ela a conversa com o diretor da CIA, a sugestão esquisita de que eles deviam investigar o Peru.

— O isolamento de Nova York serve nas duas hipóteses — continuou Billy. — Se já houver aranhas em Manhattan, elas vão ficar contidas e não se espalharão para outros lugares na costa leste, e se ainda não houver aranhas em Nova York, talvez assim elas continuem fora. Ainda não temos nenhum surto confirmado a leste de Chicago, mas elas vão chegar. A esta altura, a nossa esperança é só criar alguns santuários. Ben?

Broussard se inclinou para a frente.

— O Corpo de Engenheiros do Exército, desculpem o linguajar, está explodindo a porra toda o mais rápido possível, e a força aérea não para de queimar combustível. Viadutos, elevados, pontes, praticamente toda rodovia ou estrada importante que dá para ser atingida nós estamos atingindo. Vai ser uma faxina dos infernos. — Ele tossiu. — Mas sinto muito, senhora presidente, acho que não temos escolha. Chicago já era. Tudo a oeste de Chicago está condenado, e, por mais que a gente destrua estradas e rodovias, algumas pessoas vão conseguir se deslocar. Temos que redefinir a linha divisória.

Steph o encarou.

— Redefinir para onde?

— Fazer uma linha grosseira de Buffalo a Pittsburgh, e dali a Charlotte e Jacksonville, cortando o país de norte a sul. Para falar a verdade, precisa ignorar a fronteira e ir mais ao norte também, para além de Toronto. As aranhas não vão respeitar o princípio de soberania internacional. A gente sabe que essas aranhas conseguem se deslocar por conta própria, mas não vão muito longe nem são tão rápidas. Elas dependem de hospedeiros humanos. Então precisamos supor que qualquer lugar onde as pessoas puderem atravessar vai ter pelo menos alguns hospedeiros no meio. Eu sei que parece uma expansão drástica, mas, se houver partes do país que ainda podem ser salvas, não temos mais tempo a perder, e agora não é o momento de sermos conservadores. Por mais rápidos que sejamos com armas convencionais, só podemos dificultar viagens até certo ponto.

Ele não falou o óbvio. Deixou nas mãos de Steph.

— Temos que transformar tudo a oeste de Buffalo em um deserto — disse ela. — Voltamos a considerar as bombas atômicas.

Oxford, Mississippi

Santiago não podia fazer muito mais do que aquilo. Apesar das luvas de proteção, suas mãos estavam cheias de bolhas, e ele sabia que sua esposa e Oscar estavam exaustos. Oscar era um garoto forte, mas tinha só onze anos, e Santiago o fizera trabalhar muito. Até a sra. Fine, a vizinha octogenária deles, havia colaborado, pintando as placas de compensado que ele tinha feito com as palavras SEM GASOLINA.

O que era mentira. Ele havia coberto as janelas da loja de conveniência com tábuas de madeira — a sra. Fine também pintara essas com SEM GASOLINA e FECHADO —, mas os tanques subterrâneos tinham sido reabastecidos só algumas semanas antes do começo do desastre. Ele tinha bastante gasolina e estava usando tudo.

Ele havia demolido a casa da sra. Fine e cercado as propriedades dele com uma trincheira, cavando-a o mais longe possível da casa, do posto de gasolina e da loja. Ele havia cavado fora dos limites dos terrenos, imaginando que a polícia de Oxford estaria ocupada com outros problemas. Quando as pessoas passavam e perguntavam o que ele estava fazendo, ele respondia que estava construindo um fosso. As pessoas riam e geralmente faziam algum comentário engraçadinho de que aquilo não impediria as aranhas.

Mas não foi à toa que Santiago havia reservado a gasolina.

Ele comprara centenas de sacos de carvão. Todo carvão que conseguiu achar em mercados e lojas de ferramentas e outros postos de gasolina em Oxford. E aí, quando não encontrou mais carvão, encheu a picape de madeira e fez ainda mais idas à loja de ferramentas. Depois, comprou o que parecera uma quantidade absurda de isolante térmico e, por fim, pulverizadores de alta pressão. Os pulverizadores não eram a melhor solução — ele achou uma dúzia de pulverizadores industriais de quinze litros e alças para colocá-los nas costas, mas os outros eram versões portáteis de quatro ou oito litros —, mas teriam que dar conta.

Santiago finalmente terminara de preparar tudo bem naquela manhã. A esposa dele expulsara inúmeras pessoas que apareciam para tentar comprar gasolina. Pessoas que estavam tentando fugir. Elas chegavam em sedãs cheios de universitários ou em vans cheias de crianças, com malas amarradas em cima. Ele se sentia mal por recusar todo mundo, mas precisava proteger sua família, e aquelas pessoas não conseguiriam ir para lugar nenhum. Quando a maioria das pessoas se deu conta de que precisava fugir, o governo já estava lançando bombas. Ele tinha escutado as explosões de quando as Rodovias 6 e 7 foram destruídas.

Mas para ele não importava. Os Garcia não podiam fugir. Não com a filha deles. Sua esposa estava dentro de casa agora com Juliet, dando o remédio dela e preparando o banho. Normalmente, Santiago ajudava com os banhos, mas ele estava de guarda, e Oscar se oferecera para ajudar a tirar Juliet da cadeira de rodas e a entrar e sair da banheira.

Santiago estava sentado em uma cadeira dobrável do lado de fora da loja de conveniência, perto das bombas de gasolina, com a escopeta sobre as pernas. Nunca chegara a disparar a arma, mas, depois de encarar o cano de uma arma pela primeira vez só um mês depois que ele e a esposa adquiriram o posto de gasolina e a loja de conveniência, Santiago comprara a escopeta. Era reconfortante segurá-la agora, embora soubesse que não adiantaria nada contra aranhas.

O sol esquentava seu rosto. Estava cansado, e parte dele achava que não teria problema fechar os olhos por alguns segundos. Mas aí ele escutou os gritos.

Ele se levantou de um salto, pegou o binóculo e correu até a borda da trincheira, que estava bem junto da rua. A rua era reta e desimpedida, e com o binóculo ele conseguia enxergar por mais de um quilômetro. Levou um segundo para ajustar o foco, e quando terminou...

Ele largou o binóculo e correu. Não havia tempo a perder.

Gritou para a casa, primeiro em espanhol, depois em inglês, ao se dar conta de que sua esposa e Oscar estavam dando banho em Juliet e talvez a sra. Fine tivesse que alertá-los. Se ele corresse, se todo mundo corresse, tudo daria certo. Ele havia gastado cada centavo que pudera juntar, estourado os limites dos cartões de crédito intocados que deviam ser reservados para emergências e trabalhado à exaustão. Ele fizera absolutamente tudo o que conseguira pensar.

Menos arranjar um isqueiro.

Meu Deus. Ele tinha se esquecido de arrumar um isqueiro.

Puxou as chaves do bolso e ficou mexendo nelas para tentar entrar na loja. Precisou tentar três vezes até conseguir enfiar a chave na fechadura. Do lado de dentro, ele derrubou um mostruário inteiro de isqueiros. Havia discutido com esposa se deviam vender cigarros e isqueiros, mas, no fim das contas, era muito dinheiro para recusar, e naquele instante ficou feliz por isso. Pegou dois isqueiros que tinham caído no balcão, deu meia-volta e correu para fora.

Já estava ouvindo uma confusão de gritaria, buzinas e até alguns tiros. Foi correndo até a trincheira.

Santiago havia distribuído uma camada uniforme de carvão por toda a vala e depois cobrira com a madeira comprada nas lojas de ferramentas. Mais de trinta mil dólares em carvão e tábuas e qualquer pedaço de madeira que ele conseguiu comprar e levar para casa na picape. E depois ele embebera tudo de gasolina. Bombeara o tanque praticamente sem parar, encharcando o carvão, a madeira e a terra da vala. Tinha sido o mais discreto possível, com medo de que as pessoas vissem o que ele estava fazendo com a gasolina e insistissem que ele abastecesse seus carros. Mas precisava fazer aquilo. Encharcara a vala e depois enchera metade dos pulverizadores. O quintal fedia tanto a gasolina que dava para sentir o cheiro a mais de trinta metros de distância. O maior medo de Santiago, além das aranhas, era que a gasolina talvez acabasse evaporando rápido demais.

Ele ergueu o rosto e viu uma mulher correndo pela rua. Ela não parava de olhar por cima do ombro.

Santiago havia demorado tempo demais procurando um isqueiro.

Ele o acendeu e se abaixou para aproximar a chama de um pedaço de madeira que estava para cima da beirada da vala.

No início, a chama foi surpreendentemente branda. Uma labareda azul de fogo do tamanho de um livro. Mas depois, com o som de um tornado, a labareda se espalhou rápido para dentro da vala e cresceu para a esquerda e para a direita, e então subiu.

Santiago caiu sentado quando o fogaréu ascendeu. Ele se arrastou para trás, estapeando o cabelo, com medo de que tivesse pegado fogo, mas era só o calor da trincheira, já incômodo. Não foi exatamente a bola de fogo explosiva que aparecia nos filmes, mas *foi* quase um inferno instantâneo em volta da propriedade.

Ele viu um carro acelerando pela rua, e depois um garoto pedalando furiosamente uma bicicleta, mas o fogo da trincheira já estava subindo aos céus, obscurecendo a vista.

Santiago viu Oscar sair da casa e correr até a lateral, onde a mangueira estava presa, tal como ele orientara o garoto. Havia revestido a casa com mantas de isolamento de lã mineral, que foi o material mais resistente a chamas que ele achou na cidade. Oscar começou imediatamente a molhar as paredes e o telhado. A sra. Fine saiu também e pegou um dos pulverizadores menores cheios de água.

Santiago se virou e olhou para o fogo. Era um monstro magnífico. Ele tinha enchido alguns pulverizadores com gasolina, mas não sabia se deveria usá-los. Eles certamente não tinham sido feitos para resistir a calor elevado, e Santiago não queria se transformar em uma tocha humana.

Ele forçou a vista e olhou mais atentamente para o fogo. Viu vultos do outro lado. Corpos. Gente correndo e caindo. Coisas pequenas rastejando e se mexendo. Mas o fogo manteve tudo afastado.

A dúvida era: até quando?

Memphis, Tennessee

Uma semana antes, ela se trancara em seu apartamento conjugado e vedara as frestas em volta da porta com fita isolante. Ela tinha um pouco de epóxi e passara mais ou menos uma hora vedando tudo o que conseguiu pensar com epóxi ou fita isolante. A princípio, ficou com medo de que acabasse se asfixiando, mas, até quando começou a fazer um calor absurdo no apartamento, ela conseguia respirar sem problemas. E então era só esperar.

Até hoje. Agora.

A água tinha acabado no dia anterior, mas, até uma hora atrás, ela ainda tinha luz. Quando essa acabou também, ela ficou aliviada de que ainda era dia. Já era ruim olhar pela janela do segundo andar e ver as pessoas correndo em pânico, e depois...

As aranhas.

Ela queria se afastar da janela, mas algo parecia tê-la colado ali, observando. Nem quando a primeira aranha rastejou pelo vidro, e mais, e mais, tampando a luz, transformando seu apartamento em uma caverna escura, nem assim ela conseguiu sair de perto da janela.

National Institutes of Health, Bethesda, Maryland

Joe Branquelo, Espingarda e Gordon entenderam ao mesmo tempo. A cabo Kim Bock entendeu um segundo depois: só tinha sobrado um helicóptero no estacionamento.

— Bom — disse Gordon, sem emoção —, é a última vez que eu peço um helicóptero pelo celular.

— Isso é absurdo — disse Melanie. — A gente devia estar indo embora. Um helicóptero consegue levar quantos passageiros?

— Neste? Seis — disse a piloto. — Não tive tempo de reabastecer antes de vir para cá. Mas, se vocês abrirem mão das malas e não se incomodarem de se apertar, dá para dar um jeito. Pode ser que a gente aumente para sete. — Ela olhou para Claymore, que estava deitado no chão do estacionamento, arfando. — E o cachorro também, talvez. Vamos estar com o tanque quase zerado quando chegarmos ao porta-aviões, mas vai dar. Vou abastecer e voltar para buscar o resto de vocês logo em seguida. Vai ser uma confusão, mas acho que consigo voltar em cinco, seis horas. Mas, enquanto isso, alguns de vocês vão ter que esperar.

Haaf pigarreou.

— Mulheres primeiro, eu acho — disse ele. — Eu fico.

A piloto balançou a cabeça.

— Sexismo à parte, tenho ordens explícitas. A dra. Guyer e todos os cientistas antes, e depois civis secundários.

O segundo-sargento Rodriguez deu um passo à frente.

— A capitã Ripps está sendo educada, senhor. Na verdade, a ordem é para garantir que o senhor e seus colegas embarquem no helicóptero. Ninguém tem escolha. Sob ameaça, se necessário. São cinco lugares para os doutores Guyer, Dichtel, Haaf, Nieder e Yoo.

— Tecnicamente — disse Julie —, eu sou doutoranda e não...

— Agora não, Julie — disparou Melanie.

Rodriguez se virou para Fred, Amy, Gordon, Espingarda e Teddie.

— Assim, um de vocês, ou dois, se a capitã Ripps acha que o cálculo está certo, pode ir junto. E, por mais que eu quisesse que fosse diferente, fui autorizado a usar de força letal para garantir que a dra. Guyer e seus colegas sejam os primeiros a partir. Mas, óbvio, a gente preferiria não ter que atirar em ninguém, porque, bom, eu sei que não é muito profissional da minha parte, mas vocês todos parecem bem legais.

Teddie deu de ombros.

— Eu fico. Dane-se. Vou gravar um vídeo e, se a gente não morrer, depois eu ganho um Emmy por reportagem.

Espingarda se virou para Fred, mas Fred falou primeiro.

— Juro por Deus que arranco o seu couro se você sequer sugerir que eu vá sem você.

Para a surpresa de Gordon, Amy falou em seguida.

— Não, Fred. Nós vamos. Você e eu. — Ela estava tentando não chorar. — Tem que ser. Você ouviu o que a piloto disse. Ela vai voltar logo, mas, se acontecer alguma coisa antes, você sabe tão bem quanto eu que a gente só ia atrapalhar. Gordon e Espingarda sabem se cuidar, mas não vão conseguir se cuidar se tiverem que cuidar da gente também. Nós vamos ser uma distração, e isso não vai proteger eles.

Houve um pouco de discussão, mas Amy venceu.

Kim viu Amy se despedir de Gordon, viu Fred se agarrar a Espingarda, os casais se beijarem, se abraçarem, chorarem, e depois Gordon e Espingarda recuaram enquanto seus cônjuges iam com os cientistas para o helicóptero. A piloto deu partida e fez sinal de positivo para Kim. Ela se aproximou, segurando a coleira de Claymore. O cachorro balançava o rabo e arfava. Kim não se incomodou de ver Amy entrar no helicóptero, de ver Fred entrar no helicóptero, mas aquele cachorrão bobão a fez sentir um aperto no peito.

— Ah, pelo amor de Deus — disse Kim.

Ela se abaixou e pegou o labrador marrom. Claymore virou a cabeça e lambeu o rosto dela, e ela se desequilibrou um pouco. Apesar do jeito torto como o segurava, o cachorro ainda balançava o rabo. Ela o ajudou a colocar as patas dianteiras no

helicóptero, empurrou-o para ele terminar de entrar e fechou a porta. Estavam bem apertados, mas Kim não quis olhar. Ela se virou e foi até onde Sue, Duran e Elroy estavam recostados em um VTL.

O zumbido dos motores aumentou, os rotores começaram a girar, e então o ar espalhou terra e detritos na direção deles.

Kim viu o helicóptero subir no ar e, não pela primeira vez, pensou que aquilo parecia um inseto. E então o helicóptero se inclinou para a frente e saiu rumo ao mar. Ela olhou para Espingarda, Gordon e Teddie. Os três estavam olhando para o helicóptero, e ela imaginou que continuariam olhando até bem depois de ele sumir de vista.

Duran tirou o capacete.

— Bom — disse ele —, se aquela piloto não voltar, a gente vai de ônibus?

— Ela vai voltar — afirmou Kim. — Ela falou que ia voltar, não é?

Duran começou a responder, mas antes pigarreou.

— Espero que sim. Espero que sim. De qualquer jeito, a gente precisa tomar conta de alguns civis — disse ele, indicando Espingarda, Gordon e Teddie.

Kim assentiu.

— É, mas a grande dúvida é: a gente vai tomar conta deles ou se eles é que vão tomar conta da gente?

Espingarda, que evidentemente estava ouvindo, se virou para ela.

— Não. A dúvida não é essa. A grande dúvida é: como é que a gente acaba com aquelas malditas?

Denver, Colorado

Ela saiu das sombras.

As pequenas, milhares delas, cobriam as paredes e o teto e rastejavam à sua volta enquanto ela avançava lentamente. Havia alguns casulos de teia pelo chão, cascas vazias de comida que antes tinham sido quase do tamanho dela. Ela passou devagar pelo meio dessas com suas pernas longas e grossas. Mas não tinha problema ir devagar. Ela não tinha pressa. Sabia que havia mais das pequenas do lado de fora. Dezenas e dezenas de milhares, perto o bastante para alimentá-la, e mais longe havia mais. Muito mais.

E ela sabia que havia outras como ela, também saindo para a luz.

EPÍLOGO

Positano, Itália

Os alto-falantes nas praças dos restaurantes tocavam música por cima do som das ondas batendo nas pedras. Mas um ouvido atento escutaria também o ruído suave rastejante de aranhas se espalhando por cima de rochas e azulejos, andando em algodão e linho.

Não havia ninguém na rua para escutar.

Os gritos haviam cessado horas antes.

Mas isso não significava que não restava ninguém vivo em Positano. Ainda havia muitas pessoas, talvez milhares, escondidas atrás de persianas, encolhidas em banheiros trancados, e até umas poucas ignorantes que haviam dormido durante o caos e que agora estavam de pé nas varandas, se perguntando por que aquele paraíso das férias estava tão silencioso.

Esses foram os sortudos, porque os outros que ainda estavam vivos passavam por algo muito, muito pior. Esses teriam gritado se pudessem, teriam berrado de dor e de medo por estarem embrulhados vivos em teias, por estarem completamente paralisados.

À espera.

Havia outras coisas vivas em Positano além de turistas. Muitas coisas vivas em

Positano. Aranhas rastejando, se reproduzindo, comendo constantemente. Dezenas de milhares de aranhas, centenas de milhares.

Cozad, Nebraska

O povo de Cozad, Nebraska, era temente a Deus. O que para Bobby Higgs estava ótimo. Foi até ali que ele conseguiu chegar antes de as bombas começarem a cair e a rodovia ficar intransponível. Quando chegaram a Cozad, a van que o pegara encontrara outros doze veículos que faziam parte da procissão original de Los Angeles. Eles tinham começado a se chamar de doze discípulos, e Bobby deixara rolar.

Com aqueles doze veículos — quase trinta adultos e praticamente a mesma quantidade de crianças entulhadas em carros e picapes e vans —, Bobby imediatamente causara sensação em Cozad. Em quarenta e oito horas, quase um quarto dos mil habitantes de Cozad já estava pronto para marchar com o profeta Bobby Higgs.

Eles se mantiveram fora das rodovias devastadas, seguindo por estradas vicinais e marchando por campos de plantações, avançando apenas dezesseis, dezessete quilômetros por dia, mas, no terceiro dia de marcha, seus números já haviam começado a crescer.

Oceano Atlântico, litoral de Delaware

De alguma forma, enquanto o helicóptero voava rumo ao porta-aviões, o cachorro acabou indo parar no colo de Melanie. Ela sentia o bafo quente de Claymore no rosto, e a cientista começou a se perguntar como o cachorro conseguira ir da Califórnia até Washington e agora para o que talvez fosse um dos últimos lugares seguros da Terra. Ela abraçou o cachorro com força e coçou a barriga dele. Viu Amy aninhada nos braços de Fred. Os dois não pararam de chorar um segundo.

Melanie compreendia.

Nazca, Peru

Se eles não estivessem trabalhando em plena luz do dia, Pierre talvez tivesse mijado nas calças. O dr. Botsford parecia fascinado, mas Pierre só achava tudo aquilo assustador. Eles voltaram ao local onde a primeira bolsa de ovos foi encontrada, para ver se havia alguma coisa embaixo de onde eles tinham parado de escavar. Trabalharam com cuidado, mas haviam cavado só mais uns quinze centímetros quando Beatrice achou um osso.

Para ser mais preciso, um fêmur. Um fêmur que, segundo o dr. Botsford, fora alvo de um calor intenso. Quando ele disse isso, foi fácil ver o ponto em que o osso tinha rachado e o tutano brotara e vazara do meio.

E então eles descobriram outra bolsa de ovos.

Uma bolsa de ovos já teria sido bem ruim, mas Pierre lembrou que a que ele havia mandado para Julie era poeirenta e fria. Parecera uma coisa estranha e morta quando ele a enviara por FedEx. Mas aquela bolsa de ovos. Ah, aquela bolsa. Ele queria chorar. Ele realmente queria mijar nas calças. Aquela bolsa de ovos estava morna. Talvez pudesse ser só por causa do sol da tarde, mas ela também estava grudenta, e dava para sentir na mão uma vibração muito sutil. Pierre precisou se esforçar muito para não gritar com o dr. Botsford e os outros bolsistas quando eles levaram mais de vinte minutos em um debate quanto ao que fazer, do jeito que só acadêmicos

conseguiram debater sobre algo que tinha uma resposta tão óbvia. O alívio de Pierre quando eles finalmente entraram em acordo foi refreado pelo fato de que ele seria o encarregado de levar a bolsa de volta até o acampamento. E depois teve que se sentar e esperar enquanto Cynthia preparava uma fogueira grande e forte, sem saber se a bolsa estava mesmo esquentando, se a pulsação estava ficando mais forte. Quando eles decidiram que o fogo estava quente o bastante, Pierre mal conseguiu se obrigar a pegar a bolsa de ovos.

Ele queria colocá-la cuidadosamente no meio da fogueira, mas as chamas estavam quentes demais. Ele acabou largando de qualquer jeito e se afastou correndo, com braços e pernas doloridos e sobrelhas chamuscadas.

Durante alguns segundos, parecia que não estava acontecendo nada, mas aí, no meio do carvão em brasa e das chamas fortes, eles viram a bolsa pegar fogo. Um lado começou a ficar dourado e, depois, preto, e Pierre só conseguiu pensar em marshmallows tostados. Ele ouviu Beatrice prender a respiração e se deu conta de que não estava vendo uma miragem causada pelo calor e pelo fogo: a bolsa de ovos estava tremendo, vibrando. E então, com um barulho alto de rachadura, uma linha apareceu na lateral da carapaça.

Ele tremeu. Todo mundo tremeu. Até o dr. Botsford, que aparentemente não entendia as consequências daquelas aranhas no mundo real, deu um passo para trás.

Durante talvez um piscar de olhos, Pierre achou que as aranhas dentro da bolsa pulariam para fora, mas a abertura era pequena demais. Ele viu uma única pata assustadora se aventurar pela rachadura, mas então o calor do fogo a transformou em algo muito pior e fez a pata se retorcer e encolher. A bolsa fez outra rachadura, mais larga, e depois se abriu de vez, mas as aranhas dentro — eram tantas que Pierre ficou sem ar — estavam imóveis. Enquanto a fúria do fogo as consumia, elas ardiam e estouravam como seiva em uma tora de madeira. Eles ficaram observando o fogo até a bolsa de ovos e todas as aranhas serem reduzidas a cinzas e brasas.

Ninguém conversou muito durante o jantar, e ninguém sugeriu voltar ao local com lanternas depois de comer. A ideia de ir até lá à noite, das sombras criadas por luzes artificiais, de descobrir mistérios milenares, de talvez topar com mais uma bolsa de ovos — ou algo pior, algum aviso ancestral —, era pesada demais.

National Institutes of Health, Bethesda, Maryland

O grupo parou na frente da câmara de pressurização da unidade de biocontenção.

Teddie segurava uma câmera de vídeo, mas Kim realmente não sabia de onde aquilo tinha saído. Ela filmava enquanto Espingarda batia no vidro.

— Será que você pode não fazer isso? — pediu Gordon.

— O quê? — Espingarda parecia muito inocente.

Kim olhou para as aranhas do outro lado do vidro. Havia centenas. Mas ela sabia que aquilo não era nada em comparação com o que estava para chegar.

— Você está deixando elas agitadas — respondeu Joe Branquelo.

Espingarda sorriu.

— Acho que elas são naturalmente agitadas.

— Tudo bem — disse Gordon —, mas não vejo motivos para aticar ainda mais.

Kim chegou mais perto e apoiou a mão aberta na caixa. Na mesma hora, as aranhas mais próximas dela começaram a se jogar contra o vidro, tentando alcançá-la.

— Você tem certeza disso?

— Não — respondeu Espingarda. — Mas faz sentido. A gente está torcendo para aquela piloto voltar daqui a algumas horas, mas, se ela não voltar, talvez a gente tenha que se virar sozinho por um bom tempo. Se precisarmos de abrigo, é melhor

ficar ali dentro do que aqui fora. Se as aranhas não conseguem sair da área de biocontenção, imagino que também não vão conseguir entrar. A gente só precisa matar essas aranhas, armazenar suprimentos e montar nosso próprio quartinho do pânico. Bom, não é um quartinho. Acho que devem caber o quê, umas cinquenta pessoas ali dentro, se a gente não se incomodar com calor humano.

— Tudo bem — disse Gordon —, faz sentido. Então você vai usar o Spinal Tap nelas?

Joe Branquelo franziu as sobrancelhas.

— Spinal Tap?

Espingarda fez um gesto com a mão.

— Piada interna. Mas não. Acho que não adiantaria. Ele parece deixar elas confusas, mas o efeito não é forte o bastante, e não quero arriscar.

— Então... Como a gente vai tirar as aranhas para entrar ali e se esconder?

Espingarda mordeu o lábio.

— Boa pergunta.

Marine One, acima de Washington

Eles subiram rapidamente e sobrevoaram a cidade em um comboio denso. No solo, Manny via as ruas congestionadas. Eles estavam a trezentos metros de altitude, e, com o estrondo dos rotores e os headphones, era impossível ouvir o barulho lá embaixo. Mas ele imaginava. Carros buzinando, pessoas gritando, crianças chorando. As aranhas ainda não tinham chegado, mas talvez fosse apenas questão de tempo.

Ele olhou para Steph. Ela estava de mãos entrelaçadas, olhando pela janela. Manny fora o mais franco possível com ela: eles haviam perdido pelo menos metade do país. Não havia mais condições de agir com moderação. Precisavam atingir a maior quantidade possível de áreas metropolitanas relevantes, e precisavam eliminar oitenta por cento do país.

Steph finalmente olhou para ele e assentiu.

Era hora de liberar os cães do inferno. Não havia mais nada que pudesse ser salvo. Terra arrasada.

Lago Soot, Minnesota

Os dedos de Annie deixavam o fio de nylon escapar o tempo todo, mas ela não queria que Mike ajudasse.

— Eu consigo, papai.

Ela estava com a ponta da língua para fora da boca, e Mike adorava cada segundo. Ele adorava o fato de ela o observar com muita atenção enquanto ele amarrava o próprio anzol e querer aprender a fazer também. Ele adorava o fato de que ela riu da confusão embolada que acabou fazendo, em vez de um nó de verdade, e pegou uma das minhocas que tinha tirado do barro atrás da casa e prendeu pessoalmente no anzol. Eles estavam sentados na ponta do atracadouro, com os pés afundados na água fria, e Annie lançou a linha longe. A boia caiu com um som reconfortante, junto com a minhoca e o anzol.

Mike não estava exatamente relaxado. Mas se sentia bem. Se eles administrassem bem, a comida que tinham duraria um mês. Até mais, se ele e Annie conseguissem pegar alguns peixes. Mike tinha tempo para resolver o que fazer. Eles sobreviveriam.

Então foi como se uma lâmpada acendesse do outro lado da sala. Brilhava mesmo sob a luz do dia. Brilhava mesmo vindo lá de Minneapolis. Ele percebeu imediatamente o que era.

— Para dentro agora, linda — disse Mike.

— Mas, papai, eu quero pegar um peixe.

— Agora. Sem discutir. Fale para Rich e sua mãe que eu preciso de todos os sacos de lixo e rolos de fita isolante que a gente tiver.

— Por quê?

— Depois eu explico, tudo bem? Mas agora vá logo.

Ele pegou a vara de pesca dela e recolheu a linha. Houve outro clarão. Será que o som chegaria até ali? Não. Ele duvidava. Mas haveria uma nuvem radioativa. Mike calculava que eles estavam longe o bastante para não pegar a pior parte, e não havia nenhuma cidade perto do lago Soot que valesse o gasto de uma bomba atômica. Não fazia sentido explodir um monte de mato.

Eles fechariam as janelas e as cobririam com sacos de lixo, vedariam a maior quantidade possível de frestas e passariam alguns dias dentro de casa, e depois ele veria qual era a situação.

Eles ficariam bem.

Mike olhou quando Annie passou pela porta da cabana.

Ele garantiria que ficariam bem.

Agradecimentos

Caro leitor, obrigado por desbravar estes livros. Peço desculpas por qualquer coceira que talvez tenha acompanhado a experiência de leitura. Incluí estes agradecimentos porque, embora eu passe muito tempo escrevendo sozinho, é preciso um grupo grande para levar um livro da mesa do autor até as suas mãos. Então espero que reserve alguns segundos para ler todos estes nomes. Obrigado:

Na Emily Bestler Books/Atria: Emily Bestler, David Brown, Judith Curr, Suzanne Donahue, Lara Jones, Hillary Tisman e Albert Tang. Na Penguin Random House Canada: Anne Collins, Josh Glover, Jessica Scott e Matthew Sibiga. Na Gollancz, um selo do Orion Publishing Group: Marcus Gipps, Stevie Finegan, Craig Leyenaar, Jennifer McMenemy, Gillian Redfearn e Mark Stay.

Na Clegg Agency: o extraordinário agente literário Bill Clegg, e Chris Clemans, Marion Duvert, Henry Rabinowitz e Simon Toop. Na Anna Jarota Agency: Anna Jarota e Dominika Bojanowska. Na MB Agencia Literaria: Mònica Martín, Inés Planells e Txell Torrent. Na United Agents: Anna Webber.

Na William Morris Endeavor Entertainment: Erin Conroy e Anna DeRoy, matadoras com sangue frio.

Agradeço à MacDowell Colony pelo tempo e pelo espaço com que me presentearam. E pelo almoço.

Alex, Ken, Ken, Mike, Shawn, Will.
Minha família. É. Todo mundo.



EZEKIEL BOONE mora no norte do estado de Nova York, com a esposa, os filhos e dois cachorros desobedientes. Este é o segundo livro da trilogia que começou com *A colônia*.

Website: www.ezekielboone.com

Twitter: [ezekiel_boone](https://twitter.com/ezekiel_boone)

Copyright © 2017 by Ezekiel Boone, Inc.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Skitter

Capa

Guilherme Xavier

Ilustração de capa

Ruslan Kokarev/ Creative Market

Preparação

Carolina Vaz

Revisão

Érica Borges Correa e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-5451-009-1

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-3940

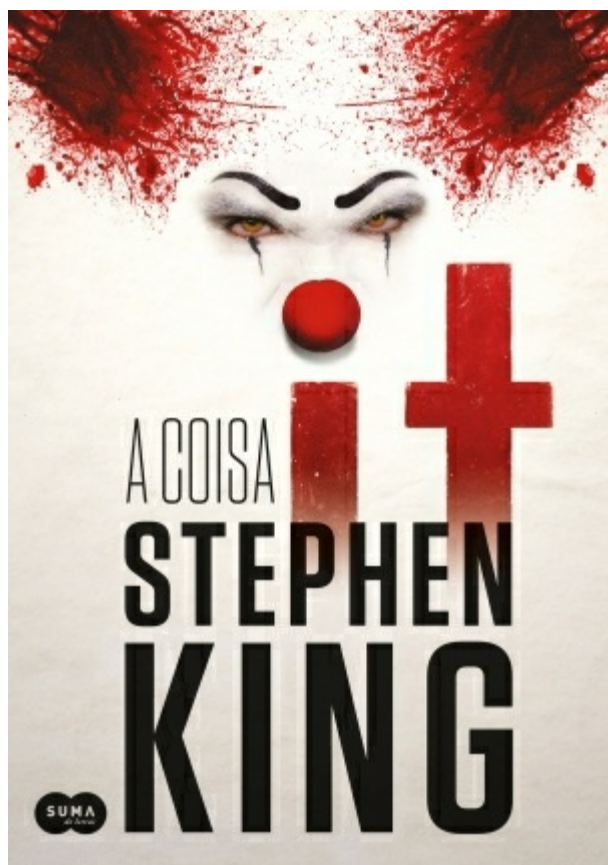
www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorasuma

instagram.com/editorasuma

twitter.com/Suma_BR



It: A coisa

King, Stephen

9788581051529

1104 páginas

[Compre agora e leia](#)

O clássico de Stephen King em nova edição. Durante as férias escolares de 1958, em Derry, pacata cidadezinha do Maine, Bill, Richie, Stan, Mike, Eddie, Ben e Beverly aprenderam o real sentido da amizade, do amor, da confiança e... do medo. O mais profundo e tenebroso medo. Naquele verão, eles enfrentaram pela primeira vez a Coisa, um ser sobrenatural e maligno que deixou terríveis marcas de sangue em Derry. Quase trinta anos depois, os amigos voltam a se encontrar. Uma nova onda de terror tomou a pequena cidade. Mike Hanlon, o único que permanece em Derry, dá o sinal. Precisam unir forças novamente. A Coisa volta a atacar e eles devem cumprir a promessa selada com sangue que fizeram quando crianças. Só eles têm a chave do enigma. Só eles sabem o que se esconde nas entranhas de Derry. O tempo é curto, mas somente eles podem vencer a Coisa. Em It: A Coisa, clássico de Stephen King em nova edição, os amigos irão até o fim, mesmo que isso signifique ultrapassar os próprios limites.

[Compre agora e leia](#)



O Livro das Sombras: La Belle Sauvage

Pullman, Philip

9788554510077

434 páginas

[Compre agora e leia](#)

O tão esperado novo livro do autor de A bússola de ouro! Phillip Pullman volta ao mundo da trilogia Fronteiras do Universo, para outra aventura eletrizante envolvendo daemons, aletômetros, o Magisterium e, claro, o Pó. La Belle Sauvage é o primeiro volume de uma nova trilogia chamada O Livro da Sombras, e se passa dez anos antes dos acontecimentos de A Bússola de Ouro, se centrando em Lyra e Pantalaimon, ainda bebês. Apesar de ser uma história diferente, os fãs de Fronteiras do Universo vão reconhecer muito do mundo e dos personagens que povoam La Belle Sauvage. Enquanto o protagonista, Malcolm, se envolve em uma assustadora aventura para tentar salvar a pequena Lyra das garras do Magisterium, outros mistérios e vilões surgem para complementar a trama que já conhecemos tão bem.

[Compre agora e leia](#)

"A rebeldia cúmplice de dois adolescentes transformada
pouco a pouco numa indomável história de amor." - *La Repubblica*

Paola Predicatori
MEU INVERNO
EM ZEROLÂNDIA



Meu inverno em Zerolândia

Predicatori, Paola

9788581052298

184 páginas

[Compre agora e leia](#)

Romance de estreia da italiana Paola Predicatori, "Meu inverno em Zerolândia" é a história de uma perda, da vida escolar conturbada e dos caminhos desajeitados e incertos que o amor pode tomar. Alessandra tem 17 anos quando sua mãe morre. Sua dor é como uma redoma e quando retorna à escola, se afasta dos amigos e vai sentar junto a Gabriel, conhecido como Zero, a nulidade da turma. Deseja apenas ser ignorada, como acontece com ele. Zero, porém, é mais interessante do que parece. Em sua falsa indiferença, é atento e sensível. É ele quem socorre Alessandra, aparecendo inesperadamente ao seu lado quando ela precisa de ajuda. Viram um par: Zero e Zeta. Aos poucos, um sentimento indefinível ganha forma entre as paredes da classe e a praia de inverno, surgindo uma história delicada e forte que mudará para sempre a vida desse casal de adolescentes. De maneira realista, "Meu inverno em Zerolândia" mostra a juventude italiana e seu cotidiano, em uma história dura e envolvente, capaz de mostrar que a soma de dois zeros não é zero, mas sim dois.

[Compre agora e leia](#)



Os olhos do dragão

King, Stephen

9788581051550

216 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um conto de fadas escrito pelo mestre do terror? Pode parecer estranho, mas o Os olhos do dragão é um livro de características bem diferentes das demais obras de Stephen King. Segundo o escritor, esse romance surgiu do desejo de criar algo especial para a sua pequena filha, Naomi. Surgiu, então, a idéia de uma fábula. O resultado é uma história sobre o amor fraternal na qual o autor se dirige ao leitor como se estivesse contando uma lenda em voz alta. O livro conta a história de um reino chamado Delain onde viviam Sua Majestade, Rolando, a rainha Sacha e seus filhos, Pedro e Tomas. Apesar de ser esforçado, Rolando não tinha carisma e era considerado um rei medíocre. Quem contava com a simpatia e o respeito do povo era a rainha. Essa admiração alimentava o ódio de um perigoso inimigo — Flagg, o feiticeiro, um influente conselheiro nas decisões reais. Mas eis que Sacha morre misteriosamente. E Flagg, que planejava dominar o reino, começa a agir. Elimina o tolo Rolando; em seguida, afasta Pedro do trono levando ao poder o pequeno Tomas, a quem Flagg tinha certeza que poderia manipular facilmente. Mas o que Flagg não sabia é que Tomas escondia um segredo que nem a bola de cristal do mago poderia vislumbrar. E nem tudo sai como Flagg planejava.

[Compre agora e leia](#)

STEPHEN KING

*Pesadelos
e paisagens
noturnas*

SUMA
de livros

2

Pesadelos e paisagens noturnas - vol. II

King, Stephen

9788581051468

294 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Pesadelos e paisagens noturnas - vol. II", segunda parte da coletânea "Pesadelos e paisagens noturnas", apresenta mais 11 contos macabros do mestre do horror. Histórias escritas em diferentes épocas, mas que trazem a marca inigualável que valeu a Stephen King reconhecimento mundial. Em "As pessoas das dez horas", Brandon Pearson sofre com terríveis visões: no trabalho, vê monstruosos homens-morcego desfilando em ternos Armani. Serão eles meras alucinações de um fumante inveterado tentando largar o vício? Ou uma ameaça que somente ele consegue perceber? A vida das crianças Bradbury não anda nada fácil. Elas precisam conviver com Lew Evans, um padrasto violento que maltrata sua mãe regularmente. Mas a descoberta fantástica de que dentro das paredes de "A casa da Mapple Street" um misterioso metal se alastra pode ser a solução de seus problemas. Stephen King pega emprestado de Sir Arthur Conan Doyle os personagens Sherlock Holmes e John Watson e cria uma trama digna das clássicas aventuras em "O caso do doutor", um verdadeiro mistério do aposento trancado. Seja homenageando mestres da literatura fantástica, contando histórias permeadas pelo mais puro horror, ou aventurando-se nas narrativas de mistério, o autor presenteia o leitor com sua irrequieta imaginação.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Folha de rosto](#)
[Prólogo](#)
[A expansão](#)
[Epílogo](#)
[Agradecimentos](#)
[Sobre o autor](#)
[Créditos](#)